

**CAMILA SOARES LÓPEZ**

**A POESIA LÍRICA NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*: indexação e antologia  
(1890-1900)**

**Volume 1**

**ASSIS  
2012**

**CAMILA SOARES LÓPEZ**

**A POESIA LÍRICA NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*: indexação e antologia (1890-1900)**

**Volume 1**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

**ASSIS  
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

L864p López, Camila Soares  
A poesia lírica na Gazeta de Notícias: indexação e antologia  
(1890-1900) / Camila Soares López. Assis, 2012  
196 f. : il. + 1 anexo (310 f.)

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Álvaro Santos Simões Júnior

1. Literatura brasileira - Poesia. 2. Periódicos brasileiros. 3.  
Parnasianismo. 4. Simbolismo. I. Título.

CDD 079.81  
869.91

*Para Wellington, razão dos meus dias.*

## AGRADECIMENTOS

Nos últimos três anos, a elaboração desta dissertação não contou apenas com o meu empenho pessoal. O desenvolvimento desta pesquisa se deu graças ao auxílio e apoio de algumas pessoas, que merecem os agradecimentos sinceros que se farão presentes nas próximas linhas.

Agradeço à FAPESP, que financiou esta pesquisa, da Iniciação Científica à Pós-Graduação.

A Deus, que sempre me deu força e coragem para prosseguir e que, de diversas maneiras, mostrou-me a necessidade de crer n'Ele e, também, em mim mesma.

Às minhas duas mães, Maria José e Tereza, que são mulheres perseverantes e guerreiras, e que, a cada dia, se confirmam como meus melhores exemplos. Ao meu pai, Manuel. Aos meus irmãos mais novos, Luís Ricardo e Paulinho, que são a razão constante dos meus sorrisos. A todos os meus familiares, em especial meus irmãos de criação, – e de coração, – que me mostraram que os verdadeiros laços de família são os que construímos juntos: Sueli, Salete, Solange, Rosana, Adailson e Amarildo.

Ao Dr. Alvaro Santos Simões Junior, meu sempre compreensivo e prestativo orientador, que me auxiliou em todos os momentos e acreditou em mim desde o início.

Ao Dr. Benedito Antunes e ao Dr. Paulo César Andrade, pela leitura e avaliação cuidadosa de meu Relatório de Qualificação, e pelas valiosas sugestões.

À Daniela Callipo, professora e amiga, por seus conselhos e carinho, além dos deliciosos pedaços de bolo em sua casa. Às professoras Lídia, Norma, Carla, Maria Cecília e Brigitte, pela confiança, pelas oportunidades e pelo apoio constante.

Aos funcionários do CEDAP, da Biblioteca e da Seção de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pela gentileza, pelas conversas e disposição em ajudar. À Roseli, secretária do Departamento de Literatura, por sua atenção e seu jeito amável de me receber.

Aos meus alunos e alunas, que, diariamente, me mostram que escolhi a profissão certa.

Às minhas amigas Talita Anunciato e Vizette Seidel, que compartilharam comigo muitos dos acontecimentos dos últimos anos.

Ao meu avô, Juan, e à minha avó, Catalina, que não estão mais fisicamente entre nós, mas que sempre ocuparão um lugar especial em minhas lembranças. Eles foram e continuam a

ser um exemplo de esforço, dedicação e trabalho a ser seguido. Devo a eles a vontade de crescer e a certeza de que o melhor caminho é o dos estudos.

Aos meus gatos, Fidel, Ernesto e Formiga, pela companhia silenciosa e sincera, e por tantos momentos de diversão. Aos meus cachorros, Peter e Julie, grandes amigos de infância, que sempre me animam e afagam com suas lambidas, quando posso estar perto deles.

Ao Wellington, meu noivo e grande companheiro, presente nos momentos felizes e minha razão para continuar nas situações difíceis. A ele, dedico este trabalho, o meu afeto e todas as horas dos meus dias. Todas as horas e conquistas da minha vida.

“Os *nossos parnasianos*, depois de uma curta fase em que se cingiram, com rigorosa fidelidade, aos preceitos de Banville, deram liberdade à sua inspiração, e ficaram sendo excelentes poetas líricos, e o que em boa hora lucraram, com esse estágio no parnasianismo, foi a preocupação da *forma*. Os nossos poetas de hoje, possuindo um sentimento igual, e às vezes superior ao dos poetas antigos, sobre eles excelem pelo cuidado que dão à pureza da linguagem, e pela habilidade com que variam e aperfeiçoam a métrica”.

Olavo Bilac e Guimarães Passos

“Quando o século começa, as hostes novas da nossa literatura vivem assanhadas pelo simbolismo. É a moderna escola. É a dourada esperança de um grande renascimento literário. Vão ruir por terra – diz-se – as tendências ronceiras que dominam as elites intelectuais. O que não pode continuar – acrescenta-se – é essa arte de representação direta, prosaica e vil, que se chama realismo na prosa e parnasianismo na poesia. Novas maneiras para criar a emoção! Processos novos para apresentação de uma forma simples, natural e de todo contrária à habilidade dos malabaristas das letras.”

Luís Edmundo

LÓPEZ, C. S. **A POESIA LÍRICA NA GAZETA DE NOTÍCIAS: indexação e antologia (1890-1900)**. 2012. 196 f. : Il. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

## RESUMO

Esta dissertação visa a apontar a contribuição dada pela *Gazeta de Notícias*, jornal fundado em 1875 por Ferreira de Araújo, à divulgação da poesia lírica brasileira no último decênio do século XIX. Com este trabalho, procuramos, igualmente, a partir da análise dos poemas publicados de 1890 a 1900, estabelecer um panorama da poesia da época, a partir da indexação e da elaboração de uma antologia dos poemas mais significativos. Neste sentido, concluímos, também, que constam dessa folha os preceitos formais mais apreciados pelos poetas do período, e que esses ditames aproximavam-se, em sua maioria, do ideário parnasiano. Buscamos comprovar a hipótese de que a *Gazeta* foi um dos veículos iniciais da propagação da estética simbolista no Brasil. No que tange o momento parnasiano-simbolista, observamos que o jornal cedeu espaço a textos críticos que versavam sobre autores e obras de ambas as vertentes. Apresentamos a contribuição dada por poetas ditos menores, que, na maioria das vezes, permanecem esquecidos, ao estabelecimento do cenário literário, no tocante aos princípios de versificação e às ideias difundidas nesse decênio. Por fim, analisamos os poemas de circunstância presentes na *Gazeta de Notícias*; tais textos possuíam caráter elogioso e representavam a produção poética de indivíduos comuns, que se viam às voltas com as regras estabelecidas pelo Parnasianismo, bem como com os fatos que marcaram a década.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira – Poesia; Periódicos brasileiros; Parnasianismo; Simbolismo.

LÓPEZ, C. S. **LA POÉSIE LYRIQUE DANS LA GAZETA DE NOTÍCIAS: indexation et anthologie (1890-1900)**. 2012. 196 f: II. Dissertation (Master en Lettres) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation vise à mettre en évidence la contribution donnée par la *Gazeta de Notícias*, journal fondé en 1875 par Ferreira de Araújo, à la divulgation de la poésie brésilienne dans la dernière décennie du XIXe. siècle. À partir de ce travail, nous proposons, à travers l'analyse des poèmes publiés de 1890 à 1900, l'établissement d'un panorama de la poésie de l'époque, avec l'indexation et l'élaboration d'une anthologie des poèmes plus significatifs. Nous concluons aussi que les préceptes formels plus appréciés par les poètes de cette période-là figurent dans ce journal, et la plupart de ces concepts s'approchaient des idées des parnassiens; nous essayons de prouver l'hypothèse que la *Gazeta de Notícias* a été l'un des véhicules initiaux de la propagation de l'esthétique symboliste au Brésil. En ce qui concerne le moment parnassien-symboliste, le journal a présenté des textes critiques qui parlaient des auteurs et des œuvres des deux conceptions. Nous présentons la contribution donnée par les poètes considérés mineurs et que dans la plupart des cas restent inconnus des études littéraires, à l'établissement de la scène littéraire, par rapport aux principes de la versification et des idées diffusées dans la décennie. Enfin, nous analysons les poèmes de circonstances; ces textes étaient élogieux et représentaient la production poétique des individus communs, qui étaient devant les règles établies par le Parnasse et les faits qui ont marqué les dernières années du XIXe siècle.

**Mots-clés:** Littérature Brésilienne – Poésie; Journaux brésiliens; Parnasse; Symbolisme.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Elvira Gama.....	80
Ilustração 2 – Julio Salusse.....	135

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A <i>Gazeta de Notícias</i> em 1890.....	29
Tabela 2 – Poemas divulgados pela <i>Gazeta</i> posteriormente publicados em livros.....	32
Tabela 3 – Distinções entre os poemas que constam do jornal e de livros.....	33
Tabela 4 – Número de poemas publicados nos anos de 1890.....	59
Tabela 5 – Número de sonetos publicados a cada ano.....	71
Tabela 6 – Sequências rítmicas dos sonetos.....	74
Tabela 7 – Temas mais frequentes.....	74
Tabela 8 – Poemas de Alphonsus de Guimaraens.....	122

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. A GAZETA DE NOTÍCIAS E A DÉCADA DE 1890</b> .....	20
1.1 A imprensa, a literatura e a <i>Gazeta de Notícias</i> .....	20
1.2 A expressividade da poesia no século XIX.....	43
<b>2 A GAZETA DE NOTÍCIAS E O PARNASIANISMO</b> .....	46
2.1 França e Portugal: manifestações iniciais.....	46
2.2 O Parnasianismo no Brasil.....	51
2.3 A poesia lírica na <i>Gazeta de Notícias</i> .....	58
2.3.1 Um Parnaso à brasileira.....	61
2.3.1.1 Poetas parnasianos.....	61
2.3.1.2 Forma e expressão.....	69
2.4 O Parnaso além do cânone.....	75
2.5 Diante do Simbolismo.....	88
<b>3 O SIMBOLISMO NA GAZETA DE NOTÍCIAS</b> .....	91
3.1 Um movimento parisiense.....	91
3.2 Aclimação do Simbolismo no Brasil.....	99
3.3 O momento parnasiano-simbolista no Brasil.....	101
3.4 O Simbolismo e o (não) lugar de Cruz e Sousa na <i>Gazeta de Notícias</i> .....	106
3.5 Alphonsus de Guimarães e a <i>Gazeta</i> .....	122
3.6 Outras manifestações, relevantes contribuições.....	127

3.7 Uma década do Simbolismo.....	146
<b>4 OS POEMAS DE CIRCUNSTÂNCIA.....</b>	<b>149</b>
4.1 Considerações gerais: poesia e configurações sociais.....	149
4.2 Forma, conteúdo e função social.....	153
4.3 Relatos de uma década.....	169
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>201</b>
Anexo 1 – Indexação dos poemas (1890-1900).....	201
Anexo 2 – Antologia.....	418
Anexo 3 – “Os decadentes em Portugal”.....	498
Anexo 4 – HOMENS E LIVROS – “O Missal”.....	504

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

A produção literária brasileira, de sua formação até os nossos dias, revelou autores e obras de grande significação. Em nosso país, tem-se o século XIX como um período de convivência de diversas manifestações de pensamento e de ideais estéticos. Foi esse um momento em que, no cenário literário, o romance, a crônica e a poesia eram matéria atuante nos periódicos e, conseqüentemente, no cotidiano dos indivíduos.

Ao considerarmos o posto ocupado pela literatura no século XIX, observamos a necessidade da recuperação dos dados que a caracterizaram. Sabe-se que esses anos foram de grande efervescência cultural, e de maneiras distintas de concepção do texto literário. Naquele tempo, de um lado, ganharam vez o culto e a apreciação da arte em sua faceta pura e correta. Na posição oposta, procurava-se a tensão e a dissonância, a ruptura com as nuances quase cartesianas na sua produção, que estimava o decoro e, em alguns casos, a reprodução quase fiel da existência.

No que concerne ao gênero poético, há notícia de um acontecimento até então inédito e que ilustra a dicotomia acima apontada: Parnasianismo e Simbolismo, movimentos que se apresentavam como distintos, mas que, simultaneamente, compartilhavam traços comuns, disputavam a preferência do público leitor. O primeiro, com suas estrofes milimetricamente construídas, seu apreço pelo discurso claro e pela perfeição formal; e o segundo, com sua estética do onírico, sua exploração da sonoridade e seu estímulo aos sentidos humanos, bem como o seu código muitas vezes incompreendido.

Ambas de origem europeia, mais especificamente de procedência francesa, as vertentes parnasiana e simbolista estiveram em voga e ascensão na década de 1890. E o palco para as amostras de seus filiados foi o jornal, via de expressão que abrigou a matéria informativa e a literatura. No caso desta pesquisa, o grande pano de fundo para essa batalha, na qual os seus combatentes serviam-se de versos e rimas para lutarem, foi a *Gazeta de Notícias*.

A *Gazeta* abriu espaço em suas páginas para a divulgação de poemas, consagrando diversos autores e inúmeras obras. Assim, a proposta desta dissertação é a de leitura e análise dos poemas publicados nessa folha entre os anos de 1890 a 1900, e apontar a contribuição dada pelo periódico – que figurou entre aqueles de maior importância do final do século XIX – à publicação da poesia lírica brasileira e sua participação como um dos veículos iniciais da divulgação da estética simbolista no Brasil. Dadas as divergências quanto à avaliação do Simbolismo feita por contemporâneos, torna-se interessante investigar o posicionamento da

*Gazeta de Notícias* frente ao movimento, assim como tornar públicas novas descobertas referentes à criação poética do período. Objetivamos, assim, fornecer subsídios para estudos de crítica e história da literatura brasileira.

Para tanto, foi realizado o trabalho de indexação desses poemas, que se encontram disponíveis em material microfilmado – um percurso à parte, que nos fez mergulhar em um universo de páginas muitas vezes esquecidas, mas que nos revelaram perspectivas que, pertencentes ao passado, mostraram-se, também, atuais. Foi feito um agrupamento, em pequenos quadros, que fornecem as seguintes informações: referência; forma; tema; epígrafe; e dedicatória. Em alguns casos, foram acrescentadas observações que notificam, por exemplo, a coluna da qual os versos recolhidos fazem parte, entre outros aspectos. Ademais, o estudo do *corpus* obtido resultou na sistematização de dados concernentes ao número de poemas publicados a cada ano; às formas poéticas mais empregadas; aos temas mais frequentes; e aos autores que obtinham maior espaço para a divulgação de suas obras. Deste modo, aqueles que se mostrarem dispostos a conhecer essas estrofes, terão sua fácil localização no jornal, o que poderá auxiliar em pesquisas futuras.

Foi preparada uma antologia contendo os poemas mais significativos – e estes foram atualizados ortograficamente. A partir de tal compilação, pretende-se trazer aos nossos dias uma parcela do que se publicou no XIX brasileiro, revelando o que se prezava no fazer poético de então e o que era difundido pelos jornais. Para tal escolha, levou-se em conta aspectos como forma, conteúdo e correspondência com os matizes poéticos vigentes no período. Não foram privilegiados apenas os escritos de autores conhecidos no período estudado, pois o escopo dessa coletânea é trazer à luz as melhores composições divulgadas pela *Gazeta*. Em alguns casos, foi possível realizar o cotejo entre as versões do jornal e aquelas que foram publicadas em livros, apontando se houve ou não modificações posteriores por parte de seus autores.

Recolhemos, transcrevemos e avaliamos textos críticos referentes ao Simbolismo que foram tornados públicos pela *Gazeta*, bem como outras expressões a seu respeito, a exemplo de poemas de cunho satírico que o depreciavam.

Algumas obras de caráter teórico-crítico foram primordiais para a execução desta pesquisa. Recorremos a textos que elucidam o rumo percorrido pela imprensa, o momento literário e os eventos que marcaram o último decênio do século XIX, a exemplo *História da imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré;<sup>1</sup> *História da inteligência brasileira*, de

---

<sup>1</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Wilson Martins;<sup>2</sup> *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, de Jeffrey D. Needell;<sup>3</sup> *A República Velha*, de Edgard Carone;<sup>4</sup> e *Poder, sexo e letras na república velha*, de Sérgio Miceli.<sup>5</sup>

Consultamos estudos que caracterizam o movimento parnasiano e o movimento simbolista, como o de Andrade Muricy, em seu *Panorama do movimento simbolista brasileiro*.<sup>6</sup> O autor apresenta uma visão global do Simbolismo no Brasil, passando, por exemplo, pelas doutrinas e teorias desse movimento e considera de maneira significativa a importância dos poetas secundários para a sua edificação no Brasil, o que foi de auxílio a esta pesquisa. Os dois volumes de *Decadismo e simbolismo no Brasil – crítica e poética*,<sup>7</sup> de Cassiana Lacerda Carollo, proporcionaram-nos textos de adeptos da estética simbolista – retirados de livros e de periódicos – que retratam a ruptura dos *novos* com as concepções objetivas e a busca de uma nova existência a partir do ocultismo e do misticismo, por exemplo; em seguida, ainda no primeiro volume, reproduz apreciações de críticos contemporâneos ao Simbolismo, como Nestor Vitor, e documentos contrários aos *novos*. São também objeto da obra de Carollo as revistas publicadas pelas agremiações literárias simbolistas espalhadas pelo país.

Fez-se igualmente relevante consultar estudos que versam sobre as origens do Parnasianismo e do Simbolismo na França: *Le Symbolisme: Anecdotes et souvenirs*, de Adolphe Rette<sup>8</sup>; *Parnasse et Symbolisme*, de Pierre Martino;<sup>9</sup> *La poésie depuis Baudelaire*, de Henri Lemaître;<sup>10</sup> *Parnasse, Symbolisme: Esprit nouveau*, de Laurence Campa;<sup>11</sup> e o volume de *Le Parnasse*, organizado por Yann Mortelette.<sup>12</sup>

Caracterizaram-se como representativos os textos que clarificaram nosso conhecimento em relação à versificação, como o de Olavo Bilac e Guimarães Passos, no

<sup>2</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994-78. 4.v.

<sup>3</sup> NEEDELL, Jeffrey D. Rio de Janeiro: capital do século XIX brasileiro. In: Idem. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* [A tropical belle époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro]. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

<sup>4</sup> CARONE, Edgard. *A república velha*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1983. v.2. Evolução política.

<sup>5</sup> MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República velha* (estudo clínico dos anatolianos). São Paulo: Perspectiva, 1977.

<sup>6</sup> MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. 1. v.

<sup>7</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e Simbolismo no Brasil: Crítica e poética*. 2 v.

<sup>8</sup> RETTE, Adolphe. *Le Symbolisme: Anecdotes et souvenirs*. Paris : Librairie Léon Vanier, s/d.

<sup>9</sup> MARTINO, Pierre. *Parnasse et Symbolisme* (1850-1900). 9 ed. revue et corrigée. Paris: Librairie Armand Colin, 1954.

<sup>10</sup> LEMAITRE, Henri. *La poésie depuis Baudelaire*. Paris: Librairie Armand Colin, 1965. Collection U/ Série “Lettres Françaises” sous la direction de Robert Mauze.

<sup>11</sup> CAMPA, Laurence. *Parnasse, Symbolisme: Esprit nouveau*. Paris: Ellipses, 1998. Thèmes et Études.

<sup>12</sup> MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l’Université Paris-Sorbonne, 2006.

*Tratado de versificação: A poesia no Brasil – A métrica – Gêneros literários.*<sup>13</sup> O *Tratado* explana conceitos relativos aos preceitos estéticos dominantes no século XIX, possibilitando a maior compreensão dos matizes presentes nos versos publicados na época. Além de ressaltarem questões referentes à História Literária Brasileira, e a maneira como esta era entrevista por seus contemporâneos, os poetas trouxeram à luz apreciações sobre a versificação e a constituição de formas e métricas diversas, como a elegia, a balada e o *triolet*. Forneceram, também, os nomes daqueles que, para eles, eram os autores mais representativos de nossas Letras.

Com isso, este estudo encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, contamos com considerações acerca da história e do estabelecimento da imprensa no Brasil, os contornos por ela obtidos na segunda metade dos anos de 1800, quando da sua consolidação como ferramenta de expressão da literatura e a posição ocupada pelo escritor na sociedade e sobre as condições desse ofício. Além disso, apresentamos, nessa primeira parte, a própria *Gazeta de Notícias*: sua biografia, seus aspectos técnicos, seus fundadores, seus ideais – que flertavam com as aspirações republicanas – e seus colaboradores. Revelamos, ainda, as perspectivas e pensamentos da época, como o apreço pelo suporte ideológico francês e pelo Positivismo, igualmente originário da cultura francesa, e de que modo eles se irradiaram na *Gazeta*. Recuperar os elementos da história da imprensa reafirma o seu papel de importância na divulgação do texto literário. Consequentemente, se a *Gazeta de Notícias* foi uma folha de êxito, pode-se inferir que a produção literária que se faz presente em suas colunas é igualmente relevante.

Do segundo capítulo, constam elucidações concernentes à trajetória do Parnasianismo, de seu momento inicial e seus entusiastas na França à sua significativa consolidação no Brasil, levando em conta a sua aceitação, a avaliação de críticos, como Pierre Denis, e as suas particularidades formais. Isto se refletiu de modo proeminente na *Gazeta de Notícias*, no que tange ao número de poemas divulgados, à forma, aos temas e aos representantes – com ênfase para a contribuição de Alberto de Oliveira, que foi colaborador assíduo da *Gazeta* e cuja obra reflete os preceitos do movimento do qual fez parte – e à recepção dessa estética pelo periódico e por aqueles que acediam a esse jornal. Essas conclusões foram pensadas, também, a partir do que se pregava na época, no que se refere às crenças de ordem política e sociológica, que exerceram influência para a aclimação de uma estética como o Parnasianismo em nosso país. Recuperamos poemas de autores que, se não

---

<sup>13</sup> BILAC, Olavo, PASSOS, Guimarães. *Tratado de versificação: A poesia no Brasil – A métrica – Gêneros literários*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944.

incluem em absoluto da história literária brasileira, são apontados como poetas menores, mas que foram igualmente importantes, visto terem eles corroborado de forma expressiva a concepção do panorama no qual se inseriram. São eles: Magalhães de Azeredo, Rose Méryss, Pedro Malazarte e Elvira Gama.

No terceiro capítulo, tem-se o Simbolismo, corrente que se fascinou pelo irreal e pela magia do trabalho com as palavras, e que se mostrou descontente diante do racionalismo científico e do progresso material vigentes no XIX. No capítulo em questão, revelamos momentos da história do Simbolismo, sua inserção na literatura nacional e seus representantes no Brasil – com destaque para Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Discorreremos sobre poetas que são pouco contemplados pelos estudos literários, como Julio Salusse, Augusto de Lima e B. Lopes, mas que, todavia, marcaram considerável presença em um momento de tentativa de atribuição de novos traços à poesia. Isto quer dizer que ressaltamos o papel exercido pela *Gazeta de Notícias* na recepção e divulgação de textos simbolistas, assim como a presença, em suas páginas, de versos assinados por aqueles que são considerados epígonos dessa estética.

No quarto capítulo, versamos sobre os poemas de circunstância. Tal produção evidencia que, no período estudado, não apenas autores de sucesso se aventuravam na poesia, mas, também, indivíduos comuns que buscavam apadrinhamento, ofertando versos bajuladores aos figurões da sociedade. Os poemas de circunstância eram, ainda, espelho de sua época, traduzindo em estrofes as movimentações dos primeiros momentos do regime republicano.

Nos anexos, seguem as já mencionadas indexação e antologia, além da transcrição dos textos críticos referentes ao Simbolismo presentes nas páginas da *Gazeta*. Tais textos podem auxiliar na compreensão da recepção da literatura simbolista pelo jornal dirigido por Ferreira de Araújo.

Em suma, esperamos proporcionar informações sobre a poesia brasileira do XIX, ampliar o conhecimento sobre o momento parnasiano-simbolista, analisando a sua representatividade.

**1º CAPÍTULO**  
**A GAZETA DE NOTÍCIAS E A DÉCADA DE 1890**

## 1 A GAZETA DE NOTÍCIAS E A DÉCADA DE 1890

### 1.1 A imprensa, a literatura e a *Gazeta de Notícias*

De Gutenberg às *gazette* italianas. Das *ocasionais* aos *canards* franceses. Pensar a história da imprensa exige a recorrência a diversos itens factuais, que ilustram o seu processo de estabilização em diversos países. Refletir sobre a história da imprensa no Brasil é ponderar sobre tal premissa; para a sua edificação, o periodismo brasileiro transpôs barreiras e, no século XIX, alcançou a consolidação, mesmo contando com escasso público leitor. Para que se compreenda o seu percurso, faz-se necessário recuperar eventos dessa trajetória.

Em território nacional, os sinais iniciais de circulação de material impresso se deram ainda nos tempos da Colônia. Na época, eram raras as publicações de livros; estes eram tidos como instrumentos de heresia e usualmente abatidos pelo crivo da Metrópole, que não via com bons olhos a emancipação de seus dominados por meio da cultura. A ordem de Portugal era a de liquidar as oficinas, como se fez com a que foi fundada pelo impressor luso Antônio Isidoro da Fonseca. Nesse período, bons livros aportavam no Brasil apenas por meio de contrabando.

A partir da chegada da Família Real, em 1808, ocorreram algumas melhorias, como a construção do primeiro prelo de madeira e o início do emprego da técnica de fundição de tipos anexada. A Impressão Régia, estabelecida também em 1808, foi a primeira editora do país, “dada a necessidade de divulgar a documentação oficial”.<sup>14</sup> Passados os anos, novos progressos ocorreram, ainda que com certo atraso – atribuído às questões vinculadas à economia e às práticas sociais, como a manutenção da escravidão e o próprio fato de o Brasil não ser, naquele tempo, um território independente, condição conquistada apenas em 1822. Em alguns estudos, há a concepção de que o retardo da imprensa brasileira no XIX era resultado, também, da ausência do capitalismo e da burguesia.<sup>15</sup>

O *Correio Brasiliense* é considerado o marco inicial do periodismo no país – embora já circulasse no Rio de Janeiro, desde 1788, o jornal luso *Gazeta de Lisboa*. O *Correio* possuía tiragem mensal e seus números contavam 100 páginas. A partir de 1821, foram constituídas, no Rio, as tipografias, como a Nova Tipografia e a Moreira e Garcez.<sup>16</sup> Sob a batuta do monarca D. Pedro II, o Brasil presenciou certo aumento da tolerância em relação

<sup>14</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura* leis e números por detrás das letras. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 53.

<sup>15</sup> SODRÉ, op. cit., p. 28.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 36

àquilo que se publicava nos jornais e até mesmo as vantagens de seu mecenato, o que marcou o início do “império da palavra impressa”.<sup>17</sup> A ampliação se deu, além disso, no que concerne ao número de livrarias: de dois estabelecimentos (as livrarias dos franceses Paul Martin Filho e Jean Robert Bourgeois), em 1813, a então capital federal passou a contar, em 1821, com nove. Nelson Werneck Sodré destaca a importância desse crescimento:

Essa expansão do comércio de livros estava em consonância com as condições políticas que evoluíam rapidamente: era um país novo que começava a emergir, com a sua camada culta ansiosa por definir-lhe os rumos e necessitada, para isso, de informar-se. O livro, assim, rompia a clandestinidade, deixava de ser estigmatizado como coisa diabólica, começava a interessar. Mais do que isso: a ser necessário. E o saber, de que era ferramenta, encontrava agora, nas classes ou camadas menos desfavorecidas, aquelas que tinham acesso ao ensino, um lugar e uma função. Ler, aprender, eram atividades que continham, em si mesmas, como sempre, um sentido anticolonialista – representavam um esforço de libertação.<sup>18</sup>

Simultâneo ao desenvolvimento apontado por Sodré, na segunda metade do XIX, ocorreu o princípio da derrocada do jornalismo que era apenas político. Concomitante a tal acontecimento, deu-se a melhoria de itens estruturais que possibilitaram o fortalecimento da imprensa, como as ferrovias e a navegação a vapor, assim como a ampliação do comércio, da organização bancária e da indústria, e da união de diferentes zonas por meio do telégrafo. Novamente, segundo Sodré, “o desenvolvimento do país, marcado, exteriormente, pelo avanço da vida urbana, o crescimento da classe média e o esboço de burguesia que começava a se fazer sentir, permite a ampliação das atividades culturais ligadas à imprensa: o livro e o jornal”.<sup>19</sup> Os irmãos Laemmert e B. L. Garnier foram os grandes nomes do âmbito editorial do período, com destaque para o segundo; ser editado por Garnier, naquele tempo, era considerado “a consagração”.

Os anseios do público leitor também se modificaram nesses anos. Na sociedade finissecular, os indivíduos começaram a povoar os salões, “a interessar-se pelas modas, a conviver, a apresentar e a influir”<sup>20</sup> e, conseqüentemente, a prezar as novidades literárias. Eram os tempos do *feuilleton*, que se fazia sentir na França desde os anos iniciais dos anos de 1800 e que era o espaço destinado às modalidades de diversão escrita e que, no Brasil, abrigou e abriu as portas do sucesso para obras como *O Guarani*, de José de Alencar, publicado entre fevereiro e abril de 1857 no *Diário do Rio de Janeiro*. O folhetim significava

<sup>17</sup> MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 47.

<sup>18</sup> SODRÉ, op. cit., p. 39.

<sup>19</sup> Idem, op. cit., p. 206.

<sup>20</sup> Idem, op. cit., p. 341.

uma pequena ruptura com a sisudez habitual das notícias de uma folha, como informou Marlise Meyer:

É ele, o *folhetim*, que veio da França e, a partir do momento inaugural do *Capitão Paulo* de Dumas, em outubro de 1838, no *Jornal do Comércio*, vai revolucionar também o jornalismo brasileiro. Diariamente nos jornais da Corte, logo acompanhados pelos da província, a partir da década de 40, sempre vigorosos na de 50 – esta que nos interessa particularmente – indo pelo século afora e século novo adentro, lá estarão as máquinas de sonhar de *Mossiú* (Monsieur) Eugene Sue, Alexandre Dumas, Berthet, Souvestre, Ponson du Terrail e Paul Féval etc. etc. etc. ...”.

Assim, iniciou-se uma união profícua entre o periodismo e a literatura. E, do mesmo modo que o gênero literário passou a figurar expressivamente nos jornais, outros fatores corroboraram a consolidação de uma nova condição ao escritor. A começar pela modificação de *status* dessa atividade; sabe-se que, no período do Romantismo, perdurava certo preconceito em relação àqueles que tentavam sobreviver do correr da pena. Dizia-se que a “boêmia estudantil, as extravagâncias byronianas, a produção literária deviam terminar no ano da formatura”.<sup>21</sup> Brito Broca fez a seguinte consideração:

[...] era bem dura e amarga a luta que [os escritores] tinham de travar com a indiferença, a incompreensão, e mesmo a hostilidade do meio. Se o conselheiro José de Alencar, advogado e jurista, fora encarado por seus pares na Câmara dos Deputados e depois no Gabinete Itaboraí como um espírito fantasista e leviano, pelo fato de ser autor de algumas novelas e “romancetes”, quantas barreiras encontraria o escritor que pretendesse viver da sua literatura?! Não se admitia na época que tal fosse possível e chegava-se a desconfiar de quem se arrogasse a tanto.<sup>22</sup>

De fato, viver somente da literatura era algo inviável e aqueles que se dedicavam à escrita deviam conciliá-la com a docência, a política, a magistratura ou a diplomacia. Com a profissionalização desse ofício, de marginalizado, ou de envolvido pela “aura romântica”, o literato passou a adquirir prestígio, recebendo ordenados relativamente dignos e vendo-se representado em leis de interesse, como aquela que defendia os direitos autorais. Surgiram agremiações e clubes literários, o que não ocorreu nos tempos do Império, dada a preferência de D. Pedro II pela supremacia do Instituto Histórico, onde presidia suas sessões e seus temas e não enfrentava seus opositoristas.<sup>23</sup> Finalmente, em 1897, foi fundada a Academia Brasileira de Letras.

<sup>21</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa, história e literatura: conjugando discursos. In: CAIRO, Luiz Roberto Velloso. RAPUCCI, Cleide Antonia (Orgs.). *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Nankin, 2009. p. 34.

<sup>22</sup> BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Coordenação de Alexandre Eulalio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. p. 119.

<sup>23</sup> Idem, op. cit., p. 71.

Deve-se considerar, igualmente, o que afirmou Sérgio Miceli, em seu estudo sobre os intelectuais do período: o jornalismo passou a ser ocupação de uma área que estava em expansão, além de atividade financeiramente viável, o que foi um imperativo também no início do século XX:

O *Jornal do Comércio* pagava trinta, cinquenta e até sessenta mil-réis pela colaboração literária, o mesmo fazia o *Correio da Manhã*; em 1907, Bilac e Medeiros e Albuquerque recebiam salários mensais “decentes” pelas crônicas que publicavam, respectivamente, na *Gazeta de Notícias* e em *O País*. O que fora para alguns autores românticos (por exemplo, Alencar e Macedo) uma atividade e uma prática “tolerada”, tornando-se depois para certos escritores da geração de 1870 (por exemplo, Machado de Assis) uma atividade regular, que lhes propiciava uma renda suplementar cada vez mais indispensável [...].

Nota-se que, nessa época, o trabalho intelectual, enquanto um dado geral, adquiriu novos contornos, o que foi claramente descrito por Sodré:

O trabalho intelectual, de tradição aristocrática numa sociedade como a nossa, continuava a pertencer, como um privilégio, de vez que diferenciava e distinguia, guardava um traço de classe inconfundível, aos elementos ligados à classe territorial. Nele se infiltravam, entretanto, em busca de destaque, à procura de um lugar ao sol, elementos outros, provenientes de camadas decadentes da classe dominante ou da classe média que esboçava a sua função.<sup>24</sup>

Com a popularidade do escritor, o Rio de Janeiro do *fin-de-siècle* presenciou o estabelecimento de uma vida literária. Era o período áureo da boêmia: a cidade tinha seus famosos cafés, como o Java, o Café do Rio e o Café Paris, além de abrigar a Confeitaria Colombo, que eram pontos de encontro de aspirantes e de nomes já consagrados da literatura. As livrarias, em especial a Garnier, também reuniam os homens de letras da época. Essa situação se justifica, igualmente, pelo fato de que, naquele período, as preocupações eram distintas daquelas que são vivenciadas atualmente; além disso, era ampla a carência de diversões.<sup>25</sup>

Nos jornais, eram publicados textos de gêneros diversos e o periódico era a leitura de maior difusão. O mercado do livro, que, basicamente, se concentrava na capital, não era profícuo. O custo de impressão no Brasil era alto, diferentemente dos impressos europeus, o que elevava o preço dos livros nacionais.<sup>26</sup> Tudo isso se aliava à escassez de leitores, visto que a população alfabetizada era ínfima e o sistema educacional era falho. Ao final do

<sup>24</sup> SODRÉ, op. cit., p. 342.

<sup>25</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 37.

<sup>26</sup> BROCA, op. cit., p. 115.

Império, apenas 15% da população brasileira sabia ler e escrever.<sup>27</sup> Marisa Lajolo e Regina Zilberman citam outro fator agravante:

Sem apoio nem do poder público nem do capital privado, o sistema de subscrição preside boa parte das iniciativas editoriais brasileiras durante o século XIX, inibindo, também por este ângulo, o fortalecimento de uma consciência autoral, o desenvolvimento de um público mais amplo consumidor de livros e o estímulo ao investimento em projetos editoriais e tipográficos”.<sup>28</sup>

Assim, os poucos que tinham acesso à instrução e à informação encontravam no jornal e, por conseguinte, na *Gazeta de Notícias*, uma via de acesso à literatura, o que prova que os textos por ela divulgados tiveram largo alcance popular. Pode-se destacar, igualmente, o fato de que, na década de 1890, as tiragens dos jornais eram relevantes e o periodismo vivenciava certa prosperidade, o que confirma a sua expressiva irradiação no período.<sup>29</sup>

A *Gazeta de Notícias* veio a lume em 1875. Seus fundadores foram Elísio Mendes, Henrique Chaves e Ferreira de Araújo. Este último foi tido por seus contemporâneos como homem de talento para as Letras, de “iniciativas saneadoras, tendo reformado a imprensa de seu tempo, para dar espaço à literatura e às grandes preocupações, com desprezo pelas misérias e mesquinhas da política”.<sup>30</sup>

Quando de seu primeiro número, Ferreira de Araújo, sob o pseudônimo de Lulu Sênior, fez a seguinte apresentação de seu jornal, detalhando as suas características:

A *Gazeta de Notícias* apresenta-se assim. Não é isto um programa, um retrato. Não diz o folhetim o que nós pretendemos fazer, diz o que somos. De onde viemos? Da mocidade! Quem somos? A mocidade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estátuas dos falsos ídolos, tendo em uma mão o incenso para o talento e a virtude, e na outra, um chicote para os vendilhões do templo. Não temos com isto a pretensão, nem de encorajar os inteligentes e virtuosos, porque não precisam disto, nem de corrigir os maus porque não somos a palmatória do mundo. A nossa pretensão é simples: Dizer o que pensamos e sentimos, ser o que somos.<sup>31</sup>

A *Gazeta* manteve-se popular, embora fosse um jornal da elite. Conquistou estima por meio de colaboração criteriosamente selecionada, revelando escritos de Machado de

<sup>27</sup> MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo e a condição de escritor: 1881-1895. In: \_\_\_\_\_. *Aluísio Azevedo: Vida e obra* (1857-1913). O verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; Brasília: INL, 1988. p. 342.

<sup>28</sup> LAJOLO. ZILBERMAN, op. cit., p. 54.

<sup>29</sup> MÉRIAN, op. cit., p. 394

<sup>30</sup> LAJOLO. ZILBERMAN, op. cit., p. 224

<sup>31</sup> Texto originalmente publicado em 2 de agosto de 1875 e reproduzido, novamente, em 1900, quando faleceu Ferreira de Araújo.

Assis, Artur de Oliveira e Aluísio Azevedo. Eça de Queirós, por exemplo, foi seu colaborador por 17 anos. Pode ser considerado um periódico inovador, no que tange a sua comercialização, já que, diferentemente dos demais jornais do seu tempo, congregou o sistema de vendas por assinatura ao sistema de venda avulsa, realizada pelo *gavroche*, termo em francês que designava os meninos zombeteiros de Paris, e que no Rio de Janeiro indicava o papel de garoto-jornaleiro.

Foi relevante, também, a remuneração de seus colaboradores – Machado de Assis, por exemplo, ganhava cinquenta mil réis por conto publicado, além de receber de vinte cinco a trinta mil réis por crônica.<sup>32</sup> No início do século XX, um repórter da *Gazeta* recebia entre 150 a 200 cruzeiros mensais; um redator, entre 300 e 400; um secretário ou redator-chefe faturava, em média, de 500 a 700 cruzeiros; o pagamento por artigo atingia a soma de cinquenta mil réis.<sup>33</sup> Olavo Bilac, quando se tornou colaborador oficial, substituindo Machado, em 1897, passou a receber um ordenado mensal. Junto aos rendimentos, para muitos escritores da época, publicar os seus textos na *Gazeta de Notícias* era sinônimo de prestígio. Este é o caso Bilac, quando o poeta expôs a sua satisfação, em 1884, ao ver, ainda moço, um poema de sua autoria nesse jornal:

O jovem Bilac revelava conhecer o meio intelectual do Rio de Janeiro ao aspirar a um emprego no jornal de Ferreira de Araújo, que consagrava e popularizava seus colaboradores literários, autores do porte de um Machado de Assis e de um Eça de Queiroz. Por outro lado, a *Gazeta* via seu prestígio e sua credibilidade engrandecidos por esses nomes respeitados e admirados. Sendo assim, Bilac precisou adquirir certa notoriedade para ser aceito como colaborador regular. Sua participação na *Gazeta* foi gradualmente aumentando em volume e importância. Para o jovem poeta de dezoito anos, ver um de seus poemas, “Nero”, estampados no jornal mais popular do Rio de Janeiro foi uma glória incomparável.<sup>34</sup>

Esse contentamento era não apenas de Bilac, mas de outros indivíduos que aceitavam até mesmo trabalhar na *Gazeta* sem qualquer remuneração. Havia, naquele tempo, os redatores gratuitos, chamados “amigos da casa”, “gente que não vive das casquinhas que a imprensa paga, então, a quem para ela trabalha, criaturas de outras profissões, abonadas, revelando, contudo, apreciáveis dotes jornalísticos”.<sup>35</sup>

<sup>32</sup> BROCA, op. cit., p. 135.

<sup>33</sup> Nelson Werneck Sodré utiliza-se da indicação monetária “cruzeiro”, em uma época em que ainda circulavam os réis, substituído apenas no período do Estado Novo.

<sup>34</sup> SIMÕES JR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007a. p. 122

<sup>35</sup>. EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. p. 570.

A importância da *Gazeta de Notícias* era algo reconhecido pelos periódicos de seu tempo. Em seus aniversários era lembrada pelo então consolidado – e politicamente conservador – *Jornal do Comércio*.<sup>36</sup> Afirma-se, ademais, que foi ela a primeira folha da América Latina a ter em suas oficinas a rotativa Marinoni, item inovador para a época. Na edição de 4 de agosto de 1898, divulgou a seguinte informação sobre tal feito:

Parece-nos vir a propósito, agora que a *Gazeta* tem recebido tantas demonstrações de apreço por parte do público e dos nossos colegas, que foi a *Gazeta de Notícias* a primeira folha da América do Sul que se imprimiu em máquina rotativa Marinoni.

A primeira *Gazeta* impressa nessa máquina foi a de 21 de agosto de 1879. Nesse dia e na respectiva noite as nossas oficinas, que já estavam estabelecidas no lugar em que ainda se acham, estiveram francas ao público; mas a grande afluência começou às 11 horas da noite [com uma festividade, noticiada em 22 de agosto de 1879].<sup>37</sup>

Quanto aos redatores do periódico, foram eles: Valentim Magalhães, Ferreira de Araújo, Henrique Chaves, Antônio José Soares de Sousa Junior, Guimarães Passos, Coelho Neto, Olavo Bilac, Joaquim Serra, Alfredo Camarate, Pedro Rabelo, José do Patrocínio, Capistrano de Abreu, Machado de Assis e Luís Guimarães Junior, entre outros. Muitos deles foram homens que alcançaram êxito e respeito. Como apontou, de forma descontraída, Luís Edmundo, a *Gazeta* tinha para si “toda a estouvada roda da Colombo, como se vê, em torneios do espírito, a fabricar as lantejoulas do jornal”.<sup>38</sup>

É relevante salientar que esses homens eram, em sua maioria, republicanos, – o que, de certo modo, era tendência entre os escritores, que viam no Império um entrave para o desenvolvimento literário no país, – e abolicionistas, – como José do Patrocínio, Joaquim Serra e o próprio Ferreira de Araújo, que, aliás, lutou pela causa da Abolição. Alguns deles escreviam versos sob os ditames do Parnasianismo e do Realismo, como Pedro Rabelo e Coelho Neto; Capistrano de Abreu destacou-se pela base positivista de sua concepção de crítica literária. Estes dados nos indicam que a linha editorial da *Gazeta de Notícias* estava inserida em um campo de ideias que pode ter cooperado para a escolha dos textos por ela divulgados, o que nos leva a pensar que um editor ou redator que se aproximava de um reduto realista-naturalista, ou parnasiano, ou positivista, não aceitaria de bom grado a produção de literatos que ousavam corromper as barreiras dessas estéticas e ideais.

<sup>36</sup> Em 2 de agosto de 1900, por exemplo, o *Jornal do Comércio* tornou pública, na coluna “Várias notícias”, a seguinte nota: “Completa hoje a *Gazeta de Notícias* mais um ano de existência. É um aniversário jubiloso, pelo qual apresentamos aos colegas da importante folha as nossas saudações, e sinceros votos pela sua crescente prosperidade”.

<sup>37</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1898, p. 1. 7.col.

<sup>38</sup> EDMUNDO, op. cit., p. 571.

No tocante a sua estrutura, observa-se que os números da *Gazeta de Notícias* eram compostos, em sua maioria, de quatro a seis páginas; no início dos anos de 1890, chegavam, eventualmente, a oito páginas. O jornal apresentava oito colunas, tipos pequenos e entrelinhas simples. As notícias se espalhavam pelas primeiras páginas e usualmente contavam com títulos genéricos, como “Roubo” e “Envenenamento”, ou um tanto apelativos, como “Cena de sangue e morte” e “Um caso de um suicida”, ou sequer continham intitulações que as identificassem.<sup>39</sup> Aliava as trivialidades aos fatos de grande importância, o que indica que os seus redatores partilhavam com seu público os diversos acontecimentos políticos dos anos de 1890, como os conflitos no Rio Grande do Sul e a Revolta da Armada, sem deixar de lado assuntos como mistérios e tendências religiosas e místicas, a exemplo da Quiromancia.

A folha trazia, ainda, as seções “Telegramas” e “Publicações a pedido”; esta última divulgava comentários dos leitores, agradecimentos e cobranças às autoridades municipais, além de considerações sobre as leis, – como a “lei do jogo”, – ou fatos da vida social, como o sucesso do Jockey Club, fundado no Rio de Janeiro em 1868. Havia quadros de avisos, de declarações, obituários e convites para as missas de sétimo dia dos já falecidos.

Os anúncios ocupavam maciçamente as últimas páginas da *Gazeta*, e eram eles a fonte de renda mais significativa do periódico – e, inclusive, de alguns escritores que obtinham ganhos compondo textos publicitários. Eram comuns, também, anúncios em versos, a exemplo do que será reproduzido a seguir:

Grande Hotel de Paris

Vinhos finos, iguarias,  
tudo o que de bom se diz,  
encontram todos os dias  
no *Grande Hotel de Paris*.<sup>40</sup>

Faziam-se presentes as ofertas de emprego e divulgações de aluguéis, além de interessados em vender e transpassar os seus bens. Eram frequentes as propagandas de viagens e de medicamentos, a exemplo da “Lugolina”, que era destinada a cura de “moléstias de pele”. A Casa Baruel, empresa do ramo farmacêutico nacional que fabricava a Essência Passos, ganhou versos em sua propaganda e homenagem:

<sup>39</sup> SIMÕES JR., op. cit., p. 121.

<sup>40</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de jan. 1890. p. 2. 6. col.

A Essência Passos em S. Paulo

Que de discursos e brindes,  
Que confusão, que aranzel,  
No dia que inaugurou-se  
A casa do Baruel!...

Eu imagino, calculo...  
E é com sinceridade  
Que bem alto também digo:  
Exulte, pois, a Cidade!

Essa grande Pauliceia,  
Cujos progressos são profundos,  
Onde para o bem do povo  
Há drogas de todo o mundo.

Especialmente se encontra  
Do Passos a tal essência,  
Que é remédio eficaz:  
Um triunfo da ciência.

É lenitivo seguro  
Com eficácia aplicado.  
Bem merece, pois, um prêmio  
O autor do preparado.

E terminando saúdo  
O operoso droguista,  
Que concorrera para o bem  
Do grande povo Paulista.<sup>41</sup>

Nota-se que J. Souza, indivíduo que assinou a ode a Essência Passos, faz apologia à ciência e à saúde. Seus versos e os demais anúncios de remédios que constam da *Gazeta* refletiam uma época caracterizada pela insalubridade das cidades – mesmo ratos mortos eram vendidos nas ruas – e pela constante disseminação de doenças, como a tuberculose, a febre amarela, a malária e a varíola. No último decênio do XIX, foram diversas as epidemias e o índice de mortalidade delas decorrente era alto.

Algumas das propagandas eram compostas de um texto explicativo, que procurava explicitar os benefícios do produto. Na primeira edição de 1900, em um número que apresentou 16 páginas, a *Gazeta* contou com anúncios que ocupavam uma página inteira, como aquele que se referia a Granado & Co. Farmacêuticos e Droguistas. Como se mencionou, a seção de anúncios era o esteio financeiro, responsável pela manutenção desses periódicos. Deve-se considerar, outrossim, que a sociedade do período ingressava no anseio

---

<sup>41</sup> SOUZA, J. A essência passos em São Paulo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 dez. 1898. p. 2. 7 col.

da oferta e da procura de serviços,<sup>42</sup> o que tornou a função do anúncio ainda mais significativa.

A *Gazeta* prezava seus assinantes, oferecendo-lhes algumas vantagens. Em setembro de 1894, por exemplo, eles poderiam escolher entre receber um exemplar ilustrado do *Fígaro* e um mapa do Brasil; ou o mesmo exemplar ilustrado e um mapa de Portugal. Ou, ainda, oleografias. Tudo isso, acompanhado do *Almanaque da Gazeta de Notícias*.<sup>43</sup>

Nota-se que o jornal manteve-se ascendente na década de 1890, permanecendo, durante esse período, localizada na Rua do Ouvidor – logradouro, este, que representava o brilho da civilidade europeia, e era a rua “mais limpa” e “menos colonial” da cidade.<sup>44</sup> Ao analisarmos comparativamente os números do início, do meio e do fim do decênio em questão, pudemos observar o crescimento da folha. Os dados da tabela abaixo nos mostram que, no correr dos dez anos da publicação investigada, o periódico declarou o aumento de tiragens e de preços e mudança da oficina de impressão:

**Tabela 1 – A *Gazeta de Notícias* em 1890**

<b>Ano</b>	<b>Tiragem</b>	<b>Valor número avulso</b>	<b>Valor assinatura<sup>45</sup></b>
1890	35.000 exemplares	40 réis	Assinatura para a Capital: 6\$000 semestre; 12\$000 ano.  Assinatura para os Estados: 8\$000 semestre; 16\$000 ano.
1895	40.000 exemplares	100 réis	Assinatura para a Capital: 12\$000 semestre; 24\$000 ano.  Assinatura para os Estados: 14\$000 semestre; 28\$000 ano.
1900	40.000 exemplares	100 réis	Assinatura para a Capital: 16\$000 semestre; 30\$000 ano.  Assinatura para os Estados: 16\$000 semestre; 30\$000 ano.

Como mencionado anteriormente, Ferreira de Araújo também conquistou, ao longo do tempo, uma posição conceituada. Na ocasião da dissolução de sua sociedade com Elísio

<sup>42</sup> MARTINS. LUCA, op. cit., p. 35.

<sup>43</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 set. 1894. p. 2. 3. col.

<sup>44</sup> EDMUNDO, op. cit., p. 39.

<sup>45</sup> A *Gazeta* anunciava que o pagamento das assinaturas deveria ser adiantado e que elas poderiam ser feitas em qualquer época do ano, com término em fim de março, junho, setembro ou dezembro.

Mendes, em 1891, recebeu destaque em Portugal, em notícia do *Correio da Manhã*, de Lisboa. Foi aclamado pelos lusos como “notável jornalista”, e a *Gazeta* considerada “(...) uma das folhas mais importantes do Rio de Janeiro. A sua tiragem eleva-se a 35.000 exemplares. Os lucros líquidos no [então] ano findo, elevam-se a 200 contos de réis fracos”.<sup>46</sup> Ocupou o cargo de redator-chefe de 1877 até o ano de 1900, quando faleceu, perda que foi lastimada por jornais como *A Notícia*, por associações da época e pela própria *Gazeta de Notícias*, que expressou a dor pela morte de seu grande comandante, dedicando-lhe os seguintes dizeres:

Morreu Ferreira de Araújo, e o nosso dever de jornalista, de companheiro e principalmente de amigo, na acepção mais verdadeira, mais sincera, mais santa que essa palavra possa ter, é registrar nestas páginas, que ele tanto iluminou com os fulgores do seu fecundo talento e com o brilho do seu espírito cintilante, a desgraça que acaba de ferir a imprensa brasileira. É nas páginas da *Gazeta* que está revelada toda a fisionomia, toda a individualidade desse homem, agora inerte e gelado pela morte. Durante 25 anos em que ele dirigiu esta folha, intervindo em todas as questões políticas e sociais, passando por todas as crises que a alma nacional atravessou, numa quadra de transformações e de indecisões, nunca nenhum jornalista, nenhum escritor tendo a sua disposição este instrumento – o jornal – o excedeu, nem na luta pelos princípios que defendia, nem na soberana dependência com que nela se mantinha.<sup>47</sup>

Os colaboradores mais ilustres da *Gazeta* também lamentaram a morte de Araújo. Olavo Bilac, Valentim Magalhães e José Veríssimo pronunciaram-se a respeito. Da pena de Machado de Assis, surgiram as seguintes – e emocionadas – linhas:

Meu caro Henrique. – Esqueçamos a morte do nosso amigo. Nem sempre haverá tamanho contraste entre a vida e a morte de alguém. Araújo tinha direito de falecer entre uma linha grave e outra jovial, como indo a passeio, risonho e feliz. A sorte determinou outra coisa. [...]  
Agora que ele se foi, podemos avaliar bem as qualidades do homem. Esse polemista não deixou um inimigo. Pronto, fácil, franco, não poupando a verdade, não infringindo a cortesia, liberal sem partido, patriota sem confissão, atento aos fatos e aos homens, cumpria o seu ofício com pontualidade, largueza de ânimo e aquele estilo vivo e conversado que era o encanto dos seus escritos. As letras foram os primeiros ensaios de uma pena que nunca as esqueceu inteiramente. O teatro foi a sua primeira sedução de autor.  
Vindo a imprensa diária, não cedeu ao acaso, mas à própria inclinação do talento. Quando fundou esta folha, começou alguma coisa que, trazendo vida nova ao jornalismo, ia também com seu espírito vivaz e militante, de vária feição, curioso e original.<sup>48</sup>

No que concerne à literatura, a *Gazeta de Notícias* foi incentivadora da produção literária, promovendo concursos e apoiando iniciativas, como em 1896, quando defendeu a

<sup>46</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 fev. 1891. p. 2, 3-5. col.

<sup>47</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 ag. 1900. p. 1, 1-8 col.

<sup>48</sup> ASSIS, Machado de. Ferreira de Araújo. *Gazeta de Notícias*. 21 set. 1900. p.1., 4-6. col.

criação de uma Academia de Letras, da qual o próprio Ferreira de Araújo foi eleito membro. Publicou romances-folhetins de autores estrangeiros e brasileiros, crônicas e crítica literária. Também deu vez à sátira; sabe-se que, a partir de 1896, os versos de cunho satírico passaram a constar de uma seção humorística diária, “O Filhote”, cujo lançamento repercutiu em outros jornais, como *A Notícia*, e que, posteriormente, foi substituída por “O Engrossa” (1898) e “Casa de doidos” (1900).<sup>49</sup> E, se tal periódico espalhou-se expressivamente pela então Capital Federal, pode-se concluir que os poemas nela publicados também estiveram ao alcance de muitos. Na década de 1890, divulgou mais de 1.000 poemas. Ou seja, um número vultoso de estrofes fez-se conhecido de leitores e leitoras, adquirindo um posto de destaque e possibilitando, a partir de sua análise, a recuperação de um panorama de um período da literatura nacional.

Era costumeiro para esse jornal revelar poetas e anunciar as obras desses autores antes mesmo que elas saíssem em livros, como fez com os versos de *Procelárias*, de Magalhães de Azeredo, e com os de *Salmos*, de Alphonsus de Guimaraens. Como anteriormente referido, no Brasil do XIX, a indústria do livro era ausente. O país era dominado por produções literárias oriundas da França e de Portugal; além disso, pode-se considerar que, em território nacional, não havia a “(...) atividade editorial porque não havia um público capaz de permitir a sua criação, e a divisão de trabalho, na sociedade brasileira, não chegava à etapa de criar e diferenciar tal atividade”, papel que era exercido pelo produtor estrangeiro.<sup>50</sup> E tal condição aliava-se ao fato de que a atividade literária, bem como o apreço pela literatura, não era uma constante da sociedade de então. Deste modo, o periódico configurava-se como uma espécie de “trampolim” da fama para os escritores e o renome de um literato associava-se ao jornal com o qual mantinha vínculo.<sup>51</sup> No mais, segundo as palavras de Olavo Bilac, o jornal era o meio que o escritor encontrava de se “fazer ler”.<sup>52</sup>

Logo, não é surpreendente concluir que a *Gazeta* foi a primeira divulgadora de versos que, posteriormente a publicação no periódico, se consagraram em livros.<sup>53</sup> Em alguns casos, nota-se a recuperação de poemas publicados anteriormente a década de 1890, o que

<sup>49</sup> SIMÕES JR., op. cit., p. 125.

<sup>50</sup> SODRÉ, op. cit., p. 433.

<sup>51</sup> ASPERTI, Clara Miguel. *Bilac e a reurbanização do Rio de Janeiro: Estudo da “Crônica” dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)* p. 104.

<sup>52</sup> RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Edições do Departamento Nacional do Livro, Fundação Biblioteca Nacional, 1994. p. 18.

<sup>53</sup> O acesso aos livros de poetas do XIX foi dificultoso. Obras de autores como Julio Salusse e Augusto de Lima, que fazem parte da antologia elaborada para esta dissertação, não foram encontradas.

denota que alguns poetas, uma vez consagrados, mantiveram o prestígio. Estes dados podem ser vistos na tabela a seguir:

**Tabela 2** – Poemas divulgados pela *Gazeta* que foram publicados em livros.

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Livro</b>	<b>Ano de publicação no jornal</b>	<b>Ano de publicação em livro</b>
“A Revolução”	Fontoura Xavier	<i>Opalas</i>	1892	1884
“O luar”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Dona Mística</i>	1892	1899
“Olhos”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Dona Mística</i>	1893	1899
“A cabeça do corvo”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Kiriale</i>	1893	1902
“A caveira”	Magalhães de Azeredo	<i>Procelárias</i>	1893	1898
“Sóror”	Magalhães de Azeredo	<i>Procelárias</i>	1894	1898
“Baladas românticas”	Olavo Bilac	<i>Poesias (Alma inquieta)</i>	1894	1902
“Risos macabros”	Magalhães de Azeredo	<i>Procelárias</i>	1894	1898
“Noite de inverno”	Olavo Bilac	<i>Poesias (Alma inquieta)</i>	1894	1902
“Cleópatra”	Magalhães de Azeredo	<i>Procelárias</i>	1895	1898
“Dona Luiza é pálida. Parece”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Dona Mística</i>	1895	1899
“Ao luar”	Francisca Julia da Silva	<i>Esfinges</i>	1895	1903
“Vita nuova”	Olavo Bilac	<i>Poesias (Alma inquieta)</i>	1896	1902
“Pecador”	Olavo Bilac	<i>Poesias (Alma inquieta)</i>	1896	1902
“Voe soli”	Olavo Bilac	<i>Poesias (Alma inquieta)</i>	1897	1902
“Dueto de amor (Em um solar medievo)”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Pastoral aos crentes do amor e da morte.</i>	1896	1923
“Hodie”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Pastoral aos crentes do amor e da morte.</i>	1896	1923
“Lírio astral”	Cruz e Sousa	<i>Faróis</i>	1898	1900
“Canção”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Pastoral aos crentes do amor e da morte.</i>	1898	1923
“Um suspiro mau passa rezando ofícios”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Kiriale</i>	1898	1902
“A saudade vindoura espero-a, pois, agora”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Setenário das dores de Nossa -Senhora</i>	1898	1899
“Que lhe importavam lágrimas? Chorasse”	Alphonsus de Guimaraens	<i>Setenário das dores de Nossa -Senhora</i>	1899	1899
“Espadim de Romeu feito em Verona”	B. Lopes	<i>Brasões</i>	1894	1895
“Aparição”	Cruz e Sousa	<i>Broquéis</i>	1898	1893

O cotejo entra as versões publicadas no jornal e aquelas que foram divulgadas em livros apontaram para as seguintes diferenças ou possíveis modificações:

**Tabela 3** – Distinções entre os poemas que constam do jornal e de livros.

Poema	Autor	Modificações
“O luar”	Alphonsus de Guimaraens	Em livro, aparece com o título “Ária do luar”.
“Olhos”	Alphonsus de Guimaraens	Em livro, aparece o primeiro verso do poema: “Outro, não eu, estranharás que admires”.
“Dona Luiza é pálida. Parece”.	Alphonsus de Guimaraens	Em livro, aparece o primeiro verso do poema: “Dona Celeste é pálida. Parece”.
“Voe soli”	Olavo Bilac	Em livro, o título é: “Só”.
“Hodie”	Alphonsus de Guimaraens	Em livro, não aparece o título “Hodie”.
“Canção”	Alphonsus de Guimaraens	Em livro, não aparece o título “Canção”.
“Um suspiro mau passa rezando ofícios”	Alphonsus de Guimaraens	Em livro, apresenta o título “Espírito mau” e aparece sem a epígrafe de Cesarius d’Hesterbach.

Além de ferramenta de divulgação de informação e do texto literário, a *Gazeta de Notícias* ilustrou os ideais e aspirações de seu tempo. A última década do século XIX foi, também, o primeiro decênio do regime republicano. Pode-se dizer que essa foi uma fase conturbada para a política do período, além de ter sido um momento configurado por diversas modificações de conceitos e pensamentos.

Nos anos de 1890, o Rio de Janeiro era a maior cidade do Brasil, bem como sua capital econômica, política e cultural. Seu crescimento era de 3,23% ao ano,<sup>54</sup> e a taxa de imigração era igualmente elevada. Após a Independência, o Rio ganhou visibilidade e foi palco, ainda, para diversas ocorrências de ordem política e berço da proliferação de correntes ideológicas, o que foi matéria para a *Gazeta*.

Quanto aos acontecimentos políticos, que representavam os resultados dos iniciais anos da República no Brasil, a *Gazeta de Notícias*, como já se mencionou, manteve uma postura moderada, mas com aproximação maior da tendência republicana. Eram frequentes, por exemplo, as homenagens a Floriano Peixoto e, em 1897, o jornal evidenciou o seu contentamento diante do fim do Arraial de Canudos, – sentimento, aliás, que foi partilhado com outros jornais, como o *Estado de São Paulo* –<sup>55</sup> que era reduto de Antonio Conselheiro, homem que pregava a restauração da Monarquia:

Chegou o desejado dia da vitória! Segundo nos informa o telégrafo, estão satisfeitas as esperanças da nação e desafrontados os brios do exército e da República. Canudos é nosso: desabou o último baluarte dos ferozes jagunços de Antonio Conselheiro!

Sobre aquele antro maldito, túmulo de tantos bravos brasileiros que perderam a vida, ganhando a imortalidade e a gratidão eterna do país, tremula hoje ovante o pavilhão sagrado da República e canta-se o epinício

<sup>54</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17.

<sup>55</sup> ELEUTÉRIO, op. cit., p. 89.

[cântico de celebração de vitória] dos triunfadores. Não mais a rapina dos bandidos, não mais a fereza dos fanáticos perversos, não mais a perfídia dos irmãos desnaturados.<sup>56</sup>

Para Alvaro Santos Simões Junior, a *Gazeta* era um jornal de tom liberal, o que se salientou em um episódio ocorrido já nos primeiros anos de sua existência, quando a folha opôs-se à censura, publicando de forma seriada o drama português *Os Lazaristas*, peça de Antônio Ennes então proibida pelo clero imperial.<sup>57</sup> Era comum, também, que ela oferecesse aos leitores as distintas nuances da vida social de sua época. Em seções como as “Balas de Estalo”, que durou de 1883 a 1886, constituía-se um retrato da sociedade brasileira oitocentista, com críticas aos costumes, e comentários relacionados à Monarquia e às aspirações à República. Com esses textos, tinha-se um panorama das trocas de Ministérios, das questões concernentes às finanças e do cotidiano do Parlamento. Por meio das “Balas de Estalo”, Ferreira de Araujo visava a atribuir ao seu jornal um tom leve e acessível ao grande público, sem deixar de discorrer sobre as práticas políticas de seu tempo.<sup>58</sup> Nas colunas de Fantasio, pseudônimo de Olavo Bilac, encontravam-se, muitas vezes, ataques contra a precariedade da saúde e da estrutura do Rio de Janeiro. Em suas “Crônicas”, que começaram a circular a partir de 1897, deixou ainda mais evidente o seu anseio pela reforma e pelo progresso.

Vale salientar que o pretensão por modificações estruturais no Rio de Janeiro era pensamento corrente naquele momento, o que fez com que o periódico desse margem ao assunto por diversas vezes. Em 1898, foi publicado um poema que satirizava a falha no abastecimento de água na cidade:

Parecendo esgotados todos os meios de haver um pouquinho d'água em certos bairros da cidade, lembrou-se um cultor das Musas em apelar em verso para o ilustre diretor das obras públicas. É um expediente como qualquer outro e que pode talvez surtir efeito, se o honrado engenheiro for sensível às aspirações da poesia.

Trata-se de um morador na rua da Luz, que, segundo nos informam, dirigia ao Sr. Dr. Floresta de Miranda a seguinte paródia dos versos do grande Castro Alves:

<sup>56</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 7 de out. 1897. p. 1. 2. col.

<sup>57</sup> SIMÕES JR, op. cit., p. 120.

<sup>58</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. Política e humor nos últimos anos da Monarquia: a série “Balas de Estalo”. In: CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs). *História em coisas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 2005. p. 89.

VOZES... DE UM SEDENTO  
(*Fragmento*)

Oh! Floresta! Onde estás que não respondes!...  
Em que cano, em que caixa tu te escondes,  
Mergulhado nas águas!...

Há cinco meses te mandei meu grito,  
Que, embalde, desde então corre o *distrito*,  
Cantando as minhas mágoas...

Qual desalmado me amarraste, um dia,  
Da secura na rubra penedia!...  
– Um pobre lagalhé! –

Por flagelo me deste a sede ardente;  
E os *canos* – mas vazios – são corrente  
Que me ligaste ao pé!...

A garganta, abrasada, se me estala,  
E a pobre, ressequida, perde a fala;  
Não mais posso clamar!...

Meus gorgomilos sangram, já porejam!  
Manda, das águas que já te sobejam,  
Com que a sede matar!...<sup>59</sup>

No âmbito ideológico, sabe-se que, nos anos finais do século XIX, as ideias puderam circular mais livremente, o que não ocorria nos tempos do Império. Segundo José Murilo de Carvalho, a época foi marcada pelo entrecruzamento de diversas vertentes de pensamento, sobretudo no que se referia às concepções europeias.<sup>60</sup> Dentre elas, conta o Positivismo, que nasceu na França e teve em Auguste Comte o seu grande doutrinário. Comte exaltava o cientificismo, bem como os avanços técnicos. Para ele, o conhecimento real era construído a partir de fatos concretos e da valorização da razão. Suas concepções aportaram no Brasil e, em 1847, foi publicado o *Sistema de filosofia positivista*. No Rio de Janeiro, foi fundada, em 1876, a Sociedade Positivista, que, em 1881, passou a ser o Apostolado Positivista do Brasil. Almejava-se uma sociedade laica, livre da teologia e da metafísica e, também, do regime monárquico, aclamando o ideal de “ordem e progresso”:

No campo ético-político, preconizava um regime de benemerência pelo qual os ricos, ditos chefes industriais, zelassem, via administração pública, pelo bem-estar dos pobres, ditos proletários. Os lemas propostos vinham nesta sequência: o Amor por princípio, a Ordem por base, o Progresso por fim. O

<sup>59</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 9 fev. 1898. p. 2. 3.col.

<sup>60</sup> CARVALHO, op. cit., p. 24.

dístico de nossa bandeira republicana, *Ordem e Progresso*, sugerido por Benjamin Constant, reproduz a proposta que Comte fizera aos republicanos franceses em 1848.<sup>61</sup>

Um dos maiores entusiastas das teorias do Positivismo foi o engenheiro e militar Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Ele e outros homens de seu tempo defendiam ações como a instituição do casamento civil e do registro civil de nascimento. A escola positivista era reduto republicano e o que se pregava nesse regime, no Brasil, era próprio da doutrina em questão: amor, justiça, igualdade e fraternidade. Esse ideário contribuiu para a luta pela Abolição e pelos direitos trabalhistas. Também, influenciou os militares, que viram na doutrina uma perspectiva filosófica. De modo geral, no Brasil, “as intervenções da Igreja Positivista tentavam aplicar ao contexto local os princípios básicos dos ortodoxos franceses”.<sup>62</sup>

Logo, percebe-se que, no estrato cultural do XIX, era evidente a presença do pensamento e de elementos culturais provenientes da França. Deve-se considerar que essa presença francesa data de épocas anteriores, ao considerarmos que, desde o século XVI, diversos viajantes franceses, impulsionados por Jean de Léry, aportaram no Brasil e encantaram-se com as paisagens do país. E esses homens eram, usualmente, recebidos com fervor e admiração pelos brasileiros.

Posteriormente a proclamação da Independência, buscou-se uma identidade que pudesse atribuir características particulares ao território nacional. Em um momento de rejeição dos matizes advindos de Portugal, então destituído da posição de Metrópole, procurou-se na França um modelo de civilização que pudesse ser edificada nos trópicos.<sup>63</sup> Para Pierre Rivas, em sua obra *Diálogos interculturais*, “a cultura francesa aparece como libertadora e fundadora de mitos nacionais; de Montaigne às Luzes, e do Romantismo e do Positivismo à vanguarda, o *détour* [desvio] francês permite pensar a independência brasileira e a redescoberta das raízes nacionais”.<sup>64</sup> E essa tendência não era apenas brasileira; em toda a América Latina, tentava-se romper o “cordão umbilical ibérico”, o que exigia de todos os países que ensaiavam a libertação de seus colonizadores uma espécie de filiação a outra

<sup>61</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. (Org) *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 19.

<sup>62</sup> PERRONE-MOISÉS, op. cit., p. 33.

<sup>63</sup> VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 9.

<sup>64</sup> RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 82.

nação, como um auxílio para a solidificação de uma nova identidade nacional.<sup>65</sup> Novamente, segundo Rivas, com a recorrência ao modelo francês, construiu-se:

[...] uma genealogia mítica, diferente do modelo ibérico renegado, mas necessariamente próxima do modelo requerido, em seus fundamentos e em seu imaginário. Dupla origem mítica: a idade de ouro dos povos indígenas pré-ibéricos e a sociedade ideal da Revolução Francesa da irmã mais velha latina, entre regressão mítica e projeto utópico. As fontes do imaginário latino-americano estão, nesse sentido, em Paris (como para um francês estão em Atenas e Roma); uma viagem ritualística a Paris é uma peregrinação às fontes, uma viagem augural e iniciática: reencontrar o mito original, equivalente daquilo que é a utopia americana para a Europa. A latinidade permite pensar a diferença na identidade, a especificidade americana na cultura europeia. Tal é a significação do modelo francês: a função do *détour* para permitir o *contour* ibérico e a autonomia.<sup>66</sup>

Pode-se considerar o protagonismo francês no que se refere ao colonialismo do século XIX. Ocupou a Argélia em 1830 e estendeu os seus domínios para territórios como a Mauritània, o Gabão, a Ilha de Madagascar e o Taiti, no Pacífico.<sup>67</sup> Isto posto, conclui-se que a França era, outrossim, modelo de governo e de domínio, e esse sentimento a ela dirigido foi, também, um reflexo daquilo que se esperava para o Brasil, no que concerne ao patriotismo, ao progresso e à prosperidade. Com o desejo de remodelação do Rio de Janeiro, almejava-se a mudança dos costumes, que, para os indivíduos da época, era sinônimo da necessidade de um processo “civilizatório” a ser instaurado no país, de tal modo que costumes ligados à cidade tradicional passaram a ser condenados, bem como a cultura popular. Havia um cosmopolitismo agressivo, que se identificava com a vida parisiense. E, para os intelectuais brasileiros do período, o fluxo cultural europeu era tido como uma espécie de “tábua de salvação”.

Paris, como apontou Walter Benjamin, foi a “capital do século XIX”.<sup>68</sup> Na cidade, disseminava-se a atitude de negação daquilo que era considerado antiquado. Paris era a capital da moda e do luxo, e constituía-se, também, como capital literária dos oitocentos, já que a cidade representava um ponto neutro de intersecção e de avivamento do dado cultural de diversos países:

<sup>65</sup> RIVAS, op. cit., p. 119.

<sup>66</sup> Idem, ibidem, p. 120.

<sup>67</sup> NEVES, Margarida de Sousa. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge. NEVES, Lucilia de Almeida. (Orgs.) *O Brasil republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 19.

<sup>68</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: \_\_\_\_\_. *Passagens*. Edição alemã: Rolf Tiedemann; edição brasileira: Willi Bolle (org.); Olgária Chain Féres Matos (colab.); Irene Aron (trad. do alemão), Cleonice Paes Barreto Mourão (trad. do francês); Patrícia de Freitas Camargo (rev.); Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos (pósf.). Belo Horizonte: Ed. da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p 39.

Paris é a praça onde tudo circula, o ponto de encontro entre norte e sul, leste e oeste. Sua história a constitui como um meio cultural homogêneo e constante, na herança do centralismo real, do jacobinismo republicano, num desejo de irradiação universalista, de munificência do poder até a ostentação.<sup>69</sup>

Essa propagação se fez sentir em terras brasileiras, onde era assídua a simbologia revolucionária francesa, que culminou na anedótica vontade que indivíduos da época tinham de ver a derrubada da Monarquia em 1889, ano do primeiro centenário da queda da Bastilha.<sup>70</sup> A “parisina” tornou-se uma espécie de vício, propagando os figurinos e os costumes provenientes da França, – desde a criação de um cabaré aos moldes do *Chat Noir* parisiense à influência da “Casa de Richelieu” na constituição da Academia Brasileira de Letras. Nas altas rodas da sociedade, conversava-se em francês, e as novidades de Paris eram assunto frequente. No teatro, a grande diva do XIX foi, justamente, a francesa Sarah Bernhardt, aclamada e admirada pelos que a viam nos palcos brasileiros. Havia, no Rio de Janeiro, uma espécie de “colônia francesa”, encantada com as maravilhas de nosso país; no bairro da Tijuca, esse agrupamento centralizava-se na família Taunay, – esta havia ali se instalado nos tempos de D. João VI, – e eram, em sua maioria, pintores, escritores e diletantes. Posteriormente, essa colônia expandiu-se, revelando nomes como a da baronesa de Rouan, o conde de Escragnolle e o conde de Scey.<sup>71</sup> Tal afluência teve início na primeira metade do século XIX, quando os franceses foram atraídos pela presença da Corte portuguesa no Rio de Janeiro.

Ademais, a primeira livraria do Rio de Janeiro, ainda no século XVIII, pertenceu a Paulo Martin, livreiro descendente de franceses; Pierre Plancher foi o criador do próspero *Jornal do Comércio* (1827); e B. L. Garnier editou obras de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac e Machado de Assis, entre outros escritores. Autores brasileiros também redigiam textos em francês; no caso específico da estética simbolista, havia uma identificação de seus representantes com aquilo que se produzia na literatura francesa. Entre outros poetas, tem-se notícia de que Olavo Bilac compôs versos em francês, assim como o fez Machado de Assis.<sup>72</sup>

Mesmo o processo de modernização da imprensa brasileira apresentou certa paridade com o que ocorreu na França, onde se presenciou o aperfeiçoamento das rotativas e da

---

<sup>69</sup> RIVAS, op. cit., p. 119.

<sup>70</sup> VIDAL. LUCA, op. cit., p. 11

<sup>71</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2 v. p. 291.

<sup>72</sup> BROCA, Brito. *Papéis de Alceste*. *Papéis de Alceste*. Coordenação de Alexandre Eulalio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. p. 93.

fotogravura, por exemplo. Viu-se, também, a modificação dos anseios do público leitor, que passou a manter o gosto pelos *fait divers* e os escritores passaram a encontrar na imprensa uma via de expressão e, também, uma fonte de renda; Maupassant e Apollinaire, por exemplo, garantiam o sustento colaborando para os *quotidiens*. E a figura do *flâneur*, tão bem representada por João do Rio no Brasil, foi aquele que, em Paris, buscou o pitoresco, a fantasia e o onírico.

Na época, existia o afã de se publicar as novidades de Paris. O que era fracasso na França era, concomitantemente, suspenso no Brasil, a exemplo do que ocorreu no *Jornal do Comércio*, em 1885, com o romance *O horóscopo*, de Alexandre Dumas, que teve divulgação cancelada.<sup>73</sup> No caso do sucesso, corria-se para que o folhetim prestigiado fosse exposto por aqui, o que ocorreu com *O conde de Monte Cristo*, também assinado por Dumas. Logo, percebe-se que a presença do dado francês nos periódicos era disposição corrente, e a *Gazeta de Notícias* não constituiu caso distinto.

Viam-se no jornal de Ferreira de Araújo anúncios da *Fête Nationale*, da Aliança Francesa no Rio de Janeiro e do Banco Francês do Brasil, além de nota sobre a comemoração pela construção da ponte Alexandre III. O 14 de julho, data que marcou a Queda da Bastilha e Revolução Francesa, era comemorado quase como uma data nacional, merecendo louvores na primeira página do jornal:

No grande dia da França, não rejubila só a pátria de Hugo; entoa hinos à liberdade o mundo inteiro, sacudido pelo vulcão revolucionário de 1879. E se em todos os cantos do globo a humanidade vê na data de hoje a vitória dos direitos do homem, que a tirania de séculos comprimira, na opulenta América, deste lado do Oceano, esse entusiasmo é mais caloroso, porque à luz do 14 de julho e da democracia vitoriosa se levantaram nacionalidades conquistando a autonomia de povos livres.

A República inteira prestou homenagem a essa data memorável, inscrevendo-a entre os seus dias de festa nacional.

Solenizando-a neste caráter, não esquecemos entretanto que à gloriosa França deve a humanidade tão assinalado serviço.

Receba o povo francês as nossas saudações cordiais.<sup>74</sup>

Eça de Queirós enviava as novidades da Europa e da capital francesa, em suas “Cartas de Paris”, – sessão que, na época, era comum em diversos jornais; n’*O país*, as missivas advindas da França eram assinadas por Xavier de Carvalho. Nesse espaço, Eça discorria sobre assuntos variados, como acontecimentos da história da França, eventos ocorridos em Paris, além da política e da literatura francesa, ao opinar sobre as obras de Flaubert e de Vítor Hugo.

<sup>73</sup> MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 287.

<sup>74</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1896. p. 1. 3 col.

A partir da segunda metade da década de 1890, passou a ser publicada a coluna “Lettres d’une créole”, que era integralmente redigida em francês e assinada pelo pseudônimo Dora, e dirigida a figuras importantes da época, como o prefeito do Rio de Janeiro. Quanto aos acontecimentos na França, havia a coluna “Notícias de Paris”. Espalhadas pelo jornal figuravam notas que tinham como assunto, por exemplo, o atentado contra o então presidente da República, em 1896, além do o Caso Dreyfus, que dividiu o país por anos. Alfred Dreyfus foi um militar francês, de origem judaica, acusado de alta traição, sendo por isso condenado à prisão perpétua e encarcerado na Ilha do Diabo, na costa da Guiana Francesa. Sua inocência foi provada, e em tal situação esteve envolvido Émile Zola, que interveio pela reabertura do processo do oficial com a publicação, em 1898, de “J’accuse”, carta aberta destinada ao presidente francês. Em solidariedade, as damas da sociedade carioca enviaram à Madame Dreyfus um brinde, o que foi noticiado pela *Gazeta*.<sup>75</sup>

Quanto à literatura, a *Gazeta de Notícias* publicou folhetins franceses, em especial os assinados por Xavier de Montepin, que foi um romancista popular, e de Alphonse Daudet, autor de obras como *La petite paroisse*. Pode-se destacar que esse apreço pelo romance francês era, também, proveniente de um fator econômico, visto que periódicos brasileiros, como citado anteriormente, não precisavam pagar os direitos autorais aos escritores estrangeiros. Diga-se de passagem, nem mesmo os autores portugueses conseguiram fazer valer os seus direitos no Brasil; sabe-se que, em 1888, apenas mil exemplares de *Os Maias* foram vendidos no país, em consequência da publicação desse romance nos rodapés dos jornais brasileiros.<sup>76</sup>

Constam do jornal poemas em francês, além de traduções e encômios. Os poetas lançavam mão, igualmente, de epígrafes em língua francesa. Essa tendência reflete a seguinte assertiva:

Uma parte considerável do que temos aprendido desde o início do século XIX, constitui-se de produtos diretos da cultura francesa e de elementos transmitidos pela língua francesa. Nossos românticos leram Byron por intermédio de Amédée Pichot, e Goethe através de Gérard de Nerval. Salvo raras exceções, as epígrafes de Schiller ou do pseudo-Ossian que encabeçam seus poemas estão em versão francesa.<sup>77</sup>

No tocante às traduções, foram elas: “Rappelle-toi”,<sup>78</sup> de Alfred de Musset; “La mort de l’aigle”,<sup>79</sup> de Heredia; e “Solvete Seclum”,<sup>80</sup> de Leconte de Lisle. Os tradutores dos poemas

<sup>75</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1900. p. 2. 3 col.

<sup>76</sup> BROCA, op. cit., p. 115.

<sup>77</sup> CANDIDO, A. CARONI, I. LAUNAY, M. O francês instrumental – A experiência da Universidade de São Paulo. São Paulo: Hemus, 1977. p. 10.

<sup>78</sup> MUSSET, Alfred de. Lembra-te. Tradução de Magalhães de Azeredo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 ag. 1894. p.1, 5.col.

de Musset e de Heredia são, respectivamente, Magalhães de Azeredo (que, na *Gazeta*, também publicou versos em francês, em homenagem a Joaquim Nabuco) e Cunha Mendes. Em 1897, foram divulgadas traduções de poemas de Lamartine (“Le vase brisé”),<sup>81</sup> e de Sully Prudhomme, assinadas por O. J., além de uma versão em língua portuguesa de “La tombe dit à la rose”, de Vítor Hugo, intitulada “O túmulo e a rosa”.

A *Gazeta de Notícias* publicou, em 1892, o então popular soneto do romântico Félix Arvers, intitulado “Mon âme a son secret, ma vie a son mystère (Sonnet imité de l’italien)”:

*Mon âme a son secret, ma vie a son mystère ;  
Un amour éternel en un moment conçu :  
Le mal est sans espoir, aussi j’ai déjà dû le taire,  
Et celle qui l’a fait n’en a jamais rien su.*

*Hélas ! j’aurais passé près d’elle inaperçu,  
Toujours à ses côtés, et pourtant solitaire,  
Et j’aurai jusqu’au bout fait mon temps sur la terre,  
N’osant rien demander et n’ayant rien reçu.*

*Pour elle, quoique Dieu l’ait faite douce et tendre,  
Elle ira son chemin, distraite, et sans entendre  
Ce murmure d’amour élevé sur ses pas ;*

*A l’austère devoir, pieusement fidèle,  
Elle dira, lisant ces vers tout remplis d’elle :  
« Quelle est donc cette femme ? » et ne comprendra pas.<sup>82</sup>*

Um dado considerável é que os dois grandes nomes do Simbolismo brasileiro, que foram os de Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa, recorreram à obra de Arvers. No caso de Guimaraens, tem-se o “Soneto de Arvers”. Nele, o poeta aproxima-se dos versos do francês, mantendo o mote da mulher amada que ignora o seu admirador e não se reconhece nas estrofes que ele lhe oferta:

O seu mistério tem minh’alma desgraçada:  
Um sempiterno amor, nascido num momento;  
É sem esp’rança o mal, calá-lo em mim eu tento,  
E aquela que o causou inda não sabe nada.

Eu tenho já passado ao pé da minha amada,  
Nunca vi seu olhar formoso em mim atento...  
Sem nada receber e nem ousar, eu, lento,  
Na terra viverei co’a alma desolada.

<sup>79</sup> HEREDIA, José Maria de. A morte de águia. Tradução de Cunha Mendes. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 out. 1894. p.1, 5.col.

<sup>80</sup> LISLE, Leconte de. Solvet Seclum. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 mar. 1895. p.1, 5.col.

<sup>81</sup> PRUDHOMME, Sully. Le vase brisé. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 ag. 1897. p.1, 4-5 col.

<sup>82</sup> ARVERS, Félix. *Mes heures perdues: Poésie*. Avec introduction de Th. de Banville. 1878. p. 52.

E a diva, a quem deus fez suave e enternecida,  
 Irá pelo caminho andando, distraída,  
 E este arrulho de amor ela não ouvirá.

Fiel ao seu dever, a minha amante bela  
 Dirá. Lendo o soneto inspirado por ela:  
 – Esta mulher quem é? – e nada saberá.<sup>83</sup>

Já em ‘Eterno sonho’, de Cruz e Sousa, que apresenta como epígrafe uma estrofe de Arvers, observa-se a apropriação criativa desse amor impossível, visto ter o poeta brasileiro atribuído à sua cor o impedimento de seu enlace com seu objeto de afeição: ela, branca; ele, negro.

*Quelle est donc cette femme?  
 Je ne comprendrai pas.*  
 Félix Arvers

Talvez alguém estes meus versos lendo  
 não entenda que amor neles palpita,  
 nem que saudade trágica, infinita  
 por dentro dele sempre está vivendo.

Talvez que ela não fique percebendo  
 a paixão que me enleva e que me agita,  
 como de uma alma dolorosa, aflita  
 que um sentimento vai desfalecendo.

E talvez que ela ao ler-me, com piedade,  
 diga, a sorrir, num pouco de amizade,  
 boa, gentil e carinhosa e franca:

- Ah! bem conheço o teu afeto triste...  
 E se em minha alma o mesmo não existe,  
 é que tens essa cor e é que eu sou branca!<sup>84</sup>

Ao lado das obras de escritores de prestígio, a *Gazeta* divulgou versos de autores cujos nomes não são divulgados pela história literária nacional e francesa.<sup>85</sup> O periódico teve em suas páginas “Quatorze juillet”, “Le poète et la Statue”, “O vous, qui m’êtes inconnu”, em 1896; “La charité”, em 1899; e “Bien, chantez, enfants, dansez, faites des rondes”, em 1900, todos assinados pela atriz e cupletista Rose Méryss, sobre quem se discorrerá no próximo capítulo desta dissertação. Foram trazidos à luz, do mesmo modo, os versos de nomes como

<sup>83</sup> GUIMARAENS, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens: poesia completa*. Organização de Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 544.

<sup>84</sup> CRUZ E SOUSA. *Obra completa*. Organização geral, introdução, notas, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1961. p. 251.

<sup>85</sup> Para tanto, foi feita a consulta do *Dictionnaire des auteurs de tous les temps et de tous les pays*, de Laffont-Bompiani, e a *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, de J. Galante de Sousa e Afrânio Coutinho.

Jayme de Séguier (“Marché”, publicado em 31 de agosto de 1890) e do Duque de Dino, descrito pela *Gazeta de Notícias* como sendo o poeta francês Maurice de Tallbyrand-Périgord (“Mysotis”, publicado em 17 de novembro de 1893), que, possivelmente, era descendente de Charles Maurice de Tallbyrand-Périgord, homem de Estado e memorialista francês.

É relevante apontar, ainda, que alguns desses poemas em língua francesa refletiam os fatos contemporâneos e os ideais republicanos (como antes citado, havia a relação do ideal revolucionário francês à edificação da República no Brasil), a exemplo dos versos de “Au Brésil”, de Esther de Freitas Reis, que homenageiam o Marechal Deodoro da Fonseca – no ano em que este assumiu a presidência do país, tendo como vice o também militar Floriano Peixoto.<sup>86</sup> Olavo Bilac também se viu às voltas com versos em francês e que traziam temas contemporâneos; publicou, em 1900, o poema “Les femmes du Brésil”, que é uma homenagem à mulher do já mencionado Alfred Dreyfus.<sup>87</sup>

### 1.3 A expressividade da poesia no século XIX

Neste capítulo, pudemos percorrer o caminho traçado pelo periodismo no XIX, ressaltando o patamar de relevo alcançado pela *Gazeta de Notícias*, de sua fundação à virada do século. Lembrar os nomes dos colaboradores, a sua tiragem, assim como evidenciar seus aspectos estruturais e pioneirismo, possibilitou-nos uma maior compreensão daquilo que as ideias e, em especial, a matéria literária divulgada pelo jornal significaram em seu tempo. Para os escritores, fazer parte da *Gazeta* não era mera questão de remuneração, mas certeza de visibilidade entre os que tinham acesso à instrução e à leitura. E isto era, na maioria das vezes, sinonímia de sucesso e reconhecimento.

A poesia é gênero que se faz presente na literatura desde as primeiras manifestações do pensamento estético, como se depreende do que pregaram Platão, na *República*, e Aristóteles, em sua *Poética*. Esteve a par de correntes literárias diversas, suscitando diferentes reações e apresentando distintas realidades aos seus leitores. No século XIX, entre romances, crônicas e crítica, obteve sucesso no Brasil. Para Sílvio Romero,<sup>88</sup> esse século foi marcado pela evolução da lírica nacional. Nessa época, cantaram-se as glórias das terras brasileiras, o que exprimiu o desejo quase unânime de libertação dos ditames de Portugal; ouviu-se o lamento dos ultrarromânticos; e transitou-se entre a realidade e a abstração.

<sup>86</sup> REIS, Ester de Freitas. Au Brésil!. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1890. p.1, 7.col.

<sup>87</sup> BILAC, Olavo. Les femmes du Brésil. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1900. p.2, 3.col.

<sup>88</sup> ROMERO, Sílvio. *Evolução do lirismo brasileiro*. Recife: Casa Laemmert, 1905.

Na *Gazeta de Notícias*, a poesia teve o seu lugar cativo. O jornal revelou autores e tendências do fazer poético do seu tempo. Quando das datas que eram festejadas pelo periódico, os poemas eram o modo encontrado para dar brilho às celebrações. Na edição comemorativa de Ano-Novo, em 1898, por exemplo, figuraram em sua primeira página versos de Guimarães Passos, Olavo Bilac, Emílio de Menezes, B. Lopes e Pedro Rabelo.

Logo, a análise dos fatos correntes e das características da *Gazeta de Notícias*, apresentada neste primeiro capítulo, serve-nos de esteio para a compreensão da importância e do alcance do que se publicava no jornal. Uma vez presente na *Gazeta*, a obra ou tendência literária teria considerável difusão e possível influência.

Assim, pode-se inferir que a *Gazeta* deu vez às vertentes da poesia de sua época, em especial no que tange o Parnasianismo e o Simbolismo, o que será elucidado nos capítulos subsequentes desta dissertação.

**2º CAPÍTULO**  
***A GAZETA DE NOTÍCIAS E O PARNASIANISMO***

## 2 A GAZETA DE NOTÍCIAS E O PARNASIANISMO

### 2.6 França e Portugal: manifestações iniciais

O Parnasianismo foi expressão estética proveniente da Europa. Percorreu os caminhos que transpassaram o além-mar, aportando em terras brasileiras e caracterizando a produção poética nacional da segunda metade do século XIX. Transitar por sua história é relevante, pois tal feito nos leva a compreender sua presença no Brasil e à identificação de seus pares literários, que muito significaram para os poetas de toda uma geração da literatura de nosso país.

As raízes do Parnasianismo se arraigam na França. O seus primeiros passos foram dados nos salões, a exemplo dos que foram realizados por damas que possuíam notoriedade na sociedade e no âmbito literário, como Virginie Ancelot e Madame de Ricard, onde se reuniam figuras como Sully Prudhomme e Villiers de L'Isle-Adam. Os aspirantes à corrente, como Auguste Vacquerie, Champfleury e Théodore de Banville, constituíam o meio literário, publicando revistas e jornais que divulgavam textos de Paul Verlaine e de Catulle Mendès.

O termo *Parnasse* se refere ao “Parnassus”, montanha grega de Fócida, consagrada a Apolo e às Musas e, também, morada simbólica dos poetas. Essa designação foi empregada, por muito tempo, para nomear antologias ou dicionários poéticos, tendo sido sinônimo de “coleção de poemas”. Os iniciadores receberam os epítetos de “estilistas” e “formistas”. A denominação de “parnasiano” é atribuída a Barbey d'Aurevilly, que foi adversário do movimento e que aplicou esse título a todos os colaboradores da coletânea *Le Parnasse contemporain*, de 1866.<sup>89</sup>

*Le Parnasse contemporain*, editado por Alphonse Lemerre, é frequentemente anunciado como veículo pioneiro na irradiação do Parnasianismo. A compilação contou com três volumes – o segundo e o terceiro foram tornados públicos em 1869 e 1876. No entanto, considera-se que obras de poetas classificados pela crítica como parnasianos, entre os quais Théophile Gautier e Leconte de Lisle, já haviam sido publicadas antes do aparecimento dessa coleção. Além disso, os anos iniciais do decênio de 1860 são apontados como definitivos para

---

<sup>89</sup> De acordo com Pierre Martino, o *Parnasse contemporain, recueil de vers nouveaux*, “(...) paraît en livraisons, de mars à juin, et le libraire Lemerre estampille la feuille de titre d'une belle vignette: un paysan, très chaudement habillé, qui bêche sous la devise *Fac et spera*. Plus tard, on complètera le symbole en y joignant un soleil levant et en dévêtant le paysan, à l'antique. Ainsi l'image de la nouvelle école est complète: travail, lumière glorieux, beauté de l'antique”. (Cf. MARTINO, op. cit., p. 69).

a formação de um grupo de cultores dessa estética, animado por Catulle Mendès, e do aparecimento da *Revue fantaisiste*, de 1861, a primeira de cunho parnasiano.

Para alguns estudiosos da literatura francesa, na época, os aspectos econômicos e sociais do país transformaram a vida quotidiana em algo duro e amargo. Os contemporâneos presenciaram um sentimento de decepção. Para eles, o século que se findava anunciava o término da “descoberta do mundo”, pois se considerava que as grandes invenções já haviam sido feitas, como o estabelecimento das estradas de ferro e a criação do telégrafo. O sonho de desvendar os “últimos segredos da natureza” se dissiparam, gerando uma atmosfera de pessimismo.<sup>90</sup>

Fato exemplar de conflito modificador do pensamento corrente foi a Comuna de Paris. Herança das tradições francesas, em especial no que se refere à Revolução de 1789-1794, foi o primeiro governo operário do país. Permaneceu no poder, em 1871, por 40 dias, e foi suprimido pela invasão alemã e por opositores franceses, o que resultou em um massacre de centenas de pessoas. A Comuna refletiu uma questão problemática na sociedade burguesa, que era o cerceamento da democracia. Na Europa daqueles anos, lutava-se pela democratização dos Estados, o que ocorria por meio de revoluções.<sup>91</sup> Além disso, traduziu o momento de industrialização da França, que foi marcado por greves, – em particular a dos mineiros, – que foram violentamente reprimidas.<sup>92</sup> Observou-se, igualmente, a falência das elites dirigentes, bem como o medo de que a Monarquia se restabelesse em território francês.

Uma vanguarda científica estabeleceu-se no Velho Mundo, pregando reformas e modificando o pensar da sociedade. O Romantismo, estética da situação, foi acusado de ter-se oposto aos ares a ele contemporâneos, o que fez com que o idealismo cultuado por seus representantes se enfraquecesse entre certo número de pensadores do período. Eram tempos de renascimento do Helenismo Clássico, já anunciado pelas *Orientales*, de Victor Hugo, (1829) que deixavam para trás o sentimentalismo e priorizavam a reprodução das paisagens exteriores.<sup>93</sup> Nessa obra, Hugo voltou-se para temas do Egito, da Espanha e da Turquia, considerados exóticos pelos artistas. Tais versos caracterizam-se, igualmente, pela correção e habilidade formal de seu autor.

---

<sup>90</sup> CHASTENET, Jacques. *Histoire de la Troisième République : La République triomphante : 1893-1906*. 3. v. Paris : Hachette, 1962. p. 14.

<sup>91</sup> HOBBSBAWN, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Revisão Técnica Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 875-1914. p. 127.

<sup>92</sup> WILLARD, Claude. História e vigência da Comuna de Paris. In: BOITO JR., Armando. (Org.). *A Comuna de Paris na História*. São Paulo: Xamã, 2001. p. 16.

<sup>93</sup> AZEVEDO, Sânzio. *O Parnasianismo na poesia brasileira*. : Editora UFC/ Edições UVA, 2004. p. 13.

Construía-se um panorama propício para a recusa da tradição romântica, representada maximamente pelo lirismo dos poetas Lamartine e Alfred de Musset. Ganham vez, em especial a partir de 1830, ano da publicação de *Hernani*, as nuances que baseiam o Naturalismo, o Realismo e, também, o *Parnasse*.

No Parnasianismo, apregoava-se o conceito de ‘arte pela arte’, em oposição à suposta negligência formal dos românticos e ao utilitarismo na literatura. Reivindicava-se o direito à expressão artística que se distanciava das preocupações do público e que estivesse alheia às questões morais, sociais e políticas. Essa preocupação alcançou a perfeição em *Trophées*, de José-Maria de Heredia (1893).<sup>94</sup> O domínio dessa poética era, igualmente, o da erudição, dos livros e do discurso.<sup>95</sup> Almejava-se a objetividade e a austeridade da inspiração. Declarações como as de Gautier, que afirmava que “as coisas são belas em proporção inversa a sua utilidade”,<sup>96</sup> ecoavam no cenário literário francês.

O momento era de disseminação dos temas positivistas, e o artista passou a ser entrevistado, no meio literário, como um “bom operário”, que conhece os recursos da língua e do verso – em especial, o verso alexandrino. Pregava-se a impassibilidade e a contenção da expressão exaltada dos sentimentos pessoais, embora nem sempre fosse esta uma máxima entre os poetas. Era contínua a recorrência aos elementos da Grécia Antiga, concebida como a fonte da beleza e cuja religião era vislumbrada como a “satisfação de todas as necessidades morais e políticas da França Moderna”.<sup>97</sup> Via-se na civilização grega a matéria poética que traduzia a idealização da paixão e da virtude. Ressalta-se, igualmente, o fato de ter sido entre os filósofos gregos os primeiros anúncios do que seria o bem versejar, que inspiraram os parnasianos. Na *Arte poética* de Horácio, por exemplo, tem-se a ideia de que o primor do trabalho de um poeta atrelava-se à razão e à disciplina. E, no século XIX, via-se a inspiração aristotélica dos manuais de Retórica e Poética.

O Oriente, representado pela Índia e pela China, era mítico, e surgia com assiduidade nos poemas parnasianos. Arquétipo dessa concepção encontra-se nos *Poèmes antiques*, de 1852, e nos *Poèmes barbares*, de 1862, assinados por Leconte de Lisle.

Aparentemente, o ambiente de inserção do Parnasianismo francês não poderia ser mais favorável. Contudo, no âmbito da crítica, – que, no XIX, alcançou a autonomia de um

---

<sup>94</sup> LEMAITRE, op. cit., p. 18.

<sup>95</sup> CAMPA, op. cit., p. 25.

<sup>96</sup> MARTINO, op. cit., p. 4.

<sup>97</sup> Idem, ibidem, p. 36.

gênero,<sup>98</sup> – o Parnaso não foi unanimidade, reunindo em seu entorno julgamentos pouco partidários. Foi avaliado, por vezes, como um “fracasso histórico”<sup>99</sup> e tido como sinônimo de “abolição da poesia”.<sup>100</sup> Dizia-se, por exemplo, que a vertente em questão abstinha-se de originalidade, e que privilegiava a expressão formal, mas negligenciava o sentido. Declarava-se que o positivismo estético dos parnasianos originou a sua falta de sensibilidade na poesia,<sup>101</sup> e que os poetas que se reuniam e se denominavam parnasianos não possuíam sequer identificação mútua, ou mesmo vínculo de inspiração comum.<sup>102</sup> Além disso, do ponto de vista sociológico, os parnasianos eram tidos como “ignorados”, pois eram, geralmente, de origem burguesa, bem como “desprovidos de capital social”.<sup>103</sup>

Em março de 1866, o crítico Pierre Denis assinou texto intitulado “Les poétreaux”,<sup>104</sup> que, em tradução livre, designa que os parnasianos eram poetas menores, ou ruins. Em 1866, o literato francês Alcide Dusolier, em texto intitulado “Les impassibles”, declarou que os filiados aplicavam “sua teoria justamente na poesia lírica, que é apaixonada por natureza e da qual se poderia dizer ser a sensibilidade colocada em estrofes”.<sup>105</sup> Para o já citado Barbey D’Aurevilly, os parnasianos franceses não passavam de “imitadores”.<sup>106</sup> Mesmo Émile Zola pronunciou-se de forma severa frente ao Parnasianismo. Sob o pseudônimo de Alceste, em publicação de *L’Événement*, o autor de *L’Assomoir* foi impiedoso com os parnasianos de seu tempo:

[Os parnasianos] fabricam hemistíquios, nada de mais, muito habilmente, é verdade, mas sem se preocuparem em lhes atribuir um sopro humano. Na poesia, estamos no reino dos artesãos. A técnica é bela, as palavras produzem um ruído, os períodos arredondam-se, os versos caminham com uma amplidão sem igual, mas assemelham-se aos sinos sonoros que vivem sem falar. Quando a última sílaba ressoou, vós vos perguntastes com inquietude o que isso queria dizer. Isto não quer dizer nada, isto está morto.<sup>107</sup>

Uma hipótese da crítica para a não apreciação dos versos parnasianos na França é a de que, ainda ao final do XIX, mesmo imergido nas malhas do culto à ciência e no

<sup>98</sup> BARTHIÉ, Patrick. JARRETY, Michel. (org.). *Histoire de la France littéraire*. Modernités XIXe. – XXe. siècle. Paris : Quadrige/ PUF, 2006. p. 447.

<sup>99</sup> LEMAITRE, op cit., p. 19.

<sup>100</sup> Idem, ibidem, p. 32.

<sup>101</sup> MORTELETTE, op. cit., p. 29.

<sup>102</sup> VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 314

<sup>103</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 68.

<sup>104</sup> DENIS, loc. cit, p. 41.

<sup>105</sup> DUSOLIER, loc. cit, p. 48.

<sup>106</sup> D’AUREVILLY, Jules Barbey, loc. cit., p. 63.

<sup>107</sup> ALCESTE [Émile Zola], loc. cit., p. 103.

pensamento positivista, o Romantismo não havia esgotado suas fontes, e este, como outrora mencionado, era o movimento ao qual o Parnasianismo fazia oposição. Tem-se notícia, ainda, de que a estética foi ridicularizada por alguns de seus contemporâneos. O *Parnassiculet*, publicado após a divulgação de *Le Parnasse contemporain*, continha cerca de dez “peças de versos que imitam, a ponto de confundir, os processos poéticos de alguns *Parnasianos*”, satirizando-os.<sup>108</sup>

Paul Stapfer, em uma edição de abril de 1873 do *Le Temps*, ao dissertar de maneira bem-humorada sobre a poesia a ele contemporânea, afirmou que o Parnasianismo manteve-se distante dos leitores de seu tempo, o que o destinou ao ostracismo:

A poesia contemporânea, na maioria de suas obras e de seus autores, é impopular e quer sê-lo. A despeito do que se produziu no teatro, nas revistas e nos jornais, ela é dificilmente conhecida pela massa do público letrado. Os artigos escritos sobre ela podem interessar o espírito, mas este é apenas um interesse por pura curiosidade [...]. É que os poetas estão no alto, bem longe, no cume do Parnaso; ali eles formam uma espécie de cenáculo glorioso e tranquilo onde cada um goza sem perturbação as belas leituras em comum e não se dão conta do julgamento de seus pares. Os versos recitados nessas regiões serenas não estão ao alcance da audição nem da inteligência do povo embaixo; Bom! Fazemos arte pura, e a bela forma basta.<sup>109</sup>

Alfred Thibaudet, crítico que desenvolveu estudos sobre Mallarmé e Valéry, declarou que os parnasianos não acrescentaram *frisson nouveau* à literatura francesa.<sup>110</sup> No mais, o Parnasianismo teve sua unidade afetada pela Guerra franco-alemã de 1870, que opôs o Segundo Império francês e o reino na Prússia. Seu arremate se deu após a publicação do último *Parnasse contemporain*. Há investigações que determinam que seus principais membros alcançaram a consagração nos anos de 1880 e no início de 1890, resistindo ao advento no Simbolismo na França.<sup>111</sup> Outros, como o brasileiro Sânzio de Azevedo, afirmam que a derrota do Parnasianismo francês ocorreu em 1890, apesar da publicação, em 1893, de *Les Trophées*.

Em Portugal, o Parnasianismo teve expressão nos versos de Gonçalves Crespo, poeta brasileiro radicado em território luso e que obteve certo renome. Entretanto, deve-se considerar que, na literatura portuguesa, a poesia parnasiana posicionou-se de maneira indefinida, não alcançando *status* de movimento pronunciado.<sup>112</sup> Tal informação nos leva a supor que, ainda que entre os literatos brasileiros se fizessem conhecidas obras portuguesas

<sup>108</sup> LAINCEL, loc. cit., p. 95.

<sup>109</sup> STAPFER, loc. cit., p. 132.

<sup>110</sup> AZEVEDO, op. cit., p. 17.

<sup>111</sup> MORTELETTE, op. cit., p. 36.

<sup>112</sup> MONTEALEGRE, Duarte de. *Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro*. Coimbra: Coimbra, 1945. p. 13.

precursoras do Parnasianismo, como a *Visão dos tempos e Tempestades sonoras*, de Teófilo Braga (1864), e as *Odes modernas*, de Antero de Quental (1865), os pilares do nosso Parnaso fixaram-se na literatura francesa.

## 2.7 O Parnasianismo no Brasil

Como apontado no primeiro capítulo, os princípios ideológicos e literários franceses popularizaram-se no Brasil nos anos de 1800. Assim, uma série de costumes e ideias francesas integrou-se não apenas ao cotidiano da população, mas, igualmente, às páginas dos jornais que circulavam no país.

O Parnasianismo encontrou ares promissores para sua afirmação no Brasil, diferentemente do que ocorreu na França. Foi, possivelmente, introduzido entre os nossos literatos por Artur de Oliveira, que trouxe de Paris as novidades literárias, difundindo, em particular, *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire. Especula-se, também, que ele tenha sido, em sua estada na França, que perdurou entre 1870 e 1873, próximo de Gautier e de Leconte de Lisle.

É necessário considerar que diversas reações anti-românticas também precederam a edificação do Parnasianismo no Brasil. Escritores e leitores presenciaram, na ocasião, a “(...) luta contra o Romantismo declinante, que deu lugar a escaramuças entre partidários de tradição e renovadores”,<sup>113</sup> o que foi instaurado, primeiramente, pelos adeptos da poesia filosófico-científica, da poesia realista e da poesia socialista.<sup>114</sup> Defende-se, também, a concepção de que a poesia de Castro Alves rumou à objetividade, o que prenunciou o Parnasianismo.

No tocante ao aspecto social, esse declínio do pensamento romântico não foi algo gratuito. De certo modo, tudo aquilo que se vinculava ao Império era sinônimo de empobrecimento e retrocesso. As instituições imperiais não condiziam com os anseios pelo progresso, a exemplo da escravidão, que perdurou no país até 1888, e que representava o atraso das relações de trabalho que ainda vigoravam. Sabe-se que, em meados do XIX, com a queda da produção da cana-de-açúcar, do tabaco e do algodão no Nordeste, bem como o fim do tráfico negreiro, o investimento econômico de maior relevância passou a ocorrer no Centro-Sul, significando o surgimento de práticas diversificadas, como a abertura de bancos e

<sup>113</sup> CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 27.

<sup>114</sup> Discorreremos sobre essas manifestações poéticas no capítulo dedicado ao Simbolismo.

estabelecimentos comerciais, o que edificava o ideal de ordem material e era sinônimo de desenvolvimento. Aliado a isto, está o fato de D. Pedro II não ter sido visto por seus contemporâneos como um bom administrador; ressaltava-se, com frequência, a sua dificuldade em lidar com os problemas nacionais.

A segunda metade do século XIX também se particularizou pelo surgimento de novos modelos de família, de concepções de amor e de mudanças no estrato da intimidade das casas, fatores que ditavam novas relações. Para Sodré, emergiram novos modelos de vida, de enriquecimento e de destaque, e a literatura “(...) não poderia ficar imune a alterações tão importantes. Na medida em que elas se acentuam, o romantismo entra em declínio. Não é exagero, de forma alguma, ligar esse declínio à ascensão da classe média”.<sup>115</sup> Entre os homens cultos, as discussões pautavam-se nos temas da Abolição e da República, que eram sinônimos de avanço. Em contrapartida, como se mencionou, o prestígio do Império declinava, dando lugar a aspirações próximas do ideal republicano. O discurso, na literatura, precisava, do mesmo modo, ser coerente com esses propósitos.

Em 1878, as colunas do *Diário do Rio de Janeiro*, bem como a de outros jornais cariocas, constituíram pano de fundo para a chamada “Batalha do Parnaso” (ou “Guerra do Parnaso”). A peleja não foi um manifesto parnasiano, mas expressão da “Ideia Nova”, que era sinônimo de realismo, e preparou o cenário para a consolidação dessa vertente poética. Deve-se considerar que as origens dessa batalha remetem à recepção de *O Primo Basílio* no Brasil, momento que chamou a atenção para novas perspectivas sobre a representação da realidade em literatura, atribuindo novos contornos à poesia, que estavam afinados ao aspecto formal e ao aniquilamento da postura adotada pelos poetas românticos. Pode-se assegurar que a disputa colocou em polos opostos o conservadorismo, associado ao pensamento romântico, e a renovação, que uniu Realismo, ciência e progresso. De certo modo, as expectativas de novas configurações sociais se refletiram de modo latente na literatura. Participaram do debate brasileiro Teófilo Dias, o já citado Artur de Oliveira, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães e Alberto de Oliveira.

A publicação, ainda em 1878, dos *Cantos do fim do século*, de Sílvio Romero, proclamou decisivamente o que se acreditava ser a derrocada da escola romântica. Olavo Bilac ressoou sua “Profissão de fé”, que é lembrada como programa de nossos parnasianos – e que indica o flerte do brasileiro com os versos de “*L’Art*”, nos quais Théophile Gautier apregoa que o artista deve ser um operário e distinguir todos os recursos da língua e do verso,

---

<sup>115</sup> SODRÉ, op. cit, p. 347.

dando preferência às formas mais trabalhosas. Em suas conhecidas estrofes, Bilac usou como epígrafe um dístico de Victor Hugo, presente em *Les contemplations*, de 1856. Para Hugo, o poeta é *ciseleur*, que na ode bilaquiana é o ourives. A forma é antropomorfizada na figura da “Deusa serena”, assim como ocorre com o “Estilo”.

Em 1880, na *Revista de Ciências e Letras*, que era dirigida por Raimundo Correia, foi publicada uma declaração contra o Romantismo, apontada como uma espécie de “brado revolucionário”. Pouco depois, em 1882, foram lançadas as obras *Fanfarras*, de Teófilo Dias, e as *Sinfonias*, de Correia, que são indicadas como instituidoras definitivas do Parnasianismo brasileiro, cuja doutrina alcançou maior notoriedade a partir de 1883. Wilson Martins, em sua *História da inteligência brasileira*, recorre ao papel de Luís Defino para a implantação da estética no país, com seus sonetos (1883).<sup>116</sup> O autor adverte sobre a existência de uma carta escrita por Olavo Bilac a Alberto de Oliveira, e declara que tal missiva seria uma espécie de doutrina do Parnaso brasileiro:

Embora relativamente pouco conhecida, essa carta pode ser considerada como a primeira formulação doutrinária do Parnasianismo *brasileiro*, reduzido por Bilac aos seus aspectos puramente formais, isto é, de rigor formal; era elemento por assim dizer exterior e instrumental, pois as emoções líricas continuavam a constituir a substância mesma da poesia.<sup>117</sup>

Afirma-se que as *Canções românticas*, de Alberto de Oliveira, foram, igualmente, prenunciadoras do Parnasianismo. A designação de “parnasianos” aos poetas brasileiros se deu a partir de 1886, com a publicação da segunda edição de *Sonetos e rimas*, de Luís Guimarães, e do prefácio de Fialho de Almeida, que classificou Guimarães como parnasiano. Manuel Bandeira também apresentou sua perspectiva sobre esse momento:

[...] a data de 86 marca, com a publicação de *Sonetos e poemas*, de Alberto de Oliveira, a cristalização do movimento anti-romântico em moldes chamados parnasianos porque os seus orientadores vitoriosos se reclamavam dos parnasianos franceses. Até então não se falava de parnasianismo: falava-se sempre e muito era de “realismo”, “Nova Ideia”, “ciência”, “poesia social”.<sup>118</sup>

Não se pode deixar de examinar o papel exercido por Machado de Assis na difusão de alguns dos princípios parnasianos. Machado foi defensor da economia e da sobriedade das imagens, da precisão vocabular e a da correção métrica e gramatical. Foi, ele mesmo, influenciado pelo *Tratado de metrificação portuguesa* (1891), de Antonio Feliciano de

<sup>116</sup> MARTINS, op. cit., p. 156

<sup>117</sup> Idem, ibidem, p. 255.

<sup>118</sup> BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. p. 8

Castilho. Em 1879, publicou o texto “A nova geração”, no qual discorre sobre os poetas de seu tempo e sobre a derrocada do pensamento subjetivo e romântico, além de exaltar o verso alexandrino. Nesse mesmo texto, o criador das personagens Quincas Borba e Brás Cubas evidencia a qualidade dos versos de Alberto de Oliveira. Tem-se notícia de que o escritor aconselhou Oliveira, no que concerne à obra *Meridionais*, de 1883, tendo-o como uma espécie de “protegido”. Segundo o autor de *Dom Casmurro*, o livro – do qual foi prefaciador – reúne as mais notáveis composições de Oliveira e constitui reflexo do que seria o Parnasianismo brasileiro.

Pensamentos semelhantes ao de Machado, quanto à correção gramatical, diferença entre parnasianos e simbolistas, eram correntes na época. José Veríssimo, por exemplo, versou sobre a condição da escrita no Brasil. Ao examinar textos literários, Veríssimo constatou que, no país, a ortografia também era passível de preocupação, pois eram muitos os que inventavam grafias para as palavras. O crítico também censurou os escritores que abusavam de epítetos e de “estilo empolado”, afirmando que o desrespeito aos acordos gramaticais e ortográficos ocorria devido à falta de uma autoridade que “assentasse a nossa gramática e a nossa ortografia”.<sup>119</sup> Assim, concluímos que era reputado o conceito de que o bem versejar era sinônimo de domínio do léxico e da sintaxe, o que se irradiou entre os versos parnasianos.

São reconhecidos como nomes de relevo do Parnasianismo os de Raimundo Correia, autor de *Versos e versões* (1887); Vicente de Carvalho, que assinou as obras *Ardentias* (1885), *Relicário* (1888), *Rosa, rosa de amor* (1902) e *Poemas e canções* (1908); e os já referidos Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Entre eles, cultuava-se a Antiguidade Greco-Romana e as cenas da Mitologia Greco-Latina,<sup>120</sup> além do amor, do exotismo, do fluir do tempo e da descrição da paisagem brasileira. E esses representantes buscavam apregoar em suas estrofes aquilo que foi preconizado por Leconte de Lisle e Théophile Gautier: objetividade na descrição, abolição do transbordamento afetivo, – o que não significa a extinção do sentimento – e o cuidado formal. Nossos poetas estimavam o verso alexandrino e restauravam formas então avaliadas como antigas, a exemplo do triolé,<sup>121</sup> do rondó<sup>122</sup> e da

<sup>119</sup> VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977. p. 105.

<sup>120</sup> Brito Broca, em *A vida literária no Brasil – 1900*, afirma que a Grécia foi tema triunfante em nossas Letras, sobretudo a “(...) Grécia de cartolina, puramente decorativa, nada tendo de comum com o verdadeiro espírito helênico, que dominava por toda parte”. (BROCA, op. cit., p.154).

<sup>121</sup> Estrutura que conta com uma ou mais oitavas, contendo apenas duas rimas.

<sup>122</sup> Três estrofes: uma quintilha, um terceto e uma quintilha; versos octossílabos e apenas duas rimas.

sextina.<sup>123</sup> Seus poemas eram, usualmente, marcados pelo emprego de comparações e metáforas, além de um discurso descritivo e narrativo. Era evidente o apreço pelo *mot juste*, ou seja, a “palavra exata”, e pela exaltação da língua portuguesa, como o fez Olavo Bilac, em “Língua portuguesa”:

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tem o tom e o silvo da procela,  
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!<sup>124</sup>

Cabe salientar que essa valorização da escrita comedida e bem elaborada possui raiz na formatação social do período, que foi um momento fortuito para a motivação do que se concebia como inteligência:

Tal valorização [da língua portuguesa], aliás, transcendeu os limites comuns e até amplos da inteligência que tem sempre várias formas de se afirmar, para valer-se de sua manifestação especificamente literária, o que foi mais importante. Tudo isso concorreu para que surgisse um excesso e um desvio, próprio da época: aquele rigorismo formal, a tendência ao apuro e à limpeza no uso do idioma, a obediência disciplinada ao modelo que a tradição proporcionava, acabando por transferir ao instrumento um caráter finalista, com uma exigência artesanal levada ao descomedimento.<sup>125</sup>

Aquilo que se cultivou nas estrofes parnasianas atendia às aspirações dos homens de Letras dos últimos anos dos 1800. Eles se baseavam em um espírito de época que, como já se mencionou, prezava a exaltação da ciência e a negação do espiritualismo, além da busca do progresso, ideal vigente que se vinculava ao advento da República e à afirmação do capitalismo industrial. Acreditava-se que as mudanças no espaço urbano “não eram compatíveis com as concepções literárias anacrônicas e arcaicas”.<sup>126</sup> Lutava-se contra a precariedade das instituições e as manifestações populares que ainda tomavam conta do país.

<sup>123</sup> Seis estâncias de seis versos, acompanhadas de um terceto final, que constitui uma espécie de remate.

<sup>124</sup> BILAC, Olavo. Língua portuguesa. *Poesias*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 272.

<sup>125</sup> SODRÉ, op. cit., p. 432.

<sup>126</sup> MARTINS, op. cit., p. 29.

A necessidade corrente era a de modernização da estrutura social e política, bem como o estabelecimento de um modo de vida aos moldes europeus. O discurso parnasiano,

[...] classicizante e impassível, homólogo perfeito daquelas teleologias e daquelas práticas políticas e culturais como a República e a crônica social, foi o ingresso pago pelos letrados para sua própria absorção nos quadros ideológicos do poder constituído, num espetáculo em que, se não estavam no palco desempenhando os papéis principais, pelo menos garantiram bom lugar na plateia para aplaudir freneticamente o sucesso de produção.<sup>127</sup>

De acordo com Salete de Almeida Cara, em seu academicamente reconhecido estudo intitulado *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*,<sup>128</sup> buscava-se, nesse período, modelos de linguagem que estabelecessem a legibilidade e que se representasse aquilo que era concebido como “real”, o que parece se inspirar nos conceitos de verossimilhança de Aristóteles, pensador que era favorável à representação, na poesia, da existência do ser humano. Era o tempo, segundo as palavras de Alfredo Bosi,<sup>129</sup> da “arte da palavra precisa”. Ainda que o Parnasianismo brasileiro não tenha seguido fielmente o arquétipo francês, no que concerne ao extremo da objetividade,<sup>130</sup> foi movimento que não se rendeu à dita “obra de invenção”, sendo capaz de corresponder à necessidade coletiva de semelhança e verdade na literatura, satisfeita, por exemplo, por Olavo Bilac, que apresentava simplicidade e plena comunicabilidade em seu texto.<sup>131</sup>

É significativo aproximar as suposições de Cara daquilo que afirmou Nelson Werneck Sodré. Para ele, o Parnasianismo brasileiro só atingiu o *status* de legível porque não levou aos extremos o “luxo verbal” e a artificiosidade, o que se deveu ao fato de que os nossos parnasianos ainda perpetuavam traços do linguajar romântico que, como aponta Sodré, foi poética que se ajustou em um discurso que estava ao alcance de todos.<sup>132</sup>

Os intelectuais brasileiros do XIX pautavam-se em concepções do Positivismo, do Materialismo e do Determinismo, e, no Brasil, a geração que iniciou sua vida intelectual a partir da década de 1870 esteve impregnada desse pensamento.<sup>133</sup> Na crítica literária, era corrente a linhagem sociológica, que primava pelo cientificismo e que compreendia a obra

<sup>127</sup> FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 93.

<sup>128</sup> CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio, 98). p. 10.

<sup>129</sup> BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.) *O Brasil republicano*. São Paulo: Difel, 1977. v.2. – Sociedade e Instituições (1889-1930), p.293-319. (História Geral da Civilização Brasileira, direção geral de Sérgio Buarque de Hollanda, tomo III). p. 297.

<sup>130</sup> RAMOS, Péricles Eugênio de. *Do Barroco ao Modernismo estudos da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1968.p. 151.

<sup>131</sup> CARA, op. cit., p. 16.

<sup>132</sup> SODRÉ, op. cit., p. 453-454.

<sup>133</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 4. v. Rio de Janeiro: Global, 1997. p. 23.

literária como criação coletiva, e o acervo idealista era tido como esgotado. “Morto” o Romantismo, entrava em voga o desejo pela laicização, o anticlericalismo e o racionalismo. Com isso, ao menos teoricamente, não ganhavam vez obras que remetessem à dita “escola subjetiva”, isto é, ao Romantismo, ao qual o Parnasianismo fazia oposição. E essas premissas eram resultado das novas configurações da sociedade brasileira: mudanças estruturais, modernização e industrialização demandavam obras literárias que exprimissem o que era relativo à época, ou mesmo um prospecto da realidade.

Pode-se salientar que o período de 1880 até 1908 – ano da morte de Machado de Assis – caracterizou-se pela presença de uma tendência que estimava o decoro e que procurava instaurar na literatura “os padrões de dignidade exterior, de respeitabilidade burguesa, que lhe assegurassem a consideração do público”.<sup>134</sup> Essa ala triunfou sobre os ecos de uma boêmia vigorosa e, também, findou por impor seu comedimento às expressões literárias do período.

Para Manuel Bandeira, o protótipo de “musa inspiradora” dos românticos foi abolido pelas novas tendências, o que colaborou para a instauração de novos padrões literários na poesia. Lançando mão de uma consideração de caráter sociológico, o modernista assegurou que, com a “extinção da escravidão, acabou-se também em breve o tipo da ‘sinhá’, que era a musa inspiradora do lirismo romântico, e a moça brasileira foi perdendo rapidamente as características em três séculos e meio de civilização patriarcal”.<sup>135</sup>

A poesia dos representantes do Parnaso manteve-se imperante no final do XIX, e os poetas adentraram o século XX de maneira triunfante, sustentados por uma geração de epígonos, em sua maioria nascidos depois de 1880, como Goulart de Andrade e Martins Fontes. Apesar da voga crescente “de nacionalismo e valores nacionais por que passava a intelectualidade na época que precedeu à primeira guerra mundial, não conseguia apagar os vestígios parnasianos”.<sup>136</sup> Até a década de 1960, publicavam-se e editavam-se com assiduidade obras de Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Bilac.

São diversas as informações que reforçam a notável presença do Parnasianismo em nossas Letras. A recorrência às páginas da *Gazeta de Notícias* mostrou que essa vertente

---

<sup>134</sup> CASTELLO, José Aderaldo. MELO E SOUZA, Antonio Candido. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 90.

<sup>135</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 18.

<sup>136</sup> ASSUMPCÃO, Nívea. *O parnasianismo como fenômeno da cultura brasileira em conflito entre kitsch e vanguarda*. São Paulo, 1979. Dissertação de Mestrado. p. 90.

estabeleceu-se de maneira definitiva na literatura brasileira, não apenas limitando-se ao Rio de Janeiro, mas integrando-se às manifestações literárias dos demais estados brasileiros.<sup>137</sup>

## 2.8 A poesia lírica na *Gazeta de Notícias*

A *Gazeta de Notícias* foi importante meio de difusão da poesia lírica no momento em que o Parnasianismo vigorou de forma expressiva na literatura nacional. Este dado se confirma em números: entre os anos de 1890 e 1900, o jornal publicou cerca de 1.100<sup>138</sup> poemas.

De modo geral, os textos de cunho lírico eram estampados entre a primeira e a terceira página dessa folha. Apenas 24 poemas constam da quarta página, e cinco podem ser encontrados na quinta, em edições que contaram com mais de quatro páginas.

Observamos que a divulgação de poemas pela *Gazeta*, nos anos de 1890, apresentou momentos de altos índices e, igualmente, de decréscimo. Notamos, também, que os maiores referentes se davam no primeiro semestre de cada ano. O ano de 1894 e o de 1896 registram os indicadores mais elevados, no que concerne à publicação de poemas. Em 1894, foram tornados públicos 149 poemas, e os meses de maior número de publicações foram janeiro e junho (o primeiro com 19 e o segundo com 18 poemas). O ano de 1896, do qual constam 153 escritos de cunho lírico, apresentam os meses de janeiro e março como os que contabilizam mais poemas (17 e 18 poemas, respectivamente).

Em posição oposta, encontra-se 1898, com apenas 54 poemas. Nos primeiros anos da década, o número de poemas manteve-se elevado (em 1890, foram divulgados 148 poemas; em 1891, 113; e, em 1892, 80), ocorrendo uma queda significativa em 1893 (66 poemas). Uma nova ascensão ocorreu em 1894, o que perdurou até 1897, cujos meses apresentam um total de 94 poemas. Os anos de 1898 a 1900 mostram outra baixa: juntos, contabilizam apenas 121 poemas. Um leve acréscimo acontece em 1900, ano de otimismo com o novo regime no Brasil. Seguem, abaixo, os números, ano a ano, de poemas publicados na *Gazeta*, a título de conhecimento:

<sup>137</sup> Para maior conhecimento, recorrer à obra de Sânzio de Azevedo.

<sup>138</sup> A imprecisão de tal soma se deve ao fato de que alguns números da *Gazeta de Notícias* encontram-se manchados e mutilados. Além disso, o mês de dezembro de 1893 não consta dos microfilmes consultados, porque a *Gazeta* foi suspensa pela ditadura de Floriano Peixoto.

**Tabela 4** – Número de poemas publicados nos anos de 1890

Ano	Número de poemas publicados
1890	148
1891	113
1892	80
1893	66
1894	149
1895	97
1896	153
1897	94
1898	54
1899	67
1900	78

Há proposições para a diminuição do número de poemas em alguns dos anos estudados. Sabe-se que, até 1892, o Brasil presenciou um período de expansão, com a fundação de novas companhias e bancos, e que esse desenvolvimento seguiu-se de uma grande quebra.

A história registra a violência que resultou da busca de objetivos tão conflitantes. Em 1889, logo após o golpe militar, instalou-se um Governo Provisório. Dois anos depois, uma Assembleia Constituinte elaborou uma Constituição federal e obedientemente elegeu Deodoro como presidente e Floriano como vice. No mesmo ano, Deodoro tentou um golpe contra o Primeiro Congresso, desarticulado por um contragolpe de Floriano, que assumiu a Presidência. Em 1893, uma guerra civil no Rio Grande do Sul antecedeu uma revolta naval no porto do Rio: os líderes de dois levantes se aliaram, e combateram ferozmente a República até 1895. Em 1896, uma rebelião no interior da Bahia transformou-se, em virtude das repetidas derrotas republicanas, em ameaça de grandes proporções, exigindo enorme esforço do Exército para ser sufocada em 1897. No mesmo ano, o primeiro presidente civil escapou por pouco de ser assassinado por um oficial subalterno. Todos esses eventos foram marcados do início ao fim pelo impacto debilitante de um tremendo ciclo de instabilidade econômica, desencadeado por um período de inflação, investimentos, e especulação que ficou conhecido como o Encilhamento.<sup>139</sup>

Em 1893, ensaiou-se a derrubada de Floriano Peixoto do poder, por Custódio de Melo e demais oficiais, que embarcaram no navio capitânia *Aquibadá* para desencadear o movimento de oposição ao Marechal no Rio de Janeiro. O local foi palco do ápice da Revolta da Armada – o que pode ter acarretado a suspensão da *Gazeta de Notícias* em dezembro do mesmo ano – e acompanhou a guerra civil no Rio Grande do Sul,<sup>140</sup> bem como os iniciais movimentos do conflito em Canudos (1893-1897), para onde a *Gazeta* enviou seus

<sup>139</sup> NEEDELL, op. cit., p. 29.

<sup>140</sup> Idem, ibidem, p. 29.

correspondentes.<sup>141</sup> O jornal noticiou com frequência os acontecimentos do arraial de Antonio Conselheiro, de seu início a sua derrocada. Em 31 de janeiro de 1897, a coluna “A Semana” foi dedicada integralmente a fornecer informações e opiniões sobre Conselheiro.<sup>142</sup> Supomos, assim, que, em diversos momentos, as atenções dos periódicos brasileiros voltaram-se majoritariamente para as agitações de ordem política, mantendo as manifestações literárias em segundo plano e desarticulando a própria vida literária do Rio de Janeiro.

Quanto à queda no número de poemas publicados ao final da década, ela pode ter se dado, talvez, por conta da gradativa substituição da imprensa artesanal pela imprensa industrial, ou seja, modificações no campo da circulação e o desaparecimento do jornal como empreendimento individual, novos anseios começaram a surgir entre os responsáveis pelos jornais e, concomitantemente, entre o público leitor de então, que desejava o progresso e o destaque a novos assuntos e gêneros nos periódicos, o que acarretou em alterações. Estas foram descritas por Sodré:

Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo columnismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assunto de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condição de redigirem objetivamente reportagens, entrevistas, notícias.<sup>143</sup>

Antonio Arnoni Prado versa, em sua obra *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*, sobre a modernização do espaço e das condições nas quais se inseria o leitor do final dos oitocentos e a já citada busca do progresso no próprio fazer literário:

Com a incorporação de um número cada vez maior de leitores, o gosto pelo consumo e pela novidade, ao mesmo tempo que acenava com a glória e expandia o mercado, impunha a diversificação do trabalho intelectual e obrigava a novas formas de se escrever, que passam a repercutir na estrutura dos gêneros, dinamizando o ritmo da crônica, ampliando o espaço do poema, agora convertido em uma espécie de variação impressionista do relato-fragmento, a rivalizar com a reportagem e o conto, também aberto à linguagem dos espetáculos e dos maquinismos que aceleravam o momento histórico e o discurso empolado dos bacharéis.<sup>144</sup>

<sup>141</sup> ELEUTÉRIO, loc. cit, p. 89.

<sup>142</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 31 jan. 1897. p. 1, 4-5. col.

<sup>143</sup> SODRÉ, op. cit., p. 296-97.

<sup>144</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac e Naify, 2004. p. 16

A investigação da *Gazeta de Notícias* e a análise de seus poemas resultaram na conclusão de que, nesse jornal, imperavam os versos que se identificavam com o decálogo formal parnasiano, embora obras classificadas como românticas e ecos do Simbolismo se fizessem presentes. Contabilizamos um conjunto vultoso de estrofes que, se não representaram fielmente os matizes dessa corrente, flertaram intimamente com seus ditames.

Esta asserção baseia-se em alguns fatores. Vimos que os autores que obtiveram maior espaço na *Gazeta* são classificados como parnasianos pelos estudos da literatura nacional e que os preceitos formais empregados nos poemas indexados aproximam-se dessa estética. Além disso, a *Gazeta de Notícias* foi veículo de textos críticos que depreciavam o Simbolismo, corrente que, na época, foi considerada adversária do Parnasianismo.

## 2.8.1 Um Parnaso à brasileira

### 2.3.1.1 Poetas parnasianos

No século XIX, a poesia foi, como já se mencionou, gênero de sucesso. Brito Broca, ao aludir à produção poética do período em que o Brasil esteve envolvido na Guerra do Paraguai (1864-1870), assegurou que:

Em 1865, quando deflagrou a luta, o Brasil estava em pleno Romantismo e a mania poética grassava entre nós. Nessa época somente? Na verdade, nunca deixou de grassar no Brasil. Já o herói do *Peregrino da América*, no século XVII, acentuava: entre cem filhos do Brasil, dez poder-se-iam distinguir que não faziam versos.<sup>145</sup>

A afirmação de Broca nos leva a pensar que aqueles que se propuseram a versejar obtiveram certo reconhecimento entre os seus. Deve-se ponderar, outrossim, sobre o fato de que publicar em periódicos era algo vislumbrado por escritores e por aspirantes a essa ocupação, principalmente em um jornal como a *Gazeta* e em uma época em que tal ofício passou a integrar a vida social e deixou de ser atividade marginalizada. Prova disso é traduzida nas palavras de Olavo Bilac que, quando jovem, ecoou a sua satisfação em ver seus escritos nas colunas da *Gazeta de Notícias*. Ele disse que jamais se esqueceria do dia em que viu, pela primeira vez, em 1884, versos de sua autoria na página inicial dessa folha.<sup>146</sup>

<sup>145</sup> BROCA, Brito. *Teatro das Letras*. Coordenação de Alexandre Eulálio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 81.

<sup>146</sup> SIMÕES JR., op. cit., p. 177.

A *Gazeta* conceituava seus cronistas e poetas. Na edição de comemoração de seus 23 anos, em 1897, dedicou a sua primeira página aos versos de Olavo Bilac, Guimarães Passos e O. J. (que, na época, como citado no primeiro capítulo, assinava diversas traduções de poemas). Repetiu esse feito na primeira edição de 1898, que contou, novamente, com textos poéticos de Bilac, Guimarães Passos, além de Emílio de Menezes, Pedro Rabelo e B. Lopes.

Mostrou-se orgulhosa de Olavo Bilac, em 11 de novembro de 1900, ao publicar a seguinte nota sobre ele:

Pedimos a devida vênica aos nossos colegas do *Jornal do Comércio* para transcrever o telegrama seguinte, que se refere ao nosso querido companheiro Olavo Bilac, o insigne cronista dos domingos.

“BUENOS AIRES, 9 de novembro – *El Diario*, em seu artigo de apresentação de despedidas aos colegas que hoje partirão desta capital, destaca o grupo de Olavo Bilac, Félix Bocaiúva, Carlos Seidl, Henrique Hollanda e Filinto de Almeida.

Referindo-se a Olavo Bilac, diz o popular vespertino: “Dificilmente a nossa sociedade esquecerá o eloquente orador que ante nós ouvimos falar indiferentemente sobre qualquer assunto – sentimento, arte, comércio, indústria – e a auditório de qualquer sexo. Sempre a sua palavra foi eloquente, quer nos momentos em que ela se dirigia às senhoras de Buenos Aires, quer quando se dirigia às assistências numerosas, constituídas por pessoas do nosso sexo.

Ele demonstrou em todas as ocasiões as mais preciosas qualidades de orador, encantando-nos pela sua erudição, pela sua facilidade de falar e pela rara elegância do seu estilo”. [...] <sup>147</sup>

Manteve o seu rol de colaboradores assíduos, dentre os quais contam parnasianos de renome. Foram eles: Alberto de Oliveira, Magalhães de Azeredo e Elvira Gama. <sup>148</sup> Dentre os poetas que frequentaram suas páginas, B. Lopes apresentou maior número de poemas publicados entre 1890 e 1900 (77 poemas), seguido por Magalhães de Azeredo (53 poemas); Alberto de Oliveira (47 poemas); e Elvira Gama (46 poemas).

Da considerada tríade parnasiana, <sup>149</sup> Alberto de Oliveira foi aquele que mais divulgou seus versos, o que mereceu investigação particular. Tal primazia, talvez, tenha sido resultado do “apadrinhamento” de Machado de Assis, episódio já relatado neste texto. Olavo Bilac, cuja contribuição no jornal aumentou de maneira gradativa e que, em 1893, passou a ser seu colaborador fixo, publicou, no correr da década de 1890, 11 poemas. Este número menos elevado pode ser creditado ao fato de Bilac ter se dedicado, nos primeiros passos de sua carreira, mais às crônicas do que aos versos. Raimundo Correia, de *Sinfonias* (1883) e

<sup>147</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro. 11 nov. 1900. p. 2. 3. col.

<sup>148</sup> B. Lopes, Magalhães de Azeredo e Elvira Gama constituem caso particular neste estudo. Sobre B. Lopes, são feitas considerações no terceiro capítulo desta dissertação. No que se refere a Magalhães de Azeredo e Elvira Gama, serão feitas elucidações ainda neste capítulo.

<sup>149</sup> Eram apontados como a “tríade parnasiana” os poetas Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

*Versos e versões* (1887), apesar de ter sido julgado superior a Bilac, por ter trazido à luz poemas de métrica e rimas precisas,<sup>150</sup> teve somente quatro poemas tornados públicos pela *Gazeta*.

Alberto de Oliveira foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Assinou as seguintes obras: *Canções românticas* (1878); *Meridionais* (1884); *Sonetos e poemas* (1885); *Versos e rimas* (1895); *Poesias* (1900);<sup>151</sup> *Poesias escolhidas* (1933); e *Póstuma* (1944). Mesmo após a virada do século XIX para o século XX, manteve o seu reconhecimento: foi eleito, em 1924, príncipe dos poetas brasileiros. Já em 1927, João Ribeiro, crítico, filólogo e, também, parnasiano, e que era colaborador do *Jornal do Brasil*, afirmou ter sido Oliveira “o intérprete mais perfeito dos novos poetas da arte parnasiana”.<sup>152</sup> Ribeiro expressou indignação quando, em 1932, Alberto de Oliveira foi excluído da coleção *As cem melhores poesias líricas da língua portuguesa*, organizada, em Portugal, por Carolina Michäelis.<sup>153</sup> Diga-se de passagem, tudo isso ocorreu quando a Semana de Arte Moderna já havia ecoado seus brados contra o academicismo parnasiano, o que denota que Oliveira sobrepujou tal ojeriza entre os leitores.

A sua produção poética é dividida em fases, e estas detêm particularidades distintas, tais como a adoção de temas exóticos e a descrição da natureza brasileira. Alberto de Oliveira alternou em seus versos a impessoalidade almejada pelos parnasianos e certa nota de sentimento, o que significa que as aspirações do Parnasianismo brasileiro excluía o sentimentalismo exagerado, mas não a inspiração subjetiva. Este argumento foi defendido, também, por Péricles Eugênio da Silva Ramos, que asseverou que o Parnaso nacional eliminava a objetividade como traço imperativo, ainda que, como anteriormente citado, excluísse a sentimentalidade romântica. Alfredo Bosi, por exemplo, alcunhou Alberto de Oliveira de “romântico retardatário”<sup>154</sup> e José Veríssimo, contemporâneo a ele, elucidou essa convivência entre características poéticas aparentemente opostas da seguinte forma: “Transplantado para o Brasil, o parnasianismo francês modificou-se sensivelmente sob a ação das nossas idiossincrasias sentimentais, da nossa fácil emotividade e das tradições da nossa

<sup>150</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 18.

<sup>151</sup> A primeira série de *Poesias*, que sofreu retoques do autor, foi publicada em 1900; a segunda, em 1905; a terceira, em 1913; e a quarta, em 1927.

<sup>152</sup> RIBEIRO, João. *Crítica*. Organização, prefácio e notas de Múcio Leão. Rio de Janeiro: Edição da Academia Brasileira de Letras, 1957. 2 v. p. 13.

<sup>153</sup> Idem, ibidem, p. 16.

<sup>154</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo : Cultrix, 1978. p. 220.

poesia. A impersonalidade e sobretudo a impassibilidade não vão com o nosso temperamento”.<sup>155</sup>

A *Gazeta de Notícias* conta com textos de Alberto de Oliveira que podem ser considerados exemplares para a confirmação da proposição em questão. Não se trata de uma categorização temporal ou classificatória, mas sim de uma tentativa de caracterizar as diversas nuances adquiridas pela escrita de Oliveira, e de que modo a *Gazeta* foi ferramenta de divulgação de suas tendências poéticas.

A começar pelos poemas que se ativeram expressamente aos matizes parnasianos, como a correção métrica, a objetividade e a isenção do transbordamento sentimental por parte do sujeito poético, têm-se obras como “O sonho de Berta” e “A camisa de Olga”, publicadas, respectivamente, em 1890 e 1892. Nelas, há a descrição de *cenars*, além de menções que podem ser vinculadas ao ideário naturalista e a zoomorfização. No primeiro, existe uma figura feminina, Berta. Trata-se de mulher adormecida, cujo sono e candura são corrompidos por um grotesco besouro, que, nas estrofes finais, antropomorfiza-se. A estrutura do poema é causalista e, por parte do sujeito lírico, há o distanciamento. O feio, o horror e o obscuro dão a nota do Naturalismo, corrente contemporânea a Alberto de Oliveira:

I

Voa em redor; vai e vem; sobe e desce;  
Torna a subir e torna a descer...  
RAIMUNDO CORREIA – *Versos e Versões*

Soltando o cabelo de ouro  
Ao deitar-se, ondeante e farto,  
Viu Berta lhe entrar no quarto  
Um besouro.

- Já agora, exclamara ela,  
Não me levanto, é capricho,  
Para mostrar a este bicho,  
A janela;

Nem da toalha um açoite  
Farei contra este besouro;  
E sem mais, senhor agouro,  
Boa noite! –

Despiu-se. Nevada e lisa,  
Cheio do olor de sua pele,  
Tirou mesmo diante dele  
A camisa.

<sup>155</sup> VERÍSSIMO, op. cit., p. 315.

Deitou-se. É um mimo de Berta  
O corpo que a vista inflama,  
Assim como está na cama,  
Descoberta.

Cerra os olhos. Entretanto,  
O besouro, tonto, inquieto,  
Zumbe da alcova no teto,  
Zumbe a um canto.

Ao pé do espelho inclinado  
Zumbe, zumbe na parede.  
E de Berta agora, vede,  
Zumbe ao lado.

E Berta as pálpebras fecha  
Em vão, quer dormir um pouco  
Não a deixa o bicharoco,  
Não a deixa!

Ai dela! por seu cabelo  
Sente-lhes as asas... que inferno!  
Quem a livra desse eterno  
Pesadelo?

Ai dela! Noite sombria.  
As tardas horas apressa:  
A luz d'alva que apareça,  
Venha o dia!

Sobre o leito, em que deitada  
Está, volta-se ofegante  
Berta insone, a cada instante,  
De assustada.

As mãos cruzam, ensaia a prece,  
Mas tão trêmula do seio  
A alma vem, que a prece em meio  
Desfalece.

Pobre Berta! enfim sucumbe,  
Desmaia... Entretanto, às voltas,  
O besouro, as asas soltas,  
Zumbe, zumbe...

## II

O cavaleiro negro da desgraça!  
J. DE MORAIS SILVA – *O Besouro*.

O que Berta no seu sonho,  
Viu, inda hoje, se o refere,  
Negro horror a alma sugere,  
De medonho!

Viu nos braços, feio e rudo,  
Tomá-la, e a que em vão se escapa  
Um vulto, de negra capa  
De veludo.

E ao passo que a prende e aperta  
Nos braços, lhe ouve: - Agora  
Eis-te enfim com quem te adora,  
Minha Berta!

E colar-lhe ao rosto, - abjetos,  
Viu-lhe os bigodes compridos,  
Muito duros, parecidos  
Com uns espetos.

Ao pé deles, que afastava,  
Com as mãos ambas, como louca,  
Um buraco feito boca  
Resmungava...

Quis gritar, quis pela santa  
Chamar, a quem sempre reza;  
Mas a voz ficou-lhe presa,  
Na garganta.

Quis fugir. Um movimento  
Ao pobre corpo cativo  
Imprimiu rápido, vivo,  
Num momento...

Acordou. Loura e modesta  
Pairava na alcova linda  
Uma réstia de luz, vinda  
De uma fresta.

E, erguendo-se, em vago anseio,  
Achou Berta, espavorida,  
Um besouro, já sem vida,  
Junto ao seio.

Em “A camisa de Olga”, segundo exemplo mencionado, prevalece a descrição. Há a antropomorfização de um objeto – a camisa – e do vento. A camisa, alva e pura, representa a mulher virginal, que é violada pelo elemento masculino, personificado pelo vento. Surge,

novamente, a notação naturalista, que reflete sobre o fato de que o instinto humano é o responsável pelos impulsos, ainda que despudorados, do homem:

Deixa cuidosa mão que a ensaboara  
De Olga a camisa ao sol, rendada e clara,  
Clara de modo tal que o vento em breve  
De longe vê, de longe corre e ansioso  
A beijá-la se atreve.

-“Dá-me teu cheiro, linho delicioso!  
Diz, e, dizendo fortemente a aspira –  
Deixando envolver-me inteiro  
Na cava do decote onde – que cheiro!  
Bate seu peito e virginal suspira.”  
Mas retrai-se a camisa, dobra a dobra,  
- Larga-me! fala e ao vento ousado exprobra:

- “Só, qual me vejo, dela assim vazia,  
O ímpeto brutal sofro a este vento,  
Se ela estivesse aqui neste momento  
E eu a vestisse, ele que não faria!

Coube-me a vez de reparar o quanto  
Lúbrica a Natureza a tudo empresta  
Esta força fatal que pode tanto  
E por beijos brutais se manifesta.

Coube-me a vez de vir notar e triste  
Que aquela mesma falta a respeito,  
Que é nos homens um péssimo defeito,  
Também no vento muita vez existe.”

Em outros momentos, a *Gazeta* deu vez a poemas de Alberto de Oliveira que beiram a expressão romântica. “Paredes nuas”, por exemplo, é um poema de marca subjetiva. O eu-lírico expõe seus sentimentos, expressando o seu sofrimento, bem como a correspondência de seu pesar com o ambiente que o circunda. O sujeito poético, aos moldes dos cavaleiros que buscavam o Graal, sai em busca do ser amado. Em um misto de realidade e delírio, visualiza o destinatário de sua afeição em uma parede branca – que inspira, inclusive, a candura e a ingenuidade. Ao final das estrofes, como um Pigmalião, depara-se com a decepcionante realidade: à sua frente, encontra-se um frio muro de concreto, e não a pessoa que venera:

Da meia noite (a lua brilha) adeja  
A alma sobre o arraial. Que triste a lua  
Horas mortas assim, quando da igreja  
Alva destaca-se a parede nua.

Alma cheia de sonhos, recordando  
 Meus sonhos mortos, - pela noite fria  
 Uma saudade vai me acompanhando  
 E entre as sombras, ali, meus passos guia.

Que noite! Dorme a luz do luar gelado,  
 Dormem as casas da deserta rua...  
 E aqui, ali, de um lado, de outro lado,  
 - Forma espectral – uma parede nua!

Para além a campina – a massa informe  
 Das árvores compondo um véu sombrio;  
 E o rio que as estrelas olha e dorme,  
 E as estrelas banhando-se no rio.

Lá, cercada de ramos, o tapete  
 Flóreo deixando, que visão flutua  
 É uma estátua de neve? É um palacete,  
 Sai dentre as folhas com a parede nua.

A alguns passos da estrada, o cemitério  
 Eis surge agora... Mas que forma estranha  
 Tenho ante os olhos! mas que vulto aéreo  
 Este que a lua um reflexo banha!

É ela! É o todo seu, claro e perfeito!  
 É o seu fantasma: é a doce imagem sua...  
 - Não! É um corpo de cal que aperto ao peito,  
 É um corpo frio – é uma parede nua!

Pode-se dizer, ainda, que, na *Gazeta*, Alberto de Oliveira mostrou sua reflexão sobre a existência humana, o que se exemplifica no poema “Os caniços”, de 1891. Sabe-se que, no Brasil do XIX, permeava, no nível ideológico, a certeza de um “fado irreversível” que se concretizava no determinismo. Via-se, na época, uma arte que se expressava de forma negativa, ilustrando a “dialética de revolta e impotência a que tantas vezes se tem reduzido a condição do escritor”.<sup>156</sup> Assim, conclui-se que o poema de Alberto de Oliveira, em sua visão desfavorável diante da vida, casa-se com aquilo que era corrente no pensamento de seu tempo.

#### Os Caniços

Sopra mais forte e leva-nos contigo,  
 Vento da tarde, parte-nos ao meio  
 E os caniços do brejo, vento amigo  
 Leva em teu seio!

---

<sup>156</sup> BOSI, op. cit., p. 168.

Por que existimos? por que assim vivemos,  
Assim, curvos de dor, de tanta mágoa,  
E a sombra nossa desolados vemos  
No espelho d'água?

Sopra mais forte, vento, que nos vales  
Harpa invisível tanges dolorida,  
Sopra, e leva contigo nossos males,  
Levando a vida!

#### O VENTO

Ouvi! para este lado se dirige,  
Do sol no Ocaso ao derradeiro raio,  
Um homem. No pesar que vos aflige,  
Interrogai-o!

#### O HOMEM

... E a terra, o sol, o espaço, o firmamento,  
E Deus, em longo e prolongado estudo,  
Misero verme, interroguei sedento...  
Debalde tudo!

#### OS CANIÇOS

Homem, de cuja boca a luz do Ocaso,  
Estranhas vozes pávidos ouvimos,  
Saberás nos dizer, homem, acaso  
Por que existimos?

#### O HOMEM

Debalde! E o inimigo atroz que me enlouquece,  
A negra esfinge em toda a parte avisto...  
Se alguns desses caniços me dissesse  
Por que é que existo!...

Alberto de Oliveira foi poeta de produção popular. Suas obras, em suas diferentes notações, revelam o que caracterizou a poesia parnasiana, e de que modo a *Gazeta de Notícias* contribuiu para a sua divulgação. O Parnasianismo, no entanto, não se limitou apenas a nomes. Ele deu vida a concepções demarcadas, no que se refere aos aspectos formais e aos temas da poesia lírica, o que será discutido nas próximas páginas.

### 2.3.1.2 Forma e expressão

A análise dos poemas da *Gazeta de Notícias* resultou em reflexões acerca dos preceitos formais mais empregados no último decênio do XIX. A maioria dos poemas indexados foi escrita sob a concepção que se vincula ao ideário parnasiano, apresentando meticulosidade na construção poética. São escassos os que possuem versos brancos, bem como estrofes e rimas irregulares.

A época era de reação contra o “desleixo” romântico. Muitos poetas, nas segundas edições de seus livros, modificaram algumas de suas composições, a fim de se adequarem à correção métrica e gramatical do Parnasianismo. Aqueles que não seguiam as regras do Parnaso eram censurados. Sob o pseudônimo de J. dos Santos, Medeiros e Albuquerque, em sua coluna “Crônica Literária”, publicada no vespertino *A Notícia*, distribuiu críticas aos que não se adequavam às ditas normas do bem fazer poético. Em crônica publicada em 11 de fevereiro de 1898, discorreu sobre o fato de Marcos de Castro, em seus *Versos proibidos*, ter composto versos octossílabos:

O livro [*Versos proibidos*] é muito desigual. A par de poesias onde se sente a ciência métrica do autor, há versos francamente errados e outros enfim muito desgraciosos.

É possível, entretanto, que estes últimos tenham principalmente por causa da tendência do poeta a procurar ritmos novos. Nesse caso, o que a mim me parece desgracioso, pela minha longa educação, por assim dizer *professional*, pareceria talvez a qualquer leitor sem os meus preconceitos como muito agradável. A maioria das poesias está composta em versos de 9 e de 8 sílabas, ora simples, ora combinados.

Há talvez aí um efeito da deplorável influência que *Os Simples* de Guerra Junqueiro exerceram sobre muitos escritores. O certo é que data mais ou menos desse livro infinitamente pífio a ressurreição do verso de 8 sílabas.<sup>157</sup>

Alguns metros e determinadas formas eram mais populares entre os colaboradores da *Gazeta*. No que concerne à métrica, observamos que as estrofes de quatro versos foram empregadas com expressiva frequência. Cerca de 409 poemas apresentam quadras em suas respectivas formas, sejam compostos apenas de quartetos ou constituídos por estrofes de quatro versos em combinação com outros de diferentes números de versos. Tal medida alcançou notoriedade no período, e isso era algo reconhecido pelos literatos.<sup>158</sup> Sabe-se, também, que, desde a Idade Média, a quadra alcançou extrema popularidade, mantendo-se constante nas líricas vernáculas.

<sup>157</sup> SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 11 de fev. de 1898. p. 2. 1. col.

<sup>158</sup> BILAC. PASSOS, op. cit., p. 86.

Quanto às formas fixas, constatamos a pronunciada preferência pelo soneto: 501 dos 1.100 títulos divulgados pela *Gazeta* apresentam essa disposição,<sup>159</sup> o que corresponde a quase metade da soma total. Consta da tabela abaixo o número de sonetos publicados, ano a ano, pelo jornal:

**Tabela 5** – Número de sonetos publicados a cada ano

Ano	Sonetos publicados
1890	57
1891	28
1892	18
1893	23
1894	77
1895	40
1896	90
1897	47
1898	27
1899	42
1900	52

Composição de quatorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos, o soneto foi caro aos poetas dos anos de 1890. Considera-se, ainda, que o Parnasianismo foi o “reinado do soneto”. Para Antonio Dimas, “(...) brasileiro que desejasse ser *bien réussi* na sociedade deveria estar sempre armado de um soneto, pronto para ser disparado assim que a ocasião exigisse”.<sup>160</sup> Olavo Bilac e Guimarães Passos também discorreram sobre essa predileção:

Todas as literaturas da Europa têm cultivado o *soneto*. Na França, ele foi especialmente praticado por J. de Bellay, Desportes, Voiture, Boileau, Benserade, Malleville, Desbarreaux, Scarron, Théophile Gautier, Sainte-Beuve, Sully-Prudhome, Soulayr, Banville, Heredia, etc.; na Itália por Petrarca (mais de trezentos sonetos admiráveis), e por todos os poetas que lhe sucedera; na Espanha e em Portugal, por Garcilaso de La Veja, Quevedo, Santa Tereza de Jesus, Cervantes, Sá de Miranda, Camões (mais de quinhentos sonetos encantadores), Rodrigues Lobo, etc.

No Brasil, o soneto sempre encontrou poetas que o estimassem e servissem. Desde o seu início até hoje, a nossa literatura poética usou e abusou dessa forma. Ultimamente, o “parnasianismo” brasileiro tem dado sonetos de uma perfeição admirável, – honrando e restaurando o lindo poemeto [...].<sup>161</sup>

Em seu número de 11 de janeiro de 1899, a própria *Gazeta de Notícias* conta com uma aclamação ao soneto. Na coluna “Fagulhas”,<sup>162</sup> “N.,” pseudônimo de Coelho Neto, versa sobre a dificuldade dessa composição e preferência que os poetas nutriam por ela:

<sup>159</sup> Na *Gazeta*, o soneto aparece apenas em sua versão petrarquiana. Não há registro de soneto inglês ou de soneto spenseriano.

<sup>160</sup> DIMAS, Antônio. A encruzilhada do fim do século. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 539.

<sup>161</sup> BILAC. PASSOS, op. cit., p. 169.

<sup>162</sup> Em “Fagulhas”, Coelho Neto também versava sobre o Rio de Janeiro e as modificações de seu tempo.

Os nossos poetas, que tanto martirizam a forma, trabalhando uma ideia com paciente capricho com que os ourives bizantinos dos séculos IX e X, sobre os claros marfins ou em barras de ouro fino, à ponta aguda de buril, iam abrindo desenhos maravilhosos e claros de malhas rendilhadas, dão preferência atualmente ao soneto fazendo-os com esmerados labores, como relicários de ideias.

O gênero é dos mais difíceis e disse bem mestre Boileau que  
*Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème.*<sup>163</sup>

O Parnasianismo foi responsável pela restauração de formas regulares, o que se refletiu na *Gazeta*. Nela, há o acróstico, composição que apresenta a junção de letras do alfabeto, e esta resulta em um nome próprio ou frase que deve ser lida na vertical, de cima para baixo ou no sentido inverso. Embora não tenha aparecido no jornal com a mesma assiduidade das outras formas anteriormente citadas (16 vezes), observamos que esse modo de versejar, que remonta à Antiguidade greco-latina e que foi apreciada, no Brasil, entre o Classicismo e o Romantismo, teve vez no jornal estudado, em especial dentre os poemas de circunstância.<sup>164</sup> Em sua maioria, esses versos procuraram seguir o que regiam os parnasianos: do total de acrósticos, apenas seis apresentam metrificação irregular. Um modelo característico de acróstico foi divulgado pela *Gazeta* em 1891, de autoria de José Antonio Pessoa de Barros, que homenageou o governador Francisco Portella:

Foste sempre herói no cumprimento  
 Real, exato e sério nos deveres.  
 A pátria te agradece e o povo justo  
 Não cessa de provar que te idolatra!  
 Cumpriste fielmente os compromissos  
 Inteiros, que tomaste, em governança.  
 Saber, tino e justiça – eis os princípios  
 Com que fundamentaste a tua fama!  
 O Estado do Rio, agradecido.

Provou-te que também sabe acatar  
 O teu patriotismo, os teus serviços.  
 Recebe, pois, agora os meus protestos,  
 Tirados de minh'alma agradecida,  
 Em nome deste povo que te adora.  
 Lá onde me levar a sorte ou a sina,  
 Lá onde estiver eu, por toda a vida,  
 A ti dedicarei minha memória.<sup>165</sup>

O vilancete fez-se igualmente presente no jornal investigado. Tal forma possui origem popular galego-portuguesa e tem suas raízes na época do surgimento do *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende (século XVI). O vilancete é constituído de uma estrofe – um

<sup>163</sup> N. “Fagulhas”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 jan. 1899. p. 2. 1 col.

<sup>164</sup> O quarto capítulo desta dissertação será dedicado ao estudo dos poemas de circunstância publicados pela *Gazeta de Notícias*.

<sup>165</sup> BARROS, José Antônio Pessoa de. Foste sempre um herói no cumprimento. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 maio 1891. p.1, 6.col.

*mote*, isto é, ideia que exerce a função de matriz do poema – e de *voltas*, estrofes nas quais essa ideia é desenvolvida. Comumente, predomina nas voltas o verso heptassílabo, reconhecido como redondilha maior. No periódico estudado, publicou-se um exemplar dessa composição poética em sete de abril de 1892. Dotado de um mote de dois versos e de uma glosa, que contém 10 versos, foi assinado por Ricardina de Queiroz, que o ofereceu ao esposo Casimiro Teixeira Pinto de Queiroz.<sup>166</sup>

No tocante às sílabas métricas, verificou-se a maior incidência de versos decassílabos. Entre os poemas da *Gazeta*, 616 são compostos exclusivamente ou apresentam decassílabos em suas estruturas, o que corresponde a quase 56% do total. A primazia do decassílabo pode ser creditada ao seu largo emprego desde o Classicismo. Para o já mencionado Bilac, o decassílabo é o “(...) verso mais belo da língua portuguesa, presta-se à expressão de todas as ideias, e é suscetível da maior variedade”.<sup>167</sup>

Curiosamente, o verso alexandrino, que é habitualmente apontado por historiadores da literatura como o metro preferido dos parnasianos, não foi tão assíduo na *Gazeta* quanto o decassílabo. Do total de poemas divulgados, 152 apresentam versos de 12 sílabas métricas. Quase todos possuem a acentuação na sexta sílaba métrica. Em alguns casos, apresentam versos com um tipo de elisão que era cara aos parnasianos: a palavra acentuada na sexta sílaba deveria ser paroxítona; a átona que se segue deveria elidir com a primeira sílaba do hemistíquio seguinte. Mais de 40 poemas contêm esta característica, quando compostos total ou parcialmente por dodecassílabos. No entanto, não se encontrou poema que fosse dotado integralmente de tal tipo de elisão.

No Parnasianismo, o verso alexandrino era considerado perfeito se se apresentasse como junção de dois versos de seis sílabas métricas, o que era indicado pelo acento na sexta sílaba. Para Olavo Bilac e Guimarães Passos, esta era uma regra essencial, que devia ser ensinada aos poetas principiantes, e aqueles que não a seguiam eram apontados como compositores de um “alexandrino errado”.<sup>168</sup> Talvez esta dificuldade, admitida por Bilac e por Passos, tenha sido empecilho à utilização dos versos alexandrinos. Outra suposição é mantida por Sânzio de Azevedo. De acordo com o estudioso, o poeta português Gonçalves Crespo, que foi mestre dos parnasianos brasileiros, cultuou o decassílabo, o que pode explicar a preferência desse metro em detrimento do alexandrino, estimado pelos franceses.

<sup>166</sup> QUEIROZ, Ricardina de. Sete de Abril de 1892. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 abr. 1892. p.3, 2.col.

<sup>167</sup> BILAC, PASSOS, op. cit., p. 5

<sup>168</sup> Idem, ibidem, p. 68.

Na contramão desses preceitos, Alphonsus de Guimaraens publicou o poema “Um suspiro mau passa rezando ofícios”, que consta da antologia desta dissertação e será retomado no terceiro capítulo. Nas estrofes em questão, não são todos os versos que apresentam acentuação na sexta sílaba métrica, além de não haver a preocupação da elisão, o que indica o advento de arranjos do Simbolismo na obra desse poeta.

No período averiguado, dizia-se que os versos brancos estavam em desuso, e que a rima era item indispensável.<sup>169</sup> Os poemas líricos da *Gazeta de Notícias* refletem essa tendência; seus autores priorizaram a regularidade no que tange à rima. No que concerne às sequências rítmicas presentes nos sonetos, os esquemas empregados com maior assiduidade foram:

**Tabela 6** – Sequências rítmicas dos sonetos

Sequência rítmica	Número de poemas
ABBA/ABBA/CCD/EED	119 <sup>170</sup>
ABBA/ABBA/CDC/DCD	60 <sup>171</sup>
ABBA/ABBA/CDC/EDE	59
ABAB/ABAB/CCD/EED	53
ABBA/ABBA/CDE/CDE	38

Os demais tipos de rima utilizados foram: rimas alternadas; rimas emparelhadas; e rimas interpoladas.<sup>172</sup> Categorizam-se como emparelhadas as rimas que se dispõem em pares de versos consecutivos (AABB); e as interpoladas são aquelas que apresentam a sequência ABBA. Tomamos como “alternadas” as rimas que correspondem às sequências ABAB e ABCD, por exemplo. Da *Gazeta de Notícias*, constam 459 poemas que apresentam rimas alternadas; 47 poemas que contêm rimas emparelhadas; e 97 obras que possuem rimas interpoladas.

Aliado ao reconhecimento dos componentes formais dos poemas da *Gazeta*, há os temas a que os autores mais recorreram. A seguir, são representados os índices relativos a cada assunto:

<sup>169</sup> BILAC. PASSOS, op. cit., p. 79.

<sup>170</sup> Esquema parnasiano.

<sup>171</sup> Esquema camoniano.

<sup>172</sup> Para tal classificação, consultou-se o *Pequeno dicionário de arte poética*, de Geir Campos.

**Tabela 7** – Temas mais frequentes

<b>Tema</b>	<b>Número de poemas publicados</b>
Mulher	149
Aniversário	103
Sufrimento/ Desilusão	111
Luto	88
Amor	80
Saudade	74

Como se mencionou, os parnasianos brasileiros não cultivaram rigorosamente a impassibilidade, o que possibilitou a exploração da subjetividade em seus versos, mas, na maioria das vezes, com a visão da realidade em detrimento do mero e exacerbado sentimento. Olavo Bilac, por exemplo, rejeitava o fato de os poetas parnasianos serem rotulados “impassíveis”. Tais premissas podem justificar a popularidade de temas relacionados às emoções nos versos publicados na *Gazeta*. O periódico não excluiu por completo a publicação de poemas de autores que representaram a escola romântica, inclusive a estrangeira. Foram divulgadas traduções de Byron e de Lamartine, por exemplo.

A *Gazeta de Notícias* contou com estrofes que beiram ao sentimentalismo exacerbado e que, de modo geral, pertencem aos poemas de circunstância, sobre os quais discorreremos no quarto capítulo desta dissertação.

## **2.9 O Parnaso além do cânone**

O Parnasianismo brasileiro rendeu antologias e foi matéria para a história literária nacional. Alguns poetas, a exemplo dos citados Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, alcançaram expressividade e ainda fazem-se presentes em estudos e manuais didáticos de nossos dias. Outros são apontados como seguidores de menor monta. Todavia, estes foram peças importantes para a consolidação da corrente parnasiana no país, figurando nas páginas dos jornais do XIX e conquistando o apreço dos leitores desse século.

Na *Gazeta de Notícias*, versos de autores que, normalmente, são identificados como menores, tornaram-se conhecidos e foram aclamados. A presença de suas obras nas páginas do jornal sugere, igualmente, o crédito que possuíam junto a essa publicação, ou mesmo as relações de influência que nutriam com os donos da folha. Este é o caso de Magalhães de Azeredo, Elvira Gama e Pedro Malazarte. O jornal cedeu espaço, também, para os versos de Rose Méryss.

Carlos Magalhães de Azeredo nasceu no Rio de Janeiro em 1872 e faleceu em Roma, aos 93 anos, em 1963. Formado em Direito, foi poeta, embaixador, crítico literário<sup>173</sup> e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897 – quando contava apenas 25 anos. Assinou diversas obras, dentre as quais *Procelárias* (1898) e *Odes e elegias* (1904) – esta última apontada como introdutora dos “metros bárbaros” – versos mais longos, como os que se desdobram em dois redondilhos – na literatura brasileira.

Data de 1883 a primeira contribuição de Azeredo na *Gazeta*, quando foi premiado em um concurso de contos, promovido pelo jornal, que sempre reconheceu o valor de sua escrita. Sobre a publicação de *Procelárias*, por exemplo, a própria *Gazeta de Notícias* dedicou uma nota crítica,<sup>174</sup> de autoria de Domício da Gama, para quem Magalhães de Azeredo era um “poeta laureado”. O então recém-publicado livro também foi assunto para uma crônica de Bilac. O autor chamou a atenção dos leitores para tais versos, e lamentou não poder ter transcrito um longo trecho da obra no jornal, divulgando apenas algumas linhas do poeta parnasiano.<sup>175</sup>

Antes das considerações de Bilac e de Domício da Gama, Magalhães de Azeredo foi apadrinhado por Machado de Assis, estabelecendo com ele extensa correspondência por mais de vinte anos, hoje publicada em livro. Conheceram-se quando Azeredo contava apenas 15 anos, e enviou a Machado o seu primeiro livro de versos, *Inspirações da infância*. Em crônica de 25 de agosto de 1895, na própria *Gazeta de Notícias*, ao discorrer sobre as novas gerações na Literatura, o criador de Quincas Borba teceu os seguintes comentários a respeito do poeta e de sua obra *Alma primitiva*:

[...] Magalhães de Azeredo – é um dos que nasceram para as letras, governando Deodoro; pertence à geração que, mal chegou à maioridade, toda se desfaz em versos e contos. Compõe-se destes o livro que acaba de publicar com o título de *Alma primitiva*. Não te enganes; não suponhas que é um estudo – por meio de histórias imaginadas – da alma humana em flor. Nem serás tão esquecido que te não lembre a novela aqui publicada; história de amor, de ciúme e de vingança, um quadro da roça, o contraste da alma de um professor com a de um tropeiro.

[...] Não é só fisicamente que o Dr. Magalhães de Azeredo é simpático; moralmente atrai. A educação mental que lhe deram auxiliou uma natureza dócil. Os seus hábitos de trabalho são, como suponho, austeros e pacientes. Duvidará algumas vezes de si? O trabalho dar-lhe-á a mesma fé que tenho no seu futuro.<sup>176</sup>

<sup>173</sup> Na *Gazeta de Notícias*, Magalhães de Azeredo manteve a coluna “Homens e livros”. Em um de seus textos, discorreu sobre a obra de Cruz e Sousa. Tal escrito será assunto do capítulo desta dissertação dedicado ao Simbolismo.

<sup>174</sup> GAMA, Domício da. Magalhães de Azeredo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 out. 1898. p. 1-2.

<sup>175</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 dez. 1898. p. 1. 2.col.

<sup>176</sup> ASSIS, Machado de. *A semana* (1894-1895). 2.v. p. 457-458.

Na década de 1890, a *Gazeta de Notícias* tornou públicos 53 poemas de Azeredo, além de uma tradução de poema de Alfred de Musset, de sua autoria.<sup>177</sup> Suas composições obedeciam aos pareceres da regularidade da forma. Além do soneto, escreveu poemas que se caracterizam por sua extensão alongada, alguns dotados de mais de 100 versos. O autor prezou os seguintes assuntos: paisagens; mulher; sofrimento; Antiguidade Clássica, ao remeter a figuras da sociedade romana; Egito, ao versejar sobre Cleópatra; passagens bíblicas, como a da criação do mundo; e morte. Deu vida a estrofes sobre datas comemorativas e religiosas, como o Dia de Finados, e trouxe à luz poemas de caráter filosófico e sociológico. No soneto intitulado “Canicular”,<sup>178</sup> por exemplo, tem-se a relação do sujeito poético com a natureza e o calor dos países dos Trópicos, associação que pode ser creditada à voga do Realismo e do Naturalismo da época. Capistrano de Abreu, intelectual do XIX, ressaltava o “clima amortecedor de energias, próprio para a ‘vida de balanço’”<sup>179</sup> das terras brasileiras.

Ao meio-dia, quando a calma intensa cresta  
Os leques do coqueiro e as recortadas parras,  
E o sol a pino listra o espaço de ígneas barras  
- Exagerada luz que nos cansa e molesta –

Eu gosto de dormir, voluptuoso, a sesta,  
A monótona voz chilreante das cigarras,  
Que vibra forte além – como um som de fanfarras,  
Atroando o ar, ecoando ao longe, em plena festa.

Ouço, encantado e tonto, essa música estranha,  
Que não para, que ativa a cada instante cresce;  
Um profundo torpor os meus sentidos ganha.

E os olhos cerro; sem cuidados, me abandono  
Ao olvido sutil, que do céu quente desce...  
E dura, até que baixe a noite, o doce sono...

Seu lado evidentemente parnasiano ressaltou-se em poemas como “Cleópatra”, de 1895. Trata-se de versos que apelam para a descrição, e que apresentam as modificações da natureza como uma espécie de prelúdio das desgraças eminentes ao sujeito lírico.

Nubla a sombra da tarde o céu de esmalte puro,  
Que a púrpura do poente, em franjas largas, tinge;  
E o moribundo sol verdes palmeiras cinge,  
Do palácio real dourando o vasto muro.

<sup>177</sup> MUSSET, Alfred de. Lembra-te. Tradução de Magalhães de Azeredo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 ag. 1894. p.1, 5.col.

<sup>178</sup> AZEREDO, Magalhães de. Canicular. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 jan. 1894. p.2, 2.col.

<sup>179</sup> PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil* – Ensaio sobre a tristeza brasileira. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 207.

Cisma a rainha. No seu olhar, furtivo e obscuro,  
Revela a ignota dor que os seios lhe constringe;  
Talvez, no riso mau de uma próxima esfinge,  
Vai decifrando atenta o enigma do futuro...

Os ósculos de Antônio em seus lábios presente;  
E, entre excessos de amor, avulta-lhe na mente  
Do sonhado triunfo imperial as cenas...

Mas vê logo, ao flutuar do pavilhão romano,  
Um leito de prazer banhado em sangue humano,  
E por memória, enfim, dois túmulos apenas...

Em certos momentos, o que se reflete no poema “A Caveira”,<sup>180</sup> Magalhães de Azeredo flertou com tendências que visavam à desconstrução do ideal de beleza na poesia, trazendo à luz matizes do obscuro e do grotesco. Essas indicações remetem às convergências de seu tempo, que bebiam em fontes baudelairianas. É de conhecimento geral a presença de Baudelaire na literatura nacional do XIX, com sua ousadia e seu ideal de contestação, bem como o seu erotismo e notação anti-romântica.<sup>181</sup> A poesia de Baudelaire, assim como a de Rimbaud, propôs aspectos do caos e da fealdade na composição poética.<sup>182</sup>

Em “A caveira”,<sup>183</sup> poema divulgado na segunda página da edição de 30 de outubro de 1893 (data próxima ao Dia de Finados), Azeredo divagou sobre a existência humana a partir da presença de um objeto que remete ao terror.

Entre papéis e livros em desordem,  
Tenho na minha mesa uma caveira,  
Que no rir da ironia derradeira,  
Mostra dentes, que em suma, já não mordem...

Comprei-a a um judeu velho, que, em discretos  
Armários, guarda, numa loja escura,  
Coisas que pouca gente hoje procura;  
Bronzes, paines, ossadas e amuletos...

Não sei que ideias negras ela inspira  
A quem entra um instante nesta sala;  
Dizem-me que uma jovem, só de olhá-la  
Cinco noites a fio não dormira.

<sup>180</sup> AZEREDO, Magalhães de. A caveira. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 out. 1893. p.2, 2.col.

<sup>181</sup> No terceiro capítulo desta dissertação, serão apresentadas considerações acerca da presença de Baudelaire na poesia brasileira, tema que mereceu a atenção dos estudos de Antonio Candido e de Glória Carneiro do Amaral.

<sup>182</sup> Assunto sobre o qual se discorrerá com maior atenção no capítulo precedente.

<sup>183</sup> Em sua versão em livro, “A caveira” apresenta as seguintes modificações: o poema está dividido em três partes; há mudanças concernentes à pontuação; o quarto quarteto da versão do jornal foi suprimido.

Figura horrenda, bem que inofensiva,  
Esse espantalho! Que lição austera  
Daria aos parvos homens, se pudera  
Tornar a sua forma primitiva!

Talvez, um gênio tumultuara, nesse  
Crânio polido e nu, branco e vazio  
- Um gênio, cujo augusto poderio  
Ideias, cultos, povos revolvesse...

Talvez, nele fulgira, em breve encanto,  
O olhar de uma mulher, que cantos d'almas  
Levou à perdição – e talvez, calmas  
Se alaram dele as orações de um santo...

Tudo a Morte apagou, e isso me basta...  
Despojo estéril! nem te resta um nome...  
Também ele foi dado à insana fome,  
Que para a mesma goela tudo arrasta.

Dir-me-ão alguns: Por que, jovem e forte,  
Pensar em coisas que só fazem medo?  
É cedo ainda! – Estalos! quando é cedo  
Demais, enfim, para pensar na Morte!

Assim – confunda embora o orgulho humano  
Tal visagem, de aspecto duro e feio –  
Guardo-a ante mim, porque em seus trações leio  
A elegia do eterno desengano.

Quando burilo estrofes prediletas,  
Criando aspirações de glória rara,  
Ela me diz, fatídica: Repara  
Onde é que findam sonhos de poetas...

A importância de Magalhães de Azeredo pôde ser sentida em 1898. Na época da publicação de seu livro de versos, nomeado *Procelárias*, a *Gazeta* também divulgou um texto crítico de Domício da Gama, que apreciou os versos do “mais moço dos nossos escritores laureados”.<sup>184</sup> Azeredo fez-se presente nessa folha até o ano de 1890. Desse modo, foi parte de uma década de publicações, auxiliando na ilustração do perfil desse jornal.

Elvira Gama<sup>185</sup> estreou na *Gazeta de Notícias* em novembro de 1895, com o poema “Pressentimento”, já na primeira página. Foi colaboradora do jornal, em caráter oficial, até o ano de 1898.<sup>186</sup> Contudo, o periódico contou com publicações de sua autoria até 1900.

<sup>184</sup> GAMA, Domício da. Magalhães de Azeredo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 jan. 1890. p.1, 7.col.

<sup>185</sup> Foi autora das obras *Cartas de sinhá Miquelina e humorismos de Edisonina* (1896) e *Minh'alma* (1896), e esta última conta com prefácio de Coelho Neto.

<sup>186</sup> COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de. (Dir.) *Enciclopédia de literatura brasileira*, São Paulo: Global, 2001. p. 748.

A relevância da contribuição de Elvira Gama na *Gazeta* foi anunciada pela própria folha, em sua primeira página, em 1896.<sup>187</sup> Elvira é chamada de “distinta poetisa brasileira”, e seus poemas são elogiados. Tal consideração é acompanhada da seguinte ilustração, que reproduz o busto da autora:

**Ilustração 1 – Elvira Gama**



**Fonte:** *Gazeta de Notícias*

No mesmo ano, Machado de Assis citou-a em uma crônica, na qual discorria sobre a taxa de câmbio, recorrendo aos seus versos:<sup>188</sup>

Esta semana é toda de poesia. Já a primeira linha é um verso, boa maneira de entrar em matéria. Assim que, podeis fugir daqui, filisteus de uma figa, e ir dizer entre vós, como aquele outro de Heine: "Temos hoje uma bela temperatura." O que sucedeu em prosa nestes sete dias merecia decerto algum lugar, se a poesia não fosse o primeiro dos negócios humanos ou se o espaço desse para tanto; mas não dá. Por exemplo, não pode conter tudo que sugere a reunião dos presidentes de bancos de nossa praça. Chega, quando muito, para dizer que o remédio tão procurado para o mal financeiro, — e naturalmente econômico, — foi achado depois de tantas cogitações. Os diretores, acabada a reunião, voltaram aos seus respectivos bancos e a taxa d câmbio subiu 1/8. A *Bruxa*<sup>189</sup> espantou-se com isto e declarou não entender o câmbio. A poetisa Elvira Gama parecia havê-lo entendido, no soneto que ontem publicou aqui.

<sup>187</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 maio. 1896. p.1, 4-5.col.

<sup>188</sup> Machado referiu-se aos versos de “Íntimo”, publicado em 15 de agosto de 1896.

<sup>189</sup> Trata-se de publicação de Olavo Bilac e Julião Machado.

*Doce câmbio...*

Mas trata de amores, como se vê da segunda parte do verso:  
 ... de seres atraídos,  
 Ligados pela ação de igual desejo. [...] <sup>190</sup>

Ainda em 1896, a *Gazeta de Notícias* anunciou a publicação do seu livro *Minh'alma*, novamente em tom elogioso:

Elegantemente impresso nas oficinas da Tipografia Leuzinger, como convinha ao livro de mimosos versos de uma poetisa, chega-nos o volume intitulado *Minh'alma*, da Exma. Sra. D. Elvira Gama.

Posta de parte qualquer suspeição atribuível a colegas, que, como nós, muitas vezes abrilhantaram as colunas da *Gazeta* com as composições desta distinta brasileira, *Minh'alma* contém belíssimos versos e dá a prova de um talento real. São nossas conhecidas quase todas as poesias agora impressas em volume. D. Elvira Gama, à proporção que compunha, entregava-se à publicidade neste e em outros jornais. Mas presentemente reunidas e enfeixada em colar esses [sic] pérolas ganham de valor. <sup>191</sup>

Os poemas assinados por Gama mostravam sua tentativa de adequação ao decoro formal do Parnasianismo, a despeito de alguns deslizes no tocante à colocação pronominal. A poetisa estimou o soneto; dos 46 poemas trazidos ao público pela *Gazeta*, 40 apresentam essa forma fixa. Os temas das suas estrofes transitam entre natureza, gratidão, datas comemorativas, como o Natal e o Descobrimento do Brasil, e sentimentos. Dedicou versos a personagens ilustres de seu tempo, como Ferreira de Araújo. Recorreu com frequência, também, a temas vinculados à vida no campo. Em dois momentos, lançou mão de títulos em francês: “La voix du ciel” e “C’est fini”.

Elvira Gama apresentou em seus versos notação de subjetividade. Isto ocorre, por exemplo, em “Magna dor”. <sup>192</sup> No soneto, cujos versos são decassílabos, ressalta-se uma constatação concernente ao sofrimento humano. Para o eu-poético, cada indivíduo leva uma dor em seu âmago; contudo, a voz do poema não demonstra qualquer pesar pessoal, apenas constatando sobre as vicissitudes humanas, o que o aproxima de certa impassibilidade, frequente nos parnasianos:

Porque num rosto há traços doloridos,  
 Porque nas faces se desliza o pranto,  
 Punge ali uma dor, dizem; no entanto,  
 Pranto e tristeza podem ser mentidos!

<sup>190</sup> ASSIS, Machado de. *A Semana*. São Paulo: Mérito, 1962. p. 165

<sup>191</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 nov. 1896. p.2, 4.col.

<sup>192</sup> GAMA, Elvira. Magna dor. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 maio. 1896. p.1, 4-5.col.

Quantas vezes no meio dos ruídos  
De festivo sarau, só, num recanto,  
Chora em silêncio um coração... No entanto,  
Ninguém o vê, nem ouve-lhe os gemidos!

Sofrer!... Não é a dor que se descobre,  
Não é a dor que expande-se em lamentos,  
A que mais dói e faz-nos padecer!

A que, sangrando, as lágrimas encobre,  
A que muda lacera-se em tormentos,  
Esta, sim, é que é dor! Isto é sofrer!

Em outros momentos, dedicou-se a descrição de paisagens, traço comum da poesia parnasiana. Em “Paisagem”, de 1895, vê-se o retrato de um cenário em meios as montanhas:

Aqui um monte... A serra do outro lado.  
No meio o campo em que o rebanho pasta.  
Além avulta o matagal serrado  
E um rio que serpeia e que se afasta.

No fundo de um carreiro, desviado,  
Um rancho de sapê, com o qual contrasta,  
Em vistoso *plateau* ajardinado,  
Fidalga habitação faustosa e vasta

Embaixo um trole espera na porteira,  
E atrás das borboletas, de carreira  
Perfila alegre bando de crianças!...

Raras nuvens no céu... e num mirante  
Gentil moça de angélico semblante  
Trança os raios do sol nas louras tranças.

Outro capítulo na história da colaboração de Elvira Gama na *Gazeta* está no poema “Honni soit qui mal y pense”, título que, em tradução livre, significa “Maldito seja quem pensa mal disto”, e era o emblema da Ordem da Jarreteira, liga da cavalaria britânica que foi fundada por Eduardo III.

Nessas estrofes, a poetisa deixou de lado os assuntos habituais de seus versos e dirige-se ferozmente a um crítico que depreciou seus escritos e, também, sua índole:

Julga o doutor que os versos publicados  
Outro astro ideou e os pôs em rima  
E exige prova que seguro exprima  
De serem meus os pobres enfezados!

Mas se em tempos felizes e passados  
Tantas provas lhe der de que me anima  
Uma alma e um coração que estão acima  
Desses sonetos mal alinhavados?!

Perfilhar obras de outros não costumo  
E os meus versos, Doutor, são o resumo  
Do que pode o querer, só há vocação.

Tal qual sou, *velha e feia*, me apresenta  
E nunca me passou no pensamento  
De enfeitar-me com as penas do pavão!<sup>193</sup>

Elvira Gama dedicava suas obras aos amigos, à família, e, também, aos seus desafetos (como uma mulher a quem atribui a alcunha “perfídia”). Fechou a década de 1890 publicando, na *Gazeta*, o poema “Blasfêmias”, no qual versejou, como em tantas vezes, sobre o sofrimento. Poucos são os registros de seus escritos atualmente. Contudo, pode-se entrever que a autora obteve êxito entre seus contemporâneos. Prova disso não reside apenas em sua presença em um jornal de renome, como foi a *Gazeta de Notícias*: Elvira Gama foi citada por Figueiredo Pimentel, em suas “Lettres brésiliennes”, na revista francesa *Mercure de France*, em 1901. Ao discorrer sobre a geração que marcou a literatura brasileira no século XIX, e que contou, segundo ele, com autores de renome e talento, entre os quais mencionou Machado de Assis, Olavo Bilac e Coelho Neto, Pimentel afirmou que Elvira Gama esteve entre as mais importantes poetisas daqueles anos.<sup>194</sup>

Rose Méryss – nome que, por vezes, foi grafado Rosa Méryss – obteve espaço para publicar seus versos na *Gazeta de Notícias*, ainda que com menor frequência. A relevância de sua contribuição reside no fato de a folha de Ferreira de Araújo, que abrigou textos de autores de sucesso, ter dado vez aos versos de uma famosa atriz e cupletista<sup>195</sup> de seu tempo.

Seu nome de batismo era Rose-Marie Baudon e foi conhecida em seu país, atuando, por exemplo, em *Périchole*, ópera bufa em três atos assinada por Jacques Offenbach e apresentada pela primeira vez, em Paris, em 1868. Nesse período, a guerra franco-prussiana fechou as portas dos teatros da França, o que impediu o seu acesso aos elencos do *Variétés* e a trouxe ao Brasil em 1870. Ao aportar no Rio de Janeiro, conseguiu emprego no pequeno teatro Alcazar, dirigido por um artista francês chamado Arnaud, valendo-se do nome Rose Marie. Pode-se ressaltar que a cidade, na época, foi marcada pela efervescência do teatro e pela presença de companhias estrangeiras, que ali faziam suas temporadas. Alguns teatros,

<sup>193</sup> GAMA, Elvira. Honni soit qui mal y pense. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º ag. 1897. p.1, 7.col.

<sup>194</sup> PIMENTEL, Figueiredo. Lettres brésiliennes. *Mercure de France*. Paris, abr.-jun. 1901. p. 831.

<sup>195</sup> O termo “cupletista” refere-se aos “couplets”, palavra em francês que designa as estrofes de uma canção. Pode-se inferir que Méryss cantava esse tipo de trecho em suas apresentações.

como o Teatro lírico e o Teatro São Pedro de Alcântara comportavam até 1.300 espectadores,<sup>196</sup> dentre eles a elite e os ditos “remediados”, ou seja, os populares.

Méryss estreou ainda em 1870 em *Le fifre enchanté*, ópera-cômica de Offenbach, interpretando o travesti Rigobert, que era admirado pelas damas que o cercavam. Em 1882, foi contratada pelo empresário português Jacinto Heller. Na companhia de teatro de Heller, uma das mais prestigiadas de sua época, interpretou, em 1883, o poeta florentino Boccacio, em peça homônima que foi um de seus maiores êxitos. Tempos depois, rompeu com seu empregador, a quem, atacada pela vaidade, fez uma série de imposições.<sup>197</sup> Esse episódio, que se transformou em querela pública, figurando, inclusive, nos jornais, por anos afastou-a dos palcos.

A artista francesa foi assunto de cronistas, a exemplo de Artur Azevedo, que a mencionava em seus textos, que eram divulgados pelo *Diário de Notícias*.<sup>198</sup> Em crônica de 19 de julho de 1885, Azevedo discorreu sobre a festa artística de Duse-Checchi, homenageado por Rose Méryss:

[Méryss ofereceu] uma palma de veludo e ouro, uma aquarela pintada pela ofertante, e a sua fotografia, representando-a no *Boccacio*, quando vem vestida de pastor, – com a seguinte dedicatória:

*“Lorsque le soir à l’horizon  
Phoebus s’endort sous un long voile,  
Au zenith apparait étoile  
Qui là-haut doit porter ton nom”.*

assinada por – *Un pauvre petit pâtre*.<sup>199</sup>

Voltou a atuar em 1895, interpretando a si mesma em *A Bicharia*, revista de Vicente Reis. Nessa época, já era ela uma “sombra do passado”:

Compreendeu isso a dominadora de alguns anos atrás e resolveu, por isso, encerrar definitivamente a sua carreira artística. Para que não fosse esquecida passou a publicar, de quando em vez, os versos que escrevia na língua de seu país.<sup>200</sup>

<sup>196</sup> PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro: 1570-1908*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 169.

<sup>197</sup> SILVA, Lafayette. *História do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e saúde, 1938. p. 214.

<sup>198</sup> No *Diário de Notícias*, Artur Azevedo manteve a coluna “De Palanque”.

<sup>199</sup> AZEVEDO, Artur. 19 de julho de 1885. In: SILVA, Esequiel Gomes da. *“De Palanque” : as crônicas de Artur Azevedo no Diário de Notícias (1885/1886)*. Assis, 2010. 3. v. Dissertação de Mestrado. p. 344.

<sup>200</sup> SILVA, op. cit., p. 215.

Na *Gazeta de Notícias*, a atriz declamou em seus poemas a caridade, o 14 de julho e, também, a presença de uma colônia francesa no Rio de Janeiro.<sup>201</sup> Com o poema “Le poète et la statue”, publicado na *Gazeta* em 1890,<sup>202</sup> aproximou-se de um tema tipicamente parnasiano.

“O poeta e a estátua” é composição de 64 versos e forma irregular. O poema mostra-se narrativo, como parte dos poemas parnasianos, o que indica que Rose Méryss ficou, possivelmente, entusiasmada pela escrita dos representantes dessa estética.

O eu-lírico, ao se apaixonar por uma escultura de mármore, remete ao já mencionado mito da Antiguidade, o de Pigmalião. Este, que apenas conseguia visualizar os defeitos das mulheres que encontrava, só descobriu a perfeição da figura feminina em uma estátua que esculpiu, apaixonando-se por ela. Seu desejo de que a escultura se transformasse em um ser humano foi ouvido por Vênus, que o atendeu. Pigmalião passou a viver ao lado da jovem que fora de marfim, e da união nasceu Pafos.<sup>203</sup>

Cantava o poeta aos pés da estátua alabastrina  
 E os sons que modelava  
 Tinham tanta paixão, ternura tão divina,  
 Que sob os dedos seus a lira assim cantava:  
 “Ó mármore formoso, ó mármore imortal,  
 Ó tu cuja beleza esplêndida, sensual,  
     Os corações embrida,  
 Subjuga, enlaça e prende ao teu letal encanto  
 Os meus soluços ouve, e vê correr meu pranto,  
     Pranto que me dá vida,  
     Pranto que mais me mata,  
 No intérrimo desejo, um mar de espúmea prata!  
 Os meus rogos escuta, e trêmula, fremente,  
 Acalma do meu sangue a flama enorme e ardente!  
 Deixa que os lábios meus sobre os teus lábios pousem,  
 E de beijos ponteando os teus contornos belos,  
 Que esse marmóreo véu não corra aos meus anelos.  
 Os gelos hibernais quebrar do mármore ousem!  
 Árvore deste parque, eu desejara ser,  
     Deitando, oh doce encanto!  
 Tanta flor sobre ti, como as bagas do pranto  
 Que sobre esses teus pés triste verto, a morrer!  
     Ah! todo o meu desejo

Era nos lábios teus libar um terno beijo,  
 E sobre o róseo alvor do seio transparente  
 Pousar minha cabeça, e adormecer contente.

<sup>201</sup> Rose Méryss também foi tema de um soneto de B. Lopes, divulgado pela *Gazeta de Notícias* em 1894.

<sup>202</sup> Uma tradução de “Le poète et la statue” foi publicada na *Gazeta*, e esta serviu de objeto para a nossa análise. Rose Méryss agradeceu o seu tradutor em 16 de abril de 1890, com o poema “Remerciements”.

<sup>203</sup> BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim. 26.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p.78-9.

Deliro, sim, deliro, e neste ardente sucesso,  
Sinto-te estremecer nos braços meus, e creio,  
Ver-te langue, prostrada,  
Baixinho a segredar: - Meu corpo a ti pertence!...  
E vejo do teu colo, ó minha doce amada,  
Raio de amor descer, que me subjuga e vence.

E a lira emudeceu,  
E sobre o pedestal a estatua estremeceu.  
Oh! milagre de amor! O seu olhar dir-se-ia  
Que sobre o louco poeta a estátua caía.  
Voz meiga ouviu-se então, harmoniosa e terna  
De uma graça superna.  
Voz descida talvez do azul do céu formoso  
Calaram-se, para ouvi-la o amor, o riso e o gozo.  
E assim dizia a voz:  
“Os deuses, pois que me amas,  
Sentindo compaixão por teu suplício atroz,  
Deram-me, poeta, a vida, e deram-me essas flamas  
Do teu ardente olhar!  
Sou tua, poeta, vem! De amor dou-te um tesouro!  
Formosa eu sou! Vem, pois! A doce luz do luar  
Bebamos a ambrosia em rica taça de ouro!  
Vamos, loucos, tecer, tontos, ébrios amantes,  
Apotheses de amor em sonhos delirantes!  
Transformaste-me, poeta! O mármore está vivo!  
Mostra-te, pois, altivo!  
Estatua já não sou! Teu milagroso amor  
Fez palpitar a carne em ondas de desejos!  
Afoga-me em teus beijos!  
Vem, que já sou mulher, meu belo vencedor!

Levando ao níveo peito as brancas mãos, triunfante  
Mas sentindo-o vazio, a estátua, nesse instante,  
Triste, murmura ela,  
“Esqueceram-se os céus!... Não tenho coração!”

E a imóvel atitude a estátua retomando,  
Pedra fez-se de novo, o meigo olhar velando.

Louco de amor, o poeta, imerso na agonia,  
Fugiu, amaldiçoando os céus e a luz do dia!

Pode-se dizer que Rose Méryss foi ícone representativo de um decênio da *Gazeta*, visto ter-se feito presente no jornal até o ano de 1900.

Pedro Malazarte, cujo verdadeiro nome é Antonio José Soares de Sousa Junior<sup>204</sup> (1851-1893) foi poeta, teatrólogo, jornalista e político. Sob esse pseudônimo, Soares de Sousa Junior assinou o drama *Os sete pecados mortais*, de 1882, e comédias, como *Um par de galhetas* e *Engraxate*, ambos de 1888. No teatro *Variiedades*, alcançou o sucesso com as peças

---

<sup>204</sup> Também assinou poema com seu nome verdadeiro: “Heróis do fogo”, de 1892.

*Frei Satanás, As maçãs de ouro, Dez dias em Pirineus e O Diabo coxo.* Redator da *Gazeta*, manteve uma coluna nesse jornal, intitulada “Fanfreluches” – palavra da língua francesa que designa um pequeno ornamento de *toilette* ou mobília”.<sup>205</sup> Esse espaço foi dedicado à poesia satírica e à poesia lírica e o autor, provavelmente, escrevia por encomenda.

Em suas sátiras, como Pedro Malazarte, ilustrou a sua época. Ridicularizou as más condições estruturais da cidade do Rio de Janeiro. Homem de teatro, chacoteou as peças que considerava um fracasso; reclamou das exigências daquilo que se considerava o bem versejar; zombou das dificuldades dos eleitores que, em 1890, precisavam eleger três senadores e dez deputados, e que, além disso, priorizavam aqueles que lhes ofereciam vantagens em troca do voto; e, também, ria-se dos que ainda defendiam a volta da Monarquia.<sup>206</sup> Nem mesmo as comemorações do dia 7 de setembro escapavam de seu crivo:

Brava gente, então, que é isso?  
 Não cantais mais nada, nada  
 Não caís mais no serviço  
 Da saudosa patriotada?

Pois então, em fogo ardente,  
 Não cantais a “mãe gentil”?  
 Já por solfa, ó brava gente,  
 Não morreis pelo Brasil?

Qual! não somos estafermos  
 E da pátria todo o filho,  
 Se quiser cantar em termos,  
 Cantar deve este estribilho:

Brava gente, cama e ceia  
 Há de sempre a pátria dar!  
 Ou ficar a pança cheia,  
 Ou batatas ir plantar!<sup>207</sup>

Em 1890, publicou 29 poemas líricos na *Gazeta de Notícias*, dos quais 11 são sonetos. Os assuntos dessas composições poéticas eram, de modo geral, a natureza e as mulheres. Muitos de seus escritos foram dedicados a uma mulher, por ele alcunhada “Souvenir”.<sup>208</sup> O autor também expressou o seu luto pelo falecimento de escritores, como

<sup>205</sup> Araripe Junior fez alusão à coluna de Soares de Sousa Junior, empregando o verbo “fanfreluchar” em crônica de 24 de outubro de 1889, do *Diário do Comércio*.

<sup>206</sup> Em 21 de setembro de 1890, a *Gazeta* noticiou o caso de certo Aleixo Aires da Silva, que, por sair às ruas do Rio de Janeiro exaltando a Monarquia, foi preso.

<sup>207</sup> MALAZARTE, Pedro. Brava gente... *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 set. 1890. p. 1. 6. col.

<sup>208</sup> “Souvenir” era, ainda, segundo Araripe Junior, pseudônimo de Gregório de Almeida em seção mundana do *Diário de Notícias* e *Diário do Comércio*. É possível que tenha havido referência de Soares de Sousa Junior a Almeida na utilização desse termo.

Camilo Castelo Branco, além de ter homenageado Victor Hugo. Falou, ainda, de aniversários e de datas religiosas, como a Sexta-Feira Santa.

Pedro Malazarte versejou sobre temas prosaicos, como quando dedicou estrofes ao Sol e cantou o amor entre uma flor e uma borboleta, e sentimentos, o que contrastava com o lado ferino de suas sátiras.<sup>209</sup> Isto ocorre, por exemplo, em “O que é melhor”, publicado em fevereiro de 1890. Deu vez a um sujeito poético que fala de amor e, contudo, se opõe à idealização, a qual era comumente apreciada pelos poetas românticos. Não há lamentos explícitos ou sofrimento veemente, mas sim um eu-lírico que pretere o platonismo e que constata encontrar-se a verdadeira felicidade do amor no contato físico.

Ver carícias nuns olhos que nos olham,  
Ver, em chegando, o doce arfar de um peito,  
Ver, em saindo, o conturbado aspeito,  
E faces que de lágrimas se molham.

Ver do pudor as rosas que se afolham  
Em meigo rosto cândido, perfeito;  
E que ao encanto de um amor aceito,  
De riso os cofres se desaferrolham;

Ver num gesto, num leve movimento,  
Que é todo nosso aquele pensamento,  
Já é ver muito, e muito já gozamos.

Porém melhor que ver, será de certo  
Sentir dos nossos lábios perto, perto,  
Outros lábios que sôfregos beijamos.<sup>210</sup>

Trazer do passado para o presente as obras dos autores mencionados nestas últimas linhas possibilita uma melhor compreensão da configuração do cenário literário no qual se inseriram. Entre os versos dos que, hoje, encontram-se esquecidos, estão os preceitos que consolidaram a poesia de uma época. Mesmo que, atualmente, estejam modificados e sejam renegados, tais ditames fazem parte do processo de edificação da poética nacional e, por isso, permanecem relevantes até os nossos dias.

## 2.5 Diante do Simbolismo

A produção poética do Parnasianismo ditou regras a toda uma geração. Foi compreendida com facilidade pelos leitores, dado o seu discurso claro e preciso.

<sup>209</sup> Cruz e Sousa também foi alvo da sátira de Malazarte, o que será discutido no próximo capítulo desta dissertação.

<sup>210</sup> MALAZARTE, Pedro. O que é melhor. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 fev. 1890. p.1, 8.col.

Consequentemente, foi vertente majoritária em seu tempo, sobrevivendo em uma época de aclamação do romance e mesmo transpassando a revolução modernista no século XX.

Com o Parnaso, presenciou-se um capítulo da popularização do gênero poético e a valorização do bem versejar. O Parnasianismo foi aceito como expressão das expectativas de um período, traduzindo, com seus ares acadêmicos, os valores do progresso e da República. Isto significa que o bom uso da língua portuguesa, naqueles anos, foi sinônimo, também, de exaltação da nacionalidade. No caso específico de Olavo Bilac, por exemplo, o respeito à norma linguística convergiu para a “afirmação do papel fundamental da língua na sobrevivência do país republicano. Daí que a produção da literatura seja, de seu ponto de vista, um trabalho semelhante ao da manutenção das fronteiras do país (...)”.<sup>211</sup> E essa preferência cívica e política aliava-se, outrossim, à já apontada clareza do discurso parnasiano; ainda que metricamente refinado, fazia-se compreender entre os seus, caindo nas graças de seu público.

Até os nossos dias, Raimundo Correia e Olavo Bilac são-nos familiares. Outros nomes, como o de Elvira Gama e Magalhães de Azeredo foram, por vezes, esquecidos. Contudo, deve-se considerar que, não apenas esses autores, como, igualmente, os ditames literários apregoados pelos parnasianos, dizem muito sobre o que se espera, ainda hoje, do fazer poético. Familiarizados com o tom declamatório, com o soneto, versos e rimas, além de nos depararmos com diversos compêndios que nos apresentam a produção da fase parnasiana, recuperamos um pouco daquilo que se viveu e o que se versou nos derradeiros anos do século XIX.

O Parnasianismo foi hegemônico. Entretanto, como afirmou Afrânio Coutinho, apesar de sua quase unanimidade, abriu espaço para um fenômeno curioso na literatura. Em certo momento, coexistiram as estéticas parnasiana e simbolista, as quais estiveram unidas em sua origem, mas apresentaram-se como adversárias em seu desenvolvimento, embora possuíssem muitos elementos em comum. Com a preeminência do Parnasianismo, restringiu-se o Simbolismo, ainda que os poetas do decênio de 1890 tenham compartilhado as premissas de ambas as escolas.

Se, como se discutiu neste capítulo, prezava-se a clareza e a formalização da escrita, havia, ao mesmo tempo, um movimento de literatos que eram contrários a esse pensamento. Ainda que de pouca ressonância, merecem lugar em nossos estudos e confirmam que o Simbolismo foi significativo para a literatura nacional, o que será assunto do capítulo a seguir.

---

<sup>211</sup> FRANCHETTI, Paulo. *As aves que aqui gorjeiam: a poesia brasileira do Romantismo ao Simbolismo. Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê, 2007. p. 34.

**3º CAPÍTULO**  
**O SIMBOLISMO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS***

### 3 O SIMBOLISMO NA GAZETA DE NOTÍCIAS

#### 3.1 Um movimento parisiense

O Simbolismo foi uma manifestação de origem francesa. De acordo com Anna Balakian, tratou-se de um movimento parisiense, por seu aspecto cosmopolita e por ter proporcionado um ambiente profícuo ao estabelecimento das vanguardas ulteriores, - Cubismo, Dadaísmo, Futurismo e Surrealismo, – devido ao fato de ter-se feito da arte ícone que transcendeu o nacional e passou a ser reconhecido como item da cultura ocidental.<sup>212</sup>

Quando nasceu o Simbolismo, em meados do século XIX francês, havia um espírito de época que rumava à revolta e à melancolia – esta, herdada de outras gerações de poetas, como os românticos. Predominavam crises diversas no país, como as que nasceram com o advento da República, o que resultou em descontentamento. Havia, ainda, a recusa da busca pelo dinheiro e pelo lucro, constantemente exaltados pela burguesia crescente. Se, de um lado, houve aqueles que encontraram refúgio no culto ao desenvolvimento e à ciência, parte da geração mais jovem contestou os sistemas político, social, intelectual e artístico, e rejeitava, ainda, a fé positivista e o Realismo.<sup>213</sup> Esses referenciais foram edificadores da vertente simbolista, que se identificavam, igualmente, com a filosofia de Schopenhauer.

Artur Schopenhauer, pensador alemão (1788-1860), assinou as obras *O mundo como vontade e representação* (1819) e *Parerga e Paralipomena* (1851) Para ele, o mundo da razão e da realidade era distinto do mundo da vontade, que é cega e irracional. Entregue ao universo de seus desejos, a humanidade é infeliz, pois não consegue satisfazer os seus anseios. A libertação pode ocorrer apenas em três momentos: na arte, na simpatia e na ascese,<sup>214</sup> o que se distancia da crença exacerbada na ciência, fator que vigorou no XIX europeu. Para os simbolistas, a doutrina de Schopenhauer traduzia o desespero frente às constatações produzidas pela ciência, e muitos passaram a entrever, assim como o filósofo, o mundo como mera representação, o que gerou o desprezo pela realidade comum. O sentimento era de decadência. O filósofo desestimulava o espírito de competição gerado pela base ideológica da Revolução Industrial e do Positivismo, dando vazão a um culto à dor, que, para muitos, foi lema do Simbolismo.<sup>215</sup> Seu desespero perante as constatações científicas ecoou entre os

<sup>212</sup> BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Editora Perspectiva, 1985. p. 15.

<sup>213</sup> MARTINO, op. cit., p. 143.

<sup>214</sup> MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. 6ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. p. 238-39.

<sup>215</sup> GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista: Textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1994. p. 13.

leitores da poesia simbolista, fazendo com que toda uma geração se detivesse na concepção de um mundo que era apenas representação.

Além da teoria schopenhauriana, presenciou-se, naquele momento, a difusão do decálogo de Swedenborg, místico sueco que exaltava a filosofia ocultista e a comunicação entre os homens e as divindades por intermédio do símbolo, nuances que se fizeram presentes na poesia simbolista e que fundamentam a teoria das correspondências.

No âmbito de suas manifestações iniciais, atribui-se ao poema “Voyelles” (1871), de Arthur Rimbaud, o papel de “animador” dos que aspiravam aos versos simbolistas; na época em que essa vertente dava seus primeiros passos, viu-se nas estrofes desse poeta “(...) uma teoria da audição colorida, um desejo inabalável de introduzir na poesia as ‘novas correspondências’; e os desejos musicais e ‘harmonistas’ de alguns cenáculos se viram aí encorajados”.<sup>216</sup> Segundo Álvaro Cardoso Gomes, a partir da leitura de Rimbaud, obteve-se a seguinte compreensão:

A poesia torna-se não um ato de reflexão sobre as coisas ou manifestações de sentimentos, mas espaços onde brotam as “correspondências” entre os diferentes campos das sensações. O resultado, portanto, não é uma verdade científica (por exemplo, a verificação objetiva da relação entre a vibração produtora da cor), mas o insólito de imagens que o poeta suscita em nós. Ao cabo, o texto “Vogais” caracteriza-se por ser metáfora do ato criativo; ou seja, as emissões sonoras provocam o surgimento de imagens, que se relacionam mais por associações livres do que propriamente lógicas.<sup>217</sup>

Ao se retomar o percurso histórico do Simbolismo, reconhece-se que suas ambições preliminares concernem ao artigo de Paul Bourget, intitulado *Théorie de la décadence*, e aos estudos de Verlaine, que se voltaram às obras de Tristan Corbière, Rimbaud e Mallarmé, em 1883. No ano seguinte, foi publicado *À rebours*, de Joris-Karl Huysmans, escrito que fixou os padrões estéticos que compunham o Decadentismo,<sup>218</sup> em especial no que se refere ao conceito de “torre-de-marfim”, ou seja, a admissão de uma postura de indiferença frente à realidade social vigente. Jean des Esseintes, um dândi abatido pelo *spleen*, deixa Paris e se instala em uma casa no campo, da qual não sai mais. No local, ele permanece rodeado de objetos sagrados, de flores raras e de odores, além de livros de Baudelaire, Verlaine e Mallarmé. A existência desse homem traduziu, de forma dramática, as tendências morais e

<sup>216</sup> MARTINO, op. cit., p. 131. Tradução nossa.

<sup>217</sup> GOMES, op. cit., p. 57.

<sup>218</sup> Muito se discute, também, sobre os limites que separam o Decadentismo do Simbolismo. Para alguns estudiosos, o primeiro foi “estado de sensibilidade”, enquanto o segundo constituiu uma verdadeira doutrina artística. Tem-se a concepção de que os decadentes representavam um estado de espírito que correspondia aos acontecimentos de uma época, enquanto os simbolistas caracterizaram uma manifestação literária *per se*. No entanto, como apontam as investigações de Cassiana Lacerda Carollo, o Decadentismo não foi apenas epígono do Simbolismo, ou vice-versa. (CAROLLO, op. cit., p. 2)

artísticas ditas decadentes, marcadas pela angústia, pelo tédio, pela evasão e pelo sonho. A personagem acaba por tornar-se o protótipo do decadente: é refinado, excêntrico e cultiva as sensações extravagantes, particularidades que influenciaram seus coetâneos.

Há notícia de que, em 1885, um grupo passou a se reunir junto a Mallarmé, e dele surgiram os fundamentos preliminares da escola simbolista. A divulgação da declaração da doutrina do Simbolismo ocorreu em 1886, com a publicação, em *Le Figaro*, do “Manifeste littéraire,”<sup>219</sup> de Moréas – no qual o termo “Simbolismo” foi pela primeira vez empregado para designar a estética – e do “Traité du verbe”, do poeta René Ghil, obra que contou com um prefácio de Mallarmé e que sintetiza os princípios do movimento em ascensão. Brunetière, crítico e historiador dos gêneros dramáticos, foi o responsável pelo anúncio das experiências iniciais do Simbolismo: correspondências entre o homem, a natureza e a poesia em função da linguagem.<sup>220</sup>

*Le Parnasse Contemporain*, que, como se sabe, foi reduto parnasiano, também anunciou o advento do Simbolismo. O volume de 1866 contou com versos de Mallarmé e com o poema “Langueur”, de Verlaine, obra que constituiu a ideia de decadência, tão estimada pelos *poètes maudits*.<sup>221</sup> A *Revue Wagnérienne* foi impulso para os preceitos simbolistas. Recebeu tal nome em homenagem ao compositor alemão Richard Wagner, que idealizou a “arte-síntese”, proposta de fusão das expressões artísticas que inspirou os simbolistas. Wagner e, também, outros músicos do período, buscavam não somente a expressão musical por meio da voz, mas, sobretudo, sugerir, lançando mão de uma orquestra, os estados da alma e das ideias cósmicas.<sup>222</sup>

Considera-se que o período áureo do Simbolismo ocorreu entre os anos de 1890 e 1900. Muitas revistas de cunho simbolista surgiram nessa época, a exemplo de *Le Symbolisme* (1886); *Écrits Pour l’Art* (1887); *Plume* (1889); e *Mercure de France* – “entusiasta” do Simbolismo na última década do XIX. Houve, também, um jornal, nomeado *Le Cravache*, que trazia em suas páginas versos e traduções, e que publicou poemas de Moréas e de Verharen. Para Balakian,

<sup>219</sup> Pierre Martino apresenta o manifesto como *Manifeste littéraire*. Já Laurence Campa o nomeia *Manifeste du Symbolisme*.

<sup>220</sup> CAMPA, op. cit., p. 44.

<sup>221</sup> Cassiana Lacerda Carollo chama a atenção para o fato de que a “(...) compreensão de uma arte expressando os efeitos dos tempos de decadência é bastante anterior às preocupações de Verlaine, cabendo o emprego do termo a T. Gautier, quando em 1869, inclui *Les fleurs du mal* de Baudelaire um prefácio de sua autoria”. (CAROLLO, op. cit., p. 5).

<sup>222</sup> VAN TIEGHEM, Philippe. *Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France : de la Pléiade au Surréalisme*. Paris : Presses Universitaires de France, 1960. p. 253.

Os anos de 1885-1890 constituíram-se numa época de ação convergente para Paris da parte de pessoas de diversas nacionalidades que trabalharam juntas, através da língua francesa, e chegaram a uma teoria, uma técnica e uma mística, doravante associada ao conceito de “simbolismo”. Este foi o período que temos considerado como o florescimento do Simbolismo, com “s” maiúsculo, o estágio da escola literária ou *cénacle*, a convergência de espíritos poéticos para Paris; e a língua francesa foi o denominador deste conceito poético. Por volta de 1890, começou o momento de irradiação [...].<sup>223</sup>

Os simbolistas franceses constituíram, de fato, um agrupamento de poetas. Passaram, muitas vezes, por momentos anedóticos, como a querela entre Gustave Kahn e Vielé-Griffin pelo posto de chefe do movimento. Em outras ocasiões, presenciaram perdas trágicas dos seus, que, por vezes, sofriam as misérias da vida em Paris. Inseridos em um ambiente particular e vivendo as belezas e infortúnios do universo literário, a nova geração, no tocante à produção lírica, considerou o *Parnasse* obsoleto, violando sua sintaxe. Contudo, não constituiu oposição absoluta a ele. Segundo Laurence Campa, ainda que o Simbolismo tenha apresentado traços de inovação, não ignorou o passado, recuperando matizes poéticos dos movimentos antecessores<sup>224</sup> e aliando-os à liberação do verso e à valorização da sensibilidade na linguagem. Estimava-se a estética da sugestão; era preciso, para os filiados à corrente, empregar uma linguagem indireta, que não narrasse ou descrevesse os sentimentos, mas que os sugerisse. A sonoridade passou a ser imperante nas estrofes e as composições do francês Claude Debussy foram apontadas como tradutoras do clima simbolista na música.

Os valores simbolistas atrelavam-se ao espiritual e ao metafísico, e prezavam a transcendência e a abstração. A tentativa de representação do onírico era experiência vital e via de iluminação e compreensão daquilo que era qualificado divino. Havia, ainda, a fixação pelo esoterismo e pela cor branca que, para os filiados, traduzia o ideal de arte, isto é, a languidez, o mistério, a pureza e o etéreo. O culto às teorias de Henri Bergson também era patente, prevalecendo a valorização da intuição. Discutiam-se, também, as fronteiras entre a intuição e a realidade, criticando-se o exagero na representação da existência. Alfred Valette, no *Mercur de France*, em 1890, recriminou o Naturalismo e o Realismo, no que concerne ao seu “fanatismo da observação”, valorizando a intuição no fazer artístico:

Os mais documentários dos naturalistas, os fanáticos da observação, os que mais desaparecem diante das agitações de suas personagens, reconhecem, sob pena de fabricar essa máquina automática: marionetes que se movem em um cenário, de definir de um tempo a outro os estados de alma, qual seja aliás o procedimento, de entrar “na pele do homenzinho”; e é então que a intuição lhes é indispensável, ou, em termos precisos, a palavra intuição que

<sup>223</sup> BALAKIAN, op. cit., p. 121.

<sup>224</sup> CAMPA, op. cit., p. 50.

se interpreta de diversas maneiras, a faculdade de transposição de seu próprio eu deformado segundo sua concepção de personagem. [...] Ou, se o realismo é mesmo a expressão *imediata* de toda a verdade adquirida, o ciclo realista permanece incompleto não somente porque nele não se encontram todas as combinações conhecidas de indivíduos, nem mesmo todos os tipos de indivíduos.<sup>225</sup>

Contrariamente à observação e ao caráter constatador dos naturalistas e realistas, no Simbolismo, o poeta tornou-se transmissor e conhecedor, por meio de seus versos, dos mistérios que pertenciam à humanidade. Eram os tempos do “poeta vidente”, designação asseverada por Rimbaud, que declarava dar-se a vidência pelo desregramento dos sentidos humanos, levando o escritor a um universo desconhecido.<sup>226</sup> E, assim como as indicações de Rimbaud, a obra de Charles Baudelaire foi relevante para as premissas do Simbolismo. Ainda que ele não tenha sido um representante da estética, foi responsável pela criação de conceitos que auxiliaram na formação desse movimento, em especial no que concerne à representação da condição humana na poesia e ao hermetismo do texto literário.<sup>227</sup> *Les fleurs du mal*, de 1857, é considerado o “grito da inteligência humana em face do destino, daquele mesmo destino que a ilusão científica havia sepultado solenemente um deus decaído de sua onipotência”.<sup>228</sup> Com a poesia de Baudelaire, viu-se uma reviravolta poética que transpassou o século XX e entusiasmou toda a poesia moderna na Europa. Baudelaire foi, acima de tudo, autor de impacto sobre o convencionalismo da poética de seu tempo.

Os simbolistas divulgavam fervorosamente as suas proposições. Não se contentavam apenas em publicar os seus versos e afirmavam suas doutrinas com audácia, além de produzirem antologias destinadas a explicitar os “mistérios do Simbolismo”.<sup>229</sup> Realizavam certo “anarquismo literário”, ao proporem a concepção livre do poeta, que podia criar todos os neologismos que desejasse.<sup>230</sup> Como já se referiu, a escola simbolista foi prospecto de um sentimento de ruptura e de inovação, e não resultou, na França, em fracasso, o que ocorreu com o *Parnasse*, constituindo a possibilidade do “salto criativo, em autores que uniram reflexão e produção, como tinha sido o caso exemplar de Baudelaire”.<sup>231</sup>

<sup>225</sup> VALETTE, Alfred. Intuitivisme et Réalisme. *Mercur de France*. Paris, abr. 1890. p. 99-100. Tradução nossa.

<sup>226</sup> GOMES, op. cit., p. 51.

<sup>227</sup> BALAKIAN, op. cit., 41.

<sup>228</sup> CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Prefácio de Medeiros e Albuquerque. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., 1944. p. 338.

<sup>229</sup> RETTE, op. cit., p. 16

<sup>230</sup> VAN TIEGHEM, op. cit., p. 257.

<sup>231</sup> CARA, op. cit., p. 29.

Entretanto, não obstante o sucesso, o Simbolismo não foi unanimidade em território francês. A partir do ano de 1895, uma onda antissimbolista passou a se desenvolver no país.<sup>232</sup> O movimento, em determinados momentos, foi descrito por uma crítica impressionista e, por isso, foi satirizado e ridicularizado, a exemplo da paródia *Les déliquescentes d'adoré Floupette*, de 1885. Texto assinado pelos então desconhecidos poetas Gabriel Vicaire e Henri Beauclair, trouxe ao público pastiches dos escritos de Verlaine, Mallarmé e Jules Laforgue, além de sugerir que os simbolistas eram “fumistas ou decadentes incompreendidos”.<sup>233</sup> Em verdade, nesse texto paródico, Beauclair e Vicaire doutrinaram às avessas as teorias simbolistas, com suas inversões sintáticas, seu culto às sensações, entre outros aspectos.<sup>234</sup>

Os naturalistas também criticaram o movimento, alegando que seus representantes quiseram isolar o artista em uma “literatura por literatura”.<sup>235</sup> Paul Alexis, por exemplo, que foi naturalista, declarou-se abertamente contrário à estética simbolista. Ressalta-se, ainda, o fato de que os jornalistas contemporâneos ao Simbolismo, estimulados por parnasianos e naturalistas, denegriam o movimento de forma constante. Por eles, os poetas simbolistas foram acusados de ignorar os fatos que ocorriam na época, além de terem sido apontados como excessivamente individualistas. Como não se infiltravam com assiduidade nas redações dos jornais e não se aproximavam dos críticos de seu tempo, eram distinguidos como pouco sociáveis.

Na Europa, o declínio do Simbolismo se deu a partir da segunda metade da década de 1890. Fato notável é que o movimento “criou um clima espiritual que em seguida permitiu a Joyce, a Proust, ao Thomas Mann de *Morte em Veneza*, a Valéry e Larbaud renovarem o romance do século XX”.<sup>236</sup> O Simbolismo francês também repercutiu em seu continente. Em Portugal, não constituiu doutrina de princípios estéticos e literários. Contudo, edificou-se em obras de diversos autores, tais como Camilo Pessanha, Eugênio de Castro e Antonio Nobre, e viu assumir contornos o Decadentismo, que, no país, relacionava-se ao enfraquecimento do Romantismo.<sup>237</sup> Foram expressivas as revistas *Os Insubmissos* e *Boêmia Nova*, ambas de 1889, bem como as obras *Gouaches* (Estudos e Fantasias), de 1892, de João Barreira; e *Os*

---

<sup>232</sup> DÉCAUDIN, Michel. LEUWERS, Daniel. *Histoire de la littérature française : de Zola à Baudelaire*. Paris : Flammarion: 1999. p. 43.

<sup>233</sup> RETTE, op. cit., p. 23-24

<sup>234</sup> GOMES, op. cit., p. 68.

<sup>235</sup> MARTINO, op. cit., p. 212.

<sup>236</sup> PEYRE, Henri. *A literatura simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 62.

<sup>237</sup> PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na poesia portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975.p. 3.

*simples*, de Guerra Junqueiro. Ulteriormente, marcas simbolistas foram entrevistadas nos versos de Florbela Espanca e Mário de Sá-Carneiro.

Em terras lusas, assim como na França, prevalecia o desgosto diante de uma civilização em crise, bem como a negação do Positivismo e do universo material. No país, via-se um descontentamento diante do progresso e do Capitalismo, em um território assolado pelo atraso econômico e marcado pelo saudosismo passadista, que ainda chorava a perda das glórias das conquistas proporcionadas pelas navegações. Segundo Augusto da Costa Dias, em sua obra *A crise da consciência pequeno-burguesa: O nacionalismo literário da Geração de 90*, os “programas de progresso econômico e político prometiam abundância e inesgotáveis possibilidades para todos, sem atender a distinções sociais; e, todavia, de súbito rebentavam crises, o desemprego, a incerteza”.<sup>238</sup> Eram tempos de revoltas proletárias e o pessimismo passou a estar na “ordem do dia”. Ainda que a sinceridade de tal atitude fosse questionada, percebia-se que as misérias do povo e os males individuais constituíam um uníssono em Portugal. Alguns pensadores da época, como Amorim Viana, Cunha Freire, Maria Amália Vaz de Carvalho, Magalhães Lima e Ferreira Deusdado, opuseram-se ao Positivismo e ao totalitarismo. Antero de Quental, em sua atividade epistolar, apoiou os que contradiziam as perspectivas naturalistas. As tendências espiritualistas e idealistas, e a presença do pensamento de Schopenhauer e de Hartmann, filósofo alemão, passaram a ser constantes no país.

Deve-se atentar, outrossim, para o fato de que o Decadentismo português manteve laços com a escrita e com as ideais de Charles Baudelaire. Os valores baudelairianos traduziram, naqueles anos tomados pelo sentimento de decadência, uma espécie de protesto frente aos atos injustos da burguesia.<sup>239</sup>

Existia o culto à forma, em especial daquela que fosse modificada, inovadora. Os fazeres poéticos precedentes eram, muitas vezes, tidos como arcaicos. A estética seguia a tendência da sugestão. A poesia decadentista era, igualmente, marcada por temas concernentes à espiritualidade e à religiosidade, que se atrelavam a manifestações do ocultismo e do “sado-satanismo”, o que foi inspirado pelas obras de Huysmans e Joséphin Péladan (autor de *Le Vice suprême* e *Curieuse*). Não se pode, ainda, esquecer o papel da produção de Cesário Verde no cenário decadentista luso, no que concerne às novidades da literatura:

---

<sup>238</sup> DIAS, Augusto da Costa. *A crise da consciência pequeno-burguesa: O nacionalismo literário da Geração de 90*. Lisboa: Portugal, 1964. p. 42.

<sup>239</sup> PEREIRA, op. cit., p. 110.

[...] as novas tendências literárias acentuam-se em Cesário Verde. Nas suas primeiras composições, assinala-se a originalidade de “Fantasias do Impossível – Caprichos”, que em muito antecipava a arte da Geração de 90: assim nos parece quanto ao “castelo deserto e solitário” onde se sofrem as angústias ou aos “parques com tapetes cultivados” onde se espriam íntimas contricções, por “horas do crepúsculo saudosas”; igualmente quanto à figura de mulher com uma inquietação de causa misteriosa e de reflexos estranhos, ou quanto à actuação exiccial e simbólica do universo físico, ou à sua transfiguração fantástica e terrífica.<sup>240</sup>

No tocante à crítica, a literatura portuguesa presenciou momentos profícuos às manifestações simbolistas e decadentistas. Nascia, ali, uma “nova escola”. No entanto, tais expressões não escaparam de opiniões depreciativas. Em 1891, Armando Navarro, do *Novidades*, relatou o levante dos críticos portugueses quando da publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro.<sup>241</sup> Pinheiro Chagas, em 1892, afirmou que essas aspirações seriam “um dos ridículos do século XIX” e que o desejo de inovação não era premissa a ser elogiada. Para Chagas, a busca pela mudança era evento natural, e não programada pelo decálogo de uma estética.<sup>242</sup> Apontamentos, estes, que receberam resposta do próprio Castro, que se dirigiu ofensivamente ao Pinheiro Chagas em carta publicada no *Jornal do Comércio* lisboeta, e que condenou o uso pejorativo do termo “nefelibata”.<sup>243</sup>

Para os brasileiros, fez-se relevante o livro *Horas*, do citado Eugênio de Castro. Desse escrito, que data de 1891, constam os “modismos e cacoetes de nosso Simbolismo”, a exemplo da variedade na metrificacção; do emprego de maiúsculas; expressões e temas litúrgicos; a procura da música aos moldes de Verlaine; entre outros.<sup>244</sup> Em seu prefácio, observa-se a reverência ao vocabulário exótico, ao ritmo e à sinestesia. É aclamada uma espécie de teoria de símbolo, que é plena de sugestões. Aparece, nesse texto, o termo “nefelibata”, utilizado para designar os simbolistas.

A contribuição do Decadentismo português para a formação do Simbolismo brasileiro foi acentuada. E mesmo em Portugal, a irradiação francesa se fez sentir: a Comuna de Paris repercutiu em Lisboa, assim como os costumes e hábitos franceses. Sabe-se ainda, que os literatos esperavam nas *gares* os livros dos decadentistas advindos da França.<sup>245</sup> Da

<sup>240</sup> PEREIRA, op. cit., p. 111.

<sup>241</sup> NAVARRO, Armando. Exame de consciência. *Novidades*. Lisboa, 31 mar. 1891. p. 3, 1.-2col.

<sup>242</sup> CHAGAS, Pinheiro. Os nefelibatas. *Correio da Manhã*, Lisboa, p. 1 e p. 2, 1.-2. col., fev. 1892.

<sup>243</sup> CASTRO, Eugênio. Carta ao Sr. Conselheiro Chagas. *Jornal do Comércio*, Lisboa, p. 1,5.-7 col., 7 fev. 1892.

<sup>244</sup> MURICY, op. cit., p. 82.

<sup>245</sup> DIAS, op. cit., p. 68.

Metrópole à ex-colônia, o Simbolismo cumpriu o seu curso e fez parte da literatura nacional, assunto sobre o qual se discorrerá nas próximas linhas.

### 3.2 Aclimação do Simbolismo no Brasil

No Brasil, o Simbolismo, como o Parnasianismo, foi precedido por manifestações que buscaram a cisão com o ideal romântico – ainda que os seus representantes mantivessem notação do Romantismo em suas obras.

Tem-se notícia de que o movimento chegou ao país pelas mãos de Medeiros e Albuquerque, que introduziu entre os seus contemporâneos livros de simbolistas franceses. Segundo Massaud Moisés, em 1887, por conta de relações que um amigo de Albuquerque mantinha com um grupo mallarmista, foi possível ao brasileiro ter acesso a uma coleção de obras provenientes do Simbolismo francês.<sup>246</sup>

Considera-se o ano de 1893 como marco inicial do Simbolismo, devido à publicação das obras *Missal* e *Broquéis*, de Cruz e Sousa. No entanto, ocorreram manifestações precursoras, que visavam ao supracitado rompimento com a matéria poética vigente. Os chamados “primeiros baudelairianos” vislumbraram na poesia de Baudelaire a mestria da “arte pela arte” e as correspondências, o que anunciou o Parnasianismo e, igualmente, o Simbolismo<sup>247</sup> e inspirou a temática e a forma de poemas como “Alcíones”, de Carlos Fernandes (1872) e os poemas em prosa de *Tropos e fantasias*, assinados por Cruz e Sousa e Virgílio Várzea (1885).

Em 1889, foi a vez de *Pecados*, que reuniu estrofes simbolistas de Medeiros e Albuquerque. O primeiro manifesto renovador, que teve um fauno mallarmeano como signo, foi divulgado em 1891 pelo jornal *Folha Popular*, em torno do qual se reuniam nomes como B. Lopes, Emiliano Pernetá, Oscar Rosas e Cruz e Sousa. Em 1892, B. Lopes trouxe a público *Dona Carmen*, também de inspiração simbolista. No mesmo ano, foi fundada, no Ceará, a Padaria Espiritual, cujo jornal, *O Pão*, apresentou versos de Lívio Barreto e de Lopes Filho, que traziam marcas simbolistas. O livro deste último, intitulado *Phantos*, de 1893, foi publicado antes mesmo dos poemas de Cruz e Sousa; o primeiro foi tornado público em agosto, ao passo que o segundo foi lançado em setembro do mesmo ano. É relevante salientar, também, que o Simbolismo cearense foi proeminente em relação ao Parnasianismo, e que sua

<sup>246</sup> MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1985. vol. 4 – O simbolismo. p. 51.

<sup>247</sup> CANDIDO, op. cit., p. 23.

inspiração não adveio do que se publicou no Sul e no Sudeste do Brasil, mas sim do que vigorava na Europa.<sup>248</sup>

No país, como antes se mencionou, discutia-se o Positivismo e o Evolucionismo, e o Simbolismo pode ser considerado uma contraposição a essas correntes. Sabe-se que, nos últimos decênios do século XIX, lutou-se, em terras brasileiras, pela Abolição da Escravatura e pela República. Passado o fervor dessas lutas, predominou o sentimento de desengano, o que favoreceu as manifestações literárias nas quais prevalecia certa nota de pessimismo, o que indicou a presença da doutrina de Schopenhauer nesse tipo de produção poética, seguindo a voga europeia.

Na literatura nacional, passou-se a crer que a poesia era capaz de assumir ares de contemplação, incidindo na negação da realidade circundante, que se assumia em uma fuga rumo “aos coloridos fortes, às linhas determinadas, aos contornos definidos”.<sup>249</sup> Seus representantes abusavam de metáforas e de imagens, e procuravam representar os movimentos do subconsciente. O mundo era idealizado e dava-se vazão à fantasia, ao fabulário e à mitologia.

Quanto à forma, os simbolistas mantiveram a estrutura do Parnasianismo, à exceção de Emiliano Pernetta e Mário Pederneiras. Porém, ainda que se dissessem negadores dela, mantiveram, de modo geral, o uso da forma fixa, e utilizavam-se comumente do “fecho de ouro” parnasiano, por exemplo. No que diz respeito à métrica, mostravam-se revolucionários na cesura, o que atribuíam fluidez aos versos. Nessa direção doutrinária, Cruz e Sousa, em 1891, escreveu o poema “Arte”,<sup>250</sup> no qual versa sobre as aspirações de uma geração nascente na poesia dos oitocentos e dirige-se ao “Artista”, que deve ter em mente que a composição poética se dá a partir de uma espécie de busca pela “palavra perfeita”, que deve estar aliada à vazão dos sentimentos. Para ele, prevalecia a correspondência entre a natureza e a poesia, em estrofes que apresentam uma ode à sonoridade e à presença do cromatismo nos versos.

Além de Cruz e Sousa, destaca-se entre os simbolistas o poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens. Faz-se relevante apontar que o movimento não se limitou ao Rio de Janeiro, alcançando visibilidade também no Sul do Brasil, como ocorreu no Paraná, onde surgiram agrupamentos simbolistas, como o curitibano “Cenáculo”, que reuniu Silveira Neto, Dario Veloso e Emiliano Pernetta, e foram publicadas a *Revista Azul* e as revistas *Galáxia*, *A Pena*,

<sup>248</sup> AZEVEDO, Rafael Sânzio de. *Breve história da Padaria espiritual*. p. 63.

<sup>249</sup> CARVALHO, op. cit., Editora da UFC, 2011. p. 343.

<sup>250</sup> CRUZ E SOUSA, op. cit., p. 333-334.

*O Sapo*, entre outras. No âmbito da crítica, enfatiza-se a produção de Nestor Vitor, paranaense que foi considerado precursor dessa corrente filosófica.<sup>251</sup>

De acordo com Antonio Soares Amora, pode-se falar, no Brasil, de uma “época do Simbolismo”, que perdurou entre os anos de 1890 e 1920.<sup>252</sup> Contudo, sabe-se que, com o falecimento de Cruz e Sousa, o movimento não conseguiu manter a mesma força, desdobrando-se em pequenos grupos, como o “Rosa-Cruz”, do qual faziam parte Félix Pacheco e Saturnino de Meireles, e o grupo de Nestor Vitor, que contava com Silveira Neto e Emiliano Pernetá. Essa cisão não pode ser tomada como a expiração do Simbolismo, mas observou-se que a dificuldade da estética em romper a barreira da literatura oficial foi perene – sabe-se que apenas em 1919, na *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, o Simbolismo foi considerado parte da literatura nacional.

### 3.3 O momento parnasiano-simbolista no Brasil

Na literatura brasileira, o período em que vigoraram o Parnasianismo e o Simbolismo trouxe às Letras um dado então inédito, pois duas correntes de origem, elementos formais e aspectos ideológicos em comum conviveram e, reciprocamente, se identificaram como adversárias.<sup>253</sup>

Andrade Muricy proferiu palavras sábias sobre a existência de estilos diversos na literatura. Para ele, na produção literária, as “estéticas se fecundam mutuamente e se transformam, resultando aos poucos, novas formas, que jamais são totalmente novas, porque integram muitos elementos das anteriores”.<sup>254</sup> No que concerne ao Parnasianismo e ao Simbolismo, tal proposição é válida. Como se discutiu nas páginas anteriores, ambas as vertentes apresentaram suas particularidades. De um lado, o Simbolismo caracterizava-se pela valorização do onírico, do místico e da musicalidade, por exemplo. Do outro, o Parnasianismo atinha-se ao discurso correto e formal.

De acordo com Wilson Martins, houve um diálogo entre o Parnasianismo e o Simbolismo brasileiro. O autor alegou que o Simbolismo não passou de um “Parnasianismo romântico”, e que, de modo semelhante, os representantes do Parnaso flertaram com os ditames dos simbolistas. Porém, apesar de tal similaridade, o Parnasianismo obteve a

---

<sup>251</sup> MURICY, loc. cit., p. 522.

<sup>252</sup> AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira (Séculos XVI-XX)*. São Paulo: Saraiva, 1963. p. 132.

<sup>253</sup> COUTINHO, op. cit., p. 319.

<sup>254</sup> MURICY, loc. cit., p. 316.

preferência do público leitor. Como se mostrou no segundo capítulo desta dissertação, este último lançou mão de discurso que foi do agrado aos seus contemporâneos, enquanto o Simbolismo utilizou-se de uma linguagem dita nova, que se pautava pela gramática e pela sintaxe psicológicas,<sup>255</sup> e que foi apontada como não-representativa.

Martins declarou, outrossim, que o Simbolismo não se assimilou ao “corpo da poesia brasileira”, devido a sua temática, dotada de “neve, princesas longínquas, guerreiras medievais, monjas maceradas e cidades mortas”. Já para Andrade Muricy, no século XIX, os leitores brasileiros não possuíam “cultura universalista” e, por isso, não compreenderam a literatura simbolista. Segundo Muricy, “certa desinformação e certo imobilismo aprovincianado facilitaram a extensão e penetração da acessibilidade da estética do Parnasianismo”.<sup>256</sup> Há quem diga, ainda, que o Simbolismo não se adequou aos aspectos climáticos e sociológicos do Brasil. Tudo isso, para o autor, causou a disparidade entre os dois movimentos:

Observando o panorama da época, fica evidente o contraste entre os simbolistas, de um lado, nem todos puros, insistindo na nota da pureza, da honestidade, do heroísmo interior, falando em “lírios”, e cuja sensualidade era violentamente idealizada, ligada ao satanismo, ao sucubato, a um profundo sentimento místico – e de outro os parnasianos, muitos dos quais cantavam a carne pela carne, sem o sentimento do pecado, mas também sem saudável alegria. Estão nos extremos: Alphonsus e Bilac.<sup>257</sup>

Outro argumento para a hegemonia do Parnasianismo refere-se ao fato de que, nos anos de 1800, deu-se importância à oratória civil, aos estudos históricos e à gramática, o que se refletiu na crítica literária, marcada pelo nacionalismo, pelo civismo, pelo nativismo e pelo patriotismo. Como dito anteriormente, predominavam ideias que se mantinham sob a luz do determinismo e do materialismo de origem científica, o que pode ter suprimido o ideal espiritualista do Simbolismo. Era o tempo do *Zeitgeist* realista-positivista.<sup>258</sup> Apesar de Afrânio Coutinho ter apontado o cansaço e aniquilamento, em 1890, da dita “velha escola”,<sup>259</sup> vê-se que a tríade Realismo-Naturalismo-Parnasianismo mantinha-se firme nessa época.

Para os simbolistas, fazia-se necessário liberar a linguagem de sua função reprodutiva da realidade. Isto, de certo modo, serviu como entrave para a sua aceitação, em um momento em que, na crítica, buscava-se o que a obra “deveria apresentar para cumprir um papel já predeterminado, e que acaba sendo uma visão ideológica rasa, retomando os padrões

---

<sup>255</sup> MOISÉS, op. cit., p. 35.

<sup>256</sup> MURICY, op. cit., p. 22.

<sup>257</sup> Idem, ibidem, p. 80.

<sup>258</sup> COUTINHO, op. cit., p.323.

<sup>259</sup> Idem, ibidem, p. 315.

sociais e só percebendo aquilo que é dado manifesto”.<sup>260</sup> Compromissado em ser “tradutor da realidade”, o XIX brasileiro ignorou as novas tentativas de invenção e intuição.

Os simbolistas foram pejorativamente alcunhados “nefelibatas”, isto é, eram acusados de “viverem nas nuvens”. Levaram suas diferenças estéticas às ruas do Rio de Janeiro, criando modas, hábitos e costumes. Os que pertenciam ao grupo de Bilac não viam com bons olhos os de Cruz e Sousa, e vice-versa. O agrupamento do Simbolismo foi de encontro com os parnasianos não apenas nas colunas de seus jornais e revistas, mas, também, nas portas das livrarias e nas mesas dos cafés, ali trocando “epigramas venenosos e se mimoseavam reciprocamente com os rótulos de ‘imbecil’, ‘idiota’, e coisa que o valha”.<sup>261</sup> Para os seus representantes, o grupo adversário foi responsável pela banalização da poesia, pois sua produção enveredou, com frequência, por setores que não lhe eram comuns, como a ciência, a luta social e a ação política. Brito Broca asseverou que, nas vésperas da Proclamação da República, “surgiram muitos panfletos em versos. O poeta ia perdendo aquela dignidade de ser superior que coloca a arte acima de tudo e não desvirtua nem lhe abastarda o culto”.<sup>262</sup>

Foram diversos os episódios anedóticos envolvendo parnasianos e simbolistas. Luís Edmundo apontou para a irreverência dos novos, o que, de certo modo, assemelha-se às manifestações dos modernistas do agrupamento de 1922 – a tentativa de romper com a tradição, mas com certa anarquia a mais, posto os simbolistas não terem contado com o apoio de instituição ou literatura oficial, ou de patrocínio dos abastados que se interessavam pelas artes. Quando o literato Fagundes dos Santos dirigia-se à livraria do Garnier, perguntava sempre se “um sujeito vesgo e tolo que acode pelo nome de Olavo Bilac” ainda escrevia versos nos jornais; se tivesse como afirmativa a resposta à sua pergunta, fazia-se de triste, erguia as mãos aos céus “(...) pedindo ao Divino transforme o vate de *Ouvir estrelas* em um útil pé de couve ou em frade de pedra”.<sup>263</sup> E não apenas os parnasianos eram criticados, mas todos os representantes da literatura que precedeu o Simbolismo; as pilhérias atingiam mesmo Gonçalves Dias e José de Alencar, nos jornais mantidos pelos simbolistas nos momentos finais do XIX e início do século XX:

---

<sup>260</sup> CARA, op. cit., p. 31

<sup>261</sup> BROCA, op. cit., p. 126.

<sup>262</sup> Idem, ibidem, p. 126.

<sup>263</sup> EDMUNDO, op. cit., p. 418.

Esses periódicos são, em geral, caóticos, confusos, não raro apresentando manifestos literários, que são ridículas e fofas declarações de guerra a líricos, a parnasianos e a realistas, formando uma trincheira onde se encastelam soldados vindos de toda parte, amigos e inimigos, mas que vivem, somente, a dar tiros para o ar...<sup>264</sup>

Ruy Castro também elenca momentos dessa disputa que, por fim, traduziu uma luta do “novo” contra o “antigo”. Uma disputa que não foi apenas literária, mas que significou a recusa a tantas estruturas ossificadas que permeavam aqueles anos. Castro afirma que, se pudessem, os simbolistas teriam enforcado Olavo Bilac nas “tripas de Coelho Neto”.<sup>265</sup>

O poeta Gustavo Santiago, por exemplo, (autor de um poema que falava de “oceanos em erisipelas”), dizia a todo mundo na rua do Ouvidor, que, ao passar por Machado, não lhe tirava o chapéu por ele ser o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas por ser “funcionário exemplar da Secretaria de Viação”. Outro poeta, Orlando Teixeira, benzia-se ostensivamente quando cruzava com o crítico José Veríssimo às sextas-feiras. Félix Pacheco (que depois deu seu nome ao gabinete de identificação de pessoas físicas do Rio) só se referia àquele “mulato pretensioso e besta que se chamou Gonçalves Dias”. Para eles, Castro Alves era um “jumento”; José de Alencar, uma “mula”; Álvares de Azevedo, uma “zebra”.<sup>266</sup>

A despeito dessa agitação, as circunstâncias fizeram com que os *novos* se defendessem com menor vigor, mesmo inconformados com o discurso do Parnasianismo. Tinham diante de si as portas fechadas dos jornais já consolidados, que eram dominados por grupos oligárquicos, e do próprio prestígio urbano, postos que já estavam ocupados pelos parnasianos.<sup>267</sup> As críticas ao seu respeito perduraram, e já no início dos 1900, José Veríssimo ainda afirmava que o próprio Simbolismo não era capaz de identificar o que representava. Acusou a escola de falta de concisão e compreensão e de abranger diversas manifestações que se viam na ordem do dia: estetas, simbolistas, decadistas e nefelibatas. Para ele, tratava-se de mera reação contra o Realismo e contra o Naturalismo, e fato de imitação intencional das literaturas portuguesa e francesa. Em relação a Cruz e Sousa, Veríssimo declarou que o catarinense não era simbolista, e sim apenas um Parnasiano que leu Verlaine, “sem possuir deste, em grau algum, nem a facilidade de idealização poética, nem a ciência inata da língua, nem a plasticidade das formas métricas”.<sup>268</sup>

De fato, as querelas de ordem parnasiano-simbolista ultrapassaram os limites do XIX, o que ocorreu entre Nestor Vitor e Alberto de Oliveira. Além do que afirmou Veríssimo,

<sup>264</sup> EDMUNDO, op. cit., p. 423.

<sup>265</sup> CASTRO, Ruy. Faltou carnaval no Modernismo. In: \_\_\_\_\_. *O leitor apaixonado: Prazeres à luz do abajur*. Organização de Heloisa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 23.

<sup>266</sup> Idem, ibidem, p. 23.

<sup>267</sup> MOISÉS, op. cit., p. 63.

<sup>268</sup> VERÍSSIMO, loc. cit., p. 369.

outro eco tardio ocorreu quando Alberto de Oliveira divulgou, em 1927, no jornal *O Globo*, o texto intitulado “A infantilidade de um príncipe”,<sup>269</sup> o que gerou um embate entre o poeta e Nestor Vitor. Este último afirmou que o parnasiano, “(...) em tom de pilhéria, começou a propagar nas rodas amigas uma falsa história, que dava como sendo a gênese da glória e celebridade que o nome de Cruz e Sousa havia alcançado”:<sup>270</sup>

Dizia ele que a princípio, até depois da morte do poeta, Sílvio Romero o tinha em conta de burro. Mas que uma vez, encontrando-me eu com o grande crítico em casa de Mello Moraes Filho, seu grande amigo, casa em que ele estava passando alguns dias, consegui persuadi-lo de que ele incorria em erro. Mas de que modo? Antes de tudo enchendo-o de comiseração por Cruz. Pintando a vida desgraçada do poeta. [...]  
Então Sílvio ficara comovido, pedira-me que eu lesse os versos de Cruz e Sousa e na proporção que os ia ouvindo arrebatava-se, tocado, no fundo, pela piedade, que lhe obnubilara o espírito por completo. [...]  
E foi daí – concluía o maldoso – que meio [sic] propriamente a voga de Cruz e Sousa.<sup>271</sup>

Disse Sílvio Romero, no “Livro do Centenário”, sobre Cruz e Sousa:

É o último poeta que temos de rapidamente notar; porém, dá prazer ao crítico avistar-se com um homem destes, um íntegro, um nobre espírito de eleição. Deixou publicados, em poesia os *Broquéis* e inéditos – *Faróis* e *Últimos Sonetos*. Devemos à delicadeza do Sr. Nestor Victor, grande amigo do poeta e que se encarregou de publicar-lhe as obras póstumas, a ventura de ler os manuscritos do ilustre morto, que nos é hoje plenamente conhecido. O que notamos de mais notável nas poesias de Cruz e Sousa é fácil de ser dito em poucas palavras.<sup>272</sup>

Mesmo com o fluxo contrário e com a destinação à efemeridade, no âmbito do periodismo, foram publicadas diversas revistas de cunho simbolista, como a *Vera Cruz*, de 1896, da qual fizeram parte Gonzaga Duque e Cruz e Sousa, e a *Rosa Cruz*, no século XX. No que concerne aos jornais, o Simbolismo nem sempre foi recebido de forma amistosa. Medeiros e Albuquerque, que, como se disse anteriormente, agiu como uma espécie de prenunciador dessa estética no Brasil, posicionou-se de forma contrária a ela em sua coluna n’*A Notícia*:

Essa intensa atividade crítica de Medeiros e Albuquerque iniciou-se justamente no período em que o movimento simbolista desenvolvia-se e procurava angariar adeptos e conquistar o público leitor. Considerado o seu vínculo com as origens do movimento, poder-se-ia supor que o crítico de *A Notícia* fosse um poderoso aliado dos simbolistas na divulgação de suas

<sup>269</sup> VITOR DOS SANTOS, loc. cit., p. 419-425.

<sup>270</sup> Idem, ibidem, p. 421.

<sup>271</sup> Idem, ibidem, p. 421.

<sup>272</sup> ROMERO, loc. cit., p. 80.

ideias. Entretanto, ao noticiar e resenhar obras simbolistas, formulou avaliações severas e muitas vezes sarcásticas. [...] Ao resenhar livros de poesia, o crítico deixava transparecer seus critérios de origem parnasiana ou neoclássica quanto à métrica, às rimas, ao emprego de metáforas e à escolha lexical.<sup>273</sup>

Na *Gazeta de Notícias*, é escasso o número de poemas simbolistas. Dentre os poetas que alcançaram renome, aparecem Alphonsus de Guimaraens, com quatorze poemas, e Cruz e Sousa, com apenas dois. Este foi, ainda, vitimado pela crítica de seu tempo, o que não ocorreu de forma diversa na *Gazeta*.

### 3.4 O Simbolismo e o (não) lugar de Cruz e Sousa na *Gazeta de Notícias*

A *Gazeta de Notícias* foi porta-voz do discurso de sua época. Sua redação constituía um pequeno reduto parnasiano e realista, pois dela fizeram parte, por exemplo, Olavo Bilac e Coelho Neto. Desse modo, pode-se justificar o motivo de as amostras de apreço à vertente simbolista terem ocorrido com modesta frequência. Em 1893, a folha publicou um texto do escritor catarinense Virgílio Várzea, que, como se mencionou, foi amigo de Cruz e Sousa. Intitulado “Os decadentes em Portugal”, tal escrito é uma das escassas manifestações favoráveis ao Simbolismo, e seu assunto é a produção de dois decadentistas portugueses: João Barreira e Alberto de Oliveira (homônimo do parnasiano brasileiro).

Para Virgílio Várzea, as obras *Gouaches*, de Barreira, e *Poesias*, de Alberto de Oliveira, eram representações do “nobilíssimo movimento” que vigorava em Portugal. O crítico comparou a produção simbolista às composições de Wagner, que, segundo ele, para serem compreendidas, precisavam ser constantemente revisitadas.

Várzea reconheceu que, naquela época, o Simbolismo não era uma unanimidade na literatura. No entanto, assegurou que a manifestação em questão era destinada a um pensamento de elite, a uma sociedade que fosse “avançada e culta”. De acordo com o crítico, o Decadismo estaria destinado, também, ao reconhecimento de seus posteriores, inclusive dos filiados à escrita realista-naturalista, que tanto recriminaram o movimento nascente:

Vencerá o decadismo na totalidade das suas ideias, ou entrará na literatura universal atenuadamente? Acredito que Wagner terá, durante alguns anos, desde já e com futuro próximo, a batuta genial, como ao simbolismo caberá aureolar as frentes sonhadoras que nasceram para a arte, de era avante.

<sup>273</sup> SIMÕES JR., Alvaro Santos. As resenhas de livros simbolistas no vespertino *A Notícia* (1897-1905). In: \_\_\_\_\_. CAIRO, Luiz Roberto Velloso. RAPUCCI, Cleide Antonia. (Orgs.) *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Nankin, 2009. p. 141-142.

Não decorrerão muitos anos, que as atuais leituras realistas, presentemente de difícil técnica, virão a ser contadas como cousas chilas, de simplicidade elementar, em virtude de necessidades mentais superiores, para as quais far-se-ão indispensáveis produções equivalentes, como alimentos restaurativos.<sup>274</sup>

Também em 1893, Adolfo Caminha criticou a sua geração de escritores, por ele considerada estagnada e passiva diante dos ditames provenientes da França. Para o escritor cearense, eram poucos os romancistas, visto o gênero romance ter sido, segundo ele, um tipo de produção que exigia árduo trabalho para ser concluída, diferentemente da poesia e dos folhetins. Dentre esses literatos que, para ele, não eram representativos em seu tempo, mas que produziam obras de relevância, destacava-se Cruz e Sousa. De acordo com Caminha, apesar de menosprezado, Cruz e Sousa era um poeta original e vítima do preconceito de seus contemporâneos:

Cruz e Sousa é um dos pouquíssimos que no Brasil tem ideias seguras sobre arte; temperamento de eleição, natureza complexa expandindo-se em criações admiráveis pela estranha música do verso ou da frase, onde quase sempre o sensualismo canta a epopeia da carne e da Forma – ele é um independente, um forte, um insubmisso, que honra as letras nacionais.<sup>275</sup>

Deve-se considerar, contudo, que essas avaliações foram as únicas partidárias, ou ao menos simpáticas, ao Simbolismo que a *Gazeta de Notícias* trouxe a baila, imperando, sempre, a oposição a essa vertente.

No que concerne ao movimento simbolista e ao Decadentismo, a *Gazeta* divulgou, em 18 de setembro de 1896, o poema satírico “O sono dele”,<sup>276</sup> assinado por Fantásio, pseudônimo de Olavo Bilac, e que saiu n’*O Filhote*. Nesses versos, há uma crítica a aspectos políticos e uma menção depreciativa ao Simbolismo:

O sono dele  
POEMA SIMBOLISTA

(Anoitece. Passa-se o drama à beira de um rio largo, profundo, silencioso. É o Lethes, rio do Esquecimento. Não corre, não murmura, não espuma. Aquelas ondas dormem e fazem dormir... Espichado na praia, a fio comprido, está um homem que repousa a cabeça sobre uma pasta ministerial. Há uma indizível melancolia no ar. Anoitece).  
A primeira estrela (palpitando no céu)  
A flor-da-noite abre o cálix;  
E, soltos, os pirilampos  
Cobrem as faces dos campos,  
Enchem os seios dos vales...

<sup>274</sup> VÁRZEA, Virgílio. VARZEA, Virgilio. Os decadentes em Portugal. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 mar. 1893. p.1-2. 7.col.

<sup>275</sup> CAMINHA, loc. cit., p. 187.

<sup>276</sup> FANTÁSIO. O sono dele. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 set. 1896. p.1. 6.col

*O rio Lethes* (com uma voz apagada e trêmula)

Padeces? nas minhas águas,  
 Que nem se arrolam ao vento,  
 Vem beber o esquecimento,  
 Vem pôr fim às tuas mágoas...  
 Mais seguro que uma cova,  
 Eu sou o rio do Olvido:  
 Quem desta água um dia prova  
 Fica de tudo esquecido...  
 Vem beber o esquecimento!  
 Eu sou o rio do Olvido!

*A estrela*

Flores, dormi!... Anoitece...  
 Dormi, camélias e rosas!  
 Já todo o céu adormece...  
 Tenho as pálpebras medrosas...  
 (Em torno do homem que está dormindo na praia, começam a crescer pés de dormideiras. Nas hastes balançam-se as grandes papoulas vermelhas, estilando sucos soporíferos).

*Uma papoula*

Dorme, feliz! fecha a porta  
 Negra, que dá para a vida!  
 Que importa a pátria perdida?  
 O câmbio a nove que importa?  
 A vida é estúpida e bronca...  
 Sossega essa alma cansada,  
 Sobre essa pasta amassada  
 Pausa a frente... E ronca! e ronca!  
 (Aparece o luar. Ao clarão melancólico, vê-se a face do homem que dorme. É o Sr. Rodrigues Alves, de pálpebras apertadas e inchadas. S. Ex. ronca, ronca, ronca... Ronca tanto que o próprio rio Lethes, que já tem passado mil séculos a dormir, acorda espavorido.)

*O rio Lethes* (acordando)

Logo no início do mundo,  
 Vi o sono universal.  
 Que horror! que sono profundo,  
 E que silêncio mortal!  
 Tenho dormido, dormido...  
 Mas a alma de Morpheu!  
 Confesso que estou vencido!  
 Este dorme mais do que eu!  
 (O ministro ronca. Então, do outro lado do rio, aparece a figura do *Krack*: a inglesa, de suíças e roupa de xadrez).

*A estrela*

Não faças barulho, o *Krack*  
 Porque ele está dormindo!  
 Não lhe turves a fulgida miragem!  
 Vê como dorme, sossegado e lindo  
 Aquele *cavaignac*...  
 O *Krack*, com meiguice, ao som da *Dalila*  
 Dorme, que eu vejo, sedutora imagem...  
 (Não há mais vozes, não há mais nada: tudo dorme).

Em 14 de dezembro de 1898, ganhou vez o poema “Nefelibatadas”, de autoria do pseudônimo Juvenal e que alude ao termo “nefelibata”, visto que os simbolistas eram acusados de viverem “nas nuvens”. O poema escarnece do modo de vida dos poetas *novos*, apresentando em suas estrofes o Fileto, que se entende ser um protótipo de decadente, isto é, um ser que desprezava as multidões e se mantinha em constante estado de moléstia:<sup>277</sup>

Lá vem Fileto, lá vem Fileto  
 Todo de preto  
 Todo de luto  
 Vem macambúzio, desalentado,  
 Triste e matuto!  
 Luto pesado,  
 Pesado luto  
 Veste o Fileto, veste o Fileto!

Lá vem Fileto! lá vem Fileto!  
 Parece Hamleto,  
 Lívido, branco!  
 Foge ao processo, pra aqui se esgueira  
 Não quer o banco,  
 Quer a cadeira!  
 Pobre Fileto! pobre Fileto!<sup>278</sup>

Cruz e Sousa constituiu caso particular. A *Gazeta* noticiou na primeira página da edição de 17 de outubro a publicação da obra *Broquéis*, anunciando-a como “versos de moço, quase sempre cantando as harmonias da carne, e não raro fazendo-os com exuberâncias de estilo, que vão até a obscuridade”.<sup>279</sup> Em outras ocasiões, porém, o jornal de Ferreira de Araújo deu vez a textos que atacaram a obra e o poeta.

João da Cruz e Sousa nasceu no ano de 1861, em Desterro, atual Florianópolis. Na época, o número de habitantes do local não chegava a 10.000. Filho de Guilherme da Cruz e Carolina Eva da Conceição, ambos frutos da escravidão no país, foi educado por seus senhores, o Marechal Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa, Clarinda Fagundes Xavier de Sousa.

Quando criança, Cruz e Sousa compunha versos.<sup>280</sup> No ano de 1885, residiu temporariamente no Rio de Janeiro e atuou como redator do jornal *O Moleque*.<sup>281</sup> Sua participação em tal folha já anunciava aquilo que atormentou os seus dias: segundo Raimundo

<sup>277</sup> Em 1905, o escritor paranaense Rocha Pombo, que produziu ficção de cunho simbolista e de vertente espiritualista, lançou o romance *No hospício*, cujo personagem se chama Fileto. Este era um moço que acreditava no misticismo e que, por isso, foi internado em um sanatório por seu pai, que não o compreendia.

<sup>278</sup> NEFELIBATADAS. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 dez. 1898. p.1, 7. col.

<sup>279</sup> BROQUÉIS. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 out. 1893. p.1, 2.col.

<sup>280</sup> MAGALHÃES JR, Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. 2. ed. corrigida e aumentada. São Paulo: LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972. p. 5.

<sup>281</sup> O nome da publicação indicava a alcunha pejorativa dirigida, na época, aos negros. Trata-se de uma autoderrisão.

Magalhães Junior, o poeta e seus colegas de redação nunca eram chamados às festas dos outros jornais, por conta de sua cor.

Ainda no Rio, juntou-se a outros aspirantes à poesia, dentre os quais se contam B. Lopes, Nestor Vítor e Luís Delfino. O catarinense era leitor dos versos de poetas franceses, como Villiers de L'Isle-Adam, Verlaine e Baudelaire – de quem apropriou versos, que foram mais tarde utilizados como epígrafe de *Broquéis*.<sup>282</sup> Foi poeta que se serviu de diversos recursos sonoros em sua obra, assim como de “ludismo fonético” – isto é, a recorrência constante de assonância, aliterações, dentre outros recursos, ainda que estes não fossem expressivos, no que tange a compreensão. Também lançou mão de uma série de neologismos, como “crepusculamento”, “nirvanecimento” e “romeirar”.

Estabeleceu-se em definitivo no Rio em 1890, ao aceitar uma proposta de trabalho do jornal *Cidade do Rio*, do qual foi demitido pouco tempo depois – eram diversas as cartas que recebia dos leitores, que reclamavam de seus escritos. Assim, tornou-se membro da *Folha Popular*, que, como já se mencionou, foi um dos redutos iniciais do Simbolismo no Brasil. Posteriormente, atuou como repórter da *Gazeta de Notícias*:

Trabalhou Cruz e Sousa como repórter da *Folha Popular* e da *Gazeta de Notícias*, onde Ferreira de Araújo lhe dera um modesto lugar de noticiarista, para logo se arrepende, tão deslocado se mostrava Cruz e Sousa em tal mister. Viera de uma imprensa provinciana, em que todos os exageros de adjetivação eram permitidos. Tais foram os seus excessos verbais que Ferreira de Araújo um dia o chamou. Queria comunicar-lhe que estava terminantemente impedido de usar qualquer espécie de adjetivo nas notícias que redigisse, pois não os empregava jamais, com precisão e sobriedade. Ficou, dessa época, pitoresco episódio anedótico, referido pelo jornalista e político cearense João Lopes, então redator da *Gazeta de Notícias*. Era Cruz e Sousa plantonista, quando, uma noite, verificou-se um incêndio, em pleno centro comercial da cidade. O noticiarista recorreu, no título, a uma velha chapa: “Pavoroso Incêndio”. Saiu, no dia seguinte, na primeira página, esta inversão: “Vaporoso Incêndio”. Ferreira de Araújo, diretor severo, mandou suspender por sete dias o plantonista.<sup>283</sup>

Ironicamente, a *Gazeta* que o recebeu foi aquela que, muitas vezes, o execrou, dando lugar aos seus poemas em dois raros momentos: em 1893, com “Aparição” e em 1898, com “Lírio astral”, já depois de sua morte. Ambos apresentam forma regular, o que denota a já citada paridade entre a forma simbolista e a forma parnasiana que ocorreu entre os poetas

<sup>282</sup> “*Seigneur mon Dieu! acordez-moi la grace de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi-même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise.*”

<sup>283</sup> MAGALHÃES JR, op. cit., p. 79.

brasileiros. “Aparição” é notadamente simbolista, caracterizando-se pela recorrência ao onírico, ao mistério e ao tema da religiosidade. Há a sinestesia, com seus “perfumes” e o apelo à sonoridade. A “Santa Virgem”, com a qual o eu-lírico tem um encontro, é iluminada, dourada, o que a faz beirar a descrição de uma musa romântica. A Virgem é capaz de domar o mal e o perigo, e aponta a dedicação aos exercícios espirituais como via de resignação frente aos desejos. Surpreendentemente, reconhece-se, no último terceto que, apesar de sua santidade, ela era, como muitos mortais, assolada pela tristeza. Vê-se que o sofrimento e a dor são barreiras até mesmo para as entidades sagradas:

Por uma estrada de astros e perfumes  
A Santa Virgem veio ter comigo:  
Doiravam-lhe o cabelo claros lumes  
Do sacrossanto resplendor antigo.

Dos olhos divinais no doce abrigo  
Não tinha laivos de paixões e ciúmes,  
Domadora do Mal e do perigo,  
Da Montanha da Fé galgara os cumes.

Vestida na alva excelsa dos Profetas,  
Falou na ideal resignação de Ascetas,  
Que a febre dos desejos aquebranta.

No entanto os olhos d’Ela vacilavam,  
Pelo mistério, pela dor flutuavam,  
Vagos e tristes, apesar de Santa!

Em “Lírio Astral”, mantém-se a perspectiva simbolista. Fazem-se presentes, mais uma vez, a religiosidade e o onírico. O lírio, flor que é antropomorfizada pelo sujeito poético, é via de transcendência. Ressalta-se que Cruz e Sousa, no geral de sua obra, recorreu, constantemente, à personificação. Há a sinestesia e a fixação pela cor branca, elemento comum à produção poética do Simbolismo:

Lírio astral, ó lírio branco,  
Ó lírio astral,  
No meu derradeiro arranco  
Sê cordial!

Perfuma de graça leve  
O meu final  
Com o doce perfume breve,  
Ó lírio astral!

Dá-me esse óleo sacrossanto,  
Toda a caudal  
Do óleo casto do teu pranto,  
Ó lírio astral!

Traz-me o alívio dos alvíos,  
 Ó virginal,  
 Ó lírio dos lírios níveos,  
 Ó lírio astral!

Dentre as sonatas da lua  
 Celestial,  
 Lírio, vem lírio, flutua,  
 Ó lírio astral.

Dos raios das noites de ouro,  
 Do Roseiral,  
 Do constelado tesouro,  
 Ó lírio astral!

Desprende o fino perfume  
 Eterea  
 E vem do celeste lume,  
 Ó lírio astral!

Da maviosa suavidade  
 Do céu floral  
 Traz a meiga claridade,  
 Ó lírio astral!

Que bendita e sempre pura  
 E divinal  
 Seja-me a tua frescura,  
 Ó lírio astral!

Que tudo que me é avaro  
 De luz vital,  
 Nessa hora se torne claro,  
 Ó lírio astral!

Que portas de astros, rasgadas  
 Num céu lírial  
 Eu veja desassombradas,  
 Ó lírio astral!

Que eu possa, tranquilo, vê-las,  
 Limpo do mal,  
 Essas mil portas de estrelas,  
 Ó lírio astral!

E penetrar nelas, calmo,  
 Na paz mortal,  
 Como um dadívico salmo  
 Ó Lírio astral!

Vento velho que soluça  
 Meu sonho ideal,  
 No infinito se debruça,  
 Ó Lírio astral!

Por isso, lá, no Momento,  
 Na hora letal,  
 Perfuma esse velho vento  
 Ó Lírio astral!

Traz a graça do infinito  
 Graça imortal,  
 Ao velho sonho proscrito,  
 Ó Lírio astral!

Adoça-me o derradeiro  
 Sono foral,  
 Ò lírio do astral Cruzeiro,  
 Ó Lírio astral!

Sê, ó Lírio, o doce Lírio  
 De luz boreal,  
 Na morte o meu claro círio,  
 Ó Lírio astral!

Perfuma, Lírio, perfuma,  
 Na hora glacial,  
 Meu sonho de Sol, de Bruma,  
 Ó Lírio astral!

Que eu suba na tua essência  
 Sacramental  
 Para a excelsa Transcendência,  
 Ó Lírio astral!

E lá, nas Messes divinas,  
 Paire, eternal,  
 Nas esferas Cristalinas,  
 Ó Lírio astral!

Os poemas de Cruz e Sousa foram tornados públicos apenas após o aparecimento das obras *Broquéis* e *Missal*. No entanto, consta da *Gazeta*, em 1891, a primeira manifestação de zombaria contra ele, na década em questão. Pode-se inferir que esse “adiantamento” refere-se ao fato de que o simbolista, apesar de não ter publicado livros nesse ano, já frequentava grupos que aspiravam à nova escola. Quanto à sátira, trata-se de um poema assinado por Pedro Malazarte, – o que indica que um redator do jornal, que se servia desse pseudônimo, caçoava do poeta, – intitulado “Chorar”.<sup>284</sup> Para compor suas estrofes, Malazarte recorreu a versos de “Rir!”, do próprio Cruz e Sousa, utilizando-os como epígrafe:

---

<sup>284</sup> É possível que Antonio José Soares de Sousa Junior tenha aludido, por meio do poema, a sua nomeação ao cargo da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), visto ter publicado “Chorar” entre a seção de nomeações da *Gazeta de Notícias*.

“Chorar”

*Antes chorar! Mais fácil nos parece.  
Porque o chorar nos ilumina e aquece  
nesta noite gelada do existir*  
Cruz e Souza.

Concordo com o Cruz, o poeta,  
Penso com ele, e garanto  
Que no mundo só o pateta  
Prefere a risada ao pranto.

Chorar é coisa excelente,  
É meio caminho andado,  
É recurso, expediente  
Que tem seguro atestado.

A coisa classificando,  
É das esplendidas tretas  
A melhor, mormente quando  
Quem chora não faz caretas.

Chorar é coisa divina,  
Porquanto um rifão de fama  
Até, senhores, ensina  
Que *quem não chora, não mama*.<sup>285</sup>

Observa-se que Malazarte não colocou em xeque apenas o próprio Cruz e Sousa, mas, igualmente, o sentimentalismo exacerbado, que foi combatido pela geração parnasiana. E, se a *Gazeta* era jornal de larga circulação, certamente o pensamento de Malazarte foi compartilhado com muitos leitores, que, provavelmente, passaram a partilhar de opinião pejorativa no que se refere a Cruz e Sousa.

Em 1893, a *Gazeta de Notícias* divulgou o poema “Na Costa d’África”.<sup>286</sup> É assinado pelo pseudônimo Sousa e Cruz – e este apelido, curiosamente, foi dado a Cruz e Sousa em Santa Catarina:

Flava, bizarra, álares e cintilante,  
Na Epopeia de rufos de tambores,  
Surge a manhã dos místicos vapores  
Do Levante irial, purpurejante...

Gargalha o sol; - o Deus enamorado,  
Cristais brunindo e rútilos fulgores  
Na comunhão dos rubros esplendores:  
N’África rude, bárbara, distante.

<sup>285</sup> MALAZARTE, Pedro. Chorar. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de jan. de 1891. p.1, 2.col.

<sup>286</sup> O poema consta da seção de “Publicações a pedido”, o que indica que o autor pagou pela divulgação de sua sátira.

E vinha, então, torcicolosamente,  
 Numa dança macabra a turba ardente  
 De pretinhos a rir, trajando tangas...

Festa convulsa, exata de Alegria.  
 Candongas, Bonzos, tudo enfim havia,  
 Missais, Broquéis, Pipocas, Bugigangas.<sup>287</sup>

“Na costa d’África” aparenta, ainda, ser uma paródia do poema “Dança do ventre”, do próprio Cruz e Sousa e que saiu em *Broquéis*:<sup>288</sup>

Torva, febril, torcicolosamente  
 numa espiral de elétricos volteios,  
 na cabeça, nos olhos e nos seios  
 fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!  
 que convulsões, que lúbricos anseios,  
 quanta volúpia e quantos bamboleios,  
 que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo  
 como reptil abjeto sobre o lodo,  
 espolinhado e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme  
 de um verme estranho, colossal, enorme,  
 do demônio sangrento da luxúria!<sup>289</sup>

Em “Na costa d’África”, a sátira é característica evidente, na medida em que o gênero constitui modalidade literária em que se criticam indivíduos ou instituições, censurando-os.<sup>290</sup> Percebe-se que o autor dessas estrofes fez uma leitura às avessas de subsídios que podem ser associados ao Simbolismo, servindo-se da assonância de vogais nasalizadas, bem como de vocábulos iniciados em maiúsculas e de elementos como os “vapores”, e palavras de difícil pronúncia. O uso de advérbios, como em “torcicolosamente”, indica a paródia da ânsia simbolista em romper com o ritmo do Parnasianismo. Na tentativa de aludir aos ritmos africanos, observa-se que “Sousa e Cruz” lançou mão de palavras como “Candongas” e “Bonzos”. A primeira significa “adulação”, “intriga”, “contrabando”. A segunda, “hipócrita”. Nota-se, assim, o caráter pejorativo atribuído à produção poética de Cruz e Sousa. Além disso, a África é “rude”, “bárbara” e distante, bem como repleta de “pretinhos a rir, trajando tangas”.

<sup>287</sup> CRUZ, Souza e. Na costa d’África. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de set. 1893. p. 3, 3. col.

<sup>288</sup> Pode-se considerar a hipótese de que “Dança do ventre” foi um poema que se fez conhecido em seu tempo, visto ter sido divulgado e comentado por Araripe Junior em “Movimento literário de 1893”.

<sup>289</sup> CRUZ E SOUSA, op. cit., p. 85.

<sup>290</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 413.

Tempos depois, foi tornado público o texto “O Missal”,<sup>291</sup> assinado por Magalhães de Azeredo. Além de crítico na *Gazeta*, Azeredo divulgou seus poemas nesse jornal, como visto no segundo capítulo. Tal indício nos leva a pensar, mais uma vez, que os escritos desse autor possuíam um alcance significativo entre os leitores, sugerindo que o seu ideário anti-simbolista tornava-se comum aos que tinham acesso às páginas da *Gazeta de Notícias*.

A observação de “O Missal”<sup>292</sup> permitiu-nos analisar referenciais importantes do fazer crítico do século XIX, em especial no que concerne à recepção das novas perspectivas que permeavam a produção literária do período. Vê-se que o poeta ateu-se, em seu texto, às questões vinculadas àquilo que se julgava “real” em literatura, – o que pode ser considerado resultado do que defendia o Positivismo de sua época, – aos preceitos da estética simbolista e ao embate entre *novos* e a produção literária precedente.

Nota-se, primeiramente, a valorização atribuída por Magalhães de Azeredo à classificação de textos literários enquanto gênero, o que sugere o caráter incompreensivo do autor diante daquilo que era considerado *novo*, o que fez com que não apenas o Simbolismo, mas alguns gêneros literários fossem considerados menores e mesmo desprezíveis, tanto por sua temática como pelo registro coloquial que apresentavam.<sup>293</sup>

Segundo o autor, o *Missal* foi recebido, inicialmente, com louvores por seus contemporâneos, que não passavam, contudo, de “encômios de noticiário”. Em seu texto, Azeredo criou uma situação na qual uma personagem alegórica, o Bom Senso, ri do livro de Cruz e Sousa, procedimento adotado para indicar que a obra é isenta de qualidade. Desprezou e ironizou a produção de Cruz e Sousa, alegando-se em dificuldade para classificar o *Missal* em qualquer gênero literário. Além disso, analisou pejorativamente o processo de criação do simbolista, refletindo o pensamento da época, que indicava o prestígio do poeta-ourives e prezava a contenção e o rigor formal:

O único meio, pois, de qualificar o *Missal*, é filiá-lo nessa espécie de escritos denominados literariamente – fantasias. Mas *Fantasias*? É um escolho perigoso esse, em que os naufrágios são frequentes e inevitáveis, quando a razão não está ao leme do batel. Com o manto da fantasia se encobrem desvários inúmeros, tudo se admite, tudo se absolve com a usual desculpa: - Oh! aquela imaginação ardente tem voos de condor, a quem lhe pode aparar as asas?

<sup>291</sup> AZEREDO, Magalhães de. O Missal. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 set. 1893. p.1-2. 1.col.

<sup>292</sup> Texto disponível nos anexos desta dissertação.

<sup>293</sup> SIMÕES JR., Alvaro S. Localismo e cosmopolitismo nas revistas-de-ano. In: CAIRO, Luiz Roberto; SANTURBANO, Andrea; PETERLE, Patrícia; OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de (org.). *Nas malhas da narrativa: ensaios sobre literatura, história, teatro e cinema*. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2007. p. 25

Mas, senhores meus,izei-me como se chama o estado mórbido, em que a imaginação ofusca a aniquila o sentimento? Loucura, senhores meus, loucura! E, certo, não é ela uma disposição favorável para o labor artístico.

Expôs-se, ainda, contrário à estética simbolista, bem como afirmou ter sido Cruz e Sousa “pobre de concepção e de pensamento”. Aos olhos de Azeredo, o Brasil de sua época passava por uma situação difícil, e a obra de Cruz e Sousa refletia a falta de perspectiva dos homens e mulheres de então:

Só sei definir o que penso de um estilo tal, com esta expressão que é estrangeira, mas frisante: estilo *rastaquère*... Ignoro os antecedentes literários do Sr. Cruz e Souza, e não posso julgar por eles; apenas acrescentarei que, se toda obra de arte deve ser tomada como efeito e produto de um momento social, o *Missal* é verdadeiramente o santo e a senha da situação em que nos achamos no Brasil, sem norte, sem ideias, sem convicções, sem crenças políticas – em uma completa dissolução mental e moral que, por honra nossa, esperamos seja transitória.

Por fim, para Magalhães de Azeredo, o *Missal* era obra “apta a deslumbrar os parvos”. Como arremate de seu escrito, dirigiu-se de forma direta a Cruz e Sousa:

Sabe o que eu faria, se fosse o Sr. Cruz e Souza? Durante dois anos, pelo menos, não publicava nada; guardava o que escrevesse para julgar o meu trabalho como se julga o vinho: depois de velho.  
O Sr. Cruz e Souza rirá da minha pretensão e chamar-me-á, quem sabe? imbecil – atirando-me ao rosto aquela objurgatória:  
“E faz (faze, devia ser), igualmente, Sultão dos espaços, que os argumentos duros, broncos, tortos, não sejam arremessados à larga contra o meu cérebro com incisivas pedradas fortes.” (Pág. 6. Oração ao Sol).  
Pois olhe; o conselho era bom.  
Infelizmente vem tarde, Sr. Cruz e Souza; já não está em sua mão segui-lo.

Azeredo não foi o único em seu tempo a entrever a escrita de Cruz e Sousa sob o viés do que se considerava real e resultado do bom uso da língua portuguesa e da métrica. Artur Azevedo também destacou, em uma de suas publicações, o que julgava ser o hermetismo na obra do simbolista, além de apontar o que considerou “imperícia” em sua versificação.<sup>294</sup>

Cruz e Sousa só voltou a ser lembrado de maneira positiva pela *Gazeta* na ocasião de sua morte. Quando de seu falecimento, o periódico divulgou a seguinte nota:

Não são assim as nossas letras tão ricas em homens trabalhadores e conscienciosos, que seja um luto somenos a morte de um artista das letras, como aquele cujo nome damos entre duas tarjas negras.  
Cruz e Sousa, nós todos o conhecemos muito; nós todos o víamos, diariamente, sempre entregue à faina diária de prestigiar a literatura

<sup>294</sup> SIMÕES JR., Alvaro Santos. Retratos e poemas d’*O Álbum* (1893-1895), de Artur Azevedo. In: \_\_\_\_\_. *Questões de crítica e de historiografia literária*. Org. Luiz Roberto Velloso Cairo e Maria Eunice Moreira. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 18.

nacional, cujo tesouro enriqueceu com o seu *Missal*, um delicioso trabalho que incontestavelmente tem o seu lugar de honra.

Era muito modesto o simpático rapaz, tão cedo roubado ao nosso labutar incensado pela criação de uma vida literária no Brasil. [...].<sup>295</sup>

Em “Crônica” de 27 de março de 1898, junto a assuntos como o período de seca no Ceará, a cheia no Rio de Janeiro e a greve dos funcionários das companhias de *bonds*, Olavo Bilac comentou a morte de Cruz e Sousa.<sup>296</sup> Outra menção favorável ao poeta se deu em 1900, com uma nota sobre a missa de celebração dos dois anos de seu passamento.<sup>297</sup>

O Simbolismo, visto como modelo de hermetismo, esteve às margens do cenário literário do final do XIX. Para Araripe Junior, a compreensão dos escritos simbolistas por parte dos leitores não era obtido facilmente. Segundo o crítico, que foi contemporâneo ao movimento, os *novos* tentavam se libertar da “influência ditatorial do autor do *Assommoir*”, de Émile Zola.<sup>298</sup>

Os simbolistas, tentando eliminar os resultados de uma obra arquissecular, isto é, – a desarticulação da linguagem natural, procuram principalmente transformar a sintaxe numa simples combinação de onomatopeias aferentes aos diversos órgãos de percepção externa. É, pelo menos, o que se deve deduzir do processo inculcado pelo Mallarmé: *de muitos vocábulos refazer um vocábulo total, novo, e estranho à língua*, eis o grande encantamento dessa arte singular. Mas quem conhecer um pouco de filologia comparada, verá que essa ingênua confissão traduz, nada mais, nada menos do que um retorno ao período interjetivo, à holófrase, a esse estado da *palavra-frase* de que Bergman e Sayce, em seus livros de lingüística, têm-se ocupado tão proficientemente.<sup>299</sup>

No que diz respeito designadamente a Cruz e Sousa, observa-se, a partir de leituras de obras como *A poesia afro-brasileira*, de Roger Bastide,<sup>300</sup> que o Dante Negro viveu em uma época em que eram levados em conta, no que se refere à produção do texto literário, elementos concernentes ao meio, ao momento e à raça. Deve-se atentar, ainda, para o fato de que, no século XIX, foram poucos os simpáticos a um lirismo que possuísse ícones diretamente enraizados na cultura africana. Para Bastide, poetas afrodescendentes como Caldas Barbosa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e mesmo Gonçalves Dias – que se ateu aos aspectos da cultura indígena – não foram capazes

<sup>295</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 20 mar. 1898. p. 1. 4. col.

<sup>296</sup> BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 mar. 1898. p. 1, 3.col.

<sup>297</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 20 mar. 1900. p. 1, 5.col.

<sup>298</sup> ARARIPE JR., Tristão de Alencar. Movimento literário do ano de 1893. In: \_\_\_\_\_. *Obra crítica de Araripe Jr.* Rio de Janeiro: MEC – Casa de Rui Barbosa. 2.v. p. 109. p. 135.

<sup>299</sup> Idem, ibidem, p. 140.

<sup>300</sup> BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo: Martins Editora, 1943.

de atribuir às suas obras dados que se distanciassem daquilo que era comumente cultivado e exaltado pelos brancos:

Nós pensávamos encontrar [...] no movimento literário do século XIX, a aquisição da consciência de uma poesia originalmente africana. E vemos pelo contrário que os mulatos chegam à cultura, em consequência da revogação da antiga estrutura social que se seguiu à independência, procuram no romantismo não um meio de se distinguir, mas, pelo contrário, um meio de penetrar mais impunemente na grande família branca.<sup>301</sup>

Segundo Bastide, Cruz e Sousa esteve na contramão dos preceitos de seu tempo. Embora tenha se aproximado do movimento simbolista, em sua faceta nórdica e em sua fixação pela cor branca, e também pela nostalgia da mulher branca, o poeta brasileiro manteve-se original na medida em que realizou em sua obra um grito de uma raça oprimida, mesmo tendo sido execrado e ridicularizado por grande parte dos literatos de sua época, que depreciaram seus versos e que satirizavam a sua etnia, como ocorreu, por exemplo quando a *Gazeta de Notícias* publicou o já referido poema “Na Costa d’África”:

Cruz e Sousa construiu, só com o seu cérebro, o seu mundo poético e elabora, isento de qualquer influência, a sua própria experiência simbólica. Seu simbolismo seguirá, sem dúvida, a lei geral, exigirá a existência de um mundo transcendente, de um mundo de Essências, mas antes ele reagirá com sua personalidade fremente e dolorosa, que não é senão dele.<sup>302</sup>

Nestor Vítor, que foi contemporâneo de Cruz e Sousa e, igualmente, amigo do poeta, discorreu sobre a sua produção, caracterizando-a pela presença do apelo aos sentidos, do sensualismo e, também, da melancolia. Via na obra do amigo a vitória do “Verso-Abstração”, que era expressão da transcendência e do Nirvana.<sup>303</sup> Para ele, a impopularidade do simbolista frente aos homens de letras e leitores de seu tempo justificava-se pelo fato de que a linguagem de sua época não permitia “abalos ou coisas aparentemente impossíveis de compreensão”, o que, correspondia à poesia do catarinense.<sup>304</sup> Além disso, Nestor Vítor acusou os seus contemporâneos de egoístas e de terem sido incapazes de ver a grandeza “simplificante e enobrecedora” da poesia de Cruz e Sousa.<sup>305</sup>

De acordo com o crítico, a rejeição a Cruz e Sousa ocorreu, outrossim, por conta da filiação do poeta ao Simbolismo e ao Nefelibatismo – menção ao movimento português

<sup>301</sup> BASTIDE, op. cit., p. 47.

<sup>302</sup> Idem, ibidem, p. 122.

<sup>303</sup> VÍTOR DOS SANTOS, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro: MEC/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. 2.v. p. 10.

<sup>304</sup> Idem, ibidem, p. 20.

<sup>305</sup> Idem, ibidem, p. 12.

liderado por Eugênio de Castro.<sup>306</sup> E, assim como aquilo que foi apregoado por Bastide no século XX, Nestor Vítor menciona a etnia de Cruz e Sousa como fator condicionante da análise de sua obra nos últimos anos do XIX, censurando tal postura:

Cruz e Sousa é um homem preto, e por ser tal é a essa qualidade que o mundo lhe há de atribuir muitas das suas qualidades extraordinárias que são defeitos aos olhos vulgares, e todos os defeitos e deficiências que ele tenha e que tem realmente em sua obra.

Como se os homens de outras raças, por maiores que sejam, não fossem deficientes e defeituosos também.

Certamente que haverá na biologia e na sociologia dos povos algumas leis que sejam particularmente características de cada um, e a essas o extraordinário artista estará sujeito no seu círculo, como nós estamos sujeitos às nossas no nosso. Mas quererem partir do princípio de comum inferioridade africana atual para preconcebidamente anular a individualidade deste glorioso representante da raça maldita, em frente de seus livros, é uma tal futilidade asinina que a mais estreita ciência qualificaria de irrisória, é o mesmo que se quisessem negar a existência das auroras boreais porque tais fenômenos não se passam em todos os meridianos do mundo.<sup>307</sup>

Cruz e Sousa foi homem de vida sofrida. Sua existência foi marcada por difícil situação econômica, pela loucura de sua esposa e por sua doença, que o levou lentamente à morte. Com o seu fim, o momento combativo do Simbolismo também se enfraqueceu.

Findo o século XIX, a *Gazeta de Notícias* concluiu um ciclo do Simbolismo, com a divulgação de um texto de Araripe Junior. Intitulado “Simbolismo”, o escrito do acatado crítico traz uma análise de “Agonia”, poema de Emiliano Pernetá. No que se refere à apreciação da estética, nota-se que o literato a valorizou, ainda que ela não tenha procurado paridade com a tão valorizada representação do real, nota já discutida nesta dissertação. Para Araripe Junior, com a chegada dos novos anos, “(...) os simbolistas compreenderam que sem uma reconciliação com os fatos a poesia tornar-se-ia uma coisa estéril”<sup>308</sup>.

Segundo o crítico, o Realismo foi o responsável pelo afastamento da imaginação da Literatura. A volta da imaginação era indispensável, e seria ela a responsável, no que concerne às artes literárias, pela iluminação da “região obscura, em que mergulha a realidade que constitui o objeto dos nossos conhecimentos”:

A renascença da imaginação, pois, constitui a característica do movimento literário dos últimos dias deste século. Deem-lhe o nome de simbolismo ou outro que melhor pareça, o que é evidente é que Dostoievski, Ibsen, Tolstoi, Bjornson, Wagner, Strindberg, Hauptmann, Maeterlinck, Ola Hanson, Korolenko, Sudermann, Knut Hamsun, e todos os escritores moços que os acompanham nas variadas maneiras de exprimir ou metamorfosear a

<sup>306</sup> VÍTOR DOS SANTOS, op. cit., p. 467.

<sup>307</sup> Idem, ibidem, p. 21.

<sup>308</sup> ARARIPE JR, Tristão de Alencar. Simbolismo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 set. 1900. p. 1. 1-8 col.

realidade observada, não têm cogitado senão em fazer entrever sombras ou fantasmas de caráter universal através do que há de contingente nas aparências da vida real ou quotidiana.<sup>309</sup>

No século XX, com o arrefecimento do embate parnasiano-simbolista, e com a tendência para considerações como as de Araripe Junior, olhou-se a obra de Cruz e Sousa a partir de uma perspectiva diversificada. Graças a Nestor Vitor, em seu trabalho crítico e editorial, os versos do catarinense passaram a ser lembrados. Ronald de Carvalho, que, como já se mencionou, foi um dos primeiros a tratar do Simbolismo em uma obra crítica, recuperando, inclusive, as suas fontes francesas, também saiu em defesa de Cruz e Sousa. Carvalho reconheceu os erros e acertos na obra desse poeta, afirmando que o seus versos expressavam “um grito contra a opressão do ambiente que o cercava”.<sup>310</sup> Diz-se que mesmo Olavo Bilac, em *Tarde* (1919), dedicou-lhe o poema “Diamante Negro”, deixando no século anterior as divergências literárias:

Vi-te uma vez e estremeci de medo...  
Havia susto no ar, quando passavas:  
Vida morta enterrada num segredo,  
Letárgico vulcão de ignotas lavas.

Ias como quem vai para um degredo,  
De invisíveis grilhões as mãos escravas,  
A marcha dúbia, o olhar turvado e quedo  
No roxo abismo das olheiras cavas...

Aonde vais? Aonde vais? Foge o teu vulto;  
Mas fica o assombro do teu passo errante,  
E fica o sopro desse inferno oculto,

O horrível fogo que contigo levas,  
Incompreendido mal, negro diamante,  
Sol sinistro e abafado ardendo em trevas.

Diferentemente de alguns dos parnasianos, Cruz e Sousa não conquistou a mesma expressão nos anos de 1900. Talvez a morte de sua esposa e de seus filhos tenha corroborado o esquecimento e não-perpetuação de seus versos. Gavita e seus filhos faleceram logo após o poeta. Em Santa Catarina, todos os seus parentes também já haviam morrido. João, o filho mais novo, que faleceu aos 17 anos, foi pai, aos 14, de Sílvio da Cruz e Sousa, deixando descendentes no Rio de Janeiro, dos quais não se tem mais notícia.

Ainda que ignorado por seus contemporâneos, foi autor de obra capaz de atribuir novos rumos à poesia dos poetas posteriores. Com o movimento simbolista, preparou o

<sup>309</sup> ARARIPE JUNIOR, loc. cit., p. 1. 1-8 col.

<sup>310</sup> CARVALHO, op. cit., p. 349.

advento das manifestações literárias do século XX, ao declarar o “horror da forma concreta”, em “um país onde a poesia flui mais da ponta dos dedos que do coração”.<sup>311</sup>

### 3.5 Alphonsus de Guimarães e a *Gazeta*

Alphonsus de Guimaraens nasceu na cidade de Mariana, Minas Gerais, em 1870. Coursou direito em São Paulo, onde se juntou a um grupo de simbolistas. Passou rapidamente pelo Rio de Janeiro, aproximando-se de Cruz e Sousa. Afirma-se que foi ele poeta de um único tema: a morte da mulher amada, assunto ao qual associou a natureza, a arte e a crença religiosa.<sup>312</sup>

Na *Gazeta de Notícias*, Guimaraens publicou os seguintes poemas:<sup>313</sup>

**Tabela 8** – Poemas de Alphonsus de Guimaraens

Ano de publicação	Poema
1892	“O luar”
1892	“Morte do coração”
1893	“Olhos”
1893	“A cabeça do corvo”
1895	“Dona Luiza é pálida. Parece”.
1896	“Dueto de amor (em um solar medievo)”
1896	“Hodie”
1897	“Dies irae”
1898	“Canção”
1898	“Canção”
1898	“Um suspiro mal passa rezando ofícios”
1898	“A saudade vindoura espero-a, pois, agora”
1899	“Que lhe importavam lágrimas? Chorassem”
1899	“Bendigo, mas do teu amor sublime”

O poeta lançou mão do pseudônimo Guy D’Alvim, e este aparece na *Gazeta de Notícias*. Sob tal alcunha, publicou traduções de versos do poeta romântico alemão Christian Johann Heinrich Heine, como o transcrito abaixo:<sup>314</sup>

Nos bosques ermos onde a noite esfuma  
 Os fustes argentinos dos vidoeiros,  
 Os brancos Elos tocam trompas, e uma  
 Monda fazem a soar guizos, ligeiros:

<sup>311</sup> CARVALHO, op. cit., p. 352.

<sup>312</sup> BOSI, op. cit., p. 278.

<sup>313</sup> Poemas que constam da antologia deste trabalho. Alguns deles apresentam a assinatura Afonso Guimaraens e Afonso Guimarães, o que indica o reconhecido processo de tentativa do poeta de encontrar um nome que melhor identificasse a sua personalidade literária

<sup>314</sup> Neste caso, há um agradecimento a Alphonsus de Guimaraens.

Os seus corcéis anões que o espaço embriaga,  
Com cabeças de cervo e cor albente,  
Como um bando de cisnes que divaga,  
Os ares atravessam bruscamente.

A rainha deles olha o meu semblante,  
E sorri-me com o olhar, alçando o porte.  
Que me anuncia augúria semelhante?  
Um novo amor, talvez... talvez a morte.<sup>315</sup>

Nas “Fagulhas” de 8 de março de 1898, publicou-se um poema sob o pseudônimo em questão, acompanhado, ainda, de alguns dizeres:

Já me sentia melhor quando me chegou às mãos um magnífico presente, vindo das serras mineiras. Porque não sou egoísta, não quero guardar e divido-o com os meus leitores. Apesar do pseudônimo – Guy d’Alvim – estou certo de que todos descobrirão o místico poeta autor desses tercetos graves. Aí vão eles dando uma vida intensa ao pálido escrito desse convalescente:

A la fé

“O meu mal pude-o sofrer;  
Este porque todo é vosso,  
Que vos não doa não posso”.

Sá de Miranda

Senhora, não pode quem  
Sofre assim como sofreis  
Querer mal e querer bem.

Bem querida vós sereis  
Por toda a corte do céu  
E pelas cortes dos reis:

Mas querer-vos tal como eu  
Ninguém no mundo vos quis  
Nem mostras de amor vos deu.

Ora o vosso olhar me diz  
Que nem por sombras me quer  
Com os seus olhares sutis:

Ora que não, que mulher  
Sendo, amar toda podeis  
Se o nosso peito quiser.

Afortunada sereis  
Se vos condoerdes de nós,  
Pois o que sofro sofreis.

---

<sup>315</sup> D’ALVIM, Guy. De Heine. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 jan. 1899. p.2, 4.col.

Atendeis à minha voz,  
Que sendo minha, como é,  
Não deixa de ser de vós.

Amemo-nos, a la fé.

Durante toda a década de 1890, os poemas de Guimaraens fizeram-se presentes na *Gazeta*, apresentando as diversificadas nuances de sua obra. No jornal, encontram-se momentos em que o autor se fez notadamente simbolista; em que flertou com os ideais românticos; em que, por fim, versou sobre temas macabros.

Nas estrofes de “O luar”, por exemplo, tem-se o extremo na notação simbolista. É intensa a sinestesia, bem como a menção à cor branca, comum ao Simbolismo. Faz-se presente o misticismo, associada à recorrência à religiosidade cristã. Tal apelo ao fator cristão remete-nos à presença da fé e do catolicismo em Paul Verlaine, cujos escritos foram, possivelmente, lidos pelo simbolista brasileiro. Sabe-se que, após a sua conversão à religião Católica, no período em que permaneceu na prisão de Mons, o poeta francês deu vida aos versos de *Sagesse*, que se caracterizam, também, pela recorrência de seu sujeito lírico à Virgem Maria, o que ocorre, igualmente, nas estrofes do escritor mineiro. Um dos poemas de Verlaine que caracterizam tal afeição à figura da santa é o soneto “Je ne veux plus qu’aimer ma mère Marie”.

O luar, sonora barcarola,  
Aroma de argental caçoula  
Azul, azul, em fora rola...

Cauda de virgem lacrimosa,  
Sobre montanhas negras poussa,  
Da luz na quietação radiosa.

Como lençóis claros de neve,  
Que o sol filtrando a luz esteve,  
É transparente, é branco, é leve.

Euritmia celestial das cores,  
Parece feito dos menores  
E mais transcendentos odores.

Por essas noites, brancas telas,  
Cheias de esperanças e estrelas,  
O luar é o sonho das donzelas.

Tem cabalísticos poderes,  
Como os olhares das mulheres:  
Melancoliza e enerva os seres.

Afunda na água o alvo cabelo,  
E brilha logo, algente e belo,  
Em cada um setestrelô.

Cantos de amor, salmos de prece,  
Gemidos, tudo anda por esse  
Olhar que Deus à terra desce.

Rola, sonora barcarola,  
Aroma de argental caçoula,  
O luar, azul em fora, rola...

No que se refere à aproximação com as características românticas, o poema “Olhos” pode ser tomado como exemplo para análise. Nessa obra, o sujeito lírico de Alphonsus de Guimaraens admira os olhos de uma mulher. É constante a menção à contemplação, elemento que remete ao amor romântico, que sempre fez com que o seu vate vivesse suas paixões apenas no plano dos sentidos. A mulher venerada assemelha-se a tantas outras que, na literatura, eram sublimadas por seus poetas. Eram inalcançáveis, ao modo das musas dos românticos. Segundo Alfredo Bosi, há, em Alphonsus de Guimaraens, “a invocação de um mundo lunar que circunda como um halo a figura feminina”.<sup>316</sup> Em “Olhos”, tal característica ressalta diante daquele que lê a obra, que admira os tais olhos, já que “estranho quem não ama e quem não sente” (primeiro quarteto).

Outro, não eu, estranharas que admires  
A grande luz daquele olhar pungente;  
Que tem todas as cores dum arco-íris...  
Que estranho quem não ama e quem não sente.

Nem tu riras, por certo, se me ouvires  
Falar duns olhos religiosamente;  
Ísis, a deusa branca, e um fulvo Osíris  
Deram-lhes toda a profundez clemente.

Olhar de amor, luares de lua... Vivo  
A vida excelsa de um contemplativo,  
Os pés na terra, a alma pairando no ar...

Há mulheres que a gente diz ao vê-las:  
Olhos cheios de nuvens e de estrelas...  
Vive com Deus quem tem o céu no olhar.

Pode-se assegurar, igualmente, que, na *Gazeta*, revelou-se um Alphonsus de Guimaraens que cantou o macabro e o sobrenatural. Em “A cabeça do corvo”, ao falar do processo de criação de um escritor, Guimaraens apresentou um sujeito poético perturbado, cerceado pela escuridão e pelo silêncio da noite. Trata-se de um poema que exemplifica o

---

<sup>316</sup> BOSI, op. cit., p. 280.

romantismo gótico recuperado pelos poetas decadentes. A leitura de “A cabeça do corvo” remete ao poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe, cuja tradução, assinada por Machado de Assis, foi publicada na *Gazeta de Notícias*.<sup>317</sup> Nas estrofes do escritor estadunidense, há um sujeito lírico igualmente solitário e prestes a adormecer, e que é atormentado pela sombria figura de um corvo. Os versos de Poe podem, ainda, ter sido referenciais para Alphonsus de Guimaraens:

(Servindo de prólogo ao livro *Salmos* que se acha concluído – a publicar-se).

Na mesa, quando em meio à noite lenta  
Escrevo antes que o sono me adormeça,  
Tenho o negro tinteiro que a cabeça  
De um corvo representa.

A contemplá-lo mudamente fico,  
E numa dor atroz mais me concentro;  
Abro-lhe então o grande e fino bico,  
Enfiando a pena pela goela a dentro.

E solitariamente, pouco a pouco,  
Do bojo tiro a pena rasa em tinta...  
E a minha mão, que treme toda, pinta  
Versos próprios de um louco.

E o aberto olhar vidrado da funesta  
Ave que representa o meu tinteiro  
Vai-me seguindo a mão, que corre lesta.  
Toda a tremer pelo papel inteiro.

Dizem-me todos que atirar eu devo  
Trevas em fora este agourento corvo,  
Pois dele sangra o desespero torvo  
Destes versos que escrevo.

Tão relevante quanto aos entretons assumidos pela produção poética de Alphonsus de Guimaraens na *Gazeta* é o fato de que o simbolista, diferentemente de Cruz e Sousa, obteve espaço nas colunas desse periódico. Um de seus sonetos mereceu a atenção de Coelho Neto, nas “Fagulhas”. O literato afirmou que o poema do simbolista era capaz de “purificar o ambiente com o aroma de seus versos”.<sup>318</sup>

Supõe-se que tal reconhecimento se deva às relações que o poeta mineiro mantinha com outros homens de Letras, a exemplo de sua amizade com Mário de Alencar. Sabe-se que, em 1899, a influência de Alencar foi decisiva para que Alphonsus de Guimaraens publicasse sua tradução de “Nova Primavera”, de Heine, na *Revista Brasileira*, que era dirigida por José

<sup>317</sup> POE, Edgar A. O corvo. Tradução de Machado de Assis. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 fev. 1892. p.1, 6.col.

<sup>318</sup> N. “Fagulhas”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 jul. 1898. p.2, 2.col.

Veríssimo.<sup>319</sup> Na década de 1890, Guimaraens residia em São Paulo e ainda dava seus primeiros passos na vida literária, o que indica que, mesmo sem o reconhecimento de grande parcela do público leitor, obteve reconhecimento de um jornal de grande circulação. No mais, Olavo Bilac, por exemplo, cursou Direito, em 1887 e 1888, na mesma instituição que o simbolista, deixando-a em 1888, o que sugere que os dois possam ter mantidos contatos mútuos ou mesmo possam ter sido conhecidos, o que permitiria certa camaradagem literária.

Ainda que se diga que Alphonsus de Guimaraens foi destinado ao ostracismo pela crítica de sua época,<sup>320</sup> ele não padeceu da mesma ojeriza de que foi vítima Cruz e Sousa. Talvez, ainda, pelo fato de não ter carregado em sua epiderme a herança da Escravidão. Pode-se afirmar, por fim, que tal aceitação tenha ocorrido pelo fato de Guimaraens não ter feito parte do grupo combativo do Simbolismo, mantendo-se distante da querela parnasiano-simbolista, recolhido nas montanhas das cidades de Minas Gerais.

### 3.6 Outras manifestações, relevantes contribuições

De maioria parnasiana e de alguns poucos momentos simbolistas, a *Gazeta de Notícias* foi, antes de tudo, ferramenta de difusão da poesia brasileira. Conteve em suas páginas, ainda que em menor escala, manifestações várias da produção poética nacional. Estas transitaram entre a poesia que diversificou os padrões correntes, negando as então ossificadas conceituações do belo e do tradicional, o que se aclarou nos versos de Cunha Mendes; entre a poesia que se identificou com as aspirações simbolistas, como aquela de Julio Salusse; e a poesia que dividiu a opinião dos contemporâneos, como a que foi trazida a lume por B. Lopes.

A começar por aquela que recusou a descrição das paisagens e a admiração do que era agradável aos olhos, deve-se considerar que essa marca possui um ponto de intersecção com a temática de Charles Baudelaire, que encontrou outras vias de apreciação da natureza e da existência. Sabe-se que discorrer sobre a irradiação desse poeta nos derradeiros anos do XIX demanda a recorrência ao academicamente reconhecido texto de Antonio Candido, intitulado “Os primeiros baudelairianos”.<sup>321</sup> Em tal ensaio, Candido revela que, entre 1870 e o início da década de 1890, o nosso cenário literário contou com um grupo de jovens poetas que aclamou os versos de Baudelaire e que configurou uma ocasião de definição “dos rumos da produção poética, traçando a fisionomia de uma fase e, deste modo, assumindo uma

---

<sup>319</sup> RICIERI, Francine F. W. *Alphonsus de Guimaraens (1870-1921): Bibliografia comentada*. Assis, 1996. 2.v. Dissertação de Mestrado. p. 25.

<sup>320</sup> Idem, *ibidem*, p. 32

<sup>321</sup> CANDIDO, op. cit., p. 23-39.

importância histórica que os períodos seguintes não conheceram”.<sup>322</sup> Esses foram anos em que as epígrafes e traduções dos poemas de Baudelaire eram constantes e em que era praticamente impossível a um homem de Letras ver-se isento de uma relação com os seus versos.<sup>323</sup>

Os nomes de Luís Delfino e Carlos Ferreira são alguns dentre aqueles que se interessaram pela poesia de Charles Baudelaire no Brasil. Como aferido no segundo capítulo, Carvalho Junior, Teófilo Dias e Fontoura Xavier incorporaram a faceta baudelairiana aos seus versos. De modo geral, carregaram suas estrofes da perversidade e da componente erótica, com certo exagero desta última, que eram traços evidentes da escrita do poeta francês.

No Brasil, a leitura de Baudelaire direcionou-se para a interpretação de seu lado realista e satânico, pronúncias que se casavam com o que, ao final do XIX, se denominou poesia realista. Esta exprimia o lirismo imune da exacerbação romântica, a conotação altamente carnal do amor e a descrição minuciosa de pormenores.

A *Gazeta de Notícias* foi veículo de publicação dessa produção, com poemas de notação sensualista ou de perversidade latente e que beiravam o grotesco, ou que, acreditava-se, aproximavam-se do ideário poético de Charles Baudelaire. No que concerne à exploração do sofrimento extremado, é passível de análise o soneto “Poemas da carne”.<sup>324</sup> Nele, o sujeito lírico se diz fadado a uma existência sombria, e afetada pelo horror. Sua alma é coberta de chagas e de feridas, o que sugere o caráter nebuloso de seu existir, que é consumido por dores e por mágoas. O último terceto indica a celebração, por parte do sujeito poético, da carne e do sangue.

“Poemas da carne” assemelha-se ao “Poema da Carne”, de autoria de Cunha Mendes e que data de 1896. Na primeira estrofe desse soneto, as menções ao odor da carne humana e à Volúpia, que é ilustração do prazer sexual, além da conotação negativa do sentimento amoroso, reforçam o flerte com a escrita baudelairiana:

Minha frente reclino em teu singelo colo:  
Ao sugestivo olor da carne sugestiva,  
O mapa da Volúpia eterna desenrolo  
Ante o olhar de minh'alma exânime e cativa...

Vai correndo dum polo em busca doutro polo,  
O Amor que os corações com finas flechas criva:  
Crime, Raiva, Delírio, Ódio, Ciúme e Dolo  
Formam triunfantemente a bela comitiva...

<sup>322</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

<sup>323</sup> AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

<sup>324</sup> Embora o título seja o mesmo da obra de Cunha Mendes, a *Gazeta* não apresenta o nome do autor desse poema.

O gelo se dissolve; o sol fulge mais quente:  
E, por onde ele passa, arde a terra fremente,  
Vai-se de Leste a Oeste e vai-se de Sul a Norte!

E embalde o Amor se volta, embalde vence o espaço!  
Sempre eterna no afã de lhe seguir o passo,  
Corre sinistramente a imorredoura Morte!<sup>325</sup>

Cunha Mendes foi além, em seu poema “Noite de um pagão”, publicado em 1892. No título, o vocábulo “pagão” atesta que essas estrofes distanciam-se de concepções cristãs e juntam-se a elementos sombrios. Proclamou, também, o trunfo do mal sobre o bem:

Em teus braços eu quero esquecer a assombrosa  
Noite do desespero – a noite erma e sombria  
Em que n’alma a descrença ulula estrepitosa  
Com silvos de serpente e estalos de ironia.

Estafa-me em teu colo: abre os ânsios salões  
Do gozo, do prazer, da volúpia infinita;  
Sê lasciva e brutal: eu amo as cerrações  
Da raiva que te morde e que funda me excita!

Em teus seios de neve adormeça cansada  
Minha fronte que sente estúpida rugindo  
A tormenta do mal, tétrica e exasperada,  
Demolindo ilusões e os sonhos demolindo!

Fita-me o teu olhar – esse olhar provocante  
Que faz nivar em mim a pantera do gozo  
E esquecer-me que vivo em treva horripilante  
A bracejar num mar, ao vento proceloso!

E, bêbado de amor, estúpido e cansado,  
Quero, em febre, passar a noite adormecido  
Em teu colo macio e lânguido, abrasado  
Ao calor de meu corpo arquejante e vencido.

Quero ver expirar nesta noite fatal  
O alento débil – triste alento derradeiro  
Da crença que ainda existe a cravar-me o punhal  
Da dúvida, assombroso e eterno desespero! –

É rir como o arlequim: deixar a alma vazia  
De castelos azuis, de imaculadas crenças...  
Que chalre em tua voz! A trepida harmonia  
Arde e atíça o prazer e acres paixões intensas!

E, peito a peito, corpo a corpo, em teus divinos  
Braços, ei de alegrar-te, o velho coração!  
Findando em rijo aperto e com lascivos hinos  
Esta noite que lembra as noites de um pagão.<sup>326</sup>

<sup>325</sup> POEMAS da carne. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 jun. 1896. p.1, 5.col.

Em “Noite de um pagão”, a paridade com a poesia de Baudelaire se dá, da mesma forma, por conta da presença da marca sexual, que se configura como meio de fuga para um eu-lírico assolado pelo descontentamento. São diversas as imagens que aludem ao desejo. Tem-se, igualmente, certo ar de zoomorfização: o sujeito poético se diz dotado, em seu interior, da “pantera do gozo”, que precisa ser suscitada, o que atribui certo tom animalesco à obra – o que se reforça, ainda, pelo uso da palavra “morder”. Tudo isso se justifica pelo fato de que os poetas que viveram e produziram da década de 1870 em diante lançaram mão do sexo como espécie de tema de libertação e de combate, apresentando estrofes agressivas e detentoras de alto teor erótico. O Baudelaire à brasileira funcionou como uma espécie de oposição aos valores tradicionais, personificados na figura do Imperador, por exemplo.

Ainda que Cunha Mendes não tenha levado ao extremo tal transgressão, como por vezes fizeram outros poetas de sua geração, deixou evidente semelhança com a designação realista da poética de seu tempo, e vê-se que esta foi aceita pela *Gazeta de Notícias*. Dado interessante sobre o poeta é o fato de ele ter procurado sintetizar, em “Não cantarei, formosa, os lânguidos brocados”<sup>327</sup> as escolhas na elaboração da poesia, que se via às voltas com novas perspectivas, o que consolidou sua ligação com a busca por preceitos diversificados no fazer poético. Para Carollo, esse e outros textos iniciais confirmam a evocação de Baudelaire, Verlaine e Mallarmé:

## I

A Artur Azevedo

Não cantarei, formosa, os lânguidos brocados,  
As rendilhas sutis e as madeixas setíneas;  
O suave olhar piedoso e as sensações virgíneas  
Dos louros querubins celestialmente amados...

Para que os versos, flor, tenham gritos cortados  
De carícias pagãs, de volúpias femíneas,  
Tua boca aromal a meus lábios propine-as,  
Dando vida e calor aos versos delicados...

Frema em delírio o verso; arda em volúpia a frase!  
Atiça-me o furor dos vícios amorosos  
E em teu corpo triunfal o meu furor se abraça!

<sup>326</sup> MENDES, Cunha. Noite de um pagão. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25. 1892. p.3, 4.col.

<sup>327</sup> Não foi publicado pela *Gazeta*. Consta de *Poemas da carne* e foi reproduzido por Cassiana Lacerda Carollo em sua obra.

Entremos o boudoir: é o templo calmo e langue:  
 - Santuário bendito em que vamos, piedosos,  
 Erguer-te a prece, ó Carne e erguer-te o culto, ó Sangue!<sup>328</sup>

No que se refere àquilo que Baudelaire preconizou na poesia, observa-se, também, o poema “Correspondência”, de Augusto de Lima,<sup>329</sup> que foi divulgado em 1890. É relevante destacar que Lima foi tradutor dos versos de Baudelaire. Abaixo, segue a transcrição de “Correspondência”:

## I

“Prisma, disse a Harmonia, dá-me as tintas  
 Com que no íris etéreo a luz esgotas.”  
 Responde o prisma: “Dá-me as sete notas  
 Com que os humanos sentimentos pintas.”

Intervém o Perfume: “Inutilmente  
 Unir-vos-eis sem mim, alma das flores;  
 Das sete notas e das sete cores  
 Guardo a aliança no meu seio ardente.”

## II

Há, com efeito, acordes no perfume,  
 De intenso colorido harmonioso,  
 Que no delíquio de supremo gozo  
 As sensações universais resume.

Nossos olhos não veem; nossos ouvidos  
 Não escutam; mas a alma inebriada  
 Ouve cantar na abóboda azulada  
 Os cintilantes astros comovidos.

Na embriaguez das flores quando assoma  
 Entre sonhos a morte, há de ser grato  
 A alma romper nas emoções do olfato  
 E a vida evaporar em pleno aroma!

Pelo título, julga-se a relação entre os versos de Lima com as “Correspondances”. A teoria desenvolvida por Baudelaire remete aos conceitos de Swedenborg, presentes na obra *De coelo et de inferno*. Segundo o pensador sueco, há correspondência entre o mundo natural e o mundo espiritual, e as palavras apresentam a mesma dinâmica. Atualizando o que pregou Swedenborg, Baudelaire proporcionou em seu célebre poema o conceito de fusão dos diferentes sentidos humanos, o que revela que “o perfume que é captado pelo olfato torna-se

<sup>328</sup> MENDES, loc. cit., p. 113.

<sup>329</sup> Augusto de Lima foi poeta que transitou entre a poesia pós-romântica, o Parnasianismo e a vertente religiosa do Simbolismo.

táctil, lembrando a carne fresca das crianças. Mas também é auditivo, sugerindo o tom grave dos oboés, e visual, porque remete ao verdor das pradarias”.<sup>330</sup>

A “Correspondência” de Augusto de Lima é obra composta de duas partes (e não um soneto, como as “Correspondances”). A primeira, que conta com duas estrofes, exerce a função de preâmbulo, isto é, explicita ao leitor o tema a ser desenvolvido ao longo dos versos – e estes adquirem certo tom de constatação, o que é sugerido, ainda, pela primazia de pontos-finais em todas as estrofes. Nas duas estrofes iniciais, fazem-se presentes as alegorias “Prisma”, “Harmonia” e “Perfume”. Estas indicam uma representação dos sentidos humanos, e mesmo um mergulho em um universo sinestésico. Sabe-se que um *prisma* é objeto empregado para dispersar, refratar ou refletir luz, o que pode ser vinculado ao sentido da visão. A harmonia, que é a agradável sucessão de sons, pode ser creditada à audição. O perfume, por fim, associa-se ao olfato.

Em “Correspondência”, há certo destaque ao sentido do olfato, o que é indicado nas primeiras estrofes. Além disso, no âmbito alegórico, no qual os sentidos assumem, de certo modo, a postura de personagens, a figura do “Perfume” impõe-se perante os demais. É “alma das flores”, ganhando voz e declarando-se imprescindível aos outros sentidos humanos. Repara-se, também, que o “Perfume” guarda em si as sete notas musicais e sete cores em seu seio, o que alude à feminilidade de tal ícone:

Intervém o Perfume: “Inutilmente  
Unir-vos-eis sem mim, alma das flores;  
Das sete notas e das sete cores  
Guardo a aliança no meu seio ardente.”

Na segunda parte, concede-se a vez ao sujeito lírico. Este avoca o mote apresentado na primeira parte, sustentando o ideal de integração dos sentidos humanos ao afirmar, por exemplo, a existência de “acordes no perfume”, indicando a coexistência do olfato e da audição. Cromatismos fazem-se igualmente presentes, por meio do uso de epítetos como “cintilantes” e “azulada”, e os mesmos vão ao encontro daquilo que é suscitado pelo perfume. Nesse estágio da leitura do poema, é iminente a associação do escrito de Augusto de Lima ao soneto “Correspondances”, por conta do tema empregado por Lima e, em especial, pelo título utilizado pelo autor brasileiro.

Em Augusto de Lima, até a última estrofe, persiste a concepção de que os sentidos humanos aliam-se uns aos outros, o que resulta em uma percepção maior e efetiva do todo,

---

<sup>330</sup> GOMES, op. cit., p 42.

ainda que haja elementos que não sejam facilmente percebidos por eles, mas apenas pela alma:

Nossos olhos não veem; nossos ouvidos  
 Não escutam; mas a alma inebriada  
 Ouve cantar na abóboda azulada  
 Os cintilantes astros comovidos.

Nas estrofes finais, lê-se novamente a sugestão de que o olfato possui certa prioridade em detrimento aos demais sentidos. No primeiro quarteto da segunda parte, o leitor depara-se com a assertiva de que o “perfume” é súplica de todas as sensações universais. Na última estrofe, o eu-lírico conclui que em meio ao sonho e a morte, sobressai-se, justamente, o olfato e, por fim, o aroma da própria vida, que evapora – e isto sugere a aproximação da vida ao perfume, objeto que, enquanto matéria física, tem o seu desaparecimento causado pelo efeito da sublimação.

“Correspondência” flerta com os matizes da estética simbolista, como o constante emprego de maiúsculas. No tocante ao tema, conclui-se que o mesmo não se atém a parâmetros vinculados à existência real e concreta e aproxima-se de ícones celestiais, o que o torna contíguo dos parâmetros simbolistas, antes mesmo que o movimento se consolidasse na literatura da época.

Pode-se afirmar que a *Gazeta* foi patamar de encontro do poeta em voga que foi Baudelaire aos menos reconhecidos cultores do lirismo, Assim como fez com os perfilhados do Parnasianismo, trouxe ao conhecimento público versos que apregoavam as marcas simbolistas. Curiosamente, os autores dessas estrofes assinavam obras de cunho parnasiano, o que indica que a poética do período, como já se mencionou, era resultado da fusão das duas vertentes. Exemplar de tal condição foi o poeta Julio Salusse.

Julio Salusse nasceu em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e era neto de avô francês e de avó suíça, por quem foi criado. Sua família possuía um reconhecido hotel na cidade, hospedagem lembrada com saudade por Machado de Assis nas crônicas de “A Semana”, na *Gazeta de Notícias*, que lá havia estado e, inclusive, participado dos salões daquele local.<sup>331</sup>

Em 1888, Julio Salusse estudou direito no Largo de São Francisco – instituição frequentada, como se sabe, por Alphonsus de Guimaraens e Bilac, quase na mesma época – e, posteriormente, mudou-se para a Capital Federal, quando ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Seu sucesso deu-se por conta da publicação do soneto “Os cisnes”,

---

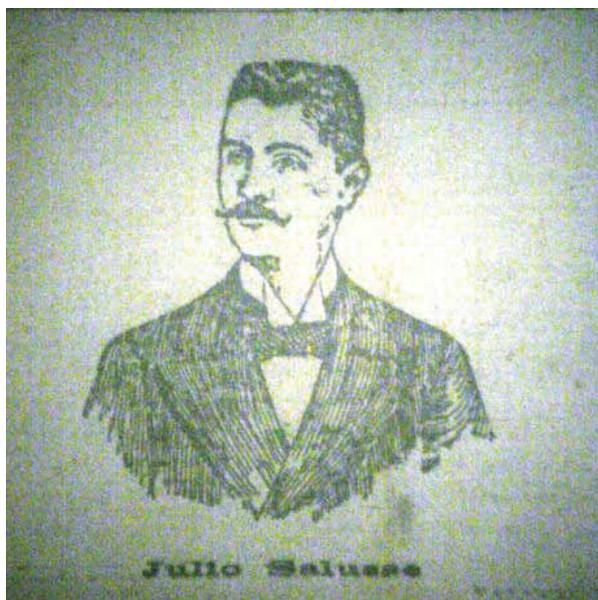
<sup>331</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit., 222.

divulgado pela primeira vez em 1893 n’*O Álbum*, periódico para o qual colaboraram Alberto de Oliveira e Guimarães Passos

Salusse publicou 12 poemas na *Gazeta*.<sup>332</sup> Diz-se que a divulgação de seus versos nessa folha causou-lhe uma comoção maior do que a de quando recebeu o seu diploma de bacharel em Ciências Jurídicas.<sup>333</sup> A presença de versos de sua autoria pode ser creditada não apenas ao reconhecimento de “Os cisnes”, mas, igualmente, ao fato de Salusse ter frequentado a boêmia literária carioca – e, como citada acima, Machado de Assis frequentou o hotel de sua família, podendo tê-lo conhecido, o que, supostamente, ampliaria suas relações no cenário literário – e já ter passado pelas páginas d’*O Álbum*.

Assinou as obras *Nevrose Azul*, de 1895, *Sombras*, de 1896, e *A negra e o rei*, de 1927. Apesar de a *Enciclopédia da Literatura Brasileira*,<sup>334</sup> de Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, apontar o ano de 1895 como sendo o da publicação de *Nevrose Azul* (título que é erroneamente grafado *Necrose Azul* por Coutinho e Galante), a *Gazeta de Notícias* anunciou essa obra em 1894, quando acabara de ser publicada em livro. A matéria referente ao livro de Salusse encontra-se, ainda, seguida de uma ilustração de seu busto:

#### Ilustração 2 – Julio Salusse



Fonte: *Gazeta de Notícias*

Junto à ilustração, foram publicados os seguintes dizeres:

<sup>332</sup> É relevante ressaltar que, para Carlos Heitor Castelo Branco, biógrafo e amigo de Salusse, o poeta publicou apenas dois versos na *Gazeta*.

<sup>333</sup> CASTELO BRANCO, Carlos Heitor. *Salusse, o poeta dos cisnes*. São Paulo: Hucitec, 1979. p. 10.

<sup>334</sup> COUTINHO, A., SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*, São Paulo: Global, 2001.

A *Nevrose Azul* acaba de aparecer numa edição que faz honra às oficinas de tipografia Aldina. A *Gazeta de Notícias*, em cuja coluna têm figurado diversas poesias desse elegante volume, cumpre hoje um agradável dever oferecendo aos seus leitores o retrato de seu autor, o delicado poeta Julio Salusse, um dos mais brilhantes talentos da moderna geração.<sup>335</sup>

Sobre *Nevrose Azul*, há, ainda, uma polêmica. Há notícia de que Salusse acusou Osório Duque-Estrada de plágio, quando este divulgou n’*O Álbum*, em julho de 1893, o soneto “Nevrose Azul”. Quando publicados tais versos, Julio Salusse enviou uma carta à direção da revista:

“Em março deste ano escrevi de Friburgo ao snr. Osório Duque-Estrada que publicaria breve um livro de versos intitulado *Nevrose Azul*<sup>336</sup> mandando-lhe nesta ocasião uns versos destinados a explicar a extravagância do título. Pedia-lhe que publicasse esses versos no *País*.

O snr. Osório Duque-Estrada não os publicou por julgá-los imprestáveis, conforme me disseram alguns amigos que o tinham ouvido formular essa opinião. Algum tempo depois a *Gazeta de Notícias* e o *Diário* noticiaram o próximo aparecimento do meu livro... Ora, no último número do *Álbum* veio publicado um soneto intitulado *Nevrose Azul* soneto que parece destinado a abrir um livro de versos portador do mesmo título. Sendo assim, creio que tenho todo o direito de chamar plagiário o snr. Osório Duque-Estrada.

Se entender que me assiste o direito de protesto, peço-lhe que dê publicidade a estas linhas, que talvez elas cheguem ainda a tempo de impedir que me seja tirado um título que não é vulgar, que não se parece nada com esses títulos que por aí correm e que não têm dono, como Prelúdios, Aljofares ou Raios de Ouro.

Juntamente envio-lhe os versos de introdução que o snr. Osório Duque-Estrada não quis publicar se tiver sobre eles uma opinião mais favorável, peço-lhe que os faça aparecer no ‘*Álbum*’.

Júlio Salusse –

Rio 20 de julho 1893”.

Segundo Carlos Heitor Castelo Branco, em *Salusse, o poeta dos cisnes*, o poeta não recebeu resposta de Osório Duque-Estrada, apesar d’*O Álbum* ter anunciado almejar, em suas páginas, uma explicação desse autor.

Julio Salusse flertou com o Parnasianismo e o Simbolismo, o que pode observado em seus poemas que constam da *Gazeta*. Na *Gazeta de Notícias*, seu poema “Nero”, de 1894, inclina-se para a tendência parnasiana, diferentemente de “Os sinos” e “Introdução” (*Nevrose azul*), que se aproximam do que pregavam os simbolistas.

Em “Os sinos”, há a presença da subjetividade, aliada ao tom elegíaco e ao ímpeto da morte. A musicalidade do poema é patente e os sinos, enquanto objetos, parecem adquirir vida própria, acompanhando os diversos momentos do dia. Esse badalar mantém-se grave e melancólico em todos os momentos – nas tardes “lentas e calmas”; na aurora, que é “fresca e

<sup>335</sup> GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 23 de ag. de 1894. p. 1. 4-5 col.

<sup>336</sup> No texto original, o título *Nevrose azul* não está grafado em itálico, bem como os dos jornais citados.

linda”, mas que passará a ser lânguida, justamente por causa de tal ressoar; e ao amanhecer. Nota-se que os sinos são solenes no momento da morte, ecoando como prece diante de um esquife, isto é, de um caixão. Na quinta e na sexta estrofes, o sujeito poético menciona as emoções do passado e as sensações do presente, estabelecendo um paralelo entre elas. Ressalta-se o fato de que o eu-lírico, na quinta estrofe, atribui seus sentimentos aos seus “nervos femininos”, como se a sensibilidade fosse restrita às mulheres. Em sua infância, os sinos lhe causavam prazer – o que remete à atitude dos poetas românticos, que recorriam aos tempos de outrora para reencontrarem a satisfação. “Hoje”, o poeta encontra no soar dos sinos seus pensamentos funéreos e a saudade dos sonhos que já não existem mais:

Nas tardes lentas e calmas  
Os sinos tigem soturnos  
Como lamentos noturnos,  
Sensibilizado as almas.

Derramam no ar notas graves  
Cheias de melancolia.  
Quando finaliza o dia  
Por entre a canção das aves.

Surja a aurora fresca e linda.  
No calmo céu do oriente,  
Que melancolicamente  
Eles tangerão ainda.

Quantas vezes acontece  
Passar o esquife de alguém,  
Solenes, como uma prece,  
Os sinos tigem também.

Aos meus nervos femininos,  
Guardo ainda essa lembrança,  
Outrora quando criança,  
Causavam prazer os sinos.

Hoje, ouvindo os sons tristonhos  
Como o luar sobre as lousas,  
Penso em funerárias cousas  
E relembro mortos sonhos.

Penso que durmo o perene,  
Tétrico sono final,  
Sob a cúpula solene  
De uma velha catedral.

Medonho rumor aos poucos  
Vai da terra ao firmamento,  
Produzido por um lento  
Badalar de sinos roucos.

E esse rumor é tão forte  
 Que eu, morto, consigo ouvi-lo,  
 Pois não me deixa tranquilo  
 Dormir o sono da morte...

Nos versos introdutórios de *Nevrose Azul*, o referencial simbolista é mais uma vez recorrido:

Um segredo divulgo  
 Possui cada nevrose a sua cor... Porém,  
 Faça embora o maior dos esforços, o vulgo  
 Nunca será capaz de percebê-la bem.

Cumpre, para alcançar semelhante conquista;  
 Entre outras aptidões,  
 Ter o temperamento excepcional do artista,  
 Viver menos de pão do que de sensações.

A glória, essa cruel nevrose dos rumores,  
 Tem a vermelhidão das púrpuras reais;  
 Possui diversas cores  
 A nevrose do amor, uma das principais.

Poetas, almas azuis divinamente doidas,  
 Que poetizais a flor aberta num paul,  
 A nevrose do verso, a principal de todas,  
 É uma nevrose azul.

Um indicativo da aproximação com o Simbolismo é a menção direta às cores, já que o sujeito poético visa a atribuir a cada nevrose – isto é, a neurose – uma coloração, o que nos leva a rememorar os versos de Rimbaud, que em “Voyelles” associou cores e letras, estrofes precursoras das teorias da estética simbolista:

*A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu: voyelles,  
 Je dirai quelque jour vos naissances latentes :  
 A, noir corset velu de mouches éclatantes  
 Qui bombinent autour des puanteurs cruelles [...]*<sup>337</sup>

Nota-se que a percepção das nevroses indicadas pelo sujeito lírico não é competência atribuída a todos os seres, mas a alguns eleitos. Além disso, afirma que o que tem a declarar é um segredo. Talvez seja esta uma referência ao poeta enquanto ser elevado, que se destaca dos demais homens e mulheres, e que preza as sensações, assim como fizeram os simbolistas. Os poetas são, ainda, “almas azuis divinamente doidas”, ou seja, seres dotados de espírito celestial, mas que igualmente fogem do comportamento considerado padrão, como se fossem os escolhidos pelas divindades para exercer a função da escrita. O verso é considerado a “nevrose principal”, o que sugere que a arte de versejar é algo que se sobressai até mesmo

<sup>337</sup> RIMBAUD, Arthur. *Oeuvres complètes* : poésies. Édition critique avec introduction et notes par Steve Murphy. Paris : Champion, 1999. p. 41.

diante do amor e da glória. Além da anteriormente mencionada ligação dos versos introdutórios de *Nevrose azul* com a obra de Rimbaud, faz-se possível associar as estrofes de autoria de Julio Salusse à “Profissão de fé”, de Olavo Bilac; enquanto o primeiro pregava a “nevrose” na construção da obra poética, o segundo exaltava o trabalho formal e o culto do estilo. Talvez o poema de Salusse seja uma resposta aos padrões artísticos e literários vigentes em seu tempo, traduzidos na fórmula bilaquiana:

Quero que a estrofe cristalina,  
Dobrada ao jeito  
Do ourives, saia da oficina  
Sem um defeito:

Assim procedo: minha pena  
Segue esta norma,  
Por te servir, Deusa serena,  
Serena forma!

Celebrarei o teu ofício  
No altar: porém,  
Se inda é pequeno o sacrifício,  
Morra eu também!

Caia eu também, sem esperança,  
Porém tranquilo,  
Inda, aos cair, vibrando a lança,  
Em prol do Estilo!

Percebe-se que o poema de Olavo Bilac aponta o poeta como indivíduo que possui ligações com a “Deusa Forma”, ao passo que Julio Salusse entrevê o cultor de versos como um ser quase sobrenatural. Entretanto, enquanto Bilac, como digno representante do Parnaso, edificava a forma, Salusse exaltava as sensações no ato de versejar, o que pode ser tomado como uma característica simbolista.

O reconhecimento adquirido por Salusse no final do século XIX não perdurou no século XX. O poeta afastou-se das rodas literárias, dedicando-se ao exercício da advocacia. Com seu único livro de prosa, *A negra e o rei*, não obteve êxito. Além disso, não há registro de exemplares disponíveis de *Nevrose azul* – diz-se, inclusive, que o único que o poeta possuía foi vendido quando precisou desfazer-se de sua biblioteca, ao passar por graves problemas financeiros.<sup>338</sup>

Bernardino da Costa Lopes, ou B. Lopes, foi poeta que, inicialmente, fez-se conhecido por seus “cromos”, isto é, poemas descritivos que faziam as vezes das ilustrações encontradas em jornais e revistas. A poesia de B. Lopes era aquela das situações domésticas,

<sup>338</sup> CASTELO BRANCO, op. cit., p. 40.

do campo e do cotidiano. A obra homônima, *Cromos*, tornou-o célebre em seu tempo, e esse estilo foi largamente imitado.

B. Lopes foi poeta de modos e vestes extravagantes. Comumente, era visto trajando luvas, levando um sombreiro à cabeça e uma bengala em suas mãos. Nascido no interior do Rio de Janeiro, em 1859, mudou-se para a capital em 1876, quando passou a trabalhar na Administração dos Correios. Diz-se, no entanto, que preferia a vida boêmia ao trabalho burocrático.

Na *Gazeta de Notícias*, o poeta foi aquele que mais publicou versos, iniciando a sua colaboração em 1893 e mantendo-a até 1899.<sup>339</sup> No ano de 1894, foi-lhe oferecida a coluna “Rimas”, na qual divulgava seus poemas, usualmente dedicados a figuras ilustres daqueles anos, e que eram acompanhados da reprodução fac-similar de sua assinatura, ao molde do que era feito em seus livros. Foi anunciada aos leitores em 20 de janeiro do mesmo ano, junto ao poema “Tiro às pombas”:

[...] Creio que os leitores apreciarão no “Tiro às pombas” a graça e a simplicidade com que estão facetados os versos. Aproveitamos o ensejo para participar aos nossos leitores que, a partir da próxima, B. Lopes publicará na *Gazeta* uma seção semanal em verso.<sup>340</sup>

Possivelmente, o prestígio de B. Lopes na *Gazeta* pode ser creditado ao sucesso de seus já mencionados *Cromos*, cujos versos apresentam momentos de uma espécie de Arcadismo reencontrado, de nuanças simples e agrestes. Sua primeira edição foi tornada pública em 1891. De acordo com Mello Nóbrega:

*Cromos* conquistou de assalto o gosto do público. Não havia sarau familiar ou festa colegial em que, ao som do piano, deixasse o programa de incluir alguns sonetinhos famosos, à luz do gás ou dos lampiões de querosene, que, ainda então, os fios elétricos não haviam chegado às zonas menos centrais da cidade. Essa popularidade explica o milagre de terem sido vendidos em quinze dias os dois mil exemplares da primeira tiragem de *Brasões*, caso excepcional poucas vezes repetido até hoje, entre nós.<sup>341</sup>

Talvez, a sua presença na *Gazeta de Notícias* tenha avivado ainda mais a sua popularidade, rendendo-lhe uma segunda edição de sua aclamada obra, em 1896, acrescida de *Figuras*, que eram pequenos perfis de mulheres, e *Festas íntimas*. Vale ressaltar, ainda, que B. Lopes exerceu, também, atividades jornalísticas nesse periódico. Vê-se, então, que a sua presença no jornal investigado deveu-se ao sucesso, de certa forma consolidado, de seus escritos, o que, provavelmente, traduzia a estima dos leitores.

<sup>339</sup> Como citado no segundo capítulo, B. Lopes publicou 77 poemas na *Gazeta*.

<sup>340</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1894. p. 1. 5. col.

<sup>341</sup> NÓBREGA, Mello. *Evocação de B. Lopes*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959. p. 34.

Ao retomarem-se as “Rimas”, pode-se constatar que, na *Gazeta*, os poemas de autoria de B. Lopes eram de notações diversas. Nessa coluna, B. Lopes não reproduziu os versos de *Cromos*, apresentando aos leitores o resultado de suas novas incursões poéticas. Nos versos de “Visão decadente”, poema dedicado a Ferreira de Araújo, por exemplo, observa-se a paridade com a estética simbolista. Há elementos como a sinestesia, a menção à cor branca, a religiosidade, o onírico e a fantasia. São empregadas, com assiduidade, as maiúsculas, bem como é dada a vez a certo preciosismo vocabular:

O alvo espectro de um lótus se levante  
 Ao mago luar de minha fantasia,  
 Que não me obumbra d’alma doentia  
 O dorido palor do seu semblante...

Palidez de camélia, no ermo instante  
 De alçar o cálix para a Noite fria;  
 - Palor banhado da melancolia  
 De um crepúsculo doce e agonizante,

Que é a luz desses olhos, repassados  
 Da violeta quaresmal do luto,  
 Do *miserere* amargo dos pesares;

Lírios da mágoa para o céu voltados,  
 E cujo orvalho é tristemente enxuto  
 Na toalha de linho dos altares!

Já nas estrofes de “Foi uma tarde do diabo!”, divulgado pela *Gazeta* em 1894, B. Lopes aproximou-se do prosaísmo e da comicidade, que beiram à malandragem, inserindo-os na descrição, em versos, de uma cena que se desenvolve em meio ao luxo e à nobreza. O requinte do ambiente se intensifica, ainda, pelo emprego de expressões em língua francesa:

Foi uma tarde do diabo!  
 - Ante a florista, basbaque,  
 Pus na lapela do fraque  
 Um teso jasmim do Cabo;

Dei certo tic ao bigode.  
 Ao cabelo, à barba raia,  
 E fui dançando a bengala,  
 Tomar o panteão. Pagode!...

De veia e *toilette* nova  
 Chego ao termo; que travesso!  
 - Eu bem um prêmio mereço,  
 - Eu bem mereço uma trova...

Dedo no tímpano – *dlinde...*  
 Tudo a surpresa, ao acaso;  
 - Quem me vai vendo o desazo  
 De minudências prescindes.

Criada ao alto... Perfeito,  
 Diante de tanta elegância,  
 Não só este ar de importância,  
 Como o meu jasmim, no peito.

Então, maior que os califas,  
 No vestibulo procuro  
 Abafar, cauto e seguro.  
 Os passos nas alcatifas.

Ouçõ gemidos no quarto;  
 Sendo de moça a vivenda  
 Supus que... boas, entenda!...  
 Ou se tratava de um parto.

Entro, fazendo um exame  
 Sobre a mesa de pão preto  
 Dois canários – um dueto –  
 Fofos, no chalé de arame.

*Un coup d'œil* ao gabinete:  
 - Luz velada, doce e morna;  
 O quadro do chão adorna  
 Vivo painel de um tapete.

O *bric-à-brac* de luxo  
 Do interior de uma artista  
 Exposto à lâmpada, à vista,  
 Coalha o *dunkerke* de luxo.

No padrão frio do estofó  
 Do cortinado da porta  
 Estrelejando em cor morta  
 As artemísias do mofo.

Da memória agora cai-me  
 Um gáudio para as esposas:  
 Havia entre tantas coisas  
 Um tomo azul do *D. Jaime*.

Mas o que a palheta doura  
 É o cabelo, a fulva lhama  
 Da pequena sobre a cama  
 - A flor da opereta, a loura,

Livre do pente e dos grampos  
 Espalhando sobre a fronha...  
 - Ouro de cor mais risonha  
 Que a da macega dos campos –

Gemendo – sorte do diabo! –  
 Vítima enfim de um ataque...  
 Murcho, da casa do fraque,  
 Caiu-me o jasmim do Cabo!

Como anteriormente aludido, B. Lopes homenageou, em seus poemas, diversas damas de sua época. E tais versos mantinham-se no decoro formal do Parnasianismo, sem, contudo, deixar de lado os elogios. Em 1894, venerou Rose Méryss, dedicando-lhe um soneto:

Forma divina em mármore lavrada,  
 Tu, flor da pátria que ao Rei Sol pertence;  
 E não há quem te veja, que não pense  
 No estelífero baile da Embaixada.

E és rosa alada; rosa fluminense,  
 - Alva corola em púrpura afogada –  
 Quero-te assim em pompas de Alvorada,  
 Embaixatriz do chic parisiense.

Calçando o *boulevard*, às três da tarde  
 Premida a carne, que em volúpias arde  
 Na correção finíssima da caça;

Parasol japonês, que a altura excede  
 Das mãozinhas gritando em *peau de Suède*  
 Aureolada no esplendor da Graça!

Sem tomar partido de uma única artista de seu tempo, B. Lopes homenageou quase todas elas. Em seu “Varandim de estrelas”, também aclamou as qualidades da atriz Rosina Bellegrandi:

Vocifera a plateia, pintalgada  
 De aloiradas cabeças de cocotes  
 Da papoula e o chapéu de uma encarnada  
 Rosa sangrando a espuma dos decotes.

Preparam-se as lunetas na cerrada  
 Linha ansiosa e gentil dos camarotes,  
 Predominando a mancha delicada  
 Dos fidalgos buquês de miosótis.

Chamam-te os partidários irrequietos!  
 Pronunciam o teu nome os indiscretos  
 De alma suspensa e coração de rastro...

Pisas o palco; e o público adoce!  
 Tento, na luz, como se ali tivesse  
 O estilhaço luminoso de um Astro!

Apesar do patamar que alcançou na *Gazeta*, B. Lopes foi autor que dividiu a opinião dos críticos de sua época. Mesmo em meio ao sucesso, surgiram ressalvas a respeito de sua escrita. Se, para José Veríssimo, ele foi apenas “um poeta de curto fôlego” e que “jamais achou o seu caminho, imitando alternadamente os líricos brasileiros do segundo período romântico, depois os parnasianos e, sobretudo, Gonçalves Crespo”, para Adolfo Caminha, na *Gazeta de Notícias*, B. Lopes, ao lado de Cruz e Sousa, foi poeta de destaque, “o incorrigível boêmio cujo verso tem o sabor de um vinho que atordoia o cérebro sem contudo embriagar”.<sup>342</sup> No entanto, em meados da década de 1890, passaram a perdurar os juízos que questionavam a qualidade de sua obra.

Paulo Franchetti, em trabalho intitulado “Etnia e julgamento literário: o caso B. Lopes”, afirma que a avaliação feita por José Veríssimo sobre os versos desse poeta foi a que perdurou em nossa História da Literatura e tornou-o apenas um epígono das estéticas parnasiana e simbolista. Pouco se fala de B. Lopes nos estudos literários, esquecimento que persiste até os nossos dias:

Nessas palavras de Veríssimo se encontram delineados os traços básicos do retrato futuro de B. Lopes, articulados sobre a oposição entre o lirismo simples, que lhe seria congenial e que, por isso mesmo, vem aqui definido como “espontâneo” e “natural”, e o rebuscamento artístico, que seria “artificial”, “afetado” e “pretensioso”. Portanto: além de falso, ridículo. Esse é o retrato, por assim dizer, “canônico” de B. Lopes na história literária brasileira, que vai insistir no esnobismo dos assuntos, na irrealidade dos cenários, no esteticismo ostensivo ou no caráter risível das suas invenções vocabulares e métricas.<sup>343</sup>

A opinião de Veríssimo foi semelhante à de Medeiros e Albuquerque, que fez as seguintes considerações acerca do estilo de B. Lopes:

Desse estilo já não há quem desconheça as características. Por um lado, ausência quase completa de ideias. As poucas, que aparecem, são sempre desconexas. Por outro lado, um ideal *rastaquoère*, mas de um *rastaquoerismo* barato de pernóstico.<sup>344</sup>

De talentoso criador de *Cromos*, B. Lopes passou a ser visto como autor de estilo artificial. Com a presença de notações decadentistas em suas estrofes, foi apontado como poeta de produção regada de artificialidade, de esnobismo e de assuntos que beiravam à irrealidade – o que, mais uma vez, remonta às aspirações de Realismo vigentes na época, já discutidas neste texto. Era mais aceitável, naqueles anos, que um poeta mulato cantasse as odes à simplicidade do que exaltasse princesas, castelos e a riqueza.

<sup>342</sup> CAMINHA, loc. cit., p. 187.

<sup>343</sup> FRANCHETTI, op. cit., p. 196.

<sup>344</sup> SANTOS, J. dos. Crônica Literária. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 10 fev. 1905. p. 3. 1. col.

Esse hiato agravou-se, possivelmente, devido às suas tragédias pessoais, o que se refletiu em sua produção literária. Aliado ao já mencionado estigma da cor, B. Lopes sucumbiu ao alcoolismo, apresentando crises de delírio, e foi personagem de episódios que mancharam a sua imagem. Usualmente, envolvia-se em escândalos e vivia na precariedade. Já em 1911, um florilégio descabido, com versos desconexos, foi ofertado ao então presidente Hermes da Fonseca, e soube-se que o autor dessas linhas era B. Lopes. Mello Nóbrega afirmou que todos os periódicos, “do Amazonas ao Chuí, glosaram a loucura rimada, confundindo, no achincalhe, homenageado e homenageante”.<sup>345</sup> No *Correio da Manhã*, por exemplo, foram divulgadas essas estrofes, bem como se propôs um concurso para se desvendar qual seria o odor emitido pelo Marechal, alcunhado “Cheirosa Criatura” por B. Lopes:

Um concurso interessante  
O CHEIRO DO MARECHAL

*A Polianteia* distribuída em homenagem ao Marechal Hermes da Fonseca trouxe um primoroso soneto do poeta B. Lopes, que termina com este verso lapidar: “Bonito herói! Cheirosa criatura!”.

O poeta dirigia-se ao presidente da República. Ninguém disse até agora qual é o cheiro do marechal. O próprio B. Lopes não o declara.

Por esse motivo, e no intuito de esclarecer o importante problema, resolvemos abrir um concurso a respeito.

Um hermista apaixonado, que soube da nossa ideia, mandou-nos dizer: “O marechal cheira a pólvora”.

Mas é evidente que essa resposta não é sufragada pela maioria da nação. Por isso, aqui fica a pergunta:

- A que cheira o marechal Hermes?<sup>346</sup>

Com isso, prevaleceu o conceito de um poeta de modos despropositais e que se deixou levar pelos vícios. Vale ressaltar, ainda, que, na época desse florilégio, exaltar Hermes da Fonseca era, ainda, sinônimo de risco de ser alvo de sátiras. O Marechal, que governou o país de 1910 a 1914, foi ridicularizado em seu tempo: foram diversas as charges, os poemas satíricos e as marchinhas que zombaram de sua figura. Eram muitos os que achincalharam de suas estratégias de governo (em especial, sua “política das salvaçãoes”, que visava a acabar com a “política dos governadores” e as oligarquias) e mesmo sua vida familiar. Diz-se, por exemplo, que o então presidente, à época de seu segundo casamento, quando desposou Nair de Teffé, deixou incumbido os assuntos do Palácio do Catete o seu mordomo, Oscar Pires, que, para os contemporâneos, exercia maior poder do que o próprio Fonseca. Faziam-se anedotas sobre a sua suposta ignorância – ele, comumente, proferia termos absurdos, como o

<sup>345</sup> NÓBREGA, op. cit., p. 52.

<sup>346</sup> *CORREIO DA MANHÃ*. Rio de Janeiro, 11 nov. 1911, p. 1, 6 col.

“quatriênio de dez anos” – <sup>347</sup> e popularizou-se o apelido “Dudu”, atribuído ao Marechal pelos habitantes do Rio de Janeiro, o que foi tema das marchinhas, dos carros alegóricos e do carnaval de 1915. Pode-se inferir, portanto, que, para B. Lopes, o simples ato de redigir a favor de Hermes da Fonseca tenha, talvez, contribuído ainda mais para a ojeriza que muitos nutriam por ele. Se, como se apontou, havia matéria satírica, nos jornais e revistas, contra o governista, concomitantemente existiam literatos que o execravam, e que poderiam condenar B. Lopes, limitando o seu espaço e o seu prestígio no âmbito literário.

No século XX, B. Lopes foi chacoteado por diversos literatos, como Osório Duque-Estrada. E seu envolvimento com os versos a Hermes da Fonseca maculou em definitivo a sua carreira:

[...] B. Lopes passou a ser, daí em diante, apenas, o autor dos sonetos ao marechal Hermes. De maneira humilhante, acabou sendo o poeta do “Bonito herói! Cheirosa criatura!”. Ninguém percebeu, ou todos fingiram esquecer que era o ocaso de uma inteligência e de uma vida; todos se deslembrouam de que esse poeta havia escrito versos de grande beleza e deixara, em nossa literatura, passagens marcantes de individualidade. E a 18 de setembro de 1916, B. Lopes morria, obscuro e paupérrimo, em sua casa de porta e janela, na Rua Dona Cesária, número 12, de um subúrbio carioca.<sup>348</sup>

B. Lopes deixou poucas obras publicadas, o que contribuiu para que caísse no ostracismo e que poucos estudos fossem a elas dedicados. Prevaleceu, portanto, o lugar-comum: um poeta negro, envolvido em situações embaraçosas e que se deixou levar pelos modismos decadentes, que tornaram a sua obra desprovida de qualidade.

### 3.7 Uma década do Simbolismo

O Simbolismo foi um movimento que ansiou por renovação. Ainda que, no Brasil, tenha sido questionado por críticos e contemporâneos, tornou públicos seus representantes e obras. E, mesmo que suas tiragens e edições tenham sido tímidas, se comparadas ao sucesso e divulgação da poesia parnasiana, trouxe um fôlego diferenciado às Letras do século XIX.

O Simbolismo baseou-se em preceitos estéticos e filosóficos. Procurou representar as ânsias de um momento em que se negou a ciência e a realidade – esta última marcada pelo desengano. Na Europa, esses indícios propagaram-se com facilidade; vide, por exemplo, a adequação do Simbolismo na França. No Brasil, no entanto, as situações políticas e intelectuais eram distintas, apesar das incertezas frente às novas investidas nessas áreas. Dada

<sup>347</sup> LUSTOSA, Isabel. *História de presidentes: a República no Catete: 1897-1960*. Rio de Janeiro: Agri, 2008. p. 105.

<sup>348</sup> NÓBREGA, op. cit., p. 57.

a proclamação da República e as consequentes aspirações pelo progresso, não ganhou vez a representação da fantasia, do mistério e da subjetividade, o que, de certo modo, corroborou a recusa dos versos simbolistas.

A incompreensão de críticos de renome frente ao movimento, e exemplo de José Veríssimo, colocou em xeque a sobrevivência do Simbolismo na literatura nacional. Viu-se, aliás, o peso da crítica já instituída na aceitação de diversos poetas, como é o caso de B. Lopes. Cruz e Sousa foi aclamado pelos entusiastas do Simbolismo como grande representante dessa escola; contudo, o poeta, condenado à herança do escravagismo, foi abominado não apenas por suas incursões literárias, mas, também, por conta de sua cor. Morto o Dante Negro, fechou-se um ciclo, em derrocada rumo ao ostracismo.

No século XX, Nestor Vitor e Ronald de Carvalho retomaram a produção simbolista, posicionando-a como peça relevante da evolução literária brasileira. Assim, conclui-se que o Simbolismo foi importante, na medida em que abriu caminhos para novos conceitos do fazer literário, o que se afirmou de modo mais contundente a partir da terceira década do século XX, com a chegada do Modernismo. E deve-se considerar, além disso, que a vertente em questão é comumente lembrada pelas obras do já citado Cruz e Sousa e, também, de Alphonsus de Guimaraens. Todavia, merecem menção nomes como o de Cunha Mendes e Augusto de Lima, entre outros, que serviram de esteio para a consolidação de uma nova escola.

O estudo da poesia lírica na *Gazeta de Notícias* reafirma o êxito obtido pelo Parnasianismo no Brasil, bem como o do pensamento realista-positivista vigorante naqueles anos. Como se mostrou neste capítulo, a *Gazeta* esteve mais afinada a esses propósitos, diante dos quais o Simbolismo manteve-se – ou, ao menos, almejou posicionar-se – na contramão. No entanto, pode-se afirmar que essa folha ilustrou o momento parnasiano-simbolista brasileiro, mostrando-nos capítulos da recusa do Simbolismo, mas, igualmente, não obstante a escassez, poemas que o caracterizaram.

Na *Gazeta*, viu-se, ainda, que a poesia não era matéria apenas para autores que ocupavam posto de reconhecimento entre os literatos. Reconhece-se que a elaboração de versos foi algo comum ao cotidiano dos moradores do Rio de Janeiro, que não se filiaram a preceitos literários, mas que se viram às voltas com os poemas de circunstância, que serão o assunto do próximo capítulo.

**4º CAPÍTULO**  
**OS POEMAS DE CIRCUNSTÂNCIA**

## 4 OS POEMAS DE CIRCUNSTÂNCIA

### 4.1 Considerações gerais: poesia e configurações sociais

O texto literário é dotado de características várias. É capaz de revelar aspectos sociais e econômicos de uma determinada localidade ou momento histórico. Como aponta Antonio Candido, a arte pode ser considerada social, na medida em que depende das ações e dos fatores que a circundam e ao passo que produz um efeito sobre os indivíduos, agindo sobre sua conduta, sentimentos e valores, ou traduzindo os aspectos de uma época.<sup>349</sup>

Muito se tem em comum entre a literatura e sociabilidade, o que, por fim, pode ser definido como uma dimensão da história. Uma obra, inserida em um cenário literário, por vezes, canônico, comumente sobrevive diante daquilo que Robert Darnton definiu como o “submundo das Letras”.<sup>350</sup> Na França iluminista, ocorreu o aumento do prestígio do ofício de escritor: segundo Darnton, tornar-se “um Voltaire ou um D’Alembert, eis a glória que seduzia os jovens em busca do êxito.”<sup>351</sup> Havia aqueles que recebiam a proteção dos nobres, ou mesmo obtinham benefícios e rendimentos financeiros do Estado fazendo propaganda a seu favor. Além disso, em um momento de maior demanda pela palavra impressa, eram muitos os provincianos que se dirigiam a Paris, à procura de glória, dinheiro e, especialmente, de posição social. Dividido hierarquicamente, o mundo literário contava com seus poderosos e, em sua base, situava-se a boemia literária. E as relações se pautavam, como se disse, entre os que estavam dispostos a amparar alguém e os que se alçavam graças a esse arrimo, o que indica que essa era, nas malhas da literatura, uma prática comum:

Para conseguir publicar um artigo no *Mercure*, ter uma peça aceita pela Comédie Française, encaminhar um livro nos meandros da Direction de la Librairie, ganhar assunto numa academia, frequentar um *salon* ou abiscoitar uma sinecura na burocracia, era preciso recorrer aos velhos expedientes do privilégio e da proteção. Talento, por si só, não bastava.<sup>352</sup>

A literatura é produzida em um constante diálogo de textos, contemporâneos ou anteriores. Há aquilo que se apreende enquanto comunidade textual,<sup>353</sup> isto é, entende-se que,

<sup>349</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 20.

<sup>350</sup> DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das Letras no Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>351</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>352</sup> Idem, *ibidem*, p. 32.

<sup>353</sup> CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

nos escritos de caráter literário, existem elementos comuns que identificam sua natureza.<sup>354</sup> A literatura faz-se, por conseguinte, propriedade de todos e muito se tem em comum, no que tange às características dessa produção, entre os segmentos literários de diversos países. De certo modo, esse “submundo” de Darnton constituiu-se no século XIX brasileiro, o que sugere que os aspectos da vida literária não se enquadram nos limites do local e do universal. Assim, este estudo atenta para uma vertente da produção da literatura nacional que figurou de maneira significativa na *Gazeta de Notícias*, mas que não era assinada por canônicos e que foi via de expressão dos sentimentos e dos acontecimentos de seu tempo: a poesia de circunstância. Esta constitui-se de encômios, ou seja, de brindes ou cantos de louvor à personalidade ou aos feitos de alguém, e que foram inventados na Grécia, por Simônides de Ceos, no século V a. C.. Com o tempo, passaram a designar todos os escritos e discursos que contivessem um elogio, e dele derivaram, por exemplo, a ode e a oração fúnebre.<sup>355</sup> Esta prática, portanto, é comum da produção literária de diversas localidades.

Na década de 1890, constam da *Gazeta* cerca de 255 poemas de circunstância. De modo geral, eram obras que enalteciam homens e mulheres importantes do período. E a tradição dos versos elogiosos não era uma novidade do momento parnasiano-simbolista: no Romantismo, viu-se a voga da poesia laudatória, da poesia-necrológico e da poesia cívica e patriótica,<sup>356</sup> o que foi mantido no decênio em questão.

Tais poemas eram assinados, na maioria das vezes, por pessoas comuns. Para a compreensão deste dado, é preciso que se ilustrem os fatores que designavam a relevância dos homenageados e daqueles que prestavam tributos, visto ter sido a *Gazeta*, também, um jornal da elite. A começar pelos autores desses poemas, que, enquanto aspirantes à arte poética, se tinham espaço no jornal, é porque advinham de famílias de posição e de posse, que lhes ofereciam a oportunidade de aceder à educação secundária e, do mesmo modo, às relações sociais que lhes proporcionavam certos proveitos. Eram eles filhos do Colégio Pedro II, concentrados, em especial, na formação jurídica, ou, às vezes, bacharéis. Havia, então, um abismo, no que concerne à instrução, posicionando os membros dessa elite e a massa populacional em patamares opostos, o que determinava o tipo de público que lia e que publicava nos periódicos.

A “fina flor” carioca do XIX era unida por “laços pessoais”, que aliavam “poder sócio-econômico, práticas e concepções culturais específicas e relacionamentos pessoais

---

<sup>354</sup> CARVALHAL, op. cit., p. 69.

<sup>355</sup> MOISÉS, op. cit., p. 141.

<sup>356</sup> BROCA, op. cit., p. 81-82.

íntimos”.<sup>357</sup> Seus membros eram, portanto, significativos no estrato social, por motivos como a riqueza, a ocupação ou a posição política. Usualmente, mantinham-se em uma espécie de círculo restrito; todos se conheciam pessoalmente, dada a própria configuração geográfica da então capital brasileira: o cerne do Rio de Janeiro, que, no início da década de 1890, era uma pequena cidade que contava com, aproximadamente, 522.651 habitantes,<sup>358</sup> limitava-se ao espaço da dita “Cidade Velha”, onde os financeiramente privilegiados mantinham seus escritórios, frequentavam clubes, faziam as suas compras e tomavam chá.<sup>359</sup> Pode-se dizer, ainda, que esses indivíduos concentravam-se em uma vizinhança comum, circunscrita entre os bairros do Flamengo e Botafogo, e que frequentava a famosa Rua do Ouvidor, então repleta de lojas requintadas, de modas e de movimentados cafés e confeitarias. Esse endereço possuía um diferencial importante, que era o fato de ter tido os seus movimentos iniciais graças aos imigrantes franceses:

Foram os franceses do tempo do Sr. Pedro I, saiba-se, com as suas lojas de novidades, as suas costureiras, os seus cabeleireiros e umas instalações completamente novas para nós, feitas à moda de Paris, que criaram a elegância de certas casas de comércio da Rua do Ouvidor. [...]

São francesas ou de nomes franceses, entre outras casas, no começo do século, as de Madame Dupeyrat (coletes), Madame Estoueigt (alta-costura), Madame Coulon (camisaria), Madame Douvizi (chapéus), Madame Rosensvald (florista), Lacurte (alfaiate), Madame Dreyfus (modas), Cailteau (confeiteiro), Garnier (livreiro). As casas chamam-se Notre Dame de Paris, Tour Eiffel, Carnaval de Venise, Palais Royal, L’Opéra...<sup>360</sup>

Aqueles que constituíam esse grupo seletivo provinham de famílias antigas, como a Paranaguá, cujos pilares sustentavam-se em atividades como a cafeicultura, ou eram amparadas por banqueiros e proprietários. Havia, no Brasil, uma “classe senhorial”,<sup>361</sup> que permanecia unida, em especial, por meio do casamento, que era uma tentativa de proteção contra a decadência econômica. Na virada do século, ocorriam “estratégias matrimoniais”, que mantinham os núcleos familiares da elite estritos aos seguintes sobrenomes: Teixeira; Leite; Gomes de Carvalho; Taunay; Escragnolle; Sousa Queirós; Barbosa de Oliveira; Ribeiro de Resende; Paes Barreto; Soares Ribeiro; Rodrigues Torres; e Nabuco de Araújo.<sup>362</sup> O temido empobrecimento não era apenas o financeiro; a perda do prestígio era, outrossim,

<sup>357</sup> NEEDELL, op. cit., p. 128.

<sup>358</sup> NEVES, loc. cit., p. 18.

<sup>359</sup> NEEDELL, op. cit., p. 129.

<sup>360</sup> EDMUNDO, op. cit., p. 43-44.

<sup>361</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 73.

<sup>362</sup> NEEDELL, op. cit., p. 145.

sinônimo de perda de contatos importantes. E tais relações podiam, sim, ser cultivadas por meio de versos e de rimas.

O flerte da elite com a literatura remete-nos aos salões, que eram de inspiração francesa e inglesa. Segundo Needell, presenciou-se, na época, uma espécie de paradigma aristocrático que determinava os bem-fazeres dos homens de posses e autoridade, e o fazer literário estava incluso nesses moldes.<sup>363</sup> Logo, pode-se concluir que as conversas e o próprio *status* social pautavam-se na literatura, que era, de certo modo, sinônimo de domínio do conhecimento e do valor cultural, o que deu margem à proliferação daqueles que almejavam serem reconhecidos por seus poemas, ou mesmo obter proteção e favores por meio de um agrado aos figurões, em um período em que, como já citado nesta dissertação, a poesia foi gênero de sucesso.

No Brasil do século XIX, as oportunidades “dependiam de sua posição na família e da posição desta na hierarquia política e econômica local, bem como da posição da região tanto na economia brasileira quanto na internacional”;<sup>364</sup> estratégias de proteção como o apadrinhamento, por exemplo, eram inerentes ao esquema familiar da época, e se manifestava de diversas formas, como aquilo que Jeffrey Needell define como “correção da natureza”, isto é, quando, por exemplo, uma família rica criava um afilhado ou uma afilhada para substituir um ente falecido. E, no caso específico do universo literário, os contatos eram também necessários para a obtenção de benefícios: “um burocrata subalterno e homem de letras tenta tirar proveito de seus contatos literários e sociais com um político importante. Ele o faz por meio de visitas e convites familiares. Espera progredir em sua carreira e, assim, ganhar o salário para manter o nível de consumo esperado após um ‘bom’ casamento”. E os poemas de circunstância provam que tal apreço era alcançado, muitas vezes, por meio de algumas estrofes e dedicatórias.

Tudo isso leva a ponderar, ainda, sobre os sustentáculos das relações entre a elite protecionista e a produção literária. Em tantas épocas, viu-se a dependência direta entre os detentores do capital financeiro e aqueles que obtinham o capital cultural. De um lado posicionavam-se, comumente, aqueles que ocupavam as funções dominantes e que procuravam, simultaneamente, a legitimidade, alcançando-a por meio da literatura que lhes era dedicada. Em polo oposto, estavam aqueles que se sujeitavam aos limiares do poder, oferecendo a literatura em troca de ganhos, sejam estes de prestígio ou de proteção. Isto significa que a adulação, no âmbito literário, determinava a relação com aqueles que poderiam

---

<sup>363</sup> NEEDELL, op. cit., p. 138.

<sup>364</sup> Idem, ibidem, p. 144

financiar os subservientes. Pierre Bourdieu, ao aludir aos diretores dos jornais da França do século XIX, referiu-se ao fato de que os diretores dos jornais do período eram comumente bajulados, pois mantinham laços de amizade com dirigentes políticos, entre outros figurões da sociedade.<sup>365</sup> No Brasil, esses laços não se encontravam apenas nos jornais, mas cerceavam as tantas famílias aqui mencionadas, e que ditavam as regras das relações e dos benefícios nela adquiridos. É preciso, ainda, refletir sobre a afinidade da produção de literatura, de acordo com Bourdieu, e as demais práticas sociais: para o autor, nas manifestações culturais, nas quais se inclui o texto literário, por “mais livres que possam estar das sujeições e das solicitações externas, são atravessadas pela necessidade dos campos englobantes, a do lucro, econômico ou político”.<sup>366</sup>

Nos anos de 1890, os poemas de circunstância foram assimilados por um número significativo de leitores, dada a circulação expressiva da *Gazeta de Notícias*. E mesmo por um rol de leitoras, apesar do número escasso de mulheres que tinham acesso à instrução escolar, mas que, em alguns casos, chegavam a assinar versos que foram publicados por esse jornal.

#### 4. 2 Forma, conteúdo e função social

Na *Gazeta de Notícias*, os poemas de circunstância raramente apareciam na primeira página; não obstante, possuíam espaço cativo nesse periódico. Nesta análise, consideramos as suas particularidades no âmbito da forma, do conteúdo, bem como de seus autores e aqueles que foram exaltados pelos cultores desses versos.

As estrofes de circunstância eram assinadas por nomes – supostamente verdadeiros – como os de Francisco Gomes Leite, Brasilina Torres, César Monteiro e Albino Costa. Era comum o uso de pseudônimos; a exemplo de grandes escritores, como Molière, cuja alcunha verdadeira era Jean-Baptiste Poquelin, havia aqueles que preferiam se manter no anonimato, rubricando como “Um Amigo” e “Um seu respeitador”, ou apenas serviam-se de suas iniciais, como A. E. Alguns deles foram divulgados na seção de “Publicações a Pedido”, o que indica que os seus respectivos colaboradores pagavam por espaço nessa coluna.

Curiosamente, Machado de Assis assinou o “Soneto circular”, que se faz presente, também, na antologia elaborada para esta dissertação. Trata-se de versos em homenagem aos seus amigos, entre os quais está Ferreira de Araújo, e que aproximam o grande escritor de uma prática comum àqueles que, provavelmente, constituíam o seu público.

---

<sup>365</sup> BOURDIEU, op. cit., p. 70.

<sup>366</sup> Idem, ibidem, p. 245.

Machado de Assis tornou-se ultimamente de amores, – não se assustem, não é escândalo! – por uma tela representando uma formosíssima mulher. Amigos indiscretos descobriram o mistério, e para poupar-lhe trabalho, e o risco de perder de vista o objeto de seu culto, mandaram levar-lhe à casa a tela, de modo que ele possa fartar-se de vê-la dia e noite. O poeta respondeu com o Soneto circular<sup>367</sup> que em seguida publicamos, o que bem revela que se uma mulher pintada lhe inspira versos desta ordem...

Deixemo-nos de indiscrições. Leiam o soneto, e digamos se não foi boa a ideia de se lhe mandar a tela:

A bela dama ruiva e descansada,  
De olhos longos, macios e perdidos  
C'um dos dedos calçados e compridos  
Marca a recente página fechada.

Cuidei que, assim pensando, assim calada  
Da fina tela aos floridos tecidos,  
Totalmente calados os sentidos,  
Nada diria, totalmente nada.

Mas, eis da tela se despega e anda,  
E diz-me: - Horácio, Heitor, Cipião, Miranda,  
C. Pinto, X. Silveira, F. Araújo,

Mandaram-me aqui para viver contigo.”  
Ó bela dama, a ordens tais não fujo,  
Que bons amigos são! Fica comigo.<sup>368</sup>

Os versos de circunstância apresentam certa proximidade com os ditames do Parnasianismo. Como se discutiu no segundo capítulo, no que concerne à poesia, esse era o padrão do fazer poético. Inspiradora de autores consagrados, a escola parnasiana foi, igualmente, modelo para os que se aventuravam nos limiares do verso e que, aparentemente, não visavam ao sucesso na história literária. Assim, a maioria dos poemas de circunstância divulgados pela *Gazeta* possui configuração regular; são, usualmente, dotados de quartetos ou apresentam-se sob a forma do soneto, tão cara aos contemporâneos. No que tange os versos, notou-se preferência pelos decassílabos. Alguns títulos se apresentam sob a forma do acróstico, medida sobre a qual já se discorreu nesta dissertação.

Exemplar da tentativa de adequação formal aos ditames do Parnasianismo é “Des’que deixaste para sempre a terra”, de Adélia Fonseca:

Des’que deixaste para sempre a terra,  
Um mar de angústias o meu peito alaga:  
E forma esta dor, que assim me esmaga,  
De quantas dores o martírio encerra!

<sup>367</sup> No original, grafado sem aspas.

<sup>368</sup> ASSIS, Machado de. Soneto circular. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 abr. 1895. p.1, 5.col.

A saudade o punhal bem fundo enterra  
 Na minh'alma, onde abriu enorme chaga!  
 Cada filhinho teu me beija e afaga  
 E nem assim o meu pesar desterra.

Em nada encontrar posso lenitivo;  
 Que ante meus olhos tenho, a cada instante  
 De tua infausta morte o quadro vivo!

Contemplo-te, ó angélico semblante;  
 Mas não te vendo o olhar meigo, expressivo,  
 Sou da amargura o cálice ambulante.<sup>369</sup>

As estrofes de Fonseca estão dispostas em um soneto, de esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Os versos são decassílabos; em alguns momentos, no entanto, a autora serviu-se de estratégias pouco apreciadas em sua época para a obtenção de tal metro. Este é o caso, por exemplo, do primeiro verso, no qual é empregada a grafia “Des’que”, e do terceiro verso do primeiro quarteto, em que Adélia Fonseca ignora uma elisão entre vogais para alcançar a medida de dez sílabas métricas (“E forma esta dor, que assim me esmaga”). No mais, a obra mantém-se em um patamar de correção. No tocante à rima, veem-se passagens em que essas se apresentam como ricas, o que ocorre na segunda estrofe, na qual a autora concorda o substantivo “chaga” com o verbo “afaga”. Quanto à colocação pronominal, que eram um desafio para os líricos do período, não há equívocos.

Outro modelo da adaptação aos preceitos formais do Parnasianismo é o soneto dedicado a Campos Sales e assinado por Eugênio Leonel.<sup>370</sup> Os versos de Leonel são decassílabos e as estrofes apresentam sequência rímica regular (ABBA/ABBA/CCE/EED). No que concerne à sonoridade, observa-se a alternância entre fonemas nasalizados e vogais tônicas, o que confere ritmo ao poema. Nota-se, além disso, certo preciosismo vocabular; o autor lança mão de palavras como “arroubos” e “lauréis”, bem como de inversões sintáticas e de *enjambement*. O nome de seu homenageado é resultado, ainda, da “lide memoranda”, isto é, de um combate memorável, o que indica a sua grandiosidade.

Nome feito na lide memoranda  
 Da tribuna, da pena e do comício,  
 Do presente ele foi como um início,  
 No passado agitando a propaganda.

<sup>369</sup> FONSECA, Adélia. Des’que deixaste para sempre a terra. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º jan. 1893. p.2, 2.col.

<sup>370</sup> Vide antologia.

Não conhece perigos, nem lhe abranda  
 A altivez arrogante o sacrifício;  
 Entre arroubos de gênio tribunício,  
 Fere a luta campal e temeranda.

Eis burilado e de lauréis coberto  
 Esse que o peito traz de longe aberto  
 Às esperanças do Brasil em peso.

Agora saiba enaltecer o posto  
 Esse talento que lhe doura o rosto  
 E fora na alma popular aceso.

No entanto, nem todos aqueles que cultivaram os versos de circunstância obtiveram sucesso no que concerne à adequação formal, o que evidencia que os seus respectivos cultores eram pessoas comuns às voltas com as normas poéticas correntes. Faz-se necessário considerar, outrossim, que este dado não indica que os autores de encômios se renderam às modificações ou experimentações do fazer poético; ainda que com pouca habilidade, tentavam enquadrar-se no modelo parnasiano.

Alguns poemas apresentam estrofação e sequência rímica irregulares; outros se limitam à medida de uma pequena quadra. Houve os que não respeitaram elisões evidentes entre vogais, e os que não acataram, por exemplo, a divisão convencional de certas palavras para a obtenção de determinados metros. No poema iniciado pelo verso “Dormes amigo, descansa”, publicado em 1896 e assinado por F. R. M. O.,<sup>371</sup> o vocábulo “saudade” é desmembrado em quatro sílabas para que se atingisse o metro heptassílabo e ignora-se a elisão em “Que a”:

Dormes amigo, descansa,  
 No sono da eternidade, –  
 Que a triste saudade  
 Me deixaste por lembrança.

Não posso mais esquecer-te,  
 Bom amigo e companheiro;  
 Eras bom e verdadeiro,  
 Sinto não tornar a ver-te.

Jovem, moço e delicado,  
 Eras por todos querido.  
 Por todos serás sentido,  
 Caro amigo dedicado.

---

<sup>371</sup> M., F. R. O. Dormes amigo, descansas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de mar. de 1896. p.3, 5.col.

Lá no fundo do jazigo  
 Onde teu corpo existe  
 Uma lágrima bem triste,  
 Recebe do teu amigo.<sup>372</sup>

Houve os que não consideraram a extensão das sílabas métricas. Este é o caso de Francisca da Fonseca Pinto, cujos versos são desiguais e, em algumas estrofes, chegam a quatorze sílabas métricas. Observa-se, ainda, que a autora lançou mão de quartetos, mas, curiosamente, inseriu um único dístico em seu poema. Não se serviu de rimas regulares e abusou de adjetivos, alguns descabidos a sua filha morta aos sete meses, ao destinar-lhe a qualidade de “interessante”.

Saudades de minha filha  
 Em meu peito eu trago escritas.  
 Ela lá no céu está sossegada  
 Eu cá neste mundo tão aflita.

Foste por mim tão estimada,  
 Foste por Deus tão cedo roubada.

Tão linda, tão bonita e interessante.  
 Santinha! Cabelos negros, olhos encantadores...  
 Foste roubada de teus pais  
 Aos sete meses de idade pelo Criador;

Foste embora, Santinha.  
 De teus pais, deste mundo de ilusões  
 Deixaste teus pais cá sozinhos.  
 Em tanta cruel a paixão.

Foste embora, Santinha  
 De tua mãe muito querida,  
 De teu pai muito amada  
 E de tua avó muito adorada.

A Deus do céu me valer  
 Na minha grande aflição  
 Roubaram a minha filha  
 Querida do meu amoroso coração.

Foste embora, interessante Santinha,  
 Deste mundo enganador;  
 Teus padrinhos com tanta saudade  
 E teus tios com tanta dor.

Dado relevante é que a própria *Gazeta de Notícias* deu vez a uma sátira sobre a querela do bem versejar e da correção formal. Sob o pseudônimo de “Dr. Pronome”, certo indivíduo zombou daqueles que não lidavam de forma hábil com os preceitos normativos da

---

<sup>372</sup> Divulgado nas “Publicações a Pedido”.

gramática, ao relatar, em versos, a cena de um então conhecido senador, que não distinguia a diferença entre um artigo e um pronome. Ressalta-se o fato de que, apesar da crítica, o autor desses versos aparentou não possuir o domínio da métrica regular.

Certo dia em Ouro Preto  
 Conhecido senador,  
 A alguns colegas seus  
 Quase matou de estupor.

Chegou, chegou, chegou,  
 Agora, agora, agora,  
 Veio de Tamanduá  
 Ainda não há meia hora!

É o caso que o dito  
 Já citado senador;  
 Tem talento de espavento  
 E gramática de primor.

Chegou, chegou, etc.

Para ele qualquer “O”  
 Que precede sempre o nome  
 Não pode mais ser “artigo”  
 E passou a ser “pronome”!

Chegou etc.

Mandou prender o “artigo”  
 Pôs o “pronome” na rua,  
 E deixou D. Gramática  
 Maltratada e quase nua!

Chegou etc.

Mas um outro senador  
 Achou duro tal castigo  
 E quis requerer ao chefe  
*Habeas Corpus* pro “artigo”!

Chegou etc.

Mas o tal Dr. Pronome  
 Para evitar discussão  
 Fez do “O” “adjetivo”  
 E inspirou-me esta canção!

Chegou etc.  
 Todo o povo de S. Pedro  
 O tempo agora consome,  
 Perguntando curioso  
 Se o “O” será pronome!

Chegou etc.<sup>373</sup>

Vê-se que o sentimentalismo exacerbado aliava-se à adjectivação, como já se mencionou. Nas estrofes desses poemas, apareciam epítetos como “horrenda” e “sanguinária”, “digno”, “inteligente” e “ilustre”; ou, ainda, superlativos, como “aspérrimo” e “exemplaríssimo”. Havia dizeres exaltados, o que se verifica, por exemplo, no soneto “Adeus. Leal soldado, que partiste”, poema assinado por Higino Rodrigues; este autor destina seus versos a Floriano Peixoto, morto em 1895, anunciando, já em sua dedicatória, tratar-se de “Homenagem ao imortal democrata Floriano Peixoto – Cognominado pela história O MARECHAL DE FERRO”.<sup>374</sup>

As imagens eram igualmente contundentes e dramáticas: como cantou Adélia Fonseca, “a saudade o punhal bem fundo enterra”; apareciam, ainda, “a foice da morte” e a “morte que tudo esmaga”. Ironicamente, enquanto o Parnasianismo pregava, além da correção formal, o uso comedido da palavra, via-se que, nesse âmbito, os poetas de circunstância não procuravam se adequar.

Quanto aos temas, os mais frequentes entre os poemas de circunstância eram o luto e o aniversário, – como apontado no segundo capítulo, a *Gazeta* publicou 103 poemas cujo tema era aniversário, e 88 que versavam sobre o luto, – fossem eles relativos a pessoas ainda hoje reconhecidas ou àqueles que ficaram esquecidos no passado. A temática da morte, em especial, era apresentada de forma pouco contida, como se viu no poema de Francisca da Fonseca Pinto. De modo geral, não havia nesses poemas qualquer separação entre aquilo que estava grafado e os sentimentos de quem os escrevia: sabia-se quem assinava essas obras, a quem elas eram dirigidas e o porquê de elas existirem, com traços que podem ser associados à biografia de cada autor, seja na perda de um filho ou em um lamento por um grande homem de governo. E esta característica faz com que os poemas de circunstância, ainda que em alguns casos próximos do Parnasianismo no que se refere ao aspecto formal, fiquem distantes da estética, no que se refere ao conteúdo.

<sup>373</sup> DR. PRONOME. Certo dia em Ouro Preto. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 jun. 1898. p. 3, 4 col.

<sup>374</sup> RODRIGUES, Higino. Adeus, Leal Soldado, que partiste. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 jul. 1895. p.3, 4 col.

Nos versos de Adélia Fonseca, acima transcritos, observa-se que o sujeito lírico mostra-se acometido por uma dor extrema; além disso, as estrofes dessa autora apresentam um momento de apelo emocional gritante, quando da recorrência aos filhos da falecida a quem dedica os seus versos. A imagem da morte é explorada, a partir, inclusive, de uma série de clichês: e o eu-lírico afirma que esta ficou cravada em sua memória, sendo “infausta”, ou seja, “infeliz”, e mantendo-se em sua mente como um “quadro vivo”, o que sugere que tal lembrança seja intensa e constante. O sofrimento manifestado é capaz de transformar a voz do poema, aproximando o seu sentimento íntimo de um “cálice ambulante de amargura”. A dor é uma chaga, isto é, uma ferida aberta, um mal perene, o que indica que a perda é, ainda, uma espécie de enfermidade.

Em 9 de maio de 1891, apareceu na *Gazeta* poema de certo Augusto César de Andrade. Tratava-se de versos sobre a morte, bem como permeados pelo transbordamento sentimental. Até mesmo o médico da família é mencionado nessas estrofes:

Meu querido pai, a triste morte  
Tua família chora com dor profunda,  
Em nosso rosto ainda se inunda  
Por lembrança fatal, de uma dor tão forte.

Mourão, teu médico amigo, te quis salvar  
O ilustre clínico fez por arrancar-te à morte  
Impossível... e tua dor elevava-te à rubra sorte,  
Dor, que talvez a morte poderá arrancar.

Oh! meu pai tão doce nome.  
Oh! lei universal que justiça fizestes  
Para fazer a chaga que em mim consome.

No teu túmulo, no eterno abrigo  
Tua família chora seu chefe honrado,  
Lembrando sempre o seu grande amigo.<sup>375</sup>

Os poemas de circunstância eram empregados por seus autores como forma de agradecimento por favores cotidianos ou por colaborações literárias. Tal prática se justifica por um costume da época: segundo Brito Broca, havia grupos de aspirantes à literatura que praticavam o elogio mútuo, o que vinha desde os tempos da Colônia e se intensificou no Império, visto ter sido D. Pedro II um incentivador de tal hábito.<sup>376</sup> Este é o caso de “Remerciements”, de Rose Méryss. Nesses versos, como citado no segundo capítulo, Méryss gratificou o tradutor de seu poema, “Le poète et la statue”, comparando-o a Virgílio e

<sup>375</sup> ANDRADE, Augusto César de. Meu querido pai, a triste morte. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 maio 1891. p.3, 2.col.

<sup>376</sup> BROCA, op. cit., p. 12.

dizendo-lhe inspirado pela Musa. Eram, também, via de defesa da reputação e de proteção no âmbito literário. Caso curioso se deu, em 1890, entre Machado de Assis e Jayme de Séguier. Este último era correspondente do *Jornal do Comércio* em Portugal, além de poeta, jornalista e cônsul. Séguier divulgou, em 31 de agosto de tal ano, o soneto “Marché”, transcrito abaixo.

*Voici notre contrat. – Je dois faire un sonnet  
Où je chante ton front vermeil, ta bouche d’ange,  
Ton âme impérieuse et son divin secret.  
- Et tu dois me donner un baiser en échange.*

*Un baiser ? C’est bien peu. N’importe, je suis prêt...  
Je dirai tes cheveux flottants, le charme étrange  
De tes yeux noirs où luit le bleuâtre reflet  
De la lame d’acier qui frappe, blesse et venge,*

*Je chanterai l’amour qui dort, rayon vainqueur,  
Dans le silex profond où fut taillé ton cœur  
Et dont tu fuis en vain le splendeur qui t’effraye.*

*Je chanterai le jour où, s’éveillant, le Dieu  
Tourmentera ton sein de son baiser de feu...  
Mon ouvrage est fini. Voici ton sonnet. Paye !<sup>377</sup>*

Ao pedir um beijo pelo soneto, vê-se que Séguier remete àquilo que supomos ter sido comum no século XIX: a prática de se cobrar pela tessitura de versos, ainda que em sua forma mais prosaica, que era a de receber como pagamento o afago de uma moça. Machado de Assis, em 1º de setembro de 1890, também em francês, fez uma brincadeira com o autor de “Marché”, em soneto intitulado “Réfus” – no qual se refere diretamente a Jayme de Séguier:

*Non, je ne paye pas, car il est incomplet  
Cet ouvrage. On y voit, certes, la belle touche  
Que ton léger pinceau met à tout ce qu’il touche ;  
Et, pour un beau sonnet, c’est un fort beau sonnet.*

*Ce sont-là mes cheveux, c’est bien là le reflet  
Des mes yeux noirs. Je ris devant ma propre bouche.  
Je reconnais cet air tendre ainsi que farouche  
Qui fait toute ma force et tout mon doux secret.*

*Mais, cher peintre du ciel, il manque à ton ouvrage  
De ne pas être dix, tous également doux,  
Vibrant d’âme, et parfaits d’art profond, riche et sage.*

*Adieu, donc, le contrat ! Je le tiens pour dissous ;  
Car, pour de beaux portraits, pleins de charme et de vie  
Pour un baiser, je veux toute une galerie.<sup>378</sup>*

<sup>377</sup> SÉGUIER, Jayme de. *Marché*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 ag. 1890. p.1, 4.col.

<sup>378</sup> ASSIS, Machado de. *Réfus*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 1 set. 1890. p. 1, 4-5. col.

No soneto de Machado, assume-se o papel do sujeito lírico feminino ao qual se alude no poema de Séguier, fingindo censura aos versos de “Marché”, que são considerados sem “arte profunda”, riqueza e sabedoria. Na edição de 2 de setembro de 1890, Paulo Victor tenta apaziguar a situação, ofertando a Machado e a Jayme de Séguier os versos de “Justice”:

*C'est dommage vraiment; c'est à n'y pas s'entendre :  
Deux beaux esprits se battre à cause d'un baiser !  
Si mam'selle a promis, elle doit bien payer,  
Car la dette est sacrée et la quittance est tendre.*

*Si du sonnet l'or pur a pu à flots répandre  
La douce joie au cœur où l'amour, sans danger,  
Dormait paisiblement et, sans le réveiller,  
L'artiste nous montra et nous fit bien comprendre*

*Le splendide séjour où le petit bambin,  
Qui souvent ici-bas nous change le destin  
Tout dorloté, tout chaud, goûtait un doux repos ;*

*Il a bien mérité, par sa délicatesse,  
D'avoir en récompense une exquise caresse :  
Pas un petit baiser, mais un baiser bien gros.<sup>379</sup>*

Ainda no que concerne a esse tipo de cooperação literária por meio da poesia, a própria *Gazeta* também foi tema de poemas de circunstância. Normalmente, era lembrada em seu aniversário, como o fez Pedro Malazarte, em 2 de agosto de 1890. Afinal, se a folha cedia espaço para publicações de caráter diverso, era preciso reconhecer o papel por ela representado na divulgação do texto literário. Malazarte antropomorfizou a *Gazeta*, dando-lhe, ainda, os sobrenomes de Ferreira de Araújo e de Elísio Mendes; o poeta curvou-se diante do periódico que era, antes de tudo, seu empregador.

Dona *Gazeta* de Araújo Mendes,  
Portento dos portentos,  
Aqui me vês curvado, e certo entendes  
Que entre mil cumprimentos,

Cá deito o meu, em tosca e fraca rima,  
Porém com muito ardor,  
Por ti, por ti, que na elegância primas,  
*Gazeta*, minha flor!

Por esse aniversário que hoje contas,  
Tu que és cuidados nossos,  
E que vais na pontíssima das pontas,<sup>380</sup>  
Aperta-me estes ossos!<sup>381</sup>

<sup>379</sup> VICTOR, Paulo. Justice. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 set. 1890. p.1, 6.col.

<sup>380</sup> Na época, “estar na ponta” significava vestir-se no rigor da última moda.

É relevante salientar que alguns dos poemas publicados pela *Gazeta de Notícias* apareciam acompanhados de epígrafe. De modo geral, a epígrafe aponta o objeto de inspiração ou o nível cultural e doutrina de um poeta ou romancista, além de ter sido um hábito herdado do Romantismo. Do periódico, constam 53 poemas que possuem epígrafe. As recorrências eram as mais variadas: faziam-se presentes trechos assinados por parnasianos, como Raimundo Correia e Olavo Bilac; passagens bíblicas, presentes nos evangelhos de Isaías e de São João; além de autores estrangeiros, como Vitor Hugo, Alexandre Herculano e Goethe. O mais curioso, no entanto, no tocante aos poemas de circunstância, é que algumas dessas epígrafes eram de autoria de pessoas que, provavelmente, possuíam certo prestígio social, como a o Dr. A. J. Ribas, por exemplo.

Outros poemas eram seguidos de dedicatórias, o que era uma constante dos versos de circunstância: 403 poemas apresentam dedicatórias, e estas, junto aos encômios, como já se mencionou, cumpriam, provavelmente, a função social de agradar e de obter ganhos. Eram, por si só, extremamente aduladoras e caricatas: apareciam dizeres como “Saudade pelo eterno repouso” e “Ao distinto amigo capitão A. J. Leite Borges, pelo infausto passamento de seu inteligente filho Olavo”. E seus agraciados eram apontados, na maioria das vezes, como “Excelentíssimo” ou “Excelentíssima”. Surgem, entre os homenageados, nomes como Idalina Wandenkolk, Dr. Bonsucesso – que é comparado a La Fontaine por seu admirador – e Irene Tavares. Não se pode deixar de mencionar o fato de que essas dedicatórias continham, comumente, os nomes de redatores da *Gazeta*, como o próprio Ferreira de Araújo e Soares de Sousa Junior.

Além da vida literária, os poemas de circunstância chegavam aos palcos dos teatros cariocas. Assim como a já citada Rose Méryss, Aurélia Delorme, atriz e celebridade de operetas, e Guilherme da Silveira, empresário do teatro *Variiedades*, também foram enaltecidos por autores que publicaram na *Gazeta*. Deve-se considerar que, no século XIX, o teatro era popular, na medida em que necessitava de espectadores para sobreviver. O incentivo para que o público prestigiasse os espetáculos refletia-se no preço baixo e no sorteio de ingressos, além das bonificações e do próprio estímulo da imprensa, que costumeiramente versava sobre as peças que estavam em cartaz.<sup>382</sup> Logo, era comum que atores, atrizes e empresários fossem reconhecidos e admirados por muitos.

---

<sup>381</sup> MALAZARTE, Pedro. Aperta-me estes ossos! *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 ag. 1890. p.1, 6.col.

<sup>382</sup> REIS, Angela. *Cinira Polonio, a divette carioca: estudo da imagem pública e do trabalho de uma atriz no teatro brasileiro da virada do século XIX*. p. 90.

Aurélia Delorme nasceu no Rio de Janeiro, em 1866, e seu verdadeiro nome era Constância Cândida Cardoso Sanchez. Durante sua carreira, destacou-se por seus papéis cômicos. Em 1887, foi contratada por Guilherme da Silveira, estreando na revista *Fritzmac*.<sup>383</sup> A ela, foram dedicados os seguintes poemas: “Eu sei que completas mais um ano”,<sup>384</sup> de A. S., em comemoração ao aniversário da atriz, e “Delorme!... Na ponta!...”, de “Os firmes”, que elogia as representações da artista:

A Delorme no *Sarilha*  
Tem seis papéis importantes,  
Feitos com imenso brilho,  
Entre aplausos delirantes.

Logo em princípio a Delorme  
Toda a plateia alicia  
Pois, faz com sucesso enorme  
A bela *Democracia!*

Mudando o seu rico fato,  
Em *Fortuna* transformada,  
Deixa o povo estupefato  
A Delorme endeusada!

Porém, quando a gente fica  
Pelo beijo,<sup>385</sup> leitor, creia...  
Gente pobre e gente rica  
É logo após a *Sereia*,

Quando vem do tabuleiro,  
Vestidinha de baiana,  
A marcar em tom brejeiro:  
- Vai banana! Vai banana.

Por Deus! Perde-se a cabeça  
Ante aquela quitandeira,  
E muito embora aconteça  
Tomar pau, faz-se uma asneira!

*En travesti*, sedutora  
Eis que aparece de novo  
A gentil atriz-cantora:  
Faz o *Correio do Povo*.

Finalmente a bela artista,  
Do Recreio a Fornarina<sup>386</sup>  
Desempenha da revista,  
O papel de *Jogatina*.

<sup>383</sup> SILVA, op. cit., p. 223.

<sup>384</sup> S., A. Eu sei que completas mais um ano. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 maio 1893. p.2, 7.col.

<sup>385</sup> A expressão “ficar pelo beijo” significa “apaixonar-se”.

<sup>386</sup> Figura atribuída ao pintor Rafael.

Confessem, meus amiguinhos,  
Sem rebuço, francamente!  
Seis papéis tão bonitinhos  
Não se encontram facilmente.<sup>387</sup>

Delorme também possuía seguidores. Um fã acalorado, sob o pseudônimo “Um Delormista”, publicou seus louvores à atriz na *Gazeta*. Em seus quartetos, cujos versos são heptassílabos, esse “Delormista” defendeu a sua artista de apreço, indispondo-se, ainda, com os “bellengrandistas”, isto é, entusiastas da atriz italiana Rosina Bellegrandi, que era considerada sua rival.<sup>388</sup>

Digam embora o que disserem  
Ninguém poderá negar  
Que sempre cá no Recreio  
Há de a Delorme brilhar.

Silêncio, bellengrandistas  
Vosso fiasco é enorme  
Abaixai as vossas cristas  
Que está na ponta a Delorme.

Ela, sim, que tem talento  
Que tem beleza nativa  
Viva, pois, esse portento  
Aurélia Delorme, viva!

A resposta de um admirador de Bellegrandi se deu na mesma coluna do jornal, intitulada “A estrela do recreio”:

Invejosos  
E maldosos  
Cabulosos  
Delormistas,  
Vosso sol  
Sem arrebol,  
Não está no rol  
Das artistas.

Mais fulgente  
Sorridente,  
Resplendente,  
Hoje expande  
Puro brilho  
No *Sarilho*  
É estribilho  
A Bellegrandi.

<sup>387</sup> UM DELORMISTA. Diga embora o que disserem. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 ag. 1890. p.2, 7.col.

<sup>388</sup> SILVA, op. cit., p. 222.

Bela artista  
 Que conquista  
 Nessa pista  
 Mil louvores,  
 Tem milhões  
 De corações  
 E ovações  
 De adoradores!

Na segunda metade do século XIX, alguns admiradores das atrizes criavam “partidos” a favor de determinadas artistas. É o que considera Angela Reis,<sup>389</sup> em seu trabalho sobre a vida e atuação de Cinira Polonio:

Foram famosos, e deram muito trabalho à polícia, os combatentes entre os *pepistas*, adoradores de Pepa Ruiz, e os *carvalhistas*, adoradores de Ester de Carvalho: “os adeptos de uma não se contentavam em carregá-la em triunfo, nas ruas, [...] e iam desfeitar a rival à saída da casa de espetáculos a que pertencia, programa absolutamente igual ao que punham em prática os admiradores da outra”. Disputa semelhante tinham os partidos das atrizes Leonor Orsat e Jesuína Montani, cujos fãs editavam jornais (*O Orsatista* e *O Montanista*) em que exaltavam as qualidades de sua musa e denegriam a adversária. Aurélia Delorme, rival de Rosina Bellegrandi, também mereceu um jornal por parte de seus admiradores, *O Delormista*.<sup>390</sup>

Acompanhando as tendências da época, alguns dos poemas de circunstância divulgados foram redigidos em língua francesa, como já se viu no episódio que envolveu Machado de Assis e Jayme de Séguier. Há, ainda, um poema em espanhol e um poema italiano, em homenagem a Ferreira de Araújo. Mesmo Olavo Bilac se aventurou no exercício do encômio, e em francês. Em 20 de abril de 1900, a *Gazeta*, como se mencionou no primeiro capítulo, tornou público um poema de Bilac dedicado à Madame Dreyfus, e o tributo a ela ofertado, episódio sobre o qual se discorreu. Evidencia-se o domínio do parnasiano, no que concerne aos aspectos formais do poema: trata-se de um soneto, dotado de versos alexandrinos.

Está pronto e deve ser exposto ao público, amanhã ou depois, o brinde que as senhoras brasileiras vão enviar a Mme. Dreyfus, como prova do alto apreço em que têm a sua valorosa conduta, durante o tempo em que tantas e tão repetidas desgraças angustiaram o seu coração de esposa amantíssima. O brinde consta de um cofre todo de madeira do país, com escultura e relevo, feito nas oficinas da Marcenaria Brasileira. Talvez nunca saísse daquelas já tão acreditadas oficinas, nenhuma obra que tão incontestavelmente mostrasse a grande perícia e fino gosto dos artistas ali empregados. Dentro desse cofre irão em fototípias, coladas em magníficos cartões, algumas vistas de edifícios e paisagens do Brasil. Na tampa do cofre, a um

<sup>389</sup> Neste trecho, Angela Reis recorre à obra de Lafayette Silva, igualmente citada nesta dissertação.

<sup>390</sup> REIS, op. cit., p. 95.

lado, em um escudo, vê-se a brilhantes o monograma da ilustre senhora. É trabalho das oficinas da Casa Luiz de Resende e tanto basta dizer para se ficar sabendo que é um verdadeiro mimo.

Acompanhando as vistas, vai um exemplar da edição de luxo do folheto que o nosso ilustre compatriota Dr. Rui Barbosa escreveu quando, achando-se na Europa, se iniciou a complicada questão Dreyfus.

A oferta à Mme. Dreyfus é feita no seguinte soneto, do nosso ilustre companheiro Olavo Bilac:

À MADAME ALFRED DREYFUS  
Les Femmes du Brésil

*Vous étiez seule et vous avez vaincu l'enfer,  
Pauvre cœur inondé par un fleuve de larmes ;  
Vous aimiez, vous croyiez sans avoir d'autres larmes.  
Pour amollir le roc, pour attendrir le fer.*

*La haine, autour de vous, grondait comme une mer.  
Chaque jour apportait de nouvelles alarmes...  
Et vous voyiez sombrer vos enfants, et vos charmes  
Et l'honneur du foyer au fond du gouffre amer.*

*Mais vous n'avez jamais ployé sous les désastres,  
Et, calme, vous marchez sous le regard des astres,  
En attendant du jour l'éternelle clarté.*

*Mère – Épouse ! votre âme enorgueillit nos âmes !  
Car vous êtes l'Amour et la Maternité.  
Cœur, miroir de nos cœurs, et Femme, honneur des femmes !*

Rose Méryss, que compunha apenas em francês, além de agradecimentos, versejou em homenagem às damas que visitaram a Obra de São Vicente de Paula, em “La charité”,<sup>391</sup> bem como louvou a “Matinée Infantine” organizada pela colônia francesa do Rio de Janeiro e, como não poderia deixar de ser, por membros da elite carioca – declaradamente, um evento “das crianças ricas em favor das crianças pobres”, que recitavam poemas, também. Na *Gazeta*, esses versos de Méryss estão apagados, e algumas manchas dificultam a sua leitura; por isso, não são reproduzidos nesta dissertação.

Ainda no que concerne às publicações em língua francesa, a *Gazeta de Notícias* divulgou aos seus leitores e leitoras o poema “Triple deuil” (“Luto triplo”, em tradução livre), de Paul Duponchel. Esses versos podem ser considerados um exemplar dos mais dramáticos entre os poemas de circunstância publicados nesse jornal. Dedicado ao Senhor e à Senhora Ramiz Galvão, apresenta como tema o sofrimento do casal pela perda de seus três filhos:

<sup>391</sup> MÉRYSS, Rose. La charité. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 nov. 1899. p.2, 4.col.

*Père, pourquoi pleurer?... Mère, sèche tes larmes.  
Pourquoi de vos enfants envier le bonheur?...  
La vie, pour ces élus, n'eut jamais que des charmes:  
Ce n'est qu'après vingt ans qu'on apprend la douleur!*

*Ce n'est qu'après vingt ans qu'on apprend la souffrance.  
Jusque-là, l'on ne sait que les affections.  
Jusque-là, on conserve une sainte ignorance  
Du venir meurtrier des désillusions!*

*Heureux ceux qui s'en vont en pleine efflorescence,  
Rêvant ce qui n'est pas : croyant en le bonheur.  
Même au sein de la tombe ils portent la croyance  
Qu'en jardin inconnu Dieu a semé la fleur!*

*L'enfant qui va mourir, et que la fièvre enivre,  
Pensant à ses travaux, vit, sourit et s'endort,  
Voyant s'ouvrir, pour lui, des cieus le grand livre,  
Dont le premier feuillet ne se lit qu'à la mort.*

*Sa sœur, qui veilla tant au chevet de sa conche,  
Au tombeau le suivant, en sa fraîcheur de lys,  
Garde un rayonnement, qui erre sur sa bouche,  
Car des cieus elle entrevoit l'iris!*

*Et, lorsque sur la tige, il n'y eut qu'une rose,  
La sœur du haut des cieus à son tour l'appela  
Pour qu'elle vint aussi, à peine fleur eclose,  
Sœur, même dans la mort, pour l'accompagner là!...*

*Dans la conche funèbre et, dormant sous le marbre,  
Trois corps vont se confondre en l'infini chaos.  
Le cyprès va donner l'ombre triste de l'arbre...  
Sur la bière est la fleur, et l'âme prie d'En Haut!*

*Père, pourquoi pleurer ?... Mère, sèche tes larmes.  
N'est-ce pas le bonheur qu'on veut pour son enfant?  
Les vôtres sont au ciel ; leur vie n'eut que des charmes:  
Ayant vécu le vrai, qui meurt est triomphant.<sup>392</sup>*

Os poemas de circunstância, divulgados em um momento marcado pela vigência do Parnasianismo e do Simbolismo, indicam uma possibilidade de leitura e investigação da poesia lírica brasileira, que se pautou, sobretudo, nas relações sociais. Tais obras são úteis, ainda, para a compreensão de certas características referentes à literatura nacional: viu-se, a partir delas, que indivíduos comuns adequaram-se aos ditames estéticos de uma época, ainda que não se vinculassem a grupos literários determinados. Os versos de circunstância também estiveram às voltas com os acontecimentos do XIX, sobre o que se discorrerá nas próximas páginas.

<sup>392</sup> DUPONCHEL, Paul. Triple Deuil. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 abr. 1893. p.1, 5.col.

### 4.3 Relatos de uma década

A poesia de circunstância divulgada pela *Gazeta de Notícias* constituiu, ainda, uma espécie de reflexo do pensamento e dos acontecimentos da época. Entre republicanos e monarquistas, tais versos expressam os sentimentos de um período marcado por uma série de modificações, que foram da consolidação da República às manifestações de Canudos, passando pela morte de D. Pedro II.

A produção literária de uma geração é passível da influência de fatores socioculturais. Valores, ideologias e estrutura social comumente atrelam-se à concepção de versos e de estrofes. Dentre os aspectos da sociabilidade, conta a possibilidade de oferta, entre indivíduos, da própria poesia. Isto quer dizer que homens e mulheres de determinadas épocas relacionam-se com os acontecimentos nela vigentes, demonstrando-a por meio da literatura. Há, de fato, certa iniciativa individual, que se associa aos sentimentos e ao pensamento coletivo, e que traz à baila, na expressão escrita, perspectivas e aspirações, que podem ser ideológicas e políticas. Assim, pode-se compreender a aproximação dos poemas de circunstância às ocorrências dos anos em que foram publicados.

A começar pelo comprometimento dos encômios frente à exaltação da República, proclamada em 15 de novembro de 1889. Estabelecida a partir de um golpe militar, que se pautou pela insatisfação de diversos setores no que diz respeito ao Império, – como o descontentamento diante das dívidas adquiridas pelo país durante as investidas na Guerra do Paraguai, – abriu alas para anos marcados por instabilidades e tensões, mas que, no imaginário de então, significou o rompimento com os grilhões da Metrópole.

A República era, outrossim, sinônimo de paridade com os avanços técnicos e a modernidade. Para a elite brasileira da época, fazia-se necessário mascarar aquilo que era tido como reminiscência da colônia e, conseqüentemente, considerado um atraso. Nicolau Sevcenko elucida que a proclamação do novo modo de governar era vista como um cancelamento do então passado histórico brasileiro, maculado por “grupos sociais e rituais da cultura que evocavam hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado”.<sup>393</sup>

---

<sup>393</sup> SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: \_\_\_\_\_. SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da vida privada no Brasil*. Coord. Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 3. p. 28.

O novo regime foi exaltado por seus contemporâneos, em poemas como “Salve, oh! quinze de novembro”, de A. C. Oliveira,<sup>394</sup> “Santa Rita da Glória de Murinho”, de Manuel Antonio da Cruz Alves; e “À minha pátria”, de Onofre José Travassos. Na obra de Travassos, tem-se a ideia exacerbada de que a pátria de então era “bem dirigida” pela forma de governo vigente:

Salve, pátria querida  
E os dias de minha vida,  
Pelo regime que está  
Hoje é bem dirigida.

Ah!... meu Deus.  
Não me matai já.  
Quero ainda cantar  
A minha pátria natal.

Nosso povo é tão gentil,  
Mais do que ele nunca vi.  
Minha mãe me deu o ser  
Para cantar ao meu Brasil.

Neste berço em que nasci  
Morrerá sempre de saudade  
Pensando no porvir  
E na glória da mocidade.

De todo o universo  
Sois a mais formosa;  
Minha pátria é a rainha  
De toda a rosa.

Eu te prometo, hoje,  
Se a vida me faltar.  
Nesta minha pátria encontro lugar.  
Embaixo deste chão frio  
Aonde irei descansar.

Esse tipo de publicação justifica-se a partir da análise de elementos históricos. De modo geral, os poemas em questão aclamam o dia 15 de novembro como data de libertação do Brasil, além de dia que estabeleceu a ordem e a paz no país, o que era um pensamento corrente, como aponta José Murilo de Carvalho:

Entre as elites, houve sem dúvida a sensação geral de libertação, que atingiu não só o nível das ideias, mas também dos sentimentos e das atitudes. Não há estudos sobre este ponto, porém parece seguro dizer que a saída da figura austera do imperador, que imprimia forte marca em toda a elite política e mesmo em setores mais amplos da população, significou a emancipação dos

---

<sup>394</sup> OLIVEIRA, A. C. de. Salve, oh! quinze de novembro. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 jan. 1890. p.3, 2.col.

que seriam simbolicamente seus filhos. A mudança parece ter sido importante sobretudo no que se refere a padrões de moral e honestidade. A começar por esta última, vimos que o Encilhamento trouxe uma febre de enriquecimento a todo custo, escandalizando velhos monarquistas, como o visconde de Taunay, que via no fenômeno uma degradação da alma nacional. Como diriam os jornais da época, “a República é a riqueza!”. Poderíamos dizer que se deu uma vitória do espírito do capitalismo desacompanhado da ética protestante.<sup>395</sup>

A instauração da República no Brasil exigiu a eleição de um mito que a representasse. E, mais do que um mito, era necessário que o regime ostentasse o seu próprio herói. E concebe-se como herói aquele que encarna as ideias e aspirações de uma nação, e que gera uma identificação coletiva. Se, por um lado, a Monarquia via-se simulada pela figura do rei, o novo modo de governar procurou tal característica em indivíduos que questionaram o crivo do colonizador. Assim, viu-se em Joaquim José da Silva Xavier, popularmente conhecido como Tiradentes, a tábua de salvação da simbologia republicana.

Nascido em 1746, Tiradentes foi um dos nomes da Inconfidência Mineira. No período imperial, tentava-se ocultar seu nome, visto ter sido ele um contestador do domínio da família real portuguesa. Esse homem, de certo modo, foi a alegoria principal de uma guerra entre formas de governo – Monarquia *versus* República. Ambas tinham, respectivamente, a memória de D. Pedro I e Tiradentes, sendo este último o preferido dos anos de 1890.

A primazia de Tiradentes após a República resultou de alguns fatores, em especial porque o inconfidente foi constantemente comparado a Jesus Cristo. O apelo à tradição cristã do povo brasileiro foi eficaz. Para José Murilo de Carvalho, mesmo o ritual de seu enforcamento foi assimilado como símile da crucificação de Cristo:

Tiradentes era o “mártir ideal e imaculado na brancura de sua túnica de condenado”. A violência real pertenceu aos carrascos. Ele foi a vítima de um sonho, de um ideal, dos “loucos desejos de uma sonhada liberdade”, na expressão do autor da *Memória* [de Joaquim Norberto de Souza Silva]. Foi vítima não só do governo português e de seus representantes, mas até mesmo de seus amigos. Vítima da traição de Joaquim Silvério, amigo pessoal, o novo Judas. E vítima também dos companheiros da conspiração, que, como novos Pedros, se acovardaram, procuraram lançar sobre ele toda a culpa. Culpa que ele assumiu de boa vontade. Congratulou-se com os companheiros quando foi comunicada a suspensão da sentença de morte, satisfeito por ir sozinho ao cadafalso. Explicitamente, como Cristo, a quem quis imitar na nudez e no perdão ao carrasco, incorporou as culpas, as dores e os sonhos dos companheiros e dos compatriotas. Operava pelo sacrifício, no domínio místico, a salvação que não pudera operar no domínio cívico.<sup>396</sup>

<sup>395</sup> CARVALHO, op. cit, p. 26.

<sup>396</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 68.

Tiradentes foi “herói dos propagandistas da República”,<sup>397</sup> um mártir que uniu em si o valor religioso e o valor cívico. O dia 21 de abril, por exemplo, foi declarado feriado nacional já em 1890. Assim, não surpreende a presença de versos em homenagem ao alferes na *Gazeta* – que, diga-se de passagem, tendia ao favorecimento do pensamento republicano, como se mencionou no primeiro capítulo. Nesse periódico, o inconfidente foi lembrado por sete vezes – inclusive, foi assunto de crônica de Machado de Assis, em “A Semana”, em 24 de abril de 1892. O tributo mais significativo foi feito por Fontoura Xavier, que redigiu os versos de “A Revolução – Tiradentes”. Em livro, tal obra foi publicada em 1884, o que mostra que a recorrência a esse poema foi propícia naquela época, tornando-o uma espécie de peça de propaganda. O próprio Xavier foi, ainda, militante republicano. Em sua terra natal, o Rio Grande do Sul, redigiu um periódico de apologia a esse regime,<sup>398</sup> além de ter sido entusiasta do movimento abolicionista.

É destarte relevante o fato de Fontoura Xavier ter-se servido, além de imagens grandiosas, mencionando figuras da Mitologia Grega, como o titã, de eventos referentes à Revolução Francesa. Em seu poema, há a intersecção entre os fatos do local e do além-mar, visto terem a Inconfidência e o início da Revolução ocorrido em 1789. Se, por um lado, burgueses e *sans-culottes* se viam às turras, na França, com o poder detido pela nobreza, os insurgentes brasileiros questionavam o poder da Monarquia portuguesa no Brasil, inspirados pelas Luzes da terra de Rousseau e de Voltaire.

Sabe-se, também, que os inconfidentes, no que concerne à ideologia, beberam nas fontes revolucionárias francesas; liam, por exemplo, as obras do Abade Raynal, autor da *Histoire philosophique des deux Indes* e que criticava o Antigo Regime. Bem como a alusão à Marselhesa, que foi o grande hino do nacionalismo francês, e do Louvre, que, por anos, foi morada de governistas do país, o poeta mencionou fatos como a Convenção, que estabeleceu, em 1792, a nova Constituição na França e proclamou a República no país; o ano de 1893, que se particularizou pelo início do “Terror”, período de poder do governo revolucionário; e a Gironda, cujos representantes, os girondinos, eram liberais ligados às províncias, e que se opunham à Montanha, que reunia democratas radicais, advogados, médicos e publicistas, e que partilhava com Robespierre a defesa da origem popular da República francesa.<sup>399</sup> Observa-se a menção a uma Deusa, que pode, no contexto, ser uma representação daquilo que

<sup>397</sup> CARVALHO, op. cit., p. 69.

<sup>398</sup> SIMÕES JR, loc. cit., p. 14.

<sup>399</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *1789-1799: a Revolução Francesa*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 81.

Delacroix ilustrou em sua tela “A liberdade guiando o povo”, na qual uma figura feminina sobressai-se dos corpos derrotados, bradando a vitória com a bandeira da Revolução.

O dado insólito ocorre na décima terceira estrofe, na qual se compreende que Tiradentes surge em meio a conflitos da Revolução. Ao final, há a aproximação de seu homenageado ao Panteão, isto é, termo que designa o conjunto de deuses ou de homens célebres. Compreende-se, assim, que o inconfidente foi par de um ato grandioso que modificou uma nação, aos moldes do que ocorreu na França iluminista:

Não vedes, muito além, pelo dormir das eras,  
Um vulto de titã coroado de esferas,  
Um oceano que dorme às plantas dum vulcão?

Sabeis-lo, é sobre a história. Horrendo como o Douvre,  
Abrigo do trocaz e antípoda do Louvre  
O rochedo de luz chamou-se – Convenção.

Quando a revolução – o espectro de Gorgona!  
Alou-se desse abismo e apareceu à tona,  
Calcou-lhe desgrenhada o trágico sopé...

O *mar* como Saul irava-se nas harpas,  
As ondas em roldão varrem-lhe as escarpas  
E a Deusa ressurgiu no píncaro – de pé.

Sorriu: como que o sol pairava sobre o monte;  
Tingiram-se de sangue as fímbrias do horizonte,  
E o mundo ouvia, tremendo, a trompa de Galaar...

No centro do vulcão, como uma forja acesa,  
Mil bocas de clarias cantando a Marselhesa  
Sopravam nos sifões elétricos do mar.

Era horrível de ver o monstro enfurecido,  
Heroico, marcial, esplêndido e ferido,  
Bramindo de feroz, rasgando-se de dor...

Quando a vaga descia essa eminência estranha  
Formava a legião: chamava-se – *Montanha*  
*Gironde, Cordeliers*, – fantasmas do *Terror*.

E marchavam, então, tomados de furores,  
Batendo nos fuzis, rufando nos tambores,  
Desfraldando pendões, cantando o *Ça-ira*...

A grande aparição, medonha, iluminada,  
Parecia embocar a tuba imaculada  
Do arcanjo convocando ao vale Josafá.

Era em meio a tragédia: Ela só, sobre o palco,  
Como a grande inscrição de um grande catafalco,  
Rasga a pedra a cinzel e lê: *Noventa e três*...

Entre *bravos* da plebe e braçados de flores,  
Na febre do delírio, os crânios dos atores  
Juncaram-lhe a ribalta, – excêntricos *bouquets*!

Foi quando Ele surgiu. No cimo da cratera,  
Rodeada de fogo, a Deusa estremeceira  
Se visse aquele espectro em frente de Paris...

Ele tinha acordado a sanha da Leoa,  
Muito embora, de longe, ergueu-se, saudou-a,  
Que a frente resvalou na túnica da Atriz.

Era cedo, talvez. Mas que barreira ingente  
Iria opor-se à lava, à lava incandescente  
Quando a chama aterrora a goela do vulcão?

Que braço de colosso ou peito sobre-humano  
Iria impor silêncio à boca do oceano  
Quando a visse rugir,<sup>400</sup> rugir como um leão?

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo  
Tu nunca lançarás o anátema supremo  
Como um labéu da morte à face dos heróis...

Descerra o Panteão, acende o alampadário  
E leva aquele Morto ao foco planetário  
Dessa constelação fantástica de sóis.<sup>401</sup>

Eleito o mito, era preciso, na época, louvar aqueles que edificaram a República no Brasil, à custa de uma conspiração que se seguiu do já referido golpe, como Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.

Benjamin Constant, que foi militar e engenheiro, teve ação significativa no período de governo provisório. Segundo Needell, Constant foi um dos que absorveram o ideal cientificista europeu, vendo-se como representante e ferramenta de luta para o alcance da almejada “modernidade” no país, o que demandava a desestruturação da Monarquia,<sup>402</sup> que não mais recebia o apoio de grande parte da população civil. Na *Gazeta*, à mãe de Constant, foi dedicado o poema “Les deux drapeaux”, de Paul Duponchel, e que versa sobre a sua morte.<sup>403</sup> Agostinho José Soares Brasil redigiu os versos de “Um presente saudoso e sem futuro”, também dedicados a Constant.<sup>404</sup> Em tal escrito, o autor diz ter sido o governista o “varão” que deu a liberdade ao Brasil, além de aclamar o próprio regime republicano. Para

<sup>400</sup> “Rurgir”, no original.

<sup>401</sup> XAVIER, Fontoura. A Revolução – Tiradentes. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1892. p.1, 6.col.

<sup>402</sup> NEEDELL, op. cit., p. 27.

<sup>403</sup> DUPONCHEL, Paul. Les deux drapeaux. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1890. p.1, 6.col.

<sup>404</sup> BRASIL, Agostinho José Soares. Um presente saudoso e sem futuro. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 jan. 1891. p.3, 2.col.

Soares Brasil, a importância de Constant era algo que ficaria cravado na História, deixando o país desolado pela tristeza:

Um presente saudoso e sem futuro,  
Aqui ficou na terra entre os humanos!...  
O Brasil, a História e os Soberanos,  
Jamais olvidarão Varão tão puro!

Que o Brasil chorará, eu asseguro,  
Ao Varão que lhe deu a liberdade:  
E a História, com toda a equidade,  
Dirá Ele quem foi! Dirá, eu juro!

E Benjamin Constant, pros Soberanos,  
Será uma lembrança!... uma fé pública  
De quanto ao Povo deve-se a bondade!

De quanto há que temer os vis tiranos,  
Ministros que se esquecem que a República,  
É a santa lei que traz a igualdade!

Manuel Deodoro da Fonseca foi militar e o primeiro presidente eleito do regime republicano brasileiro, deixando o poder em 1891, pressionado à renúncia pela Armada e por setores do Exército. Após enfrentar grandes crises em seu governo, como o Encilhamento, e tentar fechar o Congresso, faleceu em 1892.

Em 1890, Pedro Malazarte dedicou-lhe os versos de “Perdão”, alcunhando-lhe “Generalíssimo”.<sup>405</sup> Não lhe faltaram elogios em “Entre os atores do drama”,<sup>406</sup> de Tobias Barreto, que foi poeta e crítico reconhecido no século XIX, além dos versos de “Au Brésil!”, assinados por Ester de Freitas Reis.<sup>407</sup>

Floriano Peixoto foi uma figura de análogo destaque na Primeira República. No governo de Deodoro da Fonseca, Peixoto foi vice-presidente, tomando o poder em 1891, quando o primeiro renunciou. No período em que esteve no comando, o país viu-se às voltas com uma série de conflitos, a exemplo da Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul, e da Revolta da Armada, no Rio de Janeiro. Ao assumir a Presidência, derrubou quase todos os governadores de estado, substituindo-os por aqueles que eram fiéis ao seu governo. Desfrutou de forte apoio popular, por meio de medidas como o combate à especulação de aluguéis das casas e a baixa dos preços de produtos considerados de subsistência, como a carne. Reuniu em torno de si um grupo de seguidores, nomeados “jacobinos”, em clara referência àqueles que defenderam uma postura extremista nos tempos da Revolução Francesa.

<sup>405</sup> MALAZARTE, Pedro. Perdão. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 out. 1890. p.1, 5.col.

<sup>406</sup> BARRETO, Tobias. Entre os atores do drama. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 dez. 1890. p.1, 6.col.

<sup>407</sup> REIS, Ester de Freitas. Au Brésil!. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1890. p.1, 7.col.

Em 1895, ano de sua morte, Floriano foi homenageado na *Gazeta*. Na poesia, foi lembrado por Higino Rodrigues, que recordou ter sido o falecido presidente cognominado, por seus contemporâneos, “Marechal de Ferro”.

Adeus. Leal soldado, que partiste  
Para as regiões ignotas do Insondável.  
Ceifado pela estúpida, implacável  
Foíce da morte, a qual ninguém resiste!

O Espírito não morre; o Teu existe,  
Fosse embora teu corpo à insaciável  
Terra servir de pasto confortável,  
Deixa que a Terra o seu quinhão conquiste!

E agora que Tu vais, como num sonho,  
Rompendo o escuro véu desse medonho  
País do Incógnito, glorioso, aflante...

Vê que o Brasil exânime soluça  
E sobre a tua cova se debruça  
Pra reerguer-se intrépido, arrogante!<sup>408</sup>

Higino Rodrigues lançou mão da forma do soneto para compor o seu tributo. Os versos do poema são decassílabos – em alguns momentos, o autor ignora elisões evidentes, para a obtenção de tal medida silábica. O esquema rímico é regular, apresentando a sequência ABBA/ABBA/CCD/EED.

Observa-se que Rodrigues menciona Floriano Peixoto de maneira respeitosa, dirigindo-lhe o epíteto “leal”. Serve-se, ainda, de imagens para ilustrar o falecimento do Marechal, como a “foíce da morte”. Vê-se que os pronomes de tratamento os quais utiliza para referir-se a Peixoto são grafados com iniciais em maiúscula, o que indica o sentimento de superioridade no que se refere ao presidente. Para ele, o governante parecia apresentar-se maior do que a sua própria pátria. No terceto final, o Brasil aparece como exânime e arrogante; isto é, indigno da grandeza do Marechal; vê-se que, em um primeiro momento, há o lamento pela sua perda. No desenrolar das estrofes, aparece a confiança nas lições e exemplos deixados por Floriano Peixoto, o que sugere uma possível promessa de revanche de seus admiradores.

Apesar do sentimento pró-republicano, como se viu nas odes a Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, D. Pedro II não foi esquecido por seus contemporâneos e por aqueles que se viam às voltas com a poesia. Deve-se considerar que, a despeito da aprovação do novo regime, a simpatia pelo imperador era algo evidente.

---

<sup>408</sup> De “Publicações a Pedido”.

Primeiramente, tal sentimento se explica pelo fato de que, quando de sua queda, a Monarquia desfrutava de um de seus momentos de maior popularidade, por conta da Abolição da Escravatura, em 1888, a qual, para muitos, representava um ideal de libertação. Julga-se prova disso a grande comemoração, no mesmo ano, do aniversário de D. Pedro II.

Tem-se conhecimento de que o setor menos abastado da população do Rio de Janeiro não era simpático à causa republicana. Essa ojeriza era justificada, visto ter sido a República ameaçadora dos negros e dos pobres, perseguindo os capoeiras e destruindo os cortiços, a exemplo do Cabeça de Porco, arrasado em 1892. Essas medidas culminaram em reações adversas às iniciativas do governo em questão, como ocorreu, posteriormente, à época da Revolta da Vacina (1904).

A partir do fim da Monarquia no Brasil, e com D. Pedro II e sua família destinados ao exílio, as insatisfações diante da instabilidade dos primeiros anos da República emergiram no país, resultando no sentimento de que o imperador era, na verdade, um mártir:

D. Pedro viveria, a partir de então, dos favores dos amigos, sobretudo de Penedo, [Carvalho Pereira, barão de Penedo, homem da Câmara e estadista do Império] e alardeando uma simplicidade coerente com a representação de mártir, que publicamente assumia; nada pior para a imagem da República, que preferia a alardear a sua “benignidade” e seus “instintos pacíficos e conciliadores”.<sup>409</sup>

D. Pedro II faleceu em 5 de dezembro de 1891, o que foi assim noticiado pela *Gazeta de Notícias*:

Depois de notícias descrevendo-nos o estado de D. Pedro II como muito grave, quase desesperado, chegaram outras afirmando que Sua Majestade achava-se enfraquecido, mas em vias de completo restabelecimento. O telégrafo cortou brutalmente tais esperanças; já não pertence ao número dos vivos quem durante meio século representou a nação brasileira.<sup>410</sup>

O monarca foi lembrado pela *Gazeta* como um homem de grande qualidade intelectual e amante da literatura. Episódios de sua vida, como seu encontro com o poeta francês Vitor Hugo, também foram relatados. Entretanto, não falou do ocorrido sem exprimir sua tendência republicana e o desejo de se ver eternamente livre da Família Real portuguesa:

Estava terminada a obra de D. Pedro e da monarquia: o Brasil unido e sem escravos.

Não falaremos da revolução que o derrubou. Houve o 15 de novembro que todos conhecem, e o que só a história conhecerá, porque os documentos são poucos ainda e só depois de 4 de novembro deste ano chegamos à posição

<sup>409</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 468.

<sup>410</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 dez. 1891. p. 1, 1.col.

em que se pode começar a entrevê-lo. D. Pedro não recriminou contra nenhum dos dois, nem nós o faremos. Mas quem comparar o que se dava nos tempos em que seu espírito claro e sua consciência moral dominavam a situação, com o que se via depois, há de se dizer que o *Alagoas* não só levou para a Europa os membros de uma família e os representantes de uma instituição, que aliás já não tinha razão de ser, e até onde pode alcançar a providência humana, nunca mais brotará entre nós.<sup>411</sup>

Ainda que com menor frequência do que as homenagens prestadas à República, número que se justifica a partir da consideração acima, a *Gazeta* divulgou poemas que lamentavam a morte de D. Pedro II. Em 11 de dezembro de 1891, o jornal divulgou as seguintes estrofes, assinadas por Rozendo Moniz, – que exerceu cargo de docência no Colégio Pedro II, – o que leva a pensar em um apreço de sua parte pelo imperador:<sup>412</sup>

Ao passamento de D. Pedro II

Ei-lo do jugo aspérrimo  
Da vida libertado  
O triunfante espírito  
Do ínclito exilado,  
Deposto exemplaríssimo  
De um trono ele cresceu  
De majestade intrínseca  
- nos transe que venceu.

Asas ganhou magníficas  
Do próprio sofrimento.  
Que redivivo Sócrates  
No injusto banimento!  
Brasão de um povo e vítima  
De ingratidão fatal,  
Subiu – despindo a púrpura –  
No apreço universal.

De almo incentivo ao pósteros  
Sirva tão vera glória,  
Sobrevivendo a séculos  
No panteão da história.  
Filho da terra pródiga  
Em dons preciosos mil,  
Resuma tal protótipo  
Grandezas do Brasil.

<sup>411</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 dez. 1891. p. 1, 1.col.

<sup>412</sup> A *Gazeta de Notícias* anunciou, ainda, que o poema foi transcrito do *Jornal do Brasil*.

Sem aparatos bélicos  
 De pompa sanguinária;  
 Sem consumir exércitos  
 Na usurpação precária;  
 Sem arvorar-se em árbitro  
 De prosperas nações,  
 Povos tornando autômatos  
 De insídias e opressões;

Do norte ao sul da América,  
 Do Novo ao Velho Mundo,  
 - vivo luzeiro cívico –  
 Brilhou Pedro Segundo.  
 Rei de alma democrática,  
 Modesto benfeitor,  
 Equiparou-se a Washington  
 Na honra e no labor.

Rei prematuro – obstáculo  
 Às sanhas da anarquia –  
 À liberdade amplíssima  
 Deu firme garantia.  
 Que afã! que senso onímodo  
 No longo, árduo reinar!  
 Que guarda entre o bem público  
 E o bem particular!

Ora aclamado ídolo,  
 Ora sofrendo agravos,  
 Quer de plebeus, quer de áulicos,  
 Da vil cobiça escravos;  
 Mas sempre a haurir, tão ávido,  
 - sedento de saber –  
 Num livro o pronto antídoto  
 Aos tédios do poder.

Que pequeninos críticos  
 Do príncipe atilado!  
 Para uns – astuto déspota;  
 Para outros – vão letrado.  
 Enredos da política,  
 Eivada de ambição,  
 Ele os frustrava, súbito,  
 Na queda ou na ascensão.

Pudesse eu ter a impávida  
 Genial perspicuidade,  
 E a concisão de Tácito  
 No culto da verdade!  
 Mas inda é cedo... Esquiva-te,  
 Musa, a desejos tais:  
 Passa em silêncio páginas  
 Dos fastos nacionais.

Ah! Quanta vez no estrépito  
 Das plagas europeias,  
 Era transposto o Atlântico  
 Num turbilhão de ideias,  
 E da saudade alígera  
 Cativo o Imperador,  
 À Guanabara esplêndida,  
 Volvia em santo ardor!

Não lhe valeram títulos  
 De probidade ileisa,  
 Nem os seus grandes préstimos  
 Da pátria na defesa.  
 Enfermo e já decrépito,  
 Expulso como um réu,  
 Forçado a entrar no túmulo,  
 Longe do pátrio céu;

Ninguém lhe ouviu, no exílio,  
 Imprecações de *Lear*,  
 Pedindo a Deus catástrofes,  
 Quais ideou Shakespeare.  
 Que homem ao rei magnânimo!  
 Teve oblação cabal  
 Da França, digna intérprete  
 Do apreço universal.

Que herói moderno ou prístino  
 Soube cair mais forte?  
 Foi-lhe o infortúnio – auréola  
 A coroar-lhe a morte.  
 Pátria, que a luz do Gólgota  
 Não podes encobrir,  
 Ante o refinado prostra-te,  
 Rendendo-te ao porvir.

Em funda mágoa absorve-te,  
 Chora teu filho, chora,  
 Enquanto aos pés do Altíssimo  
 Ele o perdão implora.  
 Nessa influência póstuma,  
 Cheia de amor e paz,  
 Salvem-te, ó Pátria, estímulos  
 De que tão pobre estás.

O poema de Moniz é disposto em oito sextetos, que contam com versos hexassílabos e rimas alternadas. Nessa obra, D. Pedro II é ilustrado como “triumfante” e “exemplaríssimo”. Além disso, o monarca é comparado a diversos ilustres da história: seu comportamento e índole são aproximados do de George Washigton, líder da Revolução Americana (1776) e primeiro presidente dos Estados Unidos da América; seu “culto à verdade”, daquele de Tácito; sua morte, da de Sócrates, filósofo grego que foi condenado à morte por cicuta; e,

diferentemente do Lear shakespeariano, não praguejou contra aqueles que o execraram, denotando a superioridade de seu espírito.

Rozendo Moniz delinea em seus versos episódios da vida de D. Pedro II, como o da Maioridade, bem como a sua erudição. É constante a imagem de que o nobre foi vítima da injustiça e da ingratidão de seus contemporâneos, e de que o monarca era saudoso de sua terra natal. Para Moniz, o antigo imperador havia sido condenado a um exílio cruel e, não sendo devidamente reconhecido pelos seus, recebeu honras da França, que era o modelo de civilização da época.

Na penúltima estrofe, nasce a concepção de que D. Pedro II fora um herói. Em momento póstumo, foi tema popular e aclamado. Segundo Schwarcz, o “monarca começava a ser recordado nas releituras do povo, que, ao lado dos distantes heróis republicanos, elogia um imperador popular, relido em razão das festas, selecionado com base em símbolos compatíveis com determinado ideário”.<sup>413</sup>

Por fim, foi dada a vez a Canudos, palco para o movimento messiânico liderado por Antonio Vicente Mendes Maciel, popularmente conhecido como Antonio Conselheiro e que, em meados da década de 1890, arrastou consigo uma multidão de homens e mulheres do campo em situação de exclusão social e que se viam sem rumo diante das modificações advindas com a proclamação da República.

No Brasil dos primeiros anos republicanos, a situação de diversas áreas rurais era de intenso atraso. A instauração do novo regime não foi imediatamente assimilada; o desmoronamento do “mandonismo local”, que modificou a cultura de governo reconhecida pelos sertanejos, não foi compreendido como transformação benéfica, o que teria fornecido a condição para a proliferação de reações messiânicas, e Canudos foi exemplo desta premissa.

De um lado, para esses homens do sertão, a República era uma ameaça à religião. Iniciativas como a implantação do casamento civil eram, para muitos, um ultraje às leis da Igreja e, conseqüentemente, à própria fé. Em contrapartida, para o governo vigente, via-se nas manifestações daqueles que edificaram Canudos um resquício da Monarquia, sentimento que, para eles, deveria ter embarcado junto a D. Pedro II e a sua família no pacote que os levou à Europa.

A *Gazeta de Notícias*, que, como já se disse, era periódico que se aproximava da tendência republicana, não foi simpática aos seguidores de Conselheiro, posicionando-se de forma explícita contra ele em diversos momentos. Em tempos de aspiração ao progresso, o

---

<sup>413</sup> SCHWARCZ, op. cit., p. 497.

sertão em atraso parecia macular o desenvolvimento do Brasil de então. Esta percepção foi traduzida em versos publicados pelo jornal. Neste caso, tratava-se de estrofes cujos autores se viam, mais uma vez, no direito de exaltar a República e de execrar os que a ela eram contrários.

Em 20 de fevereiro de 1897, quando dos momentos derradeiros dos conflitos em Canudos, a *Gazeta* divulgou o poema “Ave, Cæsar! Morituri te salutant”, enviado da cidade de Barbacena e de autoria do Padre Correia de Almeida:

Fanatismo revela-se em Canudos,  
e faz-se redentor um Conselheiro,  
ao qual hoje obedecem homens rudos,  
que se lançam em tal despenhadeiro!

Produzem falsas crenças os maus estudos,  
e este caso atual não é o primeiro;  
há milagres ali, já falam mudos,  
e o argueiro se transforma em cavaleiro.

Mas comumente a boa fé se observa  
na fanática e estúpida caterva,  
que, em vez de ódio, merece compaixão.

Humanitária, pois, eu julgo a escolha  
de bravo Coronel, que não se encolha,  
e, se inquérito houver, responda: Não!<sup>414</sup>

O título em latim remete à frase que os gladiadores, antes do combate, dirigiam a César, e significa “Salve César, os que estão a ponto de morrer lhe saúdam!”. Almeida compôs um soneto de versos decassílabos e sequência rítmica ABAB/ABAB/CCD/EED. Suas estrofes possuem algumas rimas ricas, como o par “Canudos” e “rudos”. Já no primeiro verso, apreende-se que o tema do soneto de Correia de Almeida é, substancialmente, o fanatismo – visto o próprio poema ser iniciado por tal substantivo. Há a ênfase na concepção de que a falta de conhecimento é a geradora da rudez, o que sugere a crítica ao atraso decorrente da deficiência da instrução escolar daquele tempo.

Pode-se compreender que, no poema em questão, Conselheiro era avaliado como um “redentor”, pois seus seguidores o concebiam como o novo Messias. No entanto, observa-se que o sujeito lírico aponta essa característica como um resultado da ignorância daqueles que criam ser Antônio Conselheiro um representante divino na terra.

No primeiro terceto, tem-se um momento de compaixão do sujeito poético por aqueles que eram demasiadamente religiosos – vistos, mais uma vez, “estúpidos” e

<sup>414</sup> ALMEIDA, Padre Correia de. Ave, Caesar! Morituri te salutant. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 fev. 1897. p.2, 4.col.

“fanáticos”, e pejorativamente denominados uma “caterva”, isto é, sinônimo do popular epíteto “cambada”. Todavia, na última estrofe, o veredicto é a favor do Coronel: dúbio do homem do exército e, também, do detentor do poder local.

“Símile glorioso”, publicado em março de 1897 e de autoria de Rouget de L’Isle Junior, foi divulgado em exaltação da destruição do arraial de Canudos; isto é, fora banida a ameaça à ordem e ao progresso almejados pela República. Há a menção ao Cabo Arnaldo Roque, que, segundo a própria *Gazeta*, defendeu o corpo do Capitão Moreira César, falecido em combate; foi vencido e morto por seus inimigos, sucumbindo sobre o cadáver de seu superior.<sup>415</sup> O Cabo Roque, nos versos de L’Isle Junior, é comparado a Marco Antonio, personagem da Antiguidade, o que sugere que o militar foi elevado, pelo sujeito lírico, ao patamar dos grandes heróis. Sobre o soneto, o jornal publicou a seguinte nota: “Recebemos de S. Paulo, em carta sem explicação alguma, o seguinte soneto que por sua beleza não nos poupamos a transcrever”.

As tropas em descanso. Enternecida  
Lenda contava a encantadora fada.  
- “Eros, cumpre morrer, toma da espada,  
E corta-me de vez o fio à vida:”

Assim fala da tenda esborcinada,  
Em pleno assédio, e de viseira erguida,  
Marco Antonio, que sempre em meio à lida,  
Trouxera a frente de lauréis cercada.

- “Nunca! volve-lhe o fâmulos. Quem há de  
De Roma suprimir a divindade?  
No próprio coração a espada enterra...

Roque! imitaste essa epopeia, quando  
Defendeste teu amo inolvidando,  
De joelho, feroz, mordendo a terra!<sup>416</sup>

O soneto de L’Isle Junior possui versos decassílabos; quanto à rima, tem-se a seguinte sequência: ABBA/ABBA/CCD/EED. A referência direta aos acontecimentos em Canudos consta da dedicatória (“A propósito do combate de Canudos”).

A palavra “símile”, do título”, sugere cotejo, comparação. Assim, entrevê-se que existe a aproximação entre duas situações distintas, talvez por conta da grandiosidade de ambas. Há a menção a Marco Antonio, que foi militar na Roma Antiga, e este, no poema, se vê enfraquecido – o que pode ser, provavelmente, uma referência a sua célebre derrocada

<sup>415</sup> *GAZETA de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 mar. 1897. p. 1. 8 col.

<sup>416</sup> L’ISLE JR., Rouget de. Símile glorioso (A propósito do combate de Canudos). *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 mar. 1897. p.1, 5.col

diante das tropas de Otávio. A obra, enquanto espécime do Parnasianismo, é imantada de elementos da Antiguidade e da Mitologia, como Eros e a fada. E tudo isso pode ser vinculado ao sentimento de grandiosidade que possuía a República, regime, este, que com seus mitos, botou abaixo casas e vidas consideradas ameaçadoras.

Em suma, observa-se que a recuperação dos eventos que marcaram os anos de 1890 atrela-se à investigação da poesia divulgada na época. Os versos de circunstância refletiram, também, o pensamento, a ideologia e os mitos do período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A publicação de livros, no Brasil, foi evento tardio. Se, em um primeiro momento, o impedimento deveu-se às barreiras estabelecidas por Portugal, que detinha o poder político sobre o nosso território, em meados do século XIX, as dificuldades eram impostas por altos custos e por empecilhos editoriais. Na época, publicar e comercializar livros eram atos distantes da realidade dos brasileiros; poucos eram, por exemplo, os que tinham acesso à instrução e, conseqüentemente, à leitura. E os livros eram objetos caros, impressos em outras terras e feitos para poucos escolhidos.

Dada a precariedade desse setor, o jornal foi a via de expressão encontrada pelos escritores, que buscavam no correr da pena a obtenção de ganhos financeiros e de prestígio social. Era o jornal, nesse período, a matéria escrita que, muitas vezes, podia ser adquirida a preço popular e ser dividida entre diversos lares e famílias, a exemplo da *Gazeta de Notícias*.

O jornal de Ferreira de Araújo desempenhou a função de aliar a informação à literatura, união que conquistou o apreço do público leitor e concedeu *status* de importância a essa publicação. A afirmação dessa qualidade encontra justificativa no número de exemplares dessa folha, no seu rol de colaboradores e, igualmente, na gama de estudos que, ainda hoje, elegem-na como objeto. Em suas páginas, conviviam notas do cotidiano, anúncios, telegramas, crônicas, romances e poesia. Por meio desta pesquisa, foi possível concluir que o gênero poético não foi secundário no jornal investigado, pois, ao longo da década de 1890, figurou nas páginas de quase todas as suas edições.

Entre os anos de 1890 a 1900, a *Gazeta de Notícias* trouxe à luz não apenas os preceitos formais da produção poética de um período; o periódico evidenciou, do mesmo modo, as nuances do movimento parnasiano e do movimento simbolista. Ressaltamos que este último mantém-se, até o presente, pouco valorizado por nossos estudos literários. Uma vez marginalizado e, por vezes, execrado por seus contemporâneos, muitos de seus representantes foram destinados ao ostracismo.

Indagar sobre as particularidades de uma época, – que, diga-se de passagem, esteve mergulhada no ideário e nas modas francesas, – bem como refletir sobre o modo como a poesia foi par dos acontecimentos de toda uma década, revelou-nos autores, obras e, de certo forma, inseriu-nos em um momento então inédito na literatura nacional, no qual coexistiram duas correntes que se diziam distintas, mas que eram, ao mesmo tempo, tão semelhantes.

Uma vez presente nas casas, nas mesas dos cafés e das confeitarias, ou nas rodas de conversa na Rua do Ouvidor, não apenas o papel e os tipos que compunham o jornal passaram

a fazer parte do cotidiano da então Capital Federal, mas, também, o que se discutia e o que se apreciava no âmbito da contribuição literária. Assim, pode-se assegurar que Parnasianismo e Simbolismo foram conhecidos dos que tiveram acesso à *Gazeta*, com nítida preferência pelo primeiro, em detrimento do segundo.

Prova de tal avaliação pode ser averiguada ao considerarmos que grande parte dos mais de 1.000 poemas tornados públicos pelo periódico estudado mostrou-se fiel aos preceitos da forma e da temática parnasiana, – ainda que esta tenha apresentado doses de sentimentalismo romântico, mostrando-nos que os parnasianos da *Gazeta de Notícias* não correspondiam à figura do então aclamado “poeta impassível”. Pode-se considerar que, na prática nenhum desses poetas adequou-se, de fato, a tal denominação. O vasto número de poemas que flertaram com os matizes parnasianos asseguram a veracidade da popularidade conquistada por essa estética. Dos seus primeiros passos na França às antologias nacionais, o Parnasianismo foi unanimidade entre os líricos brasileiros e entre os críticos. Trata-se de estrofes regulares, muitas vezes compostas com a métrica do alexandrino e do decassílabo. Ademais, autores como Alberto de Oliveira, cujo nome associa-se a essa estética, teve lugar cativo nas colunas da *Gazeta*, o que auxilia na consolidação de nossa proposição.

Foram muitos, célebres ou não, os que ensaiaram incursões nas malhas da poesia parnasiana, em tentativas de adequação aos ditames pregados por essa escola. E tal estima pela regularidade na poesia foi obtida por fatores de ordem literária, - é de nosso conhecimento, por exemplo, aquilo que Machado de Assis apregoou sobre o bem versejar, – bem como sociológica: em um país onde se buscava a representação da República, do progresso, do academicismo e da inteligência, vislumbrou-se no Parnasianismo a demonstração de todos esses desejos, em sua linguagem precisa e elaborada, que era espelho do que se ambicionava no período. Além disso, o seu discurso parecia deixar para trás as ideias antigas, que simbolizavam o ranço e o atraso dos tempos da Monarquia, que precisavam ser combatidos.

A supremacia dos parnasianos resultou na escassa presença do Simbolismo na *Gazeta de Notícias*. Acreditamos que essa quase inexistência refletiu a ojeriza nutrida contra o movimento, constantemente acusado de hermético por seus detratores brasileiros, ou mesmo distante da realidade nacional, com imagens que sugeriam a paisagem europeia, o que se diferiu da condição do Simbolismo francês. Textos críticos e sátiras que depreciaram a estética simbolista fizeram-se presentes na *Gazeta*, o que, mais uma vez, reforça o argumento de que a estética foi recusada por seus contemporâneos, em especial no que concerne às inovações da linguagem por ela proposta. Magalhães de Azeredo, por exemplo, aspirante do

Parnaso que colaborou nesse periódico, questionou a qualidade de *Missal*, de Cruz e Sousa, julgando essa obra um fruto do desvario de seu autor, que propunha novas incursões no universo das palavras. Ou seja, foi ele uma voz de expressão em seu tempo, que adquiriu espaço em um jornal popular e cuja opinião, possivelmente, influenciou aqueles que o leram.

Entretanto, apesar de minoria, a contribuição simbolista na *Gazeta de Notícias* existiu. Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens – este último também sob o pseudônimo de Guy D’Alvim – ganharam vez no jornal de Ferreira de Araújo. A atenção dada a colaboração de ambos deveu-se ao fato de serem eles, até os nossos dias, rememorados como os maiores representantes do Simbolismo brasileiro, bem como por ter sido essa participação um dado referente ao panorama da recepção e da divulgação da escola simbolista no Brasil. Cruz e Sousa publicou apenas três poemas na *Gazeta*, enquanto Guimaraens tornou públicos 14 poemas de sua autoria. Tal disparidade possui justificativa. Enquanto o primeiro era um poeta negro, inserido em uma sociedade então permeada pelo preconceito racial, não obstante a Abolição no país, o segundo conquistou o apreço pessoal de colaboradores importantes da *Gazeta de Notícias*, como Coelho Neto, que assinava a coluna “Fagulhas”. Contudo, não foi apontado pelo jornal como simbolista.

A *Gazeta de Notícias* constituiu-se, ainda, de versos de poetas que não constam, hoje, dos compêndios, mas que alcançaram certa notoriedade em seu tempo e cujos escritos auxiliaram na compreensão do momento literário investigado. Como já se mencionou, no tocante ao Parnasianismo, o jornal difundiu poemas de autores que buscavam a adequação aos preceitos dessa estética, como Elvira Gama. No que concerne ao Simbolismo, a *Gazeta* divulgou obras de Júlio Salusse e de Augusto de Lima, que aspiraram por novos rumos, ainda que enquadrados nos moldes formais parnasianos. Houve, ainda, a presença de estrofes que concordavam com a poesia de Baudelaire, em sua vertente sensualista, além de B. Lopes, que constituiu caso particular; constantemente atacado pelos críticos com quem conviveu, teve uma coluna na *Gazeta*, o que sugere o seu sucesso apenas entre os leitores, haja vista que o jornal dava atenção às preferências daqueles que o adquiriam.

O periódico deu vez aos poemas de circunstância, versos que, comumente eram elogiosos, e traduzem a faceta da literatura que era ferramenta de obtenção de favores e de proteção. Na época, a elite do Rio de Janeiro concentrava-se em um pequeno grupo, que buscava a sua manutenção, fosse por meio do matrimônio ou pela edificação de relações sociais que resultassem em algum benefício. Visto terem sido as Letras um elemento de afirmação e autoridade, procurava-se, por meio dela, a estima daqueles que detinham o poder econômico e social. Da *Gazeta*, constam diversos poemas que homenageiam indivíduos que,

provavelmente, evidenciavam-se entre essas pessoas consideradas influentes e que se mostravam, igualmente, análogos aos fatos ocorridos no período em que foram publicados. Dos representantes da República aos da já decadente Monarquia, viram-se entre os aclamados Floriano Peixoto, Benjamin Constant e mesmo Tiradentes. Inferimos, portanto, que, no momento parnasiano-simbolista, a produção literária rumou para direções que nos possibilitam maior percepção não apenas do dado poético, mas dos fatos que permeiam a nossa história e a configuração da sociedade de todo um decênio.

Seguramente, podemos afirmar que, nos anos de 1890, a poesia brasileira obteve destaque em um jornal de grande circulação e manteve-se presente na *Gazeta de Notícias* do início ao fim dessa década. Realizamos, assim, o escopo de apontar a contribuição dada pela *Gazeta* à publicação da poesia lírica brasileira e sua participação como um dos veículos iniciais da divulgação da estética Simbolista no Brasil. Buscamos levar à aquisição de informações diferenciadas sobre o papel dos periódicos na recepção do Simbolismo, promovendo o conhecimento desse movimento e fornecendo subsídios para estudos de crítica e história da literatura nacional.

## Referências bibliográficas

### Periódico

*Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1890-1900. Cotidiano.

ALCESTE [Émile Zola]. Mes jours de pluie. Nos poètes. In: MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.

AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira* (Séculos XVI-XX). São Paulo: Saraiva, 1963.

ARARIPE JR., Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Jr.* Rio de Janeiro: MEC – Casa de Rui Barbosa. 2.v.

ARVERS, Félix. *Mes heures perdues: poésies*. Introduction de Théodore de Banville. 1878.

ASPERTI, Clara Miguel. *Bilac e a reurbanização do Rio de Janeiro: estudo da “Crônica” dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)*. Assis, 2007. 2. v. Dissertação de Mestrado.

ASSUMPÇÃO, Nívea. *O parnasianismo como fenômeno da cultura brasileira em conflito entre kitsch e vanguarda*. São Paulo, 1979. Dissertação de Mestrado.

AZEVEDO, Artur. 19 de julho de 1885. In: SILVA, Esequiel Gomes da. “*De Palanque*” :as crônicas de Artur Azevedo no Diário de Notícias (1885/1886). Assis, 2010. 3. v. Dissertação de Mestrado.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. *Breve história da Padaria espiritual*. Fortaleza: Editora da UFC, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Parnasianismo na poesia brasileira*. Fortaleza: Editora UFC/ Edições UVA, 2004.

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Editora Perspectiva, 1985.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

BARTHIER, Patrick. JARRETY, Michel. (org.). *Histoire de la France littéraire*. Modernités XIXe. – XXe. siècle. Paris : Quadrige/ PUF, 2006.

BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo: Martins Editora, 1943.

BENJAMIN. Walter. *Passagens*. Edição alemã: Rolf Tiedemann; edição brasileira: Willi Bolle (org.); Olgária Chain Féres Matos (colab.); Irene Aron (trad. do alemão), Cleonice Paes Barreto Mourão (trad. do francês); Patrícia de Freitas Camargo (rev.); Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos (pósf.). Belo Horizonte: Ed. da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BILAC, Olavo. *Poesias*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. PASSOS, Guimarães. *Tratado de versificação: A poesia no Brasil – A métrica – Gêneros literários*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944.

BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.) *O Brasil republicano*. São Paulo: Difel, 1977. v.2. – Sociedade e Instituições (1889-1930), p.293-319. (História Geral da Civilização Brasileira, direção geral de Sérgio Buarque de Hollanda, tomo III).

\_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo : Cultrix, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOUTY, M. *Dictionnaire des œuvres et des thèmes de la littérature française*. Paris: Hachette, 1990.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

\_\_\_\_\_. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Coordenação de Alexandre Eulalio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Papéis de Alceste*. Coordenação de Alexandre Eulalio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teatro das Letras*. Coordenação de Alexandre Eulalio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim. 26.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAMPA, Laurence. *Parnasse, Symbolisme: Esprit nouveau*. Paris: Ellipses, 1998. *Thèmes et Études*.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2 v.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. CARONI, I. LAUNAY, M. *O francês instrumental – A experiência da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Hemus, 1977.

\_\_\_\_\_. Os primeiros baudelairianos. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio, 98).

CAROLLO, Cassiana Lacerda (Apresentação e seleção). *Decadismo e simbolismo no Brasil*. Crítica e poética. Rio de Janeiro/ Brasília: Livros Técnicos e Científicos/INL, 1980, vol. 1 e 2.

CARONE, Edgard. *A república velha*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1983. v.2. Evolução política.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Prefácio de Medeiros e Albuquerque. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., 1944.
- CASTELLO, José Aderaldo. MELO E SOUZA, Antonio Candido. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CASTELO BRANCO, Carlos Heitor. *Salusse, o poeta dos cisnes*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- CASTRO, Eugênio. Carta ao Sr. Conselheiro Chagas. *Jornal do Comércio*, Lisboa, p. 1,5.-7 col., 7 fev. 1892.
- CASTRO, Ruy. Faltou carnaval no Modernismo. In: \_\_\_\_\_. *O leitor apaixonado: Prazeres à luz do abajur*. Organização de Heloisa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CHAGAS, Pinheiro. Os nefelibatas. *Correio da Manhã*, Lisboa, p. 1 e p. 2, 1.-2. col., fev. 1892.
- CHASTENET, Jacques. *Histoire de la troisième République: La République triomphante: 1893-1906*. 3. v. Paris: Hachette, 1962.
- COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante. (Dir.) *Enciclopédia de literatura brasileira*, São Paulo: Global, 2001.
- \_\_\_\_\_. (dir.) *A literatura no Brasil*. 4. v. Rio de Janeiro: Global, 1997.
- CRUZ E SOUSA. *Obra completa*. Organização geral, introdução, notas, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1961.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das Letras no Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- D'AUREVILLY, Jules. Barbey. *Le Parnasse Contemporain*. In: MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.
- DEAECTO, Marisa Midori. B. L. Garnier e A. L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre a França e o Brasil no século XIX. In: VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- DENIS, Pierre. Les poétereaux. In: MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.
- DIAS, Augusto da Costa. *A crise da consciência pequeno-burguesa: O nacionalismo literário da Geração de 90*. Lisboa: Portugália, 1964.
- DIMAS, Antônio. A encruzilhada do fim do século. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.
- DUSOLIER, Alcide. Les impassibles. In: MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de (orgs.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

- FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê, 2007.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista: Textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens: poesia completa*. Organização de Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- HOBBSAWN, Eric J.. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Revisão Técnica Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LAINCEL, Louis de. La guerre du Parnasse. In: MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura leis e números por detrás das letras*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LEMAITRE, Henri. *La poésie depuis Baudelaire*. Paris: Librairie Armand Colin, 1965. Collection U/ Série "Lettres Françaises" sous la direction de Robert Mauze.
- LUSTOSA, Isabel. *História de presidentes: a República no Catete: 1897-1960*. Rio de Janeiro: Agri, 2008.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. 2. ed. corrigida e aumentada. São Paulo: LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972.
- MARTINO, Pierre. *Parnasse et Symbolisme (1850-1900)*. 9 ed. revue et corrigée. Paris: Librairie Armand Colin, 1954.
- MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. Imprensa, história e literatura: conjugando discursos. In: CAIRO, Luiz Roberto Velloso. RAPUCCI, Cleide Antonia. (Orgs.) *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Nankin, 2009.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994-78. 4.v.
- MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo e a condição de escritor: 1881-1895. In: \_\_\_\_\_. *Aluísio Azevedo: Vida e obra (1857-1913)*. O verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; Brasília: INL, 1988.
- MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República velha (estudo clínico dos anatólios)*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1985. vol. 4 – O simbolismo.

MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. 6ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

MONTEALEGRE, Duarte de. *Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro*. Coimbra: Coimbra, 1945.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *História da imprensa no Brasil. História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.

MOTA, Carlos Guilherme. *1789-1799: a Revolução Francesa*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. 1. v.

\_\_\_\_\_. Presença do Simbolismo. In: COUTINHO, Afrânio. (dir.) *A literatura no Brasil*. 4. v. Rio de Janeiro: Global, 1997.

NAVARRO, Armando. Exame de consciência. *Novidades*. Lisboa, 31 mar. 1891. p. 3, 1.-2col.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século [A tropical belle époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro]*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Sousa. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge. NEVES, Lucília de Almeida. (Orgs.) *O Brasil republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NÓBREGA, Mello. *Evocação de B. Lopes*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na poesia portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. (org) *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004.

PEYRE, Henri. *A literatura simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1983.

PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro: 1570-1908*. São Paulo: EDUSP, 1999.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil – Ensaio sobre a tristeza brasileira*. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. Política e humor nos últimos anos da Monarquia: a série “Balas de Estalo”. In: CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza. PEREIRA, Leonardo

Affonso de Miranda. (Orgs). *História em coisas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

RAMOS, Péricles Eugênio de. *Do Barroco ao Modernismo*: estudos da poesia brasileira. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1968.

REIS, Angela. *Cinira Polonio, a divette carioca* : estudo da imagem pública e do trabalho de uma atriz no teatro brasileiro da virada do século XIX.

RETTE, Adolphe. *Le Symbolisme* : Anecdotes et souvenirs. Paris: Librairie Léon Vanier, s/d.

RIBEIRO, João. *Crítica*. Organização, prefácio e notas de Múcio Leão. Rio de Janeiro: Edição da Academia Brasileira de Letras, 1957. 2 v.

RICIERI, Francine Fernandes W. *Alphonsus de Guimaraens (1870-1921)*: Bibliografia comentada. Assis, 1996. 2.v. Dissertação de Mestrado.

RIMBAUD, Arthur. *Oeuvres complètes* : poésies. Édition critique avec introduction et notes par Steve Murphy. Paris : Champion, 1999.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Edições do Departamento Nacional do Livro, Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*. São Paulo: Hucitec, 2005.

ROMERO, Sílvio. *Evolução do lirismo brasileiro*. Recife: Casa Laemmert, 1905.

\_\_\_\_\_. Livro do centenário. In: CAROLLO, Cassiana Lacerda (Apresentação e seleção). *Decadismo e simbolismo no Brasil*. Crítica e poética. 2.v. Rio de Janeiro/ Brasília: Livros Técnicos e Científicos/INL, 1980.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: \_\_\_\_\_. SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da vida privada no Brasil*. Coord. Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 3.

SILVA, Lafayette. *História do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e saúde, 1938.

SIMÕES JR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

\_\_\_\_\_. Localismo e cosmopolitismo nas revistas-de-ano. In: CAIRO, Luiz Roberto; SANTURBANO, Andrea; PETERLE, Patrícia; OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de (org.). *Nas malhas da narrativa*: ensaios sobre literatura, história, teatro e cinema. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2007b.

\_\_\_\_\_. Retratos e poemas d'O *Álbum* (1893-1895), de Artur Azevedo. In: *Questões de crítica e de historiografia literária*. Org. Luiz Roberto Velloso Cairo e Maria Eunice Moreira. Porto Alegre: Nova Prova, 2006.

\_\_\_\_\_. As resenhas de livros simbolistas no vespertino *A Notícia* (1897-1905). In: \_\_\_\_\_. CAIRO, Luiz Roberto Velloso. RAPUCCI, Cleide Antonia. (Orgs.) *Intelectuais e imprensa*: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

\_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

STAPFER, Paul. La poésie française contemporaine. MORTELETTE, Yann. *Le Parnasse*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.

VAN TIEGHEM, Philippe. *Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France: de la Pléiade au Surréalisme*. Paris : Presses Universitaires de France, 1960.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977.

VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

VÍTOR DOS SANTOS, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. 2.v.

WILLARD, Claude. História e vigência da Comuna de Paris. In: \_\_\_\_\_. BOITO JR., Armando. (Org.). *A Comuna de Paris na História*. São Paulo: Xamã, 2001.

**CAMILA SOARES LÓPEZ**

**A POESIA LÍRICA NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*: indexação e antologia  
(1890-1900)**

**Volume 2**

**ASSIS  
2012**

**CAMILA SOARES LÓPEZ**

**A POESIA LÍRICA NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*: indexação e antologia (1890-1900)**

**Volume 2**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

**ASSIS  
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

L864p López, Camila Soares  
A poesia lírica na Gazeta de Notícias: indexação e antologia  
(1890-1900) / Camila Soares López. Assis, 2012  
196 f. : il. + 1 anexo (310 f.)

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Álvaro Santos Simões Júnior

1. Literatura brasileira - Poesia. 2. Periódicos brasileiros. 3.  
Parnasianismo. 4. Simbolismo. I. Título.

CDD 079.81  
869.91

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. A GAZETA DE NOTÍCIAS E A DÉCADA DE 1890</b> .....	20
1.1 A imprensa, a literatura e a <i>Gazeta de Notícias</i> .....	20
1.2 A expressividade da poesia no século XIX.....	43
<b>2 A GAZETA DE NOTÍCIAS E O PARNASIANISMO</b> .....	46
2.1 França e Portugal: manifestações iniciais.....	46
2.2 O Parnasianismo no Brasil.....	51
2.3 A poesia lírica na <i>Gazeta de Notícias</i> .....	58
2.3.1 Um Parnaso à brasileira.....	61
2.3.1.1 Poetas parnasianos.....	61
2.3.1.2 Forma e expressão.....	69
2.4 O Parnaso além do cânone.....	75
2.5 Diante do Simbolismo.....	88
<b>3 O SIMBOLISMO NA GAZETA DE NOTÍCIAS</b> .....	91
3.1 Um movimento parisiense.....	91
3.2 Aclimação do Simbolismo no Brasil.....	99
3.3 O momento parnasiano-simbolista no Brasil.....	101
3.4 O Simbolismo e o (não) lugar de Cruz e Sousa na <i>Gazeta de Notícias</i> .....	106
3.5 Alphonsus de Guimarães e a <i>Gazeta</i> .....	122
3.6 Outras manifestações, relevantes contribuições.....	127

3.7 Uma década do Simbolismo.....	146
<b>4 OS POEMAS DE CIRCUNSTÂNCIA.....</b>	<b>149</b>
4.1 Considerações gerais: poesia e configurações sociais.....	149
4.2 Forma, conteúdo e função social.....	153
4.3 Relatos de uma década.....	169
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>201</b>
Anexo 1 – Indexação dos poemas (1890-1900).....	201
Anexo 2 – Antologia.....	418
Anexo 3 – “Os decadentes em Portugal”.....	498
Anexo 4 – HOMENS E LIVROS – “O Missal”.....	504

## ANEXO 1 – Indexação dos poemas (1890-1900)

1890

Janeiro

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. A lua. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 jan. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/DCD/DCD.
<b>Tema</b>	A lua.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Todos os poemas assinados por Pedro Malazarte, pseudônimo de Antonio Soares de Sousa Junior, eram publicados em sua coluna, intitulada “Fanfreluches”. O autor, na maioria das vezes, publicava poemas de cunho satírico.

<b>Referência</b>	LEITE, Francisco Gomes. Sete de janeiro! data memorável! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jan. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos hendecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de meu estimado irmão falecido no Rio de Janeiro, a 7 de janeiro de 1888.
<b>Observação</b>	Há uma rasura na página, o que impede a leitura completa da quarta estrofe.

<b>Referência</b>	EU gosto da mulher formosamente loura. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jan. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Não foi possível identificar o nome do autor. Precede o poema o seguinte trecho: “Cinco rapazes da boêmia paulista vieram ontem ao nosso escritório pedir a publicação do seguinte soneto, com um grande interesse em que fosse publicado hoje. Eles lá terão suas razões...”.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. O poeta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 jan. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD (não foi possível analisar a última estrofe, rasurada).
<b>Tema</b>	Um poeta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, A. C. de. Salve, oh! quinze de novembro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jan. 1890. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A República.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CAMPOS, J. Pereira. Aos paramos voastes para sempre eternamente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jan. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos sem metrificação regular; alternância entre rimas alternadas e interpoladas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	“Dormes para sempre no eterno jazigo Profunda saudade deste teu amigo”.
<b>Dedicatória</b>	Saudade pelo eterno repouso – Ângelo Cordeiro de Macedo.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Nos teus olhos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jan. 1890. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Os olhos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	E., A. Quisera-te consagrar-te hoje um canto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jan. 1890. p.4, 1.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Natalício da Exma. Sra. D. Irene Tavares – Oferecido a sua boa mãe Exma. Sra. D. Amélia Tavares em 22 de janeiro de 1890.

<b>Referência</b>	N. Teus olhos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jan. 1890. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Um sexteto, que forma um acróstico com o nome “Elvira”; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os olhos de Elvira.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Tinha de ser. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jan. 1890. p.2,4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Fevereiro

<b>Referência</b>	MUSA popular. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 fev. 1890. p. 3, 4.col.
<b>Forma</b>	Um quarteto e quatro estrofes de 10 versos; versos octossílabos e heptassílabos (se alternam); rimas alternadas, interpoladas e emparelhadas.
<b>Tema</b>	Conflitos entre Portugal e Inglaterra.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Segue o poema um excerto que trata dos conflitos entre Portugal e Inglaterra.

<b>Referência</b>	AZEVEDO SOBRINHO, Álvares de. E nunca mais a vi. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 fev. 1890. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Luiz Murat.

<b>Referência</b>	FREIRE, Sílvio. Queres? <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 fev. 1890. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento; amor;
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema um excerto que elogia a obra de Sílvio Freire.

<b>Referência</b>	MENEZES, Emílio. Germinal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 fev. 1890. p.2,4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A vida e suas passagens.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Soares de Souza Junior.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. O que é melhor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 fev. 1890. p.1, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MARIBLANCHE. Estrondo imenso se ouviu! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 fev. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A peça <i>Gato Preto</i> .
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao artista Guilherme da Silveira (empresário do teatro <i>Variedades</i> ).

<b>Referência</b>	G., V. Teu túmulo <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 fev. 1890. p.3, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Trigésimo dia do falecimento de Joaquim Bandeira Gouveia.

<b>Referência</b>	TORRES, Brasilina. Saudação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 fev. 1890. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha prezada amiga, a Exma. Sra. D. Margarida Henze, por ocasião do aniversário natalício de seu esposo, o Ilmo. Sr. Paulo Gustavo Henze.

<b>Referência</b>	MAMANGUAPE, Baronesa de. Ninho vazio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 fev. 1890. p.2,5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Um lar vazio.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	O BEIJO que em carta veio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 fev. 1890. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; há a alternância entre rimas interpoladas (2ª estrofe) e alternadas (demais).
<b>Tema</b>	Pedido de um beijo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema o seguinte trecho (publicado em uma coluna intitulada “Canhenho”): “Uma galante menina escreve ao seu namorado, poeta, e no <i>post-scriptum</i> manda-lhe um beijo. Responde ele, enviando-lhe estas quadrinhas (...)”.

<b>Referência</b>	OH ALTO e poderoso senhor! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 fev. 1890. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrifcação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Gratidão; afeto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SE EU pinte o caramujo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 fev. 1890. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrifcação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AO ROMPER da velha aurora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 fev. 1890. p.3, 8.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrifcação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALVES, Manuel Antonio da Cruz. Santa Rita da Glória de Murinho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 fev. 1890. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A República.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema é seguido de um excerto: “Viva o governo provisório. Viva a República dos Estados Unidos do Brasil. Viva os cidadãos republicanos de Santa Rita da Glória.”.

<b>Referência</b>	M. A. E. C., N. Almas brotai água e luz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 fev. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos sem metrificação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Saudade; sofrimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

### Março

<b>Referência</b>	M., M. Minha amiga de cinco anos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º mar. 1890. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrificação regular; rimas interpoladas (1ª e 2ª estrofes) e alternadas.
<b>Tema</b>	Heroísmo de um marinheiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	M., M. A pátria juvenil querida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 mar. 1890. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos sem metrificação regular; rimas interpoladas (três primeiras estrofes) e emparelhadas (última estrofe).
<b>Tema</b>	Amor à pátria.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., C. Conversas de amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 mar. 1890. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas (primeira e segunda estrofes) e uma interpolada (última estrofe).
<b>Tema</b>	O “senhor de Valença”.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Benevenuto. Última folha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 mar. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma folha solitária.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., C. Conversas de amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 mar. 1890. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos sem metrificação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Saudades da “real princesa”.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEVEDO SOBRINHO, Álvares de. Ausência. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 mar. 1890. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Soares de Souza Junior.

<b>Referência</b>	O MEU retrato. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 mar. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrificação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Saudade; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	M., B. de. Enferma. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 mar. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um doente.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Tardes de abril. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 mar. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um final de tarde.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OH! MEU retrato. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 mar. 1890. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrificação regular; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OS OPERÁRIOS. As obras da alfândega. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 mar. 1890. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Rui Barbosa e Deodoro da Fonseca.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Tributo de gratidão ao generalíssimo e ministro.

<b>Referência</b>	UM AMIGO. Anjo morto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 mar. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao distinto amigo capitão A. J. Leite Borges, pelo infausto passamento do seu inteligente filho Olavo.

<b>Referência</b>	REIS, Ester de Freitas. Au Brésil!. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 mar. 1890. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	A República.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Au Marechal M. Deodoro da Fonseca.

<b>Referência</b>	AMOR! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 mar. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos; há, nas estrofes, a alternância entre versos decassílabos (três primeiros versos) e hexassílabos (quarto verso); rimas alternadas (duas primeiras) e interpoladas (o último verso rima com o segundo).
<b>Tema</b>	O amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado por Pedro Malazarte, em sua coluna “Fanfreluches”.

## Abril

<b>Referência</b>	J. L., N. Menina, tu és meu encanto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 abr. 1890. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe com cinco versos, que formam um acróstico com o nome “Maria”; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, Dr. Castro. Crucifixão de Jesus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 abr. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Paixão de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Cristo entre dois ladrões. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 abr. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Paixão de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, Dr. Castro. A ressurreição de Jesus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 abr. 1890. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Ressurreição de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FREIRE, Sílvio. Canção. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 abr. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado por Pedro Malazarte em sua coluna “Fanfreluches”. Malazarte elogia o poema com os seguintes versos: “As rimas que aqui vos dei Agradecei-me, leitoras; São belas, encantadoras,

	Encantadoras, bem sei. As rimas que aqui vos dei: - E se as achais tentadoras, Tentadoras como achei, Agradecei-me, leitoras, As rimas que aqui vos dei.”.
--	---

<b>Referência</b>	MORTA. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 abr. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D., F. Iracema. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 abr. 1890. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Três sextetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas nas duas primeiras e no par formado pela terceira e quarta estrofes.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D., F. Iracema. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 abr. 1890. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MURAT, Luiz. Sânie universal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 abr. 1890. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	30 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A sânie.
<b>Epígrafe</b>	“E cortará com ferro a espessura; e o Líbano cairá pelo grandioso”. Isaías – 34 – cap. X.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PORTO, J. Campos. Origem do Amazonas (lenda do Solimões). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 abr. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Duas estrofes de oito versos (1ª e 3ª); uma estrofe de 10 versos (2ª); um quarteto (4ª) e um dístico (5ª). Na primeira estrofe, os versos são decassílabos, exceto o 4º (hexassílabo); na segunda estrofe, os versos são decassílabos, exceto o 5º e o 8º (hexassílabos); na terceira, versos decassílabos, exceto o 1º (hexassílabo); na quarta estrofe, todos os versos são decassílabos; na quinta, o 1º verso é decassílabo e o 2º, hexassílabo. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Origem mitológica do rio Amazonas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Pianto del cuor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1890. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	“Ô luz dos olhos meus!” – G. Crespo.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D., F.. Teus olhos brilhantes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1890. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Três sextetos; versos pentassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À gentil Iracema Pereira.

<b>Referência</b>	MÉRYSS, Rose. Le poète et la statue. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 abr. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 26 versos e dois dísticos. A primeira estrofe apresenta metrificação irregular; a segunda, versos hendecassílabos e a terceira, dodecassílabos. Rimas interpoladas e alternadas.
<b>Tema</b>	Uma estátua.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Uma tradução do poema foi publicada em 15 de abril de 1890 (p.1, 5.col.). O nome do tradutor não foi divulgado.

<b>Referência</b>	MÉRYSS, Rose. Remerciements. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos dodecassílabos (1º e 3º) e heptassílabos (2º e 4º); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Gratidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Au traducteur de “Le poète et la statue”.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. A borboleta e a flor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 abr. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos (1º e 3º) e hexassílabos (2º e 4º); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor (entre a flor e a borboleta).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BARCELOS, Ramiro. Pavilhão tricolor da minha terra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 abr. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	A 1ª estrofe contém 20 versos, a 2ª, 10 versos, e a 3ª, 13 versos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os heróis da pátria.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Tiradentes”.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Morta! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 abr. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu bom companheiro, Eduardo Rodrigues de Souza.

## Maio

<b>Referência</b>	FREIRE, Sílvio. Colar de diamantes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 maio. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Um colar de diamantes; sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	J., A. Maria, tu és minha unica esperança. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 maio. 1890. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Um quinteto e um octástico, formando um acróstico com o nome “Maria Ferreira”; versos sem metrificação regular; a primeira estrofe apresenta rimas alternadas e a segunda, interpoladas (dois pares).
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. A noiva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 maio. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma noiva.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Conversas de amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 maio. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. A rosa e a violeta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 maio. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	38 quartetos; versos hexassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma rosa e uma violeta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. 72! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 maio. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três estrofes: a 1ª e a 2ª contêm dois versos, e a 3ª, quatro versos; versos decassílabos; rimas emparelhadas (1ª e 3ª estrofes) e alternadas (2ª estrofe).
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao conselheiro Leonardo.

<b>Referência</b>	VESPUCIO, Américo. Os redimidos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Abolição da escravatura.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Naquele instante. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 maio. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEVEDO, Aluísio. Incoercível. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 maio. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	17 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Fantasma de uma mulher (Laura).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MAMANGUAPE, Baronesa de. Fantástico. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 maio. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/BAAB/CCD/EDE.
<b>Tema</b>	Amor (de uma mulher por um morto).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado por Olavo Bilac, em seu escrito intitulado “Quatorze pérolas”, no qual o poeta elogia os poemas da Baronesa de Mamanguape.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. O suicídio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 maio. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos; versos decassílabos; rimas AABCCB (com terminação distinta em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Morte (suicídio).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur Azevedo.

<b>Referência</b>	GUIMARAES, Luiz. Post-scriptum. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 maio. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma cerimônia fúnebre.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALUSSE, Júlio. Não volte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 maio. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um pedido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 maio. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Victor Hugo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 maio. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema é formado por sete estrofes, que são de estrutura irregular; versos dodecassílabos e heptassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Victor Hugo (homenagem).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. O Sol! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 maio. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	O sol.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	NEVES, Maria do Alívio Custódia. Completa hoje um ano. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 maio. 1890. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrifcação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida mãe.

## Junho

<b>Referência</b>	AZEVEDO SOBRINHO, Álvares de. Ao sol de maio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 jun. 1890. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Primavera; sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Mais um! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 jun. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Suicídio de Camilo Castelo Branco.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur Azevedo.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Vida que não vivi. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 jun. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	Amor não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	M., E. 6 de junho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 jun. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CDCD/FGF/GFG.
<b>Tema</b>	Um homem venturoso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Quico.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. O primeiro beijo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jun. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos e dois dísticos; versos decassílabos; rimas interpoladas (três primeiras estrofes) e alternadas (as demais).
<b>Tema</b>	O primeiro beijo.
<b>Epígrafe</b>	“O primeiro beijo é uma cortina que se levanta” – O. B.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Artur. Alvorada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jun. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., B. Desilusão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 jun. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIMA, Augusto. Correspondência. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jun. 1890. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em duas partes, ambas com três quartetos, versos decassílabos e rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Os sentidos humanos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ELEMI. Sono e esperança. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jun. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quintetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GOUVEIA, J. A.. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jun. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos eneassílabos; ABCB/DEFE/GGH/IIH.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIMA, Antonio. Ingênuo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jun. 1890. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CORREIA, Leôncio. Mãe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mãe.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Em lá menor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jun. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Um lamento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Pereira da Costa.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Carta ao Sol. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jun. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O Sol.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Artur. Gigante. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jun. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um leão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEVEDO SOBRINHO, Álvares de. Longe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jun. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Distância.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Julho

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. O mar sereno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jul. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BCBC/DDE/FFE.
<b>Tema</b>	O mar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	HORA, Cristóvão Francisco da. Se tu soubesses. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jul. 1890. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor oculto, não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	215. Sob as plagas vai seguir. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jul. 1890. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A missão e as qualidades do Dr. A. Zeferino Candido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Oferecido ao eminente Dr. A. Zeferino Candido – Por ocasião de sua missão.
<b>Observação</b>	Segue o poema a seguinte declaração: “N. B.- Isto sai duma Pena, pode-se dizer, analfabeta, por isso antecipo-me em pedir desculpa, pois que não pertenço à classe dos poetas”.

<b>Referência</b>	LUMIAR. Essas dores cruéis que me torturam. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jul. 1890. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ACCA/DFD/FDF.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A E...

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Hoje! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jul. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois sextetos. Todos os versos da 1ª estrofe são octossílabos; na 2ª estrofe, apenas o 5º verso não é octossílabo, possuindo duas sílabas métricas. Rimas ABABCCB/BDDBE.
<b>Tema</b>	Um dia glorioso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUPONCHEL, Paul. Les deux drapeaux. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jul. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema não possui estrofação regular. Versos dodecassílabos. Rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Uma mãe.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Hommage à Madame Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

<b>Referência</b>	MÉRYSS, Rose. Quatorze juillet. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jul. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	15 sextetos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas nos dois primeiros versos e interpoladas nos demais.
<b>Tema</b>	Revolução Francesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Rose Méryss era atriz e cupletista famosa.

<b>Referência</b>	VILELA, Adelina Amélia Lopes. Voltaste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 jul. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O retorno de uma mãe.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A minha mãe.

<b>Referência</b>	LIMA, Antonio. Dupla expiação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jul. 1890. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES, Luís. As teteias. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jul. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Gabriel.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado uma segunda vez em 27 de agosto de 1890.

<b>Referência</b>	SANTOS, Leodovina Cardoso dos. Completa hoje 16 anos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jul. 1890. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida mãe.

<b>Referência</b>	CARVALHO, Aderbal de. Flor de mármore. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jul. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Marcos Dolzani.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Vem!... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 ag. 1890. p. 1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos. A primeira e a segunda estrofe apresentam versos heptassílabos; nas demais, há a alternância entre versos heptassílabos e de quatro sílabas métricas. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A mulher amada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Agosto

<b>Referência</b>	MAR, Guil. 2 de agosto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; ambos possuem versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Aniversário da <i>Gazeta de Notícias</i> .
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À <i>Gazeta de Notícias</i> .

<b>Referência</b>	BASTOS, Maria Joaquina d'Anunciação. 2 de agosto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 de ag. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao feliz aniversário natalício da Exma. Sra. D. Ângela da Rocha, distinta diretora do Colégio Santana.

<b>Referência</b>	P. Conversemos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 ag. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário da <i>Gazeta de Notícias</i> .
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES, Luiz. Transfiguração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 ag. 1890. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GOMES, A. Santana. O raminho de violeta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 ag. 1890. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Exma. Sra. ...

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Carta ao Julio Braga. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 ag. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	N., M. Sic transit. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 ag. 1890. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Alcina).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Artur. Cega. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 ag. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/FFE.
<b>Tema</b>	Uma mulher cega.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Augusto de Lima.

<b>Referência</b>	SI c'était moi! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 ag. 1890. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro estrofes, cada qual com 12 versos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Solidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. O sonho de Berta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 ag. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em duas partes: a primeira possui 13 quartetos; e a segunda, nove quartetos. Há, nas estrofes de ambas as partes, a alternância entre versos heptassílabos (três primeiros versos) e de três sílabas métricas (último verso). Rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Berta e um besouro.
<b>Epígrafe</b>	Primeira parte: “...Voa em redor; vai e vem; sobe e desce; Torna a subir e torna a descer...” Raimundo Correia – <i>Versos e Versões</i> .  Segunda parte: “O cavaleiro negro da desgraça!” J. de Moraes Silva – <i>O Besouro</i> .
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	UM DELORMISTA. Diga embora o que disserem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 ag. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Aurélia Delorme.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aurélia Delorme.

<b>Referência</b>	MENDES, Artur. Uns dentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 ag. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Os dentes de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FREIRE, Sílvio. Outro azul. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 ag. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SÉGUIER, Jayme de. Marché. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 ag. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um soneto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

### Setembro

<b>Referência</b>	VICTOR, Paulo. Justice. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 set. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Machado de Assis e Jayme de Séguier.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Estrada deserta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 set. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	15 quartetos; versos heptassílabos; os demais, decassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma estrada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SARMENTO, Bernardo P. Hoje completa um ano. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 set. 1890. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rima ABBB/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao primeiro aniversário do falecimento do meu filho Nestor.

<b>Referência</b>	SANCHES, F. J. Salve. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 set. 1890. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hexassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EEDD.
<b>Tema</b>	Talento de Leonor Rivero.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Leonor Rivero.

<b>Referência</b>	VASCONCELOS, A. Moreira de. Galgo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 set. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	O poema contém quatro estrofes: a 1ª e a 4ª possuem três versos; as demais, quatro versos. Versos decassílabos. Rimas alternadas e interpoladas.
<b>Tema</b>	Um galgo e uma princesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Soares de Souza Junior.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Espiral de fumo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 set. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro octásticos. Alternância entre versos dodecassílabos (1º, 2º, 3º e 4º versos), decassílabos (5º e 6º versos), de quatro (7º verso) e de duas sílabas métricas (8º verso). Os quatro primeiros versos possuem rimas alternadas e os quatro últimos, interpoladas.
<b>Tema</b>	A fumaça em uma sala.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MALLET, Pardal. A ela. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 set. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sufrimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema, publicado na coluna “Fanfreluches”, uma sátira feita por Pedro Malazarte, na qual o poeta fala da “pieguice” de Pardal Mallet.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. De borla e capello. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 set. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas. .
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	“A mulher há de ser sempre um poder supremo, uma onipotência...” – Souvenir.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Jóia perdida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 set. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis sextetos. Alternância entre versos hexassílabos (1º e 5º versos), decassílabos (2º, 3º e 4º versos) e dodecassílabos (6º verso). Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Helena e a pedra de seu anel.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A um poeta obscuro.

## Outubro

<b>Referência</b>	MAR, Guil. Criação divina. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 out. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Admiração.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Eugênia Gambôa.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Os de ontem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 out. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	21 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A passagem dos anos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEVEDO SOBRINHO, Álvares de. À luz de teu olhar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 out. 1890. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O olhar de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIMA, Antonio. Insondável. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 out. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O coração da mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Lauro de Faria.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Folhas secas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 out. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos. A primeira e a última estrofe possuem versos heptassílabos; as demais, versos decassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Folhas secas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLISIS, G. Genettolia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 out. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A aurora do dia; uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Alberto de Oliveira.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Perdão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 out. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos e de quatro sílabas métricas; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	O perdão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Generalíssimo Deodoro.

<b>Referência</b>	ANINHA. Faz hoje 18 anos, que viste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 out. 1890. p.4, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Zizinha Pinheiro.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Orquestra das aves. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos (apenas o 4º verso da 1ª estrofe e o 4º verso da 3ª estrofe são hexassílabos); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As aves; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Novembro

<b>Referência</b>	DUARTE, Prisciliana. A subir... A subir. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1890. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Noite de chuva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 nov. 1890. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema possui 11 estrofes: a 1ª, a 6ª e a 11ª estrofes possuem seis versos; as demais possuem três versos cada. A 1ª, a 6ª e a 11ª estrofes não possuem metrificação regular; nas demais, os versos são dodecassílabos. Rimas AABCCB, emparelhadas nos dois primeiros versos e interpoladas nos demais (1ª, 6ª e 11ª estrofes) e alternadas (as demais).
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FREITAS, R. Augusto de. Hoje, que vedes brilhar num céu alvinitente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 nov. 1890. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema possui duas estrofes: a primeira contém 15, e a segunda possui cinco versos; versos sem metrificação regular; rimas ABAABCD CCEFGFFG/HBHHB.
<b>Tema</b>	Virtudes do Dr. José Lopes da Silva Trovão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Homenagem ao emérito tribuno Dr. José Lopes da Silva Trovão. – Por ocasião do seu feliz regresso à Pátria, em 10 de novembro de 1890.

<b>Referência</b>	ADEMAR. Dois oásis. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 nov. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sentimentos; morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Prisciliana Duarte.

<b>Referência</b>	S. Enfermo. De ti tão longe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 nov. 1890. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Exma. Sra. D. Hermínia M.

<b>Referência</b>	RAMOS, Carvalho. Ode. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 nov. 1890. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Exma. Sra. D. Maria Romana Pedreira Ferreira, digna esposa do meu sincero amigo Sr. Dr. Francisco Ignácio Ferreira, no dia do seu aniversário natalício.

## Dezembro

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Final de um poema. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º dez. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema se divide em cinco partes: a 1ª possui dois sextetos; a 2ª possui dois quartetos; a 3ª, três quartetos; a 4ª, um quinteto e uma estrofe com um verso; e a 5ª, uma estrofe com 12 versos; versos decassílabos, heptassílabos, hexassílabos e de quatro sílabas métricas; rimas alternadas e emparelhadas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BASTOS, Virgíneo Rosa de Miranda. Vinte e oito primaveras! Que prazer. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 dez. 1890. p.3, 1.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BARRETO, Tobias. Entre os atores do drama. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 dez. 1890. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Virtudes do Marechal Deodoro da Fonseca.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao marechal Manuel Deodoro da Fonseca.

<b>Referência</b>	MALAZARTE, Pedro. Armas da mulher. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 dez. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas. .
<b>Tema</b>	A mulher.
<b>Epígrafe</b>	“(…) pode a mulher mais débil, mais pena d’asa, ter indignações masculinas, entusiasmos heróicos, e, deixando as suas fileiras, empunhar as armas e atirar-se ao combate.”. – Baronesa de Mamanguape
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Escada fantástica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 dez. 1890. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	11 quintetos; versos dodecassílabos; rimas interpoladas (quatro últimos versos de cada estrofe).
<b>Tema</b>	Aparição de uma escada e de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., Francisca M. A protetora das virgens. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 dez. 1890. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A virtude e a honra das mulheres.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CORREIA, Raimundo. À sombra da morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 dez. 1890. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos e seis quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	O VIAJANTE Badéca. Maruca. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 dez. 1890. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

1891

## Janeiro

<b>Referência</b>	DR. CAPELLI. Teu cabelo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jan. 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Cabelo
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Artur. Coisas antigas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 jan. 1891. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Entrevista. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 jan. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Espera e chegada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Salamonde.

<b>Referência</b>	GOUVEIA, Joaquim. Incógnita. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 jan. 1891. p.4, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hendecassílabos; rima ABCB/DEFE/GGH/IIH.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Pesadelo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jan. 1891. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe contendo 33 versos e um octeto; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Mitologia grega.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Serenata no Rio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jan. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um barco; morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Visconde Coaracy.

<b>Referência</b>	SABOIA, Gentil de Alencar. Gratidão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jan. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro estrofes de 10 versos; versos heptassílabos; rimas ABABCCDEED (porém, nas outras estrofes, a terminação das rimas não é a mesma).
<b>Tema</b>	Gratidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Oferecido à minha poderosa e nobre protetora Exma. Sra. D. Idalina Wandenkolk.

<b>Referência</b>	BRASIL, Agostinho José Soares. Um presente saudoso e sem futuro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jan. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ACCA/BEC/BEC.
<b>Tema</b>	Luto; saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Uma saudade a Benjamim Constant Botelho de Magalhães.
<b>Observação</b>	Há, ao final do poema, o seguinte <i>post scriptum</i> : “São co-participantes dos mesmos sentimentos minha mulher, D. Maria Madalena Soares Brasil, e meu sobrinho, o professor jubilado Antonio Candido Rodrigues Carneiro”.

<b>Referência</b>	SILVA, Rodrigo Machado da. Saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jan. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos sem metrifcação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Paredes nuas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 jan. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma parede.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Fevereiro

<b>Referência</b>	S., A. Súplica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 fev. 1891. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Dois octetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao João E. Correia.

<b>Referência</b>	LUCINDO FILHO. O corvo marinho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 fev. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um corvo; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Luiz Murat.

<b>Referência</b>	GRAVETO. Canção decadente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 fev. 1891. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALÚSTIO. Formosas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 fev. 1891. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos pentassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Seres formosos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VILAS-BOAS, Ed. Adeus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 fev. 1891. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Um octeto, um dístico e uma estrofe de 10 versos, formando um acróstico; versos decassílabos; rimas ABABCCDE/EF/GHGHIIJBBJ.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu prestimoso e liberal amigo e benemérito cidadão Visconde de Leopoldina, em ocasião de sua partida para a Europa, a bordo do paquete “Clyde”.

## Março

<b>Referência</b>	BONIFÁCIO, José. Américo Primus interpares. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º mar. 1891. p.2, 2-3.col.
<b>Forma</b>	O poema se divide em cinco partes, todas compostas por quartetos; a 1ª parte possui cinco estrofes; a 2ª, quatro estrofes; a 3ª possui três estrofes; a 4ª possui sete estrofes; e a 5ª, três estrofes. Versos decassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Guerra; navegação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Silveira da Motta.
<b>Observação</b>	Precede o poema o seguinte trecho: “Devemos à gentileza da Exma. Sra. D. Isabel Cristina da Motta Rio, uma das brasileiras mais ilustradas e estudiosas, a poesia seguinte, feita por José Bonifácio, ao heróico comandante do <i>Barroso</i> , na passagem de Humaitá, o atual almirante barão de Jaceguay.

<b>Referência</b>	RIBEIRO, Amadio. Morena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 mar. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher morena.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “Canhenho”.

<b>Referência</b>	SAVRAT, Eugênio. Eterna confidente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 mar. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Recôndito. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 mar. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Nove sextetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Criação poética; solidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	UM COLEGA. Findou-se!... a existência preciosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 mar. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CDCD/EFE/EFE.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória do nosso prezado colega Isidoro d'Oliveira.

<b>Referência</b>	MONTEIRO, Bibiana. Fez ontem um ano que sumiu-se um nome. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 mar. 1891. p.4, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida mãe.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Concha de nácar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 mar. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma concha.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FLEUSS, Max. Igotae Deae. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 mar. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

#### Abril

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Discordância. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 abr. 1891. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; o primeiro e o quarto versos de cada estrofe apresentam dez sílabas métricas e os demais, cinco sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema o seguinte trecho: “O distinto poeta Osório Duque-Estrada, secretário da legação do Brasil no Paraguai, despede-se hoje dos seus amigos com um almoço no Hotel do Globo. Aproveitamos a oportunidade para publicar a seguinte produção com que nos mimoseou o estimado poeta-diplomata (...)”.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Fragmento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 abr. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema se divide nas seguintes partes: VIII, IX e X; a 1ª possui quatro estrofes: um hepteto e um quarteto. A 2ª parte possui duas estrofes com oito versos (1ª e 3ª) e as demais possuem apenas um verso. A 3ª parte contém quatro quartetos. Versos decassílabos na parte VIII (exceto o 6º verso da 1ª estrofe, que é hexassílabo); versos heptassílabos e com três sílabas métricas na parte IX; versos hexassílabos e de quatro sílabas métricas na parte X. Rimas alternadas e emparelhadas (distribuídas ao longo do poema).
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	B., L. Ingratidão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1891. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUMESNIL, Álvaro. Adoro-te, célio arcanjo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 abr. 1891. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de nove versos (acróstico); versos heptassílabos; sequência rímica ABABCCDDC.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Volubilis. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Oito heptetos; versos dodecassílabos e pentassílabos; rimas emparelhadas (quatro primeiros versos) e alternadas (os demais).
<b>Tema</b>	Poesia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	V., G. Perfídia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1891. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Mentira; sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENEZES JUNIOR, Silva. Saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1891. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de Francisco Ribeiro Silva Menezes.

<b>Referência</b>	ALIPIO, F. Era bem moço ainda e todo o mundo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 abr. 1891. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Seis estrofes, sem estrutura regular; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Virtudes de Francisco Porteli.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Exm. Sr. Dr. Francisco Porteli.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. A nuvem do ideal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 abr. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	13 quintetos; versos decassílabos; rimas alternadas (dois primeiros versos), emparelhadas (terceiro e quarto versos), o último verso rimando com o segundo.
<b>Tema</b>	Viagem sobre uma nuvem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C. A., M. Amizade é a grande árvore altiva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 abr. 1891. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de nove versos; versos sem metrficação regular; esquema rímico ABBABCACD.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao feliz aniversário do meu primo e amigo Joviano Gomes.

## Maio

<b>Referência</b>	V., G. Última nota, Maria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 maio 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	.

<b>Referência</b>	C. A., M. Nunca, Alexandrina, uma lágrima. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 maio 1891. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas (1ª estrofe) e interpoladas (as demais).
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Alexandrina – Em dia de seus anos, 3 de maio de 1891.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Alvorada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 maio 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Oito sextetos; alternância entre versos de seis (1º, 2º, 4º e 5º) e de duas (3º e 6º) sílabas métricas em cada estrofe; estrutura rímica ABBCBC (sem que as terminações das rimas sejam as mesmas).
<b>Tema</b>	O despertar de todos, exceto o de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Longe!... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 maio 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CARVALHO, Francisco V. O. de. Santa, minha irmãzinha querida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 maio 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Despedida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha irmã Julia N. C. (RESIDENTE NO PARÁ).

<b>Referência</b>	ANDRADE, Augusto César de. Meu querido pai, a triste morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 maio 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos sem metrificação regular; rimas ABBA/CAAC/DED/FGF.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu querido e prezado pai Manuel Maria de Andrade, falecido em 3 de maio de 1891.

<b>Referência</b>	CARVALHO, Dr. Guido da Cruz. Dalila!... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 maio 1891. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 12 versos; versos decassílabos; os quatro primeiros e os quatro últimos versos possuem rimas interpoladas e os demais, alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	“Dorme em paz, anjo de luz! Dorme e apaga os lumes teus Na terra – à sombra da cruz No céu – no seio de Deus!...”
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Berço indígena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 maio 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete tercetos e uma estrofe de um verso; versos decassílabos; rimas alternadas (nas sete estrofes).
<b>Tema</b>	Morte de uma criança indígena.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BARROS, José Antônio Pessoa de. Foste sempre um herói no cumprimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 maio 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de nove versos e um octástico, formando um acróstico com o nome “Francisco Portella”; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Feitos de Francisco Portella.
<b>Epígrafe</b>	“A par de um coração puro e sincero Os diademas que são? que vai o mundo?”.
<b>Dedicatória</b>	Ao eminente democrata Dr. Francisco Portella, por ocasião de ser eleito unanimemente governador do estado do Rio de Janeiro.

<b>Referência</b>	OTÁVIO, Rodrigo. 13 maio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Abolição da escravatura.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. De pé, na escuridão desse horrível caminho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	15 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	José do Patrocínio.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A José do Patrocínio.

<b>Referência</b>	SAMPAIO JR., José. 13 de maio de 1891. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio 1891. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Princesa Isabel e a abolição.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Canção de Ariel. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 maio 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos dodecassílabos, hexassílabos e de quatro sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Anjo Ariel.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, Maria Izabel da. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 maio 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha sobrinha Ermelinda da Silva Castelo Branco, falecida a 18 de abril de 1891.

<b>Referência</b>	LINS, Francisco. No inverno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 maio 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Inverno.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Que feiticeiro és tu, Vítor Meireles. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 maio 1891. p.3, 2-3.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os feitos de Vítor Meireles.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Vítor Meireles
<b>Observação</b>	Poema publicado em coluna intitulada “A arte nacional – Panorama da cidade do Rio de Janeiro por Vítor Meireles”.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. A taça de Hafiz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 maio 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Visão do poeta Hafiz.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Junho

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Flor moribunda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jun. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco sextetos; versos dodecassílabos e heptassílabos; sequência rímica ABBCDD (com diferentes terminações em cada verso).
<b>Tema</b>	Uma flor; sofrimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CARVALHO, Bento Borges de. Viste a flor que desabrocha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jun. 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Pedido de perdão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Manuel L. de C. Pureza.

<b>Referência</b>	MAGÉ. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jun. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Um quinteto e uma oitava, que formam um acróstico com o nome “Lopes Sobrinho”; versos heptassílabos; rimas interpoladas nos quatro primeiros versos da primeira estrofe, e emparelhadas na segunda estrofe.
<b>Tema</b>	Feitos de Lopes Sobrinho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	UM AMIGO. Das prendas as mais caras que tu tinhas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jun. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A seus filhos.

<b>Referência</b>	LA BARRA. Pele de tigre. Tradução de Osório Duque-Estrada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jun. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos e em terceto; versos hexassílabos e de quatro sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher adormecida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LA BARRA. XXXV. Tradução de Osório Duque-Estrada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 jun. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Solidão estrelada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jun. 1891. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Solidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VIEIRA, Victor A. O diabo e o inferno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jun. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Deus e o Diabo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	“Extrato do poema ‘Alfa e Ômega’, de Victor A. Vieira”.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Primavera. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Primavera; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. O espelho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jun. 1891. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe contendo 64 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Um espelho
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Benevenuto Pereira.

## Julho

<b>Referência</b>	RIBEIRO, Cantídio da Silva. Corina, deixa o mundo de ilusões fatais. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jul. 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor por Corina.
<b>Epígrafe</b>	“Não é só poeta quem sabe na lira Soltar os seus cantos de amarga paixão; Poeta é quem sente, quem triste suspira, Poeta é quem ama, quem tem coração.”
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ELÍSIO. 9 de julho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 jul. 1891. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos hendecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aos anos da Exma. Sra. D. Carolina Pereira Alves.

<b>Referência</b>	LINDSAY, R. N. A nuvem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jul. 1891. p.8, 8.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Clotilde Augusta de Faria Rocha.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Metempsicose. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jul. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; versos decassílabos; o primeiro soneto possui esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/EDE e o segundo, ABAB/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Leopoldo. O poeta e o pintor têm um só nascimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jul. 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O poeta e o pintor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SANTOS, Generino dos. A etapa da morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jul. 1891. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	“Os puros e os bons vão-se...”. – D. Fanny Borges Diniz.
<b>Dedicatória</b>	No enterramento de Julio Diniz.

<b>Referência</b>	SANTOS, Aleixo dos. Chi via cerca della veritá. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jul. 1891. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Dottore Portella.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Al grande cittadino Dottore Portella.

<b>Referência</b>	JUNQUEIRO, Guerra. Passamento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jul. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Um quinteto e um quarteto; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Morte de crianças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CONTAS agora a primeira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jul. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao inocente Apolo, filho do Sr. João Augusto Pereira de Amorim, que conta a sua primeira primavera.

### Agosto

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto. Noite de luar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; as três primeiras estrofes apresentam versos dodecassílabos e rimas emparelhadas; as demais, decassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. No! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 ag. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema está escrito em língua espanhola.

<b>Referência</b>	PIRES, Áurea. A tarde vai fugindo fresca e amena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 ag. 1891. p.3, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado junto à matéria que faz referência à poetisa mineira Áurea Pires.

<b>Referência</b>	P., V. Beija a ciência a destra generosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 ag. 1891. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao feliz aniversário do Dr. Bonsucesso.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Simples exame. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 ag. 1891. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; as duas primeiras e a sétima estrofes apresentam versos decassílabos, e as demais, heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu amigo Ananias de Albuquerque.

<b>Referência</b>	FORTUNA, Francisco Ferreira da Paz. Da infância à mocidade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 ag. 1891. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao menino Carlos Tertuliano da Silva Couto. No dia de seu 11º aniversário natalício oferece estas quadras o abaixo assinado.

<b>Referência</b>	LEITE, Alfredo. Manhã. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 ag. 1891. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma manhã.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Guimarães Passos.

<b>Referência</b>	G., P. Existe sob o túmulo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 ag. 1891. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha nunca esquecida comadre e protetora, a finada esposa do Ilustre Sr. Dr. Gabriel de Paula A. Magalhães.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Golpe mortal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 ag. 1891. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MOLARINHO, Arnaldo. Se Deus, que criou o mundo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 ag. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma cidade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CUNHA, F. R. da. Ao entrar, subi, fitei-o. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 ag. 1891. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um quadro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VILAS-BOAS, A. D. Livro de Olga. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 ag. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; ambos possuem versos decassílabos. O esquema rímico do primeiro é: ABBA/ABBA/CDE/CDE; o segundo apresenta a sequência ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Passionária. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 set. 1891. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Um hepteto, uma estrofe com 23 versos e um quinteto; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas e emparelhadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor); visão sobrenatural.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FONTELA, P. C.. Foi ontem dia de festa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 set. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos sem metrificacão regular; rima ABBA/CDDE/FFG/HHG.
<b>Tema</b>	Talento de Amélia Lopiccolo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Mlle. Amélia Lopiccolo.

## Outubro

<b>Referência</b>	ROBLES, Luiz Maria. Nunca sintió el corazón. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1 out. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe contendo 10 versos; versos heptassílabos; rimas ABBAACCDDC.
<b>Tema</b>	Qualidades de um homem (Meirelles).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Meirelles.

<b>Referência</b>	SOARES, Domingos. Alma magna, generosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 out. 1891. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos sem metrficação regular; rima ABBA/BAAB/CDC/DCE.
<b>Tema</b>	Qualidades de um indivíduo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALVIM, Cesário. A democracia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 out. 1891. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos e nove sextetos; os oito primeiros versos são decassílabos e apresentam rimas alternadas; os demais, heptassílabos; rimas emparelhadas nos dois primeiros e nos dois penúltimos versos.
<b>Tema</b>	Democracia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado junto à matéria intitulada “Minas Gerais”.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. O que diz a morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 out. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado junto a uma matéria sobre a morte de Antero de Quental.

<b>Referência</b>	CAMPOS, J. Pereira. Almerinda doce emblema da inocência. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 out. 1891. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; as três primeiras estrofes apresentam versos dodecassílabos e as demais, decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Almerinda Ferreira Gomes (primeiro aniversário)

<b>Referência</b>	FERNANDES, Avelar. O canto da sereia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 out. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma sereia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Venturosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 out. 1891. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CED.
<b>Tema</b>	Sufrimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema encontra-se publicado junto à crítica ao livro <i>Versos de um simples</i> , de Guimarães Passos.

<b>Referência</b>	TRIUNFO. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Medalhas do Colégio Abílio.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado em comemoração às “medalhas obtidas na exposição universal de Paris”.

<b>Referência</b>	SAUDADE e lenitivo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado na ocasião da comemoração das “medalhas obtidas na exposição universal de Paris”.

<b>Referência</b>	COLEGAS e companheiros. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1891. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	10 quintetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Virtudes do diretor do Colégio Abílio.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado na ocasião da comemoração das “medalhas obtidas na exposição universal de Paris”.

<b>Referência</b>	JANDEIRO, B.. O Barão de Macaúbas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 out. 1891. p.3, 8.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Virtudes do Dr. Joaquim Abílio Borges.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Joaquim Abílio Borges.

## Novembro

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Essência das coisas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 nov. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro octásticos; versos decassílabos, heptassílabos e dísticos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Os caniços. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 nov. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos. As últimas estrofes recebem os seguintes títulos: “O vento”, “O homem”, “Os caniços” e “O homem”; versos decassílabos e de tetrassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A existência.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROSA, Luiz. Eterna voz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 nov. 1891. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 31 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas (o primeiro verso de cada estrofe não rima com os demais).
<b>Tema</b>	Natureza; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema uma consideração sobre o livro <i>Primeiras rimas</i> , de Luiz Rosa.

<b>Referência</b>	ROSA, Luiz. Ateu e crente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 nov. 1891. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Natureza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Manuel Figueiredo.
<b>Observação</b>	Precede o poema a crítica do livro <i>Primeiras rimas</i> , de Luiz Rosa.

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Nihil. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 nov. 1891. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BABA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Pardal Mallet.
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em coluna intitulada “Versos de um simples”.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Fragmento de um livro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 nov. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Três sonetos sob a mesma epígrafe e que apresentam versos decassílabos; o esquema rímico do primeiro soneto é ABBA/ABBA/CDE/CDE; o do segundo é ABBA/BAAB/CDC/EDE; o do terceiro não pôde ser identificado, devido a uma mancha que encobre as duas primeiras estrofes.
<b>Tema</b>	Sufrimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Dezembro

<b>Referência</b>	MAGALHÃES, Francisca. Um beijo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 dez. 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Felicitações pelo Natal.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Angelina.

<b>Referência</b>	DUARTE, Marcelino Pinto R. Ainda a ela! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 dez. 1891. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	TAVARES, Manoel dos Santos. D. Pedro II. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 dez. 1891. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto (pela morte de D. Pedro II).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. O cisne. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 dez. 1891. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 36 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Um cisne.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Apoteose. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 dez. 1891. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	15 octásticos; versos hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto (pela morte de D. Pedro II)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao passamento de D. Pedro II.

<b>Referência</b>	MAQUINÁS, Josefa. O painel a natureza representa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 dez. 1891. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Cidade do Rio de Janeiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	TRAVELLER. I arrived yesterday. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 dez. 1891. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 11 versos; sem metrificação regular; versos brancos.
<b>Tema</b>	Cidade do Rio de Janeiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SANTOS, Maria Josefa dos. A virgem do ermo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 dez. 1891. p.3, 1.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos hendecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma virgem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Ângela. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 dez. 1891. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	16 tercetos e uma estrofe de um verso; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Necrópole. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 dez. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro octásticos; versos decassílabos e versos hexassílabos; sequência de rimas: ABCACBDD/EFGEFHFH/IJLILMDD.
<b>Tema</b>	Solidão; males causados pelo amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FLORES, Armando. O beijo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 dez. 1891. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hexassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Idealização de um beijo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PIMENTEL, Figueiredo. Proêmio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 dez. 1891. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Virtudes de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha mulher.

1892

Janeiro

<b>Referência</b>	A., L. Preto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jan. 1892. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos, um sexteto e um octástico; as duas primeiras estrofes possuem versos decassílabos e as demais, heptassílabos. As três primeiras estrofes apresentam rimas alternadas e a última, alternadas (quatro primeiros versos) e interpoladas (os demais).
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A uma moça simpática, a exma. sra. D. Eusébia Avlila Gonçalves, no dia do seu aniversário.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Vulnus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jan. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos; versos hexassílabos e decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A primavera
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	QUAL tronco anoso, que balança ao vento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jan. 1892. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Morte
<b>Epígrafe</b>	“Homem, ente imortal, Que és tu perante a face do Senhor? És a junca do brejo, harpa quebrada, Nas mãos do trovador.”  A. Hero. “A harpa do crente”.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CAÇADOR INFELIZ. Morreu o deserto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jan. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Celeste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 jan. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Estrofes de três e de quatro versos; versos decassílabos; rimas alternadas (quatro primeiras estrofes), interpoladas (5ª e 6ª estrofes) e alternadas (as demais).
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Fevereiro

<b>Referência</b>	POE, Edgar A. O corvo. Tradução de Machado de Assis. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 fev. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	18 décimas; versos sem metrifcação regular; rimas emparelhadas (seis primeiros versos) e alternadas (quatro últimos versos).
<b>Tema</b>	Um corvo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. A camisa de Olga. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 fev. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema possui seis estrofes: a 1ª e a 2ª possuem cinco versos; a 3ª possui dois versos; a 4ª, a 5ª e a 6ª possuem quatro versos. Exceto o 5º verso da 1ª estrofe e o 3º verso da 2ª estrofe, que são heptassílabos, as estrofes apresentam versos decassílabos. Esquema rímico AABCB/BDEED/FF/GHHG/IJL/MNMN/OPPO.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CORREIA, Raimundo. Feliz a criança morta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 fev. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe contendo 18 versos; o poema possui versos heptassílabos, exceto o 7º e o 12º versos; sequência rímica ABABCDEEFFGHGIJJ.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	O brilhante poeta Raimundo Correia ofereceu ao Paula Ney, os seguintes versos, a propósito da morte do inocente Francisco de Paula: A Paula Ney.

### Março

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Gênio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 mar. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 16 versos e uma estrofe de 20 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Primavera
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A um poeta.

<b>Referência</b>	SNIGGIH, Ocirema. Anileda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 mar. 1892. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos sem metrificação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Pedido de casamento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BRASIL, Joaquim Pereira. Dorme, filha! Dorme. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 mar. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos pentassílabos; octossílabos, decassílabos e eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Tributo de sincera gratidão pelo passamento da inocente Antonieta Moreira da Silva.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. A última frase. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 mar. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FRASÃO, Manuel Correia. No teu dia aniversário. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 mar. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário natalício e luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao aniversário natalício do menino Oscar. Pupilo do Sr. João Monsotette e sua Exma. esposa.

<b>Referência</b>	BENEVENTE, D. P. Curato de Santa Cruz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 mar. 1892. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Dois octásticos e dois quartetos; versos heptassílabos; nas duas primeiras estrofes, as rimas são alternadas (dois primeiros; nos quartetos, as rimas são alternadas).
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao feliz aniversário natalício de meu respeitável amigo Antonio José de Araújo.

#### Abril

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Coração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 abr. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Duas estrofes de 40 versos e um quarteto; versos heptassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Saudade, amor
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LAURINDO. O tempo sem conta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 abr. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/BAB/ABA.
<b>Tema</b>	Amor; morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema é precedido da seguinte passagem: “Às vezes lemos por aí além uns sonetos antigos, nos quais o maior interesse é o trocadilho, ou a repetição de um ou dois vocábulos. <i>O tempo sem conta</i> , de Laurindo, é um desses. Agora temos no <i>Fluminense</i> , de Niterói, ontem publicado, o seguinte soneto, dos tais o colega afirma ter cabelos brancos adquiridos no século XVII.”

<b>Referência</b>	QUEIROZ, Ricardina de. Sete de Abril de 1892. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 abr. 1892. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Um mote de dois versos e uma glosa contendo 10 versos; esquema rímico ABBAACCDDC; versos heptassílabos.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A seu esposo Casimiro Teixeira Pinto de Queiroz, oferece Ricardina de Queiroz.

<b>Referência</b>	REBELO, Laurindo. O tempo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 abr. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O tempo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Jornais e...”.

<b>Referência</b>	SONNET sur le temps. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 abr. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O tempo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Jornais e...”: “Acerca do soneto <i>O Tempo</i> , recebemos uma carta, acompanhado de um livro publicado em francês, nos princípios deste século. Distinto bibliográfico que examinou o livro (o qual fica á disposição dos curiosos literatos, neste escritório), afirma que tal volume deve ter sido impresso em 1830. O volume não traz capa nem título; e aí encontramos o seguinte soneto (...)”.

<b>Referência</b>	1:... Né-né. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1892. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos hexassílabos e heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MAGALHÃES, Antônio Januário Dias de. A ti. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 mar. 1892. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/CBAB/DEF/DED.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. A sombra da morta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 abr. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Morte; sobrenatural.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	JORGE, Leopoldina Maria. Oh! filha bela que amei na vida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 abr. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Pelo primeiro aniversário do falecimento de minha muito chorada filha Mariana Moreira.

<b>Referência</b>	XAVIER, Fontoura. A Revolução – Tiradentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 abr. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	18 tercetos; versos dodecassílabos; rimas AAB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Revolução.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CORREIA, Raimundo. A Ave-Maria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 mar. 1892. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hendecassílabos; rima ABAB/BABA/CDE/CDE
<b>Tema</b>	A Virgem Maria.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIMA, Augusto de. Humus-homo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 abr. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Maio

<b>Referência</b>	C. T., M. Hoje dia de teus anos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 maio 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Cecília Amélia Rolo

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Palemo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 maio 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos dodecassílabos (primeiro e terceiro verso de cada estrofe) e octossílabos (segundo e quarto verso). Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um homem; mistério.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	R. B., A. Felicitações de um amigo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 maio 1892. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos sem metrficação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	“Completa hoje 22 anos de preciosa existência o nosso colega e excelente companheiro o Sr. Narciso Augusto de Lacerda, muito digno encarregado da oficina de corrieiro da Companhia Jardim Botânico. Um que o saúda e abraça-o, desejando-lhe muitíssimas felicidades.”

<b>Referência</b>	SUL AMÉRICA. Mui grata recordação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 de mai. 1892. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 14 versos, que forma um acróstico (Maroca Serraria); versos octossílabos; rimas ABCDEFGGCHCCC.
<b>Tema</b>	Saudade
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Fio d’água. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 maio 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas (2 <sup>a</sup> , 4 <sup>a</sup> e 6 <sup>a</sup> estrofes) e interpoladas (as demais).
<b>Tema</b>	Um fio d’água e seu curso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Augusto de Lima.

## Junho

<b>Referência</b>	P. Remember. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 de jun. 1892. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Um octástico; versos heptassílabos; sequência rímica ABBCCDDC.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A I...

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Inverno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 de jun. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos. O primeiro, o segundo, o terceiro e o quinto versos de cada estrofe possuem cinco sílabas métricas; o quarto verso de cada estrofe é dodecassílabo. A primeira estrofe apresenta esquema rímico ABCCB; a segunda, DEDDE; e as demais rimas são alternadas.
<b>Tema</b>	Inverno; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SOUSA JUNIOR, Soares de. Heróis do fogo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jun. 1892. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Corpo de bombeiros do Rio de Janeiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O seguinte excerto precede o poema: “Com o teatro completamente cheio, realizou anteontem no teatro S. Pedro de Alcântara a recita em benefício do corpo de bombeiros. Representou-se a <i>Mimi Bilontra</i> , o festejado vaudeville, que provoca sempre o entusiasmo do público. No intervalo do 4º para o 5º ato, o Peixoto recitou a seguinte poesia, de Soares de Sousa Junior, que foi freneticamente aplaudida (...).”

<b>Referência</b>	LIMA, Augusto de. Metamorfose. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jun. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Metamorfose de uma planta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Julho

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Raio de sol. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jul. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Raio de sol; libertação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CARVALHO, Manuel Viegas de. Bem-vindo o sol que hoje trouxe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jul. 1892. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos; versos heptassílabos; rimas ABCCB/DEFFD/GHIIH/JLMML/NOPPO.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Completa hoje mais uma primavera a Exma. Sra. D. Idalina de Jesus Almeida, filha do Exm. Sr. Manuel Pinto de Almeida.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. Aspiração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jul. 1892. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Natureza
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alcindo Guanabara.

## Agosto

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. Guitarrilha de Satã. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos hexassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Desejo; visões.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Quental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. Serenata. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento; queda de uma estrela.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Qental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. O possesso. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; ambos apresentam versos decassílabos e possuem esquema rímico ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Satanismo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Anthero de Qental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta. Apresenta os dizeres: “Comentário às <i>Litanies de Satan</i> ”.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. Epigrama transcendental. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Coração; criação do universo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Qental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. Zara. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 6-7.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sonho; sentimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Qental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. Glosa camoniana (Na carteira de Eduardo Coimbra). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Um quarteto; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Busca da verdade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Quental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. A dor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º de ag. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe com seis versos; versos decassílabos; rimas ABCCBA.
<b>Tema</b>	Dor; tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Quental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. A casa do coração (No álbum da filha de João de Deus). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Três tercetos; versos heptassílabos; rimas ABB (com diferentes terminações em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Sentimentos (dor e prazer).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Quental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	QUENTAL, Antero de. Estâncias. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas (1ª estrofe) e emparelhadas (2ª estrofe).
<b>Tema</b>	Autoconhecimento
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em uma coluna intitulada “Versos inéditos de Antero de Quental”, que apresenta uma pequena antologia da obra do poeta.

<b>Referência</b>	PEREIRA, Artur Martins. PEREIRA, Francisco Martins. PEREIRA, Manuel Martins. Dorme, sobrinha querida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 ag. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida e sempre lembrada sobrinha Olga Martins Pereira (Falecida em 19 de agosto de 1891).

<b>Referência</b>	SANTOS, Maria Clara da Cunha. Augustosinho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 ag. 1892. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Serafina F. Vieira.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Alberto de. História de um átomo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 ag. 1892. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 89 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Átomo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Francisco Varela.

<b>Referência</b>	FIGUEIREDO, Aurélio de. Corcovado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 ag. 1892. p.2, 3-4.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes: a primeira apresenta cinco quartetos; a segunda, seis quartetos; a terceira, 14 quartetos; e a quarta, cinco quartetos versos. Todas as partes apresentam versos dodecassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O Corcovado.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alfredo Bastos

<b>Referência</b>	SEPOL. Teu coração mui sofre. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 ag. 1892. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 11 versos; versos hexassílabos; esquema rímico ABCDECDFGHG.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao caro S. P. Dias.

<b>Referência</b>	GAZETA! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos sem metrficação regular; rima ABAB/ABAB/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	A <i>Gazeta de Notícias</i>
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Rosa chá. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis estrofes de 11 versos; versos de oito, 10 e 12 sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma rosa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Natura. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 ag. 1892. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A cascata. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 set. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	22 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Natureza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Olavo Bilac.

<b>Referência</b>	MARQUES, Pedro. Bem como a estrela que no céu se oculta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1892. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Uma lágrima de saudade junto à sepultura da desventurada D. Maria Marcelina Bernardes.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Elisa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 set. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 136 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Uma jovem (Elisa).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Francisco R. Paz.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. J'ai lu, je tiens ouvert mes yeux ton poème. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 set. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 53 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Versos de Joaquim Nabuco.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Joaquim Nabuco (Sur ses vers à Epictète)

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Contigo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 set. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LISBOA, Santos. Neste dia tão festival. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 set. 1892. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Um mote de quatro versos e quatro estrofes de 10 versos; versos heptassílabos; rimas interpoladas (oito primeiros versos) e alternadas (os demais).
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema o seguinte excerto: “- Ora bons olhos o vejam; não sabe quanto é desejado. Meu poeta, diga-me o que traz por aqui?... – A razão é mui simples, minha querida, eu soube que V. Ex. fazia anos hoje e, em virtude do seu festejado e glorioso dia, venho oferecer-lhe um leque, como mimo de primavera, em um quadro de tão simples rimas. Eis aqui o MOTE (...)”.

<b>Referência</b>	N., J. Cantigas à camponesa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 set. 1892. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos. Os primeiros versos da 1ª estrofe são octossílabos; os da 2ª, eneassílabos; os da 3ª, hexassílabos; os demais versos são octossílabos. Rimass alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	J. C., J. Era um dia de festa em nosso lar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 set. 1892. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Aniversário; luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aniversário de Comba Carvalho.

<b>Referência</b>	ARVERS. Ma vie a son secret, mon âme a son mystère. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 set. 1892. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Amor platônico.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	A <i>Gazeta</i> declara que um leitor enviou o poema ao periódico, para que fosse publicado. Foram publicadas duas traduções do poema: uma juntamente à versão original e outra no dia 27 de setembro de 1892 (p.1, 5.col.).

## Outubro

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Flores vermelhas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 out. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito quintetos; alternância de versos dodecassílabos (1º, 3º e 4º versos) e octossílabos (2º e 5º versos) por todo o poema; rimas interpoladas nos quatro primeiros versos de cada estrofe.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DELFINO, Luiz. Ocasos (Levántinas). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 out. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/DCD
<b>Tema</b>	Sensações; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Canção do luar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 out. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	14 sextetos; versos heptassílabos (1º, 2º, 4º e 5º versos) e dissílabos (3º e 6º versos); rimas interpoladas (nos quatro primeiros versos de cada estrofe).
<b>Tema</b>	A lua.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Gomes Lima.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES, Afonso. O luar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 out. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	10 tercetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema retirado da obra <i>Salmos</i> .

<b>Referência</b>	MACUCO, Dionísio Mariano. No dia 20 de abril. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 out. 1892. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos heptassílabos e pentassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A meu filho.
<b>Observação</b>	O poema foi novamente publicado em 26 e 28 de outubro de 1892.

<b>Referência</b>	CUNHA MENDES. Noite de um pagão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 nov. 1892. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Desejos; noite.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Novembro

<b>Referência</b>	SILVA, Eleutério Alves Barbosa da. Tributo ao amor conjugal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1892. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha esposa Maria Marcelina Barbosa e Silva, falecida aos 23 de agosto de 1892.

<b>Referência</b>	ANDRETT, Carmen. Lágrimas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três sextetos; versos decassílabos e heptassílabos; rimas emparelhadas nos dois primeiros versos e no par formado pelo 4º e 5º versos.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Sobre o túmulo de Antonio Felix de Souza, dileto filho de minha amiga a Exma. Sra. D. Umbelina Félix de Souza (ausente).

<b>Referência</b>	WAMOSY, Afonso. Perdão... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Pedido de perdão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Ângelo.

<b>Referência</b>	REIS, Luiz dos. Antes de partir. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 nov. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	34 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos; diversas partes do mundo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Menezes Vieira.

<b>Referência</b>	FRANCO, Afrânio de Melo. A lagoa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 nov. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alberto de Oliveira.

<b>Referência</b>	ROID, Alpido Lopes. Lágrimas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 nov. 1892. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos e um sexteto; versos sem metrifcação regular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao túmulo de minha extremosa filha Edalvina Lopes Roid.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. No dia dos mortos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 nov. 1892. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos octossílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Dia dos mortos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Beijos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 nov. 1892. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um beijo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Ao mar bravio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 nov. 1892. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Desejos de uma noite.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAES, Afonso. Morte do coração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 nov. 1892. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema apresenta oito estrofes: a 1ª, a 3ª, a 5ª e a 7ª estrofes possuem seis versos e as demais, dois versos. Os versos da 1ª, da 3ª, da 5ª e da 7ª estrofes são octossílabos; os demais apresentam redondilhas menores e versos de três sílabas métricas. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Coração; fé; morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	“Das Arias e Rimances, terceiro livro dos <i>Salmos</i> .”

## Dezembro

Não foi registrada a publicação de poemas no mês de dezembro de 1892.

## 1893

### Janeiro

<b>Referência</b>	FONSECA, Adélia. Des'que deixaste para sempre a terra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1893. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha idolatrada filha.

<b>Referência</b>	ASSUNÇÃO, A. J. P. Salve o dia feliz do teu natal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1893. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BCCB/DED/EDE.
<b>Tema</b>	Natal
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Exma. Sra. D. Elvira Rosa Ferreira

<b>Referência</b>	MARQUES, Camila. Amizade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 jan. 1893. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos heptassílabos e octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Gratidão
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Ilmo. Sr. Tenente Eleutério Alves Barbosa e Silva.

<b>Referência</b>	UM SEU ADMIRADOR. Se de médico tem a aura merecida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 jan. 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hendecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Afeto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Oferecido e dedicado ao distinto médico e ilustrado cidadão Dr. Francisco de Paula e Souza Neves por ocasião da justa e merecida manifestação promovida por seus sinceros amigos.

<b>Referência</b>	NA madrugada do amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jan. 1893. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 11 versos; versos heptassílabos; sequência rímica ABBAACCDDCE
<b>Tema</b>	Beijo
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A XXXXX.

<b>Referência</b>	COUTINHO, Antônio. Juro, jurei, inda juro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 de jan. 1893. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Um octástico; versos irregulares; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Mulher amada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha amante.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Musa do tédio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jan. 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	30 quartetos; versos octossílabos e tetrassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Tédio, escolhas pessoais e amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Antônio A. Teixeira.

<b>Referência</b>	SILVA, Rodrigo Machado da. Saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jan. 1893. p.4, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos irregulares; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Fevereiro

<b>Referência</b>	FRANCO, César. Remorso. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 fev. 1893. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VESPÚCIO, Américo. Colombo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 fev. 1893. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD
<b>Tema</b>	Cristóvão Colombo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COMPLETA hoje seis meses. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 fev. 1893. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas..
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha cara esposa D. Adelaide Maria da Silva Randios.

<b>Referência</b>	SOLON, Osório. Qual flor da aurora que nascendo vem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 fev. 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao distinto Dr. Moreira da Silva.

## Março

<b>Referência</b>	VESPÚCIO, Américo. Ressentimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 mar. 1893. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Ressentimento
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALBERTO, Gustavo José. Quando Boreas surgindo furioso. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 mar. 1893. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Dr. Candido Barata Ribeiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Oferecido pelo professor Gustavo José Alberto ao distinto prefeito Dr. Candido Barata Ribeiro.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Festa no Rio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 mar. 1893. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Partida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Dante. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 mar. 1893. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	55 tercetos e uma estrofe de um verso; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Ida ao inferno.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alcântara Machado.

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Guarda e passa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 mar. 1893. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hendecassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Viagem
<b>Epígrafe</b>	" <i>Grato m'è'l sonno...</i> " (Miguel Ângelo)
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BRITO, Alfeu Antonio de. A revolução do Rio Grande. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 mar. 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro estrofes de 10 versos; versos heptassílabos; rimas alternadas (1º ao 4º verso), emparelhadas (5º e 6º versos) e interpoladas (os demais).
<b>Tema</b>	Revolução do Rio Grande
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Abril

<b>Referência</b>	DUPONCHEL, Paul. Triple Deuil. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 abr. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro octásticos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Mr. et Mme. Ramiz Galvão.

<b>Referência</b>	FRANCO, Afrânio de Melo. Epifania. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 abr. 1893. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Beleza de uma mulher
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Raimundo Correia

<b>Referência</b>	N. P., E. À morte de meu discípulo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 abr. 1893. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hendecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Benjamin de Saldanha Ramiz Galvão

<b>Referência</b>	REIS, Luiz dos. Tiradentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 abr. 1893. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CD/CD/CCD/CCD
<b>Tema</b>	Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PINHEIRO, Xavier. Tiradentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 de abr. 1893. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BABA/EEF/GGF.
<b>Tema</b>	Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier)
<b>Epígrafe</b>	“De geração em geração passando/ Nós iremos seu nome venerando Repetindo ao porvir...”  Medeiros e Albuquerque
<b>Dedicatória</b>	-

## Maio

<b>Referência</b>	S., A. Eu sei que completas mais um ano. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 maio 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos sem metrficação regular; rima ABCB/DEFE/GHG/HGH.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Aurélia Delorme Pelo seu aniversário natalício.

<b>Referência</b>	CAMARGO, Alfredo. Perdão! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 maio 1893. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Arrependimento
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	QUEM me dera, oh! meu Deus! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 maio 1893. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu pai M. G. Seu aniversário 10-5-93.

<b>Referência</b>	PEREIRA, S. B. Muito quisera n'est' hora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 maio 1893. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Um sexteto e um quarteto; versos sem metrficação regular; a primeira estrofe apresenta rimas alternadas (quatro primeiros versos) e emparelhadas (os demais); a segunda, rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao seu aniversário.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Gênese. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 maio 1893. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD
<b>Tema</b>	Criação do mundo
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BARBOSA, Antonia Mendes de Amorim. Faz hoje um ano que a morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 maio 1893. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu pranteado irmão José Mendes de Amorim – 1º aniversário de seu passamento.

## Junho

<b>Referência</b>	CUNHA MENDES. Desespero e esperança. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 jun. 1893. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	16 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema uma consideração feita sobre a obra <i>Lagos e pântanos</i> , de Cunha Mendes.

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Olhos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jun. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O olhar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	N. I., V. Segundo aniversário de seu passamento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jun. 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A meu pranteado irmão João Laurindo Morgan da Fonseca.

<b>Referência</b>	ATENDE amigo a voz do sentimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jun. 1893. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao digno e conceituado negociante desta praça Álvaro José da Costa, pelo seu feliz aniversário.

<b>Referência</b>	MATOS. Num conjunto repleto de flores. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jun. 1893. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu amigo e compadre João Baptista da Silva.

## Julho

<b>Referência</b>	REIS, Luiz dos. Remember. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jul. 1893. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	34 tercetos e um quarteto; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de meu irmão.

<b>Referência</b>	NAVARRO. O meu óbolo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jul. 1893. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Faz hoje anos a Exma. Sra. D. Corina Granjo, interessante e primorosa filha de meu prezadíssimo amigo o Sr. J. A. R. Granjo. As minhas sinceras felicitações aos extremosos pais e à querida filha.

<b>Referência</b>	C. N., L. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jul. 1893. p.3, 2.col.
<b>Título</b>	Foi impossível identificar o título.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor
<b>Epígrafe</b>	“Peço aos cardos me relevem mais uma fantasia”.
<b>Dedicatória</b>	A uma cantora-

<b>Referência</b>	ACTAM. Recitativos de Eulália. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jul. 1893. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos hendecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Agosto

<b>Referência</b>	VIANA, Olímpia. Qual contente passarinho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1893. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Virtudes de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Á minha vovó

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Os sinos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 ag. 1893. p.2, 5.col.
<b>Autor</b>	Julio Salusse
<b>Título</b>	Os sinos
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas e alternadas.
<b>Tema</b>	Soar dos sinos
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BRITO, Virgílio. Por entre as dobras da noite. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 ag. 1893. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao aniversário do ilustre cidadão Dr. Artur – Mui digno chefe da locomoção da R. F. do Rio do Ouro.

<b>Referência</b>	L., B. Aniversário em Cascadura. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 ag. 1893. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Completa hoje mais uma florida primavera a inteligente menina Conceição Gonçalves Ferreira, aliás Santinha. Aceite os meus parabéns e mais estes versinhos.

<b>Referência</b>	ANDRÉA, João. Esperança perdida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 ag. 1893. p.1, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	B. Eu quero que este nome. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 de ag. 1893. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 10 versos; versos heptassílabos; rimas interpoladas (oito primeiras estrofes) e alternadas (as demais).
<b>Tema</b>	Qualidades de Domingos de Góes e Vasconcellos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Dr. Domingos de Góes e Vasconcellos.

<b>Referência</b>	ALENCAR, Mário. Coração vazio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 ag. 1893. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos dodecassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Partida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VENHO ainda uma vez, pela terceira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 ag. 1893. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Valores de Domingos de Góes.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Ilustrado cirurgião Dr. Domingos de Góes.

## Setembro

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Extrema visio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 set. 1893. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A Lésbia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 set. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 16 versos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FRANCO, César. Piedosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 set. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos hexassílabos e um pentassílabo (no primeiro terceto); rima ABAB/ABAB/CDC/EDE
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Afonso. A cabeça do corvo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 set. 1893. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; os versos decassílabos são predominantes (há apenas três hexassílabos); rimas alternadas (1ª, 2ª e 4ª estrofes) e interpoladas (3ª e 5ª estrofes).
<b>Tema</b>	Um tinteiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	“Servindo de prólogo ao livro <i>Salmos</i> que se acha concluído – a publicar-se”.

<b>Referência</b>	LIMA, Antônio. Ave Maria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 set. 1893. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; entre versos eneassílabos (1º e 4º versos) e tetrassílabos (os demais); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Maria)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, Alfredo. Saudação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 set. 1893. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EEC.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao amigo Manuel Lopes de Carvalho, no dia do seu feliz aniversário.

## Outubro

<b>Referência</b>	CUNHA MENDES. O mergulhador. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 out. 1893. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema possui 25 estrofes, havendo entre elas a alternância entre estrofes de quatro, oito e dez versos. Há versos decassílabos e hexassílabos. As estrofes que contêm 10 versos apresentam rimas alternadas (quatro primeiros e quatro últimos versos) e emparelhadas (5º e 6º versos); as de oito versos, alternadas (quatro primeiros versos) e emparelhadas (os demais); e as de quatro versos, rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Mergulho em um abismo.
<b>Epígrafe</b>	
<b>Dedicatória</b>	.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES, Luiz. A uma virgem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 out. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete sextetos; versos heptassílabos; rimas emparelhadas (dois primeiros versos) e interpoladas (os demais).
<b>Tema</b>	Uma mulher virgem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES, Luiz. Epitáfio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 out. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher e o amor por ela sentido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A caveira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1893. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma caveira.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Ezequiel Ramos Junior.

## Novembro

<b>Referência</b>	SILVA, Rodrigo Machado da. Saudade eterna. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1893. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; métrica irregular; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Finados
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Tête à Tête. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 de nov. 1893. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos hendecassílabos e octossílabos; rimas alternadas (1 <sup>a</sup> , 4 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> , 9 <sup>a</sup> e 10 <sup>a</sup> ) e interpoladas (as demais).
<b>Tema</b>	Um encontro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALBUQUERQUE, Epaminondas de. Íntimo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 nov. 1893. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. A condessa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 nov. 1893. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro sonetos sob a mesma epígrafe; versos decassílabos. O primeiro e o segundo soneto apresentam sequência rímica ABBA/BAAB/CCD/EED; o terceiro soneto, ABBA/ABBA/CDE/CDE; o último, ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher (uma condessa).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	NAVARRO, Modesto. Nas altivas montanhas mineiras. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 nov. 1893. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Minas Gerais
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	TALLBYRAND-PÉRIGORD, Maurice de. Mysotis. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 nov. 1893. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Visitas da esquadra russa a Toulon.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema a seguinte nota, sob o título de “Festas franco-russas”: “Mme. Adam pediu ao Sr. Tallbyrand-Périgord, duque de Dino, algumas estrofes sobre a visita da esquadra russa a Toulon. Eis os belos versos do poeta francês (...)”.

<b>Referência</b>	CORREIA, Raimundo. Aqui outrora retumbaram hinos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 nov. 1893. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O passado; um lugar abandonado.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALTIVO. Tuas faces são como as rosas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 nov. 1893. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco sextetos; versos heptassílabos; estrutura rímica AABCCB (porém, com terminações diferenciadas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Mariquinhas.

<b>Referência</b>	UM BRASILEIRO. De Cabral a querida predileta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 nov. 1893. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD
<b>Tema</b>	Floriano Peixoto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao marechal Floriano Peixoto.

## DEZEMBRO

O mês de dezembro não consta dos microfilmes referentes ao ano de 1893.

1894

## Janeiro

<b>Referência</b>	LOPES, B. Parasol. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 jan. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um parasol.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Os poemas de B. Lopes foram publicados em uma coluna própria, intitulada “Rimas”.

<b>Referência</b>	ROLIM, Zalina. Escuta, coração! Urna do afeto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 jan. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado na coluna “Crônica Livre”, assinada por O. B.

<b>Referência</b>	ROLIM, Zalina. Contemplo os céus; na amplidão serena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 jan. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	O crepúsculo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado na coluna “Crônica Livre”, assinada por O. B.

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Núpcias. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jan. 1894. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um casamento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur Barroca.

<b>Referência</b>	AZEVEDO SOBRINHO, Álvares de. Violino. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jan. 1894. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A mulher amada; um violino.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Foi publicada uma reprodução da imagem de Álvares de Azevedo Sobrinho: “Demos hoje o retrato de Álvares de Azevedo Sobrinho, o poeta das <i>Boas Festas</i> , e uma das poesias desse lindo volume, o VIOLINO”.

<b>Referência</b>	REGO, Maria da Gloria Rodrigues. Perdi meu marido, que amargura. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jan. 1894. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Dois sextetos e três quartetos; versos heptassílabos (exceto o primeiro verso de primeira estrofe e o terceiro verso da terceira estrofe, que são eneassílabos); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A meu marido Evaristo Rodrigues do Rego.

<b>Referência</b>	GOMES, Ana Carolina. Dorme em paz querido genro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jan. 1894. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos e um quinteto; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A meu genro Evaristo Rodrigues do Rego.

<b>Referência</b>	PEREIRA, Benevenuto. Ida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 jan. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; esquema rímico: ABBA/BAAB/CDE/FGE.
<b>Tema</b>	Um ser que parte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Ferreira Araújo.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Tiro às pombas (da “Comédia Elegante”). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 jan. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Estrofes de um, dois, quatro, cinco, seis, sete e nove versos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Passeio com uma condessa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Antecede o poema um anúncio de que B. Lopes passaria a publicar uma seção semanal em verso na <i>Gazeta</i> .

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. O sonho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jan. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um sonho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Auto Fortes.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Aqui. Armemos a tenda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jan. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DA mais bela e primorosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jan. 1894. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Dois sextetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A imprensa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Inserido em uma notícia sobre o aniversário do Clube dos Democratas.

<b>Referência</b>	ROLIM, Zalina. Um coração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jan. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 24 versos; versos dodecassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em "Coração".

<b>Referência</b>	VIEIRA, Adelina A. Lopes. Num livro antigo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jan. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Impressionistas (VII). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jan. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROSAS, Oscar. Profeta árabe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jan. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um profeta árabe
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Canicular. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jan. 1894. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Descanso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Sólero Pomba; que gracia! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jan. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	17 quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Benevenuto. Asas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 jan. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O inverno; tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Fevereiro

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Ode triunfal <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 fev. 1894. p.1, 6-7.col.
<b>Forma</b>	Poema dividido em quatro partes: a primeira possui 29 versos; a segunda, 48 versos; a terceira, 32 versos e a quarta, 69 versos. Versos decassílabos e hexassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Ontem, ao baile, quando todos viam. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 fev. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Estrofes de um, quatro, cinco, seis e sete versos; versos hexassílabos e decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um baile.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Carmem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 fev. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Carmem).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	De “Varandim das estrelas”.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Foi uma tarde do diabo! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 fev. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	15 quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	J., A Prece atendida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 fev. 1894. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma prece atendida (a do amor de uma mulher).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Oferecido a Exma. Sra. D...

<b>Referência</b>	ERNESTO JR., Bento. Velhice. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 fev. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A velhice.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Habita a inglesa um sítio de recreio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 fev. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher (a “inglesa”).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	M., C. C. Uma saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 fev. 1894. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao inocente anjinho Valdemir – Oferecida ao seu digno pai Dr. Manso Galvão.

<b>Referência</b>	PEDERNEIRAS, Mário. Miss Taylor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 fev. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em duas partes. Ambas apresentam seis quartetos, cujos versos são decassílabos e hexassílabos e as rimas são alternadas.
<b>Tema</b>	Miss Taylor (uma inglesa aristocrata)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Benevenuto. Rimas velhas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 fev. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma mulher,
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Bráulio S. Araújo.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Borboletas, borboletas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 fev. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Nove octásticos; versos heptassílabos; alternância de rimas alternadas e interpoladas.
<b>Tema</b>	Natureza; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Eu nada disse, nem pedi, nem quero. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 fev. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em três partes: a primeira possui 12 versos, a segunda, 22 versos, e a terceira, 18 versos. Exceto os dois últimos versos da terceira parte, que possuem duas e três sílabas métricas, há a alternância de versos decassílabos e hexassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Gonçalves Pamplona.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Em viagem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 fev. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro estrofes: a primeira contém seis versos; a segunda e quarta, um verso; a terceira estrofe possui 18 versos. Versos dodecassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma viagem; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

### Março

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Introdução. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 mar. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; cada estrofe é composta de três versos dodecassílabos e um verso hexassílabo; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A cor da nevrose.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	De <i>Nevrose azul</i> .

<b>Referência</b>	LOPES, B. Minha pálida senhora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 mar. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	17 quartetos; versos heptassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	RABELO, Pedro. Rompimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 mar. 1894. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Antecede o poema uma consideração sobre a <i>Ópera lírica</i> , livro de Pedro Rabelo.

<b>Referência</b>	COELHO, Carlos. Carmem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 mar. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de seis estrofes; as duas primeiras e as duas últimas são tercetos e as demais são quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Carmem); sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES. B. Espadim de Romeu feito em Verona. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 mar. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Romeu e Julieta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MAGNÓLIA. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 mar. 1894. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/CDCD/EEF/GGF.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “O coração”, assinada por Magalhães de Azeredo.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Amórfala. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 mar. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma flor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Magnífica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 mar. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COELHO, Sinfônio Olímpio Álvares. Saudade e fé. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 mar. 1894. p.1, 8.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes: I – Seis tercetos; versos decassílabos (1º, 2º, 4º e 5º versos) e hexassílabos; rimas alternadas. II – Dois sextetos; versos heptassílabos; esquema rímico AABCCD/EEFGGF. III – Seis sextetos; versos heptassílabos; rimas emparelhadas. IV – Um sexteto e um quarteto (cuja imagem está danificada, o que impediu a análise da estrofe); versos decassílabos e hexassílabos.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	Cada parte do poema possui uma epígrafe: I – “Murchou na terra e foi abrir no Empírio”. – Álvares de Azevedo. II – “Com o pensamento dirigido para a idéia do infinito, e o coração posto na esperança da imortalidade”. – Castelar III – “O pranto que nós choramos Por quem morre, é um troféu Que pode existir esplêndido

	Na esplendidez lá do céu”. IV – “Acredito em Deus e numa visão de Deus noutro mundo melhor”.
<b>Dedicatória</b>	Ao Exm. Sr. Desembargador Antonio Joaquim de Macedo Soares.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Eu vivo como a criança. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 mar. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de três partes. Todas possuem seis quartetos, versos heptassílabos e rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sentimentos; uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Abril

<b>Referência</b>	LOPES, B. Peneirando chuva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 abr. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema possui sete estrofes: a 1ª e a 2ª possuem cinco versos, versos heptassílabos e rimas alternadas; a 3ª possui seis versos, versos heptassílabos e rimas alternadas; a 4ª possui oito versos, versos heptassílabos e esquema rímico ABCCBBD. A 5ª e a 6ª estrofe possuem seis versos, versos hexassílabos e rimas alternadas. A 7ª estrofe possui um verso, que é hexassílabo.
<b>Tema</b>	Sentimentos humanos que se refletem na natureza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ADEUS, ídolo belo, adeus querido. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 abr. 1894. p.1, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Um adeus.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., A. O crime ideal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 abr. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/FGE.
<b>Tema</b>	Rompimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Impressionistas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 abr. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe. O 1º possui versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CDC/EDE; o segundo possui versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um par.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEDERNEIRAS, Mário. D’Espanha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 abr. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes, que possuem formas diversas, apresentando versos decassílabos e hexassílabos e rimas alternadas, em sua maioria.
<b>Tema</b>	Uma mulher espanhola.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Varandim das estrelas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe: o primeiro possui versos decassílabos e rimas ABBA/ABBA/CCD/EED; o segundo é constituído de versos decassílabos e esquema rímico ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Os dotes de duas mulheres.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Rosa Méryss e Bellegrandi.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Sórora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 abr. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; versos dodecassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma freira.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Mário de Alencar.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Ensombra a porta e as laterais janelas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 abr. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/DCD e ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher em sua casa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. O brasão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 abr. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos dodecassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Um brasão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Leopoldo de Freitas.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Oferenda <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 abr. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis sextetos; versos decassílabos e octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma oferenda a uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Varandim de estrelas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 abr. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe: o primeiro possui versos decassílabos e rimas ABBA/ABB/CCD/EED. O segundo possui versos decassílabos e rimas ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Duas mulheres.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Baronesa e Miss Alma.

## Maio

<b>Referência</b>	UM SEU RESPEITADOR. Zica! Queiras aceitar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 de maio 1894. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; exceto o primeiro verso, que é heptassílabo, todos os versos são octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Sra. D. Josefina de O. Natal.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Estranho aspecto, o desta flor! Creoula. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 de maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Cubana.

<b>Referência</b>	LOPES, B. A carne em flor, carne insolente e herege. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 de maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Lolita.

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Nero. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 maio 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O imperador romano Nero.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PERDERNEIRAS, Mário. Laura. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 maio 1894. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de uma estrofe de 12 versos e dois octásticos. A 1ª estrofe possui versos decassílabos, sendo apenas o 5º e o 12º hexassílabos; as rimas são alternadas. A 2ª e a 3ª estrofe possuem as mesmas características da primeira.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Laura).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Na China... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 maio 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A China.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Estatuária do amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dez octásticos há a alternância de versos dodecassílabos e octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma estátua.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Rodolfo Bernardeli.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Por este inverno, que é de risos e algo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	31 quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	O inverno.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	“Aos originais e belos artistas da minha rocha, aos meus amigos e companheiros de <i>Cabaret</i> , esta página desmaiada e frágil”.

<b>Referência</b>	SALES, Antonio. O Gil. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 maio 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/BABA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Um menino (Gil).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALES, Antonio. Resposta a um pessimista. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Prudente de Moraes
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SOUZA, Flávio. Depois da culpa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 maio 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 maio 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três sonetos sob a mesma epígrafe; todos possuem versos decassílabos. O 1º possui esquema rímico ABBA/ABBA/CDE/CDE; o 2º, ABAB/ABAB/CCD/EE; o 3º, ABCA/ABCA/DED/FEF.
<b>Tema</b>	Charmion e o Egito.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	De <i>Nevrose Azul</i> .

<b>Referência</b>	LOPES, B. Maio chegou – sursum corda! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 maio 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	O mês de maio.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	“Presente de Anos”.

<b>Referência</b>	LIMA, Afonso. Regina. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Regina).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A predica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete estrofes. A 1ª possui quatro versos; a 2ª, 16; a 3ª, oito ; a 4ª, 60 versos; a 5ª, 12; a 6ª, 26 ; a 7ª, 25 versos. Versos dodecassílabos. Rimadas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A memória veneranda de D. Antonio de Macedo Costa.

<b>Referência</b>	LEÃO XIII. A morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 maio 1894. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Seis dísticos; versos decassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Religiosidade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em “Poesia de Leão XII”, juntamente com sua versão original, em italiano (“La morte”).

<b>Referência</b>	LOPES, B. Para dormir em teu colo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 maio 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis octásticos. Versos heptassílabos. Esquema rímico ABAAABAB (porém, com diferentes terminações).
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	Z, F. L. Ariem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 maio 1894. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos hexassílabos, heptassílabos, octossílabos e eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Junho

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Alma inquieta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 jun. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Duas estrofes: a primeira possui 26 versos, versos dodecassílabos e rimas emparelhadas; a segunda contém 12 versos, versos dodecassílabos e rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Procelárias</i> .

<b>Referência</b>	LOPES, B. Impressionistas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 jun. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos. Versos decassílabos. Esquema rímico ABBA/BCCB/DDE/FFE e ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um lugar no campo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. O gato. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jun. 1894. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos octossílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Amor; um gato.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Agenor de Roure.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Da escura dor que esta paixão conquista. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 jun. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor; uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A esse cuja cabecinha elegante e nobre anda, por muito, cheia de sonhos, de loucuras e de pecado.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Velhice de Don Juan. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jun. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes: a 1ª é composta de 10 tercetos, versos dodecassílabos e rimas alternadas. A 2ª possui seis tercetos, versos dodecassílabos e rimas alternadas. A 3ª contém 27 tercetos, versos dodecassílabos e rimas alternadas. E a 4ª possui dois tercetos e o número de versos e esquema rímico igual ao das demais.
<b>Tema</b>	Dom Juan.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Raimundo Correia.

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Cartas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jun. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Carta de amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	De <i>Nevrose azul</i> .

<b>Referência</b>	SAMPAIO, Antonio. Discutam entre si as rosas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jun. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	O poema possui oito quartetos: os quatro primeiros e o último possuem versos octossílabos; os demais possuem versos decassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (D. Maria do Carmo O. P.)
<b>Epígrafe</b>	“O Senhor nas faces dela Quis a prova lançar da Onipotência”. <span style="float: right;">João de Lemos.</span>
<b>Dedicatória</b>	Exma. Sra. D. Maria do Carmo O. P.

<b>Referência</b>	LOPES, B. E tu não voltas, corça foragida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 jun. 1894. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um lugar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Trago-te agora, em trêmulo debuxo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 jun. 1894. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	Um lar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEDERNEIRAS, Mário. Job. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 jun. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Satã.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Baladas românticas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jun. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes (“Branca...”, “Azul...”, “Verde...” e “Negra...”). Todas possuem três octásticos e um quarteto. Versos octossílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. História singular. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jun. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Nove sonetos sob a mesma epígrafe (todos possuem versos octossílabos). Rimas: 1º - ABBA/ABBA/CDC/EDE. 2º - ABAB/ABAB/CCD/EED. 3º - ABAB/ABAB/CDE/CDE. 4º - ABAB/ABAB/CCD/EED 5º - ABBA/ABBA/CDC/DCD 6º - ABBA/ABBA/CDE/ECE 7º - ABBA/ABBA/CDE/CDE 8º - ABBA/ABBA/CDE/CDE 9º - ABAB/ABAB/CCD/EED
<b>Tema</b>	A paixão por uma condessa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Um dos sonetos apresenta a dedicatória “Ao leitor”.
<b>Observação</b>	De <i>Nevrose Azul</i> .

<b>Referência</b>	ALENCAR, Mário de. Bênçãos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jun. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos; versos octossílabos; rimas ABAAB (com terminações diversas).
<b>Tema</b>	O ser amado.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, A. Os mimosos da sorte que te ofertem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jun. 1894. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao aniversário natalício do popular e ativo negociante brasileiro João Batista da Silva.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Ao chá. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um chá com uma baronesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Duelo excêntrico. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma condessa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. O vinho do amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jun. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O vinho do amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Mário de Alencar.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Baladas nostálgicas <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jun. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes, intituladas “Pranto”, “Saudade”, “Ciúme” e “Esperança”. Todas possuem três estrofes com oito versos e um quarteto, versos octossílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Julho

<b>Referência</b>	LOPES, B. Manarezzi. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Silbon. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALENCAR, Mário de. Sim e não. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 jul. 1894. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	11 sextetos; versos heptassílabos (exceto o 3º e o 6º de cada estrofe, que possuem quatro sílabas métricas); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Dão para o golfo as duas janelinhas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jul. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um chalé e uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Tem a sua cabana entre os hábitos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jul. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma aldeia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Lacrimatório. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis sonetos sob a mesma epígrafe (todos possuem versos dodecassílabos). Rimas: 1. ABAB/ABAB/CCD/EDE. 2. ABAB/CBCB/DDE/FFE. 3. ABAB/ ABAB/CDC/EDE. 4. Há uma mancha que encobre os versos. 5. ABBA/ABBA/CCD/EED. 6. ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Ferreira de Araújo.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Minha franzina e pálida senhora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jul. 1894. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O sofrimento de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Versos pediste-me. Possam eles levar ao teu seio o bálsamo que precisas.

<b>Referência</b>	SALUSSE, Julio. Ruínas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Três octásticos e um quarteto; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Fosse o meu verso um escopo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Epígrafe</b>	“Ide, pregai a espíritos delicados o evangelho da Rima, da Elegância e da Graça, deixai que os estultos vos apedrejem... É este o caminho, ide-o e eu Serei convosco”.
<b>Dedicatória</b>	Aos que de mim partem.

<b>Referência</b>	ALENCAR, Mário de. Dúvida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	14 quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Magalhães de Azeredo.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Risos macabros. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um riso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Araripe Junior.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Lágrimas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jul. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe: ambos possuem versos decassílabos e esquema rímico ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Lágrimas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

### Agosto

<b>Referência</b>	LOPES, B. Antonica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/BACB/DED/FEF.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Este poema, assim como os dois próximos sonetos, foi publicado na coluna “Rimas”. Precede as publicações a seguinte consideração assinada por B. Lopes: “Vamos, minha saudade. Folheemos este ‘Álbum’. Alguns semblantes escurecem com o tempo; muitos não os soube retratar na angelitude dos quinze anos a pena inábil que para aqui os trouxe”.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Anah. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/BABA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Donga. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MUSSET, Alfred de. Lembra-te. Tradução de Magalhães de Azeredo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 ag. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três nonas; alternância de versos decassílabos, dodecassílabos, hexassílabos e trissílabos. Rimas alternadas (quatro primeiros versos) e emparelhadas (do 5º ao 8º verso).
<b>Tema</b>	Lembranças de uma separação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução do poema “Rappelle-toi”, publicado em 1842.

<b>Referência</b>	SEU AMIGO G. F. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 ag. 1894. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Armando Martins Viana.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Anjinha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 ag. 1894. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/CDCD/CCE/FFE.
<b>Tema</b>	Uma jovem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Dudu. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 ag. 1894. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um jovem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Baby. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 ag. 1894. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/CDDC/EFE/EFE.
<b>Tema</b>	Uma menina.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Madame. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/CBCB/DDE/FFE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Sinhá. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Nhãnhã. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Noite de inverno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 ag. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	12 sextetos; versos hexassílabos e decassílabos; rimas misturadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Mana. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma jovem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Lulu. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Paceira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma menina.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	LOPES, B. Todo o ardor andaluz vibra e sacode. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/ECE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Sofia Campos.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Surge; deslumbra a olímpica amazona. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decaassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Rosita de la Plata.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Versos dolorosos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 set. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	19 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	“Qui sine paccato est vestrum, primus in filam Tapidem mittat”. Evang. São João, VIII, 7.
<b>Dedicatória</b>	A M.*** C.***

<b>Referência</b>	LOPES, B. Visão decadente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 set. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Um semblante.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Ferreira de Araújo.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Manhã de esporte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 set. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um cavalgar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Coelho Lisboa.

<b>Referência</b>	ALBUQUERQUE, Ricardo de. Preconceito. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 set. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Trata-se de um soneto, porém há uma mancha que impossibilita a leitura das duas primeiras estrofes. Versos decassílabos.
<b>Tema</b>	O preconceito humano.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MACHADO, Eduardo. Cair da noite. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 set. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O cair da noite.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Afonso Celso Junior.

<b>Referência</b>	MACHADO, Eduardo. Noivado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 set. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um noivado.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Outubro

<b>Referência</b>	PIRES, Áurea. Na floresta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 out. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma floresta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VIANA, Ulisses. O sonho de Cleópatra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 out. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos. Versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Cleópatra.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Coelho Neto.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Paisagem polar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 out. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um ambiente polar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COSTA, Cláudio Manuel da. As moles asas a bater começa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 out. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Salício.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o soneto uma consideração que afirma ser ele inédito.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Mal moderno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 out. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	“Nihil novi sub sole?”.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	JUNIOR, P. Se a vida é cheia de lutas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 out. 1894. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Anita.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Anita (gentil filhinha do Sr. Antonio Antístenes de Macedo).

<b>Referência</b>	HEREDIA, José Maria de. A morte de águia. Tradução de Cunha Mendes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 out. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDE/CDE..
<b>Tema</b>	Uma ave e sua morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VOGELER, Henrique. Dido. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 out. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABAB/ABAB/EFA/EFA.
<b>Tema</b>	Uma rainha (Dido).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SARMENTO, Ulisses. A flauta de Pan. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 out. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe. Ambos possuem versos decassílabos e rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Pan.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur Azevedo.

## Novembro

<b>Referência</b>	PESSOA, FROTA. Esfinge. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1 nov. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor; uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A ti.

<b>Referência</b>	BRAGA, Paulo de Campos. Pensavas que teu afilhado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1 nov. 1894. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos (exceto o 1º da 1ª estrofe, que é octossílabo); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu prezado padrinho Manuel Pinto Ferreira, hoje dia do seu aniversário natalício.

<b>Referência</b>	PESSOA, FROTA. O teu olhar... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 nov. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Um olhar; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A ti.

<b>Referência</b>	MACHADO, Eduardo. Agonizante. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, nov. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O sofrimento de Jesus Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VIEIRA, Damasceno. Irrompera a invasão. Na plaga uruguaiana. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 nov. 1894. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	14 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O general Osório.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Epitácio ao herói rio-grandense General Osório.

<b>Referência</b>	CABRAL, Ulisses. Dia indigente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 nov. 1894. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	11 tercetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O general Osório.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. As viagens. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 nov. 1894. p.1, 6-7.col.
<b>Forma</b>	11 sonetos sob a mesma epígrafe; todos possuem versos dodecassílabos e esquema rímico ABBA/BAAB/CDC/EFE.
<b>Tema</b>	Diversas localidades.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Ferreira Araújo, amigo e mestre, são dedicados estes pequenos estudos de história.

<b>Referência</b>	REBELO JR., Castro. Erguei-lhe a estátua! que avulte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 nov. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Estátua de José de Alencar
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado juntamente a uma nota sobre um concerto em benefício de uma estátua de José de Alencar.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Só. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 nov. 1894. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O general Osório.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Daniel de Queiroz.

## Dezembro

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. A noite do tédio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 dez. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Tédio; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Tibúrcio de Freitas.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Comiseração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 dez. 1894. p.2, 5. col.
<b>Forma</b>	19 dísticos (que são uma espécie de refrão, já que se repetem) e de seis versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Aleluia, Aleluia!... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 dez. 1894. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A “estrela dos Alpes”.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A essa linda mulher, fidalga e soberana, que traz submissos e deslumbrados os poetas, os príncipes e os pastores.
<b>Observação</b>	Não está publicado na coluna “Rimas”.

<b>Referência</b>	MENEZES, Francisco Barreto de. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 dez. 1894. p.4, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao amigo, colega e patrício José Pacífico da Silva.

<b>Referência</b>	ROLIM, Zalina. Rústicas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 dez. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; versos dodecassílabos. Esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um ambiente campesino.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Olavo Bilac.

<b>Referência</b>	CORREIA, F. Raimundo. Positivismo em versos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 dez. 1894. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro estrofes: a 1ª e a 4ª possuem cinco versos; a 2ª possui sete versos e a 3ª, dois versos. Versos octossílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Maria).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Pela anistia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 dez. 1894. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Anistia a alguns brasileiros.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Medeiros de Albuquerque.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Estoicismo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 dez. 1894. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Coragem
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

1895

Janeiro

<b>Referência</b>	FONSECA, Adélia. Ainda um ano, filha, hoje se esco. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1 jan. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha idolatrada filha.

<b>Referência</b>	SALES, Antonio. De viagem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jan. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma viagem; sentimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Precede o poema um anúncio do livro <i>Trovas do Norte</i> , de Antonio Sales, que era membro da <i>Padaria Espiritual</i> .

<b>Referência</b>	PINTO, Francisca da Fonseca. Adalgisa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jan. 1895. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos e um dístico (2ª estrofe); versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PINTO, Francisca da Fonseca. Adalgisa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jan. 1895. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Exótica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jan. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Flávio Roma.

<b>Referência</b>	CABRAL, Carlos V. Parabéns. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jan. 1895. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Três sextetos; versos octossílabos; rimas misturadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aniversário da Exma. Sra. D. Sarah Amélia dos Santos Costa.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. No grande dia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jan. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos dodecassílabos e octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um olhar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MAGALHÃES DE AZEREDO. Cleópatra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jan. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Cleópatra.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carlos Dias.

<b>Referência</b>	MAGALHÃES DE AZEREDO. Trenós. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jan. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em duas partes: a 1ª possui 18 tercetos e uma estrofe de um verso; versos decassílabos e rimas alternadas. A 2ª parte possui 20 tercetos e uma estrofe de um verso, versos decassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O poeta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carvalho Mourão.

<b>Referência</b>	MESQUITA, Luiz. Eva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 jan. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Eva).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Fevereiro

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Despedida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 fev. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Dona Luiza é pálida. Parece. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 fev. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Dona Luiza).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FONSECA, Adélia. Bonaparte – o planeta soberano. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 fev. 1895. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	O general Carneiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória do general Carneiro.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A não. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 fev. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro estrofes: a 1ª é um sexteto; a 2ª, oito versos; a 3ª, 12 versos; e a 4ª, seis versos. Versos dodecassílabos e rimas emparelhadas (em todas as estrofes).
<b>Tema</b>	Um ser (a “Não”).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Rústicas e Marinhas</i> .

<b>Referência</b>	SEUS NETOS. Embora entre meu pai e vós se impunha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 fev. 1895. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao aniversário de seu estimadíssimo avô o Sr. Floriano Alves da Costa, em 22 de fevereiro de 1895.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Matinal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 fev. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis nonas; versos decassílabos e octossílabos; rimas alternadas (cinco primeiros versos) e interpoladas (quatro últimos versos).
<b>Tema</b>	Sentimentos; uma manhã.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Rústicas e Marinhas</i> .

<b>Referência</b>	LOPES, B. Na Escócia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 fev. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Mlle. Izabel Imbuzeiro.

## Março

<b>Referência</b>	MAGALHÃES DE AZEREDO. Rimas de Gustavo Becquer (do espanhol). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 mar. 1895. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema possui 10 quartetos; os quatro primeiros e o 9º são constituídos apenas de versos decassílabos; o 5º, 6º, 7º e 8º possuem versos decassílabos e octossílabos; o 10º quarteto possui três versos decassílabos e um hexassílabo; rimas emparelhadas (1ª, 2ª e 6ª estrofes) e alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MAGALHÃES DE AZEREDO. Duas impressões. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 mar. 1895. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema divide-se em duas partes, e ambas constituem-se de três quartetos, versos heptassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LISLE, Leconte de. Solvet Seclum. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 mar. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema possui uma estrofe de um verso e uma estrofe de 25 versos. Versos constituídos de 13 sílabas métricas; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Horrores diversos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Excelsior. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 mar. 1895. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A estrelada memória da baronesa de M***, por quem tanto sangraram-me versos e coração...

<b>Referência</b>	MORAES, Joaquim Antônio de. Não temas da perfídia o tredo bote. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 mar. 1895. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro estrofes, formando um acróstico com o nome Nicolau da Costa Mattos; versos decassílabos, octossílabos e eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As qualidades de Nicolau da Costa Mattos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao ilustre tenente-coronel Nicolau da Costa Mattos.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Helianto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 mar. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Eugênio de Magalhães.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Versos... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 mar. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema é constituído de três estrofes: a 1ª possui sete versos; a 2ª, quatro versos; e a 3ª é um dístico. Versos heptassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Lágrimas de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	NOGUEIRA, Constantino. Quando eu passando a sombria casa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 mar. 1895. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto. Exceto o 1º verso do 2º quarteto, o poema possui versos decassílabos; rimas ABAB/CDCD/EFG/EFG.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Memória de meu amigo Antonio Joaquim Pereira da Silva.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Nosso pai. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 mar. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	11 sextetos. Os cinco primeiros versos de cada sexteto possuem nove sílabas métricas, e o sexto, quatro sílabas métricas. Rimas misturadas.
<b>Tema</b>	O calvário de Jesus Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Para que minha mãe aceite e leia as Outras.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Pela primeira vez. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 mar. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto. Nos dois quartetos, o 1º e o 3º versos são dodecassílabos, o 2º possui nove sílabas métricas e o 4º é decassílabo. O 1º verso do 1º terceto é dodecassílabo, o 2º, hexassílabo, e o 3º possui versos decassílabos. O 1º verso do 2º terceto é dodecassílabo, o 2º é octossílabo e o 3º possui versos decassílabos. Rimas ABAB/ABAB/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	A dor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MELO, Maria do Carmo Neves e. Anhelo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 mar. 1895. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	A***. Nasce da flor o perfume. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 mar. 1895. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro quartetos. Exceto os dois primeiros versos do 3º quarteto, que são octossílabos, e o 2º e o 3º versos do último quarteto, que são hexassílabos, todos os versos são heptassílabos. Rimadas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Exma. Sra. D. Leonídia de Oliveira Porto pelo seu feliz aniversário em o dia 31 de março de 1895.

## Abril

<b>Referência</b>	GÓES, Carlos Fernandes. Calvário. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 abr. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema possui três estrofes de 12 versos; versos dodecassílabos; rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	A paixão de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., J. Dama dos meus encantos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 abr. 1895. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	O poema possui duas estrofes de 18 versos. Versos hexassílabos, heptassílabos e decassílabos. Rimadas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Lúcia) e o amor por ela sentido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A L. W.

<b>Referência</b>	MACHADO DE ASSIS. Soneto circular. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 abr. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EFE.
<b>Tema</b>	Amizade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SANTO, Vital do Espírito. Tiradentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 abr. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Tiradentes
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	L., C. Z. No rigoroso frio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25abr. 1895. p.4, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos hexassílabos, heptassílabos, octossílabos, eneassílabos e decassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Vingança.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MURAT, Luís. Longe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 abr. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado em um texto, sobre Luís Murat, assinado por Fantasio, pseudônimo de Olavo Bilac.

<b>Referência</b>	SEU FU... Não foi: perdura plácido. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 abr. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis heptetos; versos hexassílabos e heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória do Dr. João Tosta da Silva Nunes.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Meio-dia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 abr. 1895. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	12 heptetos. Os seis primeiros versos de cada estrofe possuem nove sílabas métricas; o 7º, duas sílabas métricas. Rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Infância; a luz do meio-dia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	...versos simplórios, escritos lá longe! pela páscoa, só sorrir carinhoso de minha mulher, de meus filhos, entre árvores, memórias de meu irmão Antônio...

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Marinha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 abr. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma paisagem, o mar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Otávio Mendes

## Maio

<b>Referência</b>	CRUZ, Azevedo. Mors Sancta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º de maio 1895. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	10 quintetos; versos eneassílabos; são interpoladas as rimas dos quatro últimos versos de cada estrofe.
<b>Tema</b>	A morte de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	RAMOS, Eduardo. Em Caxambu (páginas da minha carteira de lembranças).. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 maio 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	39 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Natureza; um segredo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	M., M. A. Anjo eu quero a tua luz <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 maio 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Minha mãe.

<b>Referência</b>	SARMENTO, Ulisses. Paisagem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 maio 1895. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma paisagem desértica.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. De Paeton. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Preces. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 maio 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos eneassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Preces emitidas pela amada do eu-lírico.
<b>Epígrafe</b>	“Ora por mim!”.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FILHO, Avelar. A lágrima. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 maio 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma lágrima derramada pelo eu-lírico.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREZ, Manuel das Mercês. Adeus, alma minha, infeliz querida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 maio 1895. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos, hendecassílabos e dodecassílabos; rimas ABBA/ACCD/EFE/EEF.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha falecida mulher D. Ana Francisca de Queiroz Perez.

<b>Referência</b>	CAVALCANTE, Epaminondas. Como um astro ao tombar no horizonte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 maio 1895. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis sextetos; versos decassílabos; rimas misturadas.
<b>Tema</b>	Saldanha Marinho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Saldanha Marinho.

## Junho

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Stella matutina. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jun. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	A imagem de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SUA MADRINHA. Carmem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jun. 1895. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Um quarteto e um sexteto; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CARVALHO, Rodrigues de. Em devaneio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 jun. 1895. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/CDDC/EEF/DDF.
<b>Tema</b>	Um devaneio; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MATOS, J. C. Hosana. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jun. 1895. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Deus.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Álvaro Guimarães.

## Julho

<b>Referência</b>	RAMOS, Eduardo. Como é pequena a história dos grandes ódios. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 jul. 1895. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema possui 13 estrofes: 11 sextetos, um octástico e um quarteto. Versos de metrificação variada. Rimadas alternadas.
<b>Tema</b>	Lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A rainha morta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 jul. 1895. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro partes: 1ª – três quintetos; versos dodecassílabos (porém, cada estrofe possui um verso octossílabo); rimas alternadas. 2ª – Três quintetos; a 1ª e a 3ª estrofe possuem três versos dodecassílabos e dois octossílabos, e a 2ª estrofe possui quatro versos dodecassílabos e um octossílabo; rimas alternadas. 3ª – Cinco quintetos; versos dodecassílabos (porém, cada estrofe possui 1 verso octossílabo); rimas alternadas. 4ª – Um quinteto; quatro versos dodecassílabos e um octossílabo; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma rainha.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Ferreira de Araújo.

<b>Referência</b>	FILHO, Avelar. Voz do pessimismo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jul. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Pessimismo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carlos Dias

<b>Referência</b>	RODRIGUES, Higino. Adeus, Leal Soldado, que partiste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 jul. 1895. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O Marechal Floriano Peixoto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Homenagem ao imortal democrata Floriano Peixoto. Cognominado pela história O MARECHAL DE FERRO.

<b>Referência</b>	O ALMIRANTE. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jul. 1895. p.4, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos, cada qual com quatro versos decassílabos e um verso hexassílabo; esquema rímico ABCCB (porém com terminações diversas).
<b>Tema</b>	Bravura.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SANTIAGO, Elisária Coutinho. Adeus, meu querido Américo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jul. 1895. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Completaste três anos e sete meses que deixaste este mundo de ilusão e subiste aos céus, a eterna mansão dos anjos.

<b>Referência</b>	EPIFÂNIO. Que grato eflúvio! que júbilo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jul. 1895. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; exceto o 3º verso da 3ª estrofe, que é eneassílabo, todos os versos são heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao aniversário natalício do distinto professor de música, Anacleto Augusto de Medeiros.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Canção palomba. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jul. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	12 sextetos; versos octossílabos (exceto o último verso de cada estrofe, que é heptassílabo). Esquema rímico ABAABB (porém, com terminações diversas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Andares do eu-lírico; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Azevedo Cruz.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A espada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jul. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de 17 tercetos e de uma estrofe de um verso; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Paulo – cidadão romano – e sua espada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, Francisca Júlia da. Ao luar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 jul. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Hino triunfal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jul. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema possui três estrofes: a 1ª contém 46 versos; a 2ª, 38 versos; e a 3ª, um verso. Versos dodecassílabos e rimas interpoladas se desenvolvem ao longo do poema.
<b>Tema</b>	O sofrimento humano.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aos física e moralmente enfermos, estes versos doentios, que são os suspiros finais da mocidade moribunda.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. O chanceler. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jul. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um chanceler.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	IMBUZEIRO, Isabel. Uma florzinha azul. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 jul. 1895. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amizade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha amiga Leonilda de Oliveira Porto, como prova da sincera amizade que lhe dedica a sua verdadeira amiga.
<b>Observação</b>	Uma mancha encobre a última palavra do verso final do poema.

## Agosto

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. O incurável... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 ag. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	11 quintetos; versos dodecassílabos; esquema rímico ABCCB (porém, com terminações diversas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	S., H. P. Eu teu humilde Higino. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 ag. 1895. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Exma. Sra. D. Agostinha...

<b>Referência</b>	VIEIRA, Damasceno. Descendo o Uruguai. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 ag. 1895. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de dois sextetos: o 1º contém cinco versos decassílabos e um verso hexassílabo; o 2º, três versos hexassílabos e três versos decassílabos. Rimass alternadas.
<b>Tema</b>	O rio Uruguai.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, J. Dias da. Incrições nas árvores. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 ag. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/BAAB/CDE/EDE.
<b>Tema</b>	Incrições em árvores; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, J. O que eu te trago... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 ag. 1895. p.5, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

### Setembro

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, J. Dias da. Amigo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1895. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A amizade de um cão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Dolce far niente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1895. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	Uma moça.
<b>Epígrafe</b>	“Quase aberto o roupão... solto o cabelo E o pé descalço no tapete rente.” <span style="float: right;">C. Alves</span>
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Juvêncio de Aguiar.

<b>Referência</b>	ROSAS, Otávio. Anoitecendo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 set. 1895. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O anoitecer; a saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. O bem que eu procurei, ano após ano. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 set. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema é constituído de três sonetos sob a mesma epígrafe: 1º - versos decassílabos e esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/EDC. 2º - versos decassílabos e rimas ABAB/ABAB/CCD/EED. 3º - versos decassílabos e rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	O mar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIRA, Lírio. A paz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 set. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A paz.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Pedreira Franco.

<b>Referência</b>	COLIN, Carlos. Morena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 set. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A beleza de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A. F. Milanez.

## Outubro

<b>Referência</b>	LIRA, Lírio. Moema. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 out. 1895. p.1, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma mulher (Moema).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Athes de Almeida.

<b>Referência</b>	DUPONCHEL, Paul. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 out. 1895. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de cinco estrofes: 1ª possui 32 versos; a 2ª, oito versos; a 3ª, quatro versos; a 4ª, quatro versos; e a 5ª, dois versos: Versos dodecassílabos e rimas emparelhadas.
<b>Tema</b>	Saudades do Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Chef-d'œuvre. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 out. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos heptassílabos; rimas ABBC (porém, com diferentes terminações em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	" <i>L'aurore te forma de ses plus douces larmes</i> ".  Michaud
<b>Dedicatória</b>	A B. Lopes.

<b>Referência</b>	SILVA, Virgílio. Que confusa mágoa – que tristeza. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 out. 1895. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos de métrica variada; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A partida de um amigo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A meu amigo Calmério Navarro.

<b>Referência</b>	B., A. Meu Deus, que dia tão triste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 out. 1895. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida filhinha Iracema.

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Ideal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas ABBC (porém, com terminações diversas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Novembro

<b>Referência</b>	AUGUSTO, F. C. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1895. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois sextetos; alternância de versos hexassílabos e heptassílabos; rimas AABBCD (porém com terminações diversas).
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha inolvidável afilhada Palmerinda Miguez.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Boi velho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 nov. 1895. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um boi no campo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	UM AMIGO. Completando mais um ano de existência. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 nov. 1895. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Oito tercetos, que formam um acróstico com o nome “Chiquinho”; versos hendecassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao 12º aniversário do interessante Chiquinho – filho do distinto engenheiro industrial Francisco Cândido da Silva Guimarães.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Pressentimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 nov. 1895. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes e possui 10 estrofes. Todas as estrofes apresentam alternância de versos hexassílabos e decassílabos. Rimam: 1ª – esquema ABABCDDC; um octástico. 2ª – alternadas; um sexteto. 3ª – interpoladas; um quarteto. 4ª – alternadas; um sexteto. 5ª – alternadas; um quinteto. 6ª – alternadas; um sexteto. 7ª – alternadas; uma nona. 8ª – interpoladas; um quarteto. 9ª – alternadas; 11 versos. 10ª – alternadas; 15 versos.
<b>Tema</b>	Presságio de morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. O divino. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 nov. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	11 sextetos; os quatro primeiros versos de cada estrofe possuem nove sílabas métricas, o 5º verso é heptassílabo e o último apresenta três sílabas métricas. Rimam AABABB (porém, com terminações diversificadas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Festa do divino.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, José Dias. Olhos amados. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 nov. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Os olhos da mulher amada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Paisagem (recordações de Vassouras). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 nov. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um ambiente campesino.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Dezembro

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. À deux enfants. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 dez. 1895. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de duas partes: 1ª – soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/DEE. 2ª – oito quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As virtudes de duas crianças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	1ª parte: A José Lúcio. 2ª parte: Madeleine.

<b>Referência</b>	LINDA FLOR. Ah! se eu soubesse... (Música das moças). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 dez. 1895. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quintetos; exceto o segundo verso de segundo quinteto, todos os versos são heptassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FIGUEIREDO JR., Vitorino Rodrigues de. Já que o céu nos deu a dita. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 dez. 1895. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Sr. Joaquim Pereira da Silva Pinhão (no dia de seu aniversário natalício).

<b>Referência</b>	NASCIMENTO, Benjamin Monteiro do. A morte escolhas não faz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 dez. 1895. p.4, 5.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; alternância de versos octossílabos; heptassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha mãe Isabel M. do Nascimento.

<b>Referência</b>	COELHO, Carlos. Dolores. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 dez. 1895. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema possui quatro tercetos e um sexteto; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Marinha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 dez. 1895. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O pôr-do-sol; o mar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. O dia de natal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 dez. 1895. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de seis quintetos, que apresentam alternância de versos hexassílabos e decassílabos. Esquema rímico ABAAB (porém, com terminações diversificadas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	O natal (nascimento de Cristo).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROCHA, J. Dias da. Os argonautas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 dez. 1895. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Navegações.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Teotônio de. As flores d'alma. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 dez. 1895. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de seis sextetos; versos heptassílabos; rimas AABCCB (porém, com terminações diversificadas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Bons sentimentos; Jesus Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A ela...

1896

Janeiro

<b>Referência</b>	FLÁVIO, Alcides. Paisagem íntima. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 jan. 1896. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Dezesseis quartetos; versos decassílabos (o primeiro e o quarto verso de cada estrofe) e alexandrinos (segundo e terceiro versos); rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alberto de Oliveira.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Ninho desfeito. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento; um adeus.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Zezinha Murat

<b>Referência</b>	RAMOS, Eduardo. Do meu mirante. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jan. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos; versos dodecassílabos e hexassílabos; rimas misturadas.
<b>Tema</b>	A desgraça.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D'ITAJUBÁ, Joaquim Mineiro. Azuleja-se. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jan. 1896. p.4, 5.col.
<b>Forma</b>	Acróstico que forma o nome Joaquim Ferreira da Costa. A primeira e a segunda estrofes possuem sete versos; a terceira é um dístico; e a quarta é um quinteto. Rimass e métrica variadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao teu aniversário esta recordação.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Felizes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Dois enamorados.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Lourdinha Machado.

<b>Referência</b>	RABELO, Henrique. Romeu e Julieta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jan. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um casal.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES JUNIOR, Luiz. Beijo de amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jan. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um beijo; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES JUNIOR, Luiz. O perdão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jan. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED
<b>Tema</b>	O perdão (a uma mulher)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Isa, não creias na felicidade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos (exceto o segundo verso do segundo quarteto); rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma mulher; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	<i>Dein Blick sagt mir mehr als alle Weisheit der Welt.</i> Goethe
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Da “Flora de Maio”.

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Pecador. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jan. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Um pecador.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ARCE, Nuñez. Lésbia. Tradução de Guimarães Passos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jan. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Vita nuova. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Amor; uma vida nova.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, João Fernandes da. A natureza. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jan. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto, cuja métrica é variada; rima ABAB/CDED/FFG/HII.
<b>Tema</b>	A natureza; o amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Cascata. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma cascata.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Ferreira de Araújo.

<b>Referência</b>	ROSAS, Otávio. Num barco... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um marujo; tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur Azevedo.

<b>Referência</b>	RABELO, Henrique. Rêveuse. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jan. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher que adornece.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Pregam. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jan. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sentimento; incredulidade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aos corações femininos.

## Fevereiro

<b>Referência</b>	RABELO, Henrique. O pária. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	<i>Sois la bienvenue, ombre! ô ma sœur! ô figure!</i> <i>Que me fais signe...</i> Vítor Hugo
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado novamente em 2 de fevereiro de 1896, na segunda coluna da primeira página.

<b>Referência</b>	RABELO, Henrique. Surge! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 fev. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CARVALHO, Rodrigues de. No cemitério de Piza. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos (exceto o primeiro verso do primeiro quarteto, que é hendecassílabo); rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um cemitério.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Papy Junior.

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Flores murchas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O passado
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Apóstolo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Um poeta; a saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Santa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Na roça. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma paisagem do interior.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur F. M. Guimarães.

<b>Referência</b>	ROSAS, Otávio. Na solidão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 fev. 1896. p.1, .6col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Saudades.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Ferreira de Araújo.

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. O teu lar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 fev. 1896. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um lugar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Sobre uma campa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 fev. 1896. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	“Onde foste, ó pomba errante Bela estrela cintilante Que apontavas o porvir?” F. Varela
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	G. Anos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 fev. 1896. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Acróstico, que forma o nome Alcina dos Santos Pinto; versos heptassílabos (exceto o segundo verso da primeira estrofe, que possui nove sílabas métricas); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Alcina dos Santos Pinto

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, Dias da. O doido. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 fev. 1896. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um louco.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VOGELER, Henrique. Depois do sim. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 fev. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima AAAA/AAAA/BBC/DDC.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Paisagem fúnebre. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EED.
<b>Tema</b>	Uma paisagem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À sombra de Lívio Barreto.

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Vem! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 fev. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um lugar idílico.
<b>Epígrafe</b>	“Bate a vida melhor dentro do peito Do campo na tristeza”. A. de Azevedo
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENEZES, E de. 27 de fevereiro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 fev. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de D. Maria José de Barros.

## Março

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Paisagem crepuscular. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º mar. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/ABAB/CCA/DDA.
<b>Tema</b>	O anoitecer
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MURAT, Luiz. Árvore do coração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 mar. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro octásticos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Ondas” II (assinado por Olavo Bilac).

<b>Referência</b>	MURAT, Luiz. Na prisão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 mar. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Ondas” II (assinado por Olavo Bilac).

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Múmias. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 mar. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/DED.
<b>Tema</b>	Sufrimento; saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	O., F.R.M. Dormes amigo, descansas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 mar. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À sentida morte do meu bom amigo Júlio Elísio do Couto.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. A morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 mar. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. La voix du ciel (Rêverie). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 mar. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha filha Veleda.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Astros. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 mar. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sufrimento; treva.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIMA, Augusto de. Os espectros azuis. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 mar. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	A noite; espectros.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Afrânio de Melo Franco.

<b>Referência</b>	FAUSTO. Teus olhos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 mar. 1896. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EEF.
<b>Tema</b>	Os olhos de alguém.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SANTOS, Ângelo Nicolino. Minha mãe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 mar. 1896. p.4, 1.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos. Na primeira estrofe, há versos decassílabos (primeiro e segundo) e eneassílabos (terceiro e quarto versos). Nas demais estrofes, os versos são heptassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COSTA, Albino. Volti subito. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 mar. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A partida da amada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Múcio Teixeira.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Sem ideal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 mar. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos: rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento; solidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEVEDO, Julio de. A tua alma iluminada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 mar. 1896. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Acróstico (um octástico e um sexteto). Versos heptassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Homenagem ao Sr. Honório Prado.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Dolências. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 mar. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três octásticos e um quarteto. Versos octossílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Saudades do passado
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado outra vez em 23 de março de 1896, na sexta coluna da primeira página da <i>Gazeta</i> .

<b>Referência</b>	CHAGAS, C. Logro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 mar. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos e hendecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Waldemar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 mar. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis sextetos; versos eneassílabos; rimas AABBC (com terminações distintas).
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PESSOA, Luiz. Gratidão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 mar. 1896. p.5, 5.col.
<b>Forma</b>	Acróstico (um octástico e um sexteto). Versos decassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Gratidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

#### Abril

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Sanctus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 abr. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EDE
<b>Tema</b>	Paixão de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Gozo magoado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 abr. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROSAS, Otávio. Trecho de uma carta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 abr. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE
<b>Tema</b>	Saudade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	C., A.G.D. Recordação do passado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 abr. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos. O primeiro quarteto apresenta versos eneassílabos. Os demais apresentam medida variada (oito, dez e onze sílabas). Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Canto íntimo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 abr. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco sextetos; em cada estrofe, versos decassílabos (primeiro, segundo, quarto e quinto versos) e hexassílabos; rimas misturadas.
<b>Tema</b>	Um lugar íntimo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Quoerens... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 abr. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dez quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma alma.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Christus crucifixus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1896. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A Paixão de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Bom dia! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 abr. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A musa da manhã.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, R. Maurell da. Condessa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CDCD/EFG/GEF.
<b>Tema</b>	Uma condessa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Fantasia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 abr. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema possui três partes. Primeira parte: um octástico, um terceto, um quarteto e uma nona. Rimas alternadas; versos hexassílabos e decassílabos. Segunda parte: uma estrofe de 13 versos e uma estrofe de 22 versos. Rimas alternadas. Versos decassílabos e hexassílabos. Terceira parte: uma estrofe de 38 versos. Versos decassílabos e hexassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sensações; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Rústicas e marinhas</i> .

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 abr. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EEF.
<b>Tema</b>	Saudade
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Tábua! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 abr. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um pedido de casamento.
<b>Epígrafe</b>	A Sphynx.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Gratidão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 abr. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Gratidão; o bem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Sr. J. Gonçalves Nascimento.

<b>Referência</b>	T., A. Alegre vem festejar teus verdes anos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 abr. 1896. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Dedicado à Exma. Sra. D. M. R.

## Maio

<b>Referência</b>	D'OLIVAL. Otávio. Já foste para mim a Primavera! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º maio. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sofrimento
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Magna dor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 maio. 1896. p.1, 4-5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	A dor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado junto aos seguintes dizeres: “A distinta poetisa brasileira cujo retrato damos hoje, tem abrilhantado as colunas desta folha com os frutos variados de seu belo talento. Cabe-nos hoje a fortuna de oferecer aos leitores mais uma jóia do opulento escrínio da escritora”.

<b>Referência</b>	D'OLIVAL, Otávio. O baile. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 maio. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um baile; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PERES, Elói A. L. Hoje completa um ano. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 maio. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos de cinco, seis, sete e oito sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de minha idolatrada mãe D. Ana de Queiroz Peres.

<b>Referência</b>	MENDES, Cunha. Poema da carne. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O amor; a carne.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	OLIVAL, Otávio de. Amor futuro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 maio. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Mlle. De Maupin.

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Separados. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 maio. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco sextetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Separação.
<b>Epígrafe</b>	“ <i>Hélas! Nous n’avons pas juré de vivre ensemble. Mais nous avons juré de nous aimer toujours.</i> ” D’un poète inconnu
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MÉRYSS, Rose. O vous, qui m’êtes inconnu. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 maio. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro heptetos; versos octossílabos; rimas ABBACCA (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Um desconhecido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Saldanha Marinho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 maio. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Luto
<b>Tema</b>	O poema divide-se em quatro partes. Primeira parte: cinco sextetos; versos decassílabos e um hexassílabo em casa estrofe; rimas ABABCC (com terminações distintas). Segunda parte: três sextetos; versos decassílabos; rimas ABABCC (com terminações distintas). Terceira parte: três sextetos; versos decassílabos e um hexassílabo em casa estrofe; rimas ABABCC (com terminações distintas). Quarta parte: quatro sextetos. O primeiro e o último apresentam versos decassílabos e um hexassílabo; os demais, versos decassílabos; rimas ABABCC (com terminações distintas).
<b>Epígrafe</b>	“Era o chefe venerado e querido da democracia brasileira; e o senado me desculpará se eu não posso conter a emoção que me domina, lembrando as de que ele foi o meu pai espiritual”. Quintino Bocaiúva
<b>Dedicatória</b>	Saldanha Marinho
<b>Observação</b>	Poema anunciado pela <i>Gazeta</i> como homenagem a Saldanha Marinho, morto um ano antes.

## Junho

<b>Referência</b>	PISTARINI, Luiz. Maria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 jun. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A B. Lopes
<b>Observação</b>	Do <i>Bandolim</i> .

<b>Referência</b>	POEMAS da carne. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jun. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABAB/CCD/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento; a carne e o sangue.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Em lágrimas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jun. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito octásticos; versos heptassílabos; ABBCABBC (com terminações distintas).
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A uma amiga.

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Braziliada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 jun. 1896. p.1, 3-5.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em três partes. Primeira parte: 10 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas. Segunda parte: 17 de 10 versos; versos heptassílabos; ABABCCDEED. (com terminações distintas). Terceira parte: Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A Batalha de Riachuelo.
<b>Epígrafe</b>	“Salve da guerra deusa, arcanjo da batalha, Que voas no vapor, que ruges na metralha”. – Pedro Luiz  “ <i>Ceux qui sont morts pour la patrie Ont droit qu’à leur cercueil la foule vienne et pris, Entre les plus beaux noms leur nom est le plus beau. Toute gloire près d’eux passe et tombe ephémère Et comme ferait une mère, La voix d’un peuple entier les berces en leur tombeau</i> ”. – Vitor Hugo
<b>Dedicatória</b>	Ao almirante Barbosa e aos seus companheiros de glória.

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. As andorinhas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jun. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SALES, Antonio. Marinha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 jun. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma paisagem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alberto Nepomuceno.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Duo da vida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jun. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Duas almas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carmelita.

<b>Referência</b>	FIGUEIREDO, Temístocles Aurélio de. Os anéis que tu me deste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jun. 1896. p.4, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos sem metrificação regular; rima ABCB/DECD/FGF/HH.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COSTA, Albino. Noite de São João. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jun. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	O poema divide-se em três partes. Primeira parte: três quintetos; versos eneassílabos; rimas ABAAB. (com terminações distintas). Segunda Parte: três sextetos e um quinteto; versos eneassílabos e pentassílabos; rimas alternadas. Terceira parte: três quintetos; versos eneassílabos; rimas ABAAB. (com terminações distintas).
<b>Tema</b>	Noite de São João.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Fernando Osório

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Barcarola. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro partes, cada qual com dois quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma barca.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Rústicas e Marinhas</i>

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Deu-lhe a imaginação a portentosa escada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jun. 1896. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/DCD.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao passamento de Vitor Hugo.
<b>Observação</b>	Em “Um poeta brasileiro”.

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Thiers. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jun. 1896. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Invasão alemã na França.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Um poeta brasileiro”.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Nos túmulos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jun. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	“ <i>Je m'em vais – voyageur pâle et vêtu de noir – Communiquer mon mal aux quatre coins du monde</i> ”. – Bouchor
<b>Dedicatória</b>	A Guimarães Passos.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Bebê. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jun. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um bebê.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Henrique Borges Monteiro.

<b>Referência</b>	R., M. A. O fio de coral. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jun. 1896. p.4, 1.col.
<b>Forma</b>	O poema é composto de quartetos. Há uma mancha que impede a leitura integral do texto. Versos heptassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma jovem.
<b>Epígrafe</b>	
<b>Dedicatória</b>	À jovem Branca Teixeira.

## Julho

<b>Referência</b>	SILVEIRA NETO. Suplicado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 jul. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	NOGUEIRA, Constantino. Sonho do berço. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 jul. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma criança.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, Dias da. O coração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jul. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos e um hexassílabo em cada estrofe; rima ABAB/ABAB/CDE/FDE.
<b>Tema</b>	O coração.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira da. Página sem título. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jul. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema possui oito estrofes: a primeira, a segunda, a sexta e a oitava contêm quatro versos; a terceira possui oito versos; a quarta, onze versos; a quinta, dez versos; e a sétima, cinco versos. Versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	“Em resposta à sua carta: ‘Qual a causa desse sofrer, dessa febre que a define?’”.
<b>Dedicatória</b>	À senhora Francisca Redondo.

<b>Referência</b>	SANTOS, Adriano dos. Criança e artista...! O prosclênio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jul. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos. Em cada estrofe, há quatro heptassílabos e dois hexassílabos (exceto na última estrofe, que apresenta um octossílabo e um pentassílabo). Rimas AABCCB (com terminações distintas).
<b>Tema</b>	Uma menina (Carmem)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Carmem (distinta atrizinha da companhia infantil).

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira da. C'est fini. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 jul. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Separação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Cristina F. de Almeida.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Flora de maio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jul. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	" <i>Dein Blick sagt mir mehr als alle Weisheit der Welt,</i> " – Goethe
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALVIM, Cesário. A morte à vida <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 jul. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro octásticos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Separação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada "Indiscrição".

<b>Referência</b>	MENDES, Barros. Intróito das "Harpas Eólias". <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jul. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco quintetos e um quarteto. Os quintetos apresentam versos tetrassílabos e heptassílabos; o quarteto, apenas versos de quatro sílabas métricas. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Harpas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Agosto

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira da. Sonho dourado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Francisca Júlia.

<b>Referência</b>	BONSUCESSO, A. do. O domador de feras. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 ag. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Os vícios humanos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira da. Remorsos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 ag. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Remorso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROCHA FILHO, J. Dias da. Spleen. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 ag. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/CDDC/EFG/EFG.
<b>Tema</b>	O “Spleen”.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira da. Íntimo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 ag. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	RAMOS, Eduardo. A irmã de caridade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 ag. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	25 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A ...

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Doce olhar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 ag. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAA/CDE/CFG.
<b>Tema</b>	Um olhar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Talismã. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 ag. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete sextetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As qualidades de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Corações. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 ag. 1896. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À que amei.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. É branca e pura, casta e divina. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1896. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete sextetos; versos eneassílabos e tetrassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher
<b>Epígrafe</b>	“ <i>Dein Blick segt mir mehr als alt Wers heil der Welt</i> ”  Goethe
<b>Dedicatória</b>	Versos a Isa.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. A vida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 ag. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	A vida; o passar do tempo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Sr. Alexandrino da Silva.

## Setembro

<b>Referência</b>	MENEZES JUNIOR, Silva. Desalento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 set. 1896. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Adelina Menezes.

<b>Referência</b>	TRAVASSOS, Onofre José. À minha pátria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 set. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A República e o Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Acordando. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 set. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O despertar; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carolina Ayque da Silva.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. A lagartixa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 set. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos decassílabos (primeiro e terceiro) e octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma lagartixa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Rústicas e Marinhas</i> .

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Sonho místico. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 set. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Um sonho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FONTENELLE, Vital. Culto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 set. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Carlos Gomes.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de Carlos Gomes.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Camélia branca. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 set. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma flor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Artur Azevedo.

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Dueto de amor (em um solar medievo). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 set. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	12 dísticos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Juracy. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 set. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos (exceto o primeiro verso do primeiro terceto, que possui onze sílabas métricas); rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma índia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Rosa branca. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 set. 1896. p.1, 6-7.col.
<b>Forma</b>	20 quartetos; versos eneassílabos (os três primeiros versos de cada estrofe) e tetrassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma princesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Para Hildegarda, a doce filhinha do meu amigo Raul Barroso, ouvir e contaremos que souberem compreender-me.
<b>Observação</b>	“Arrancado do <i>Val de lírio</i> ”.

## Outubro

<b>Referência</b>	MENDES, Brito. O mendigo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 out. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em duas partes. A primeira possui seis quartetos, um quinteto e uma nona; versos dodecassílabos, tetrassílabos e de duas sílabas métricas; rimas interpoladas e alternadas. A segunda parte contém três quintetos e um sexteto; versos dodecassílabos e hexassílabos; rimas ABAAB (terminações distintas) e alternadas.
<b>Tema</b>	
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	G., Elpídio. Despedida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 out. 1896. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos; versos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma despedida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À jovem Esmeralda Nunes.

<b>Referência</b>	DELFINO, Luiz. Vênus e Madona (Conchas e Pérolas). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 out. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	Uma mulher
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Raul. Perdão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 out. 1896. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um pedido de perdão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Te deam. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 out. 1896. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas
<b>Tema</b>	Uma mulher; a primavera.
<b>Epígrafe</b>	<i>“Une rose aux lueurs de l’aube matinale N’a pas de sont tant frais la rougeur virginale”.</i> De Vigny
<b>Dedicatória</b>	

<b>Referência</b>	LOPES, B. Virgo Clemens. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 out. 1896. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	11 sextetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A imagem de uma santa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À suavíssima criatura Adelina C.

<b>Referência</b>	MONIZ, Rozendo. Salve, imortal! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 out. 1896. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte de Carlos Gomes.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BONSUCESO, A do. Fatal destino. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 out. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de Carlos Gomes.
<b>Observação</b>	“Soneto lido no Grêmio José de Alencar, na sessão solene do trigésimo dia do passamento do genial maestro brasileiro”.

<b>Referência</b>	LOUTI, Jarbas. Sonâmbulo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 out. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A. J. C.

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Words, words... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 out. 1896. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Os olhos de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Novembro

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. O cavaleiro pobre. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º nov. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos. Os três primeiros versos de cada estrofe são dodecassílabos; o último, octossílabo. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um cavaleiro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	HEREDIA, José-Maria. Salut à l'empereur <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º nov. 1896. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	15 quartetos; versos dodecassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Inauguração da ponte Alexandre III.
<b>Epígrafe</b>	<i>Pax et robur.</i>
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COPPÉE, François. Dans cet asile calme où le culte des lettres. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º nov. 1896. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Uma estrofe de 17 versos, um hepteto e uma estrofe de 13 versos. Versos dodecassílabos e octossílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os soberanos da Rússia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	<i>A leurs majestés l'empereur et l'impératrice de Russie.</i>

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Bom dia! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 nov. 1896. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Uma musa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado junto ao anúncio da publicação do livro de Elvira Gama, intitulado <i>Minh'alma</i> e impresso nas oficinas da Tipografia Leuzinger.

<b>Referência</b>	LORETI, Jarbas. Deslumbramento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 nov. 1896. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	J. C.

<b>Referência</b>	REBELO, Henrique. Duo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 nov. 1896. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma criança.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Raul. Nenê, quando no peito amor sentires. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 nov. 1896. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	G.

<b>Referência</b>	BRÍGIDO, Leopoldo. Quando tombou na irreparável morte. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 nov. 1896. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Carlos Gomes

<b>Referência</b>	MOREIRA JR., J. A. Do heróico Gama, os feitos conhece a pátria inteira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 nov. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos de 13 sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória do ínclito Marechal do exército Manuel de Almeida Gama Lobo d'Eça (barão de Batovy), um dos bravos da Guerra do Paraguai, cruelmente imolado no Estado de Santa Catarina, em 25 de abril de 1895.

<b>Referência</b>	P., R. Boa noite. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 nov. 1896. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos hendecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GOLDSCHIMIDT, Augusto. Alphonse Cohen é morto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 nov. 1896. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; métrica e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	TRAVASSOS, Onofre José. Moreninha brasileira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 nov. 1896. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Três estrofes; métrica irregular e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao meu amigo Isaltino.

<b>Referência</b>	SARINHO, J. Se eu morresse amanhã, filha! diria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 nov. 1896. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carlos de Carvalho.

<b>Referência</b>	PEREIRA, Raul. A calúnia e a verdade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 nov. 1896. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Oito sextetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas AABCCB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	A inveja
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Horas marianas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 nov. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Nove estrofes; versos eneassílabos (exceto o quarto verso de cada estrofe, que possui quatro sílabas); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A Virgem Maria
<b>Epígrafe</b>	“Glória in excelsis! Matinas? Luz na minh’alma!... Aleluia: bálsamo para o coração fe- rido de minha mãe, a quem entrego a pobreza orgulhosa destes versos!...”.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PERES JR. Sertanejas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 nov. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Antonio Parreiras.

## Dezembro

<b>Referência</b>	SULLY-PUDHOMME. Traição. Tradução de J. Sarinho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 dez. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PEREIRA, Raul. Súplica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 dez. 1896. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	G.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Numa vila romana. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 dez. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma vila romana.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Rústicas e marinhas</i> .

<b>Referência</b>	COSTA, Albino. Santa Luzia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 dez. 1896. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco sextetos; versos eneassílabos; rimas ABABBB (com terminações diversas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Santa Luzia.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BURNIER, Nascentes. Pressentimento. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 dez. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte e o sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PERES JR. As cigarras. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 dez. 1896. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rimas ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	As cigarras no mês de dezembro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Último sonho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21dez. 1896. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos, que contêm três versos eneassílabos e um verso tetrassílabo; rimas alternadas e interpoladas.
<b>Tema</b>	Sonhos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Hodie. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 dez. 1896. p.2, 2.col.
<b>Autor</b>	Alphonsus de Guimaraens
<b>Título</b>	Hodie
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As qualidades de uma pessoa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

1897

Janeiro

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Torpe! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jan. 1897. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher torpe.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Em lembrança de uma perfídia.

<b>Referência</b>	UM SEU ADMIRADOR. A aurora surge risonha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jan. 1897. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos heptassílabos (exceto o primeiro e o segundo da última estrofe); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Dedicado à Exma. Sra. Cândida Maria Blangolino.

## Fevereiro

<b>Referência</b>	BARRETO, Guilherme Moniz. Oração para ajudar a bem morrer. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 fev. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três tercetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Consta de um escrito sobre o poeta português Guilherme Moniz Barreto, assinado por Domício da Gama.

<b>Referência</b>	LEÃO XIII. Viva Cristo que ama os francos. Tradução de Magalhães de Azeredo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 fev. 1897. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	19 quartetos; versos decassílabos (três primeiros versos) e um verso tetrassílabo. Não há rima.
<b>Tema</b>	A ajuda divina a Clóvis.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Uma ode de Leão XIII”.

<b>Referência</b>	AZEREDO, Magalhães de. Não há de a terra muda, que abre o seio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 fev. 1897. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carlos Gomes

<b>Referência</b>	N. C. S., J. Noite fatal! – A lua pálida, sombria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 fev. 1897. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ACCA/DED/EDE.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória de I. M. R. L.

<b>Referência</b>	ALMEIDA, Padre Correia de. Ave, Caesar! Moritori te salutant. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 fev. 1897. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Canudos
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Voz amiga. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 fev. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	13 sextetos; versos octossílabos (cinco primeiros) e um verso de três sílabas métricas. Nos sextetos, esquema rímico AABCCB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Lembranças; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Maria Virgínia da Conceição: “Aí tens minha prima, estes versos singelos. Que eles possam descansar sobre o teu regaço, recebendo o batismo das tuas lágrimas”.

<b>Referência</b>	SANTOS, Clarice. Silêncio! Não despertem, que na campa dorme. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 fev. 1897. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos de nove, dez, 11 e 12 sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida mãe Leopoldina Santos – 1º aniversário de seu falecimento.

<b>Referência</b>	LORETTI, Jarbas. Revendo o passado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 fev. 1897. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE..
<b>Tema</b>	Lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

### Março

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Flora de maio (Versos a Isa). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 mar. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Henrique Chaves.

<b>Referência</b>	S., A. A. Irmã Elvira, adeus, adeus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 mar. 1897. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Elvira Silva.

<b>Referência</b>	LORETTI, Jarbas. Ideal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 mar. 1897. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um ideal.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Pedro Rabelo.

<b>Referência</b>	PERES JR. Olhos tristes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 mar. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uns olhos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Elvira da Gama.

<b>Referência</b>	SALGADO, M. Ribeiro. A viúva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 mar. 1897. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	24 quartetos; versos decassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma viúva e seus filhos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À benemérita caixa de socorros de Dom Pedro V.

<b>Referência</b>	L'ISLE JR., Rouget de. Símile glorioso (A propósito do combate de Canudos). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 mar. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Canudos
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema foi publicado junto aos seguintes dizeres: “Recebemos de S. Paulo, em carta sem explicação alguma, o seguinte soneto que por sua beleza não poupamos a transcrever (...)”.

<b>Referência</b>	ERNESTO JR., Bento. Tu, só tu... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 mar. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Abril

<b>Referência</b>	MONTEIRO, César. Pesadelo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 abr. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um pesadelo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ERNESTO JR., Bento. Amo-te!... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 abr. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	O amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COSTA SOBRINHO, Francisco Gonçalves. Tiradentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 abr. 1897. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Tiradentes
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Poema publicado em coluna intitulada “21 de abril”.

<b>Referência</b>	PERES JR. Fresca, louçã, risonha e perfumosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 abr. 1897. p.1., 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALENCAR, Mário. À Grécia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 abr. 1897. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	15 sextetos. Algumas estrofes são compostas de versos decassílabos e outras, de decassílabos e hexassílabos. Rimas alternadas e AABCCB (com terminações distintas).
<b>Tema</b>	A Grécia e as mudanças da Europa de então.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	T., K. C. Salve! 29 de abril. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 abr. 1897. p.3, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos e eneassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Armando Bastos

<b>Referência</b>	ERNESTO JR., Bento. Metamorfose. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 abr. 1897. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Mudanças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Maio

<b>Referência</b>	COSTA SOBRINHO, Francisco Gonçalves da. Ave Chile! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 maio 1897. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos e eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O Chile.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O autor se identifica como o “Voluntário da Pátria”.

<b>Referência</b>	PIMENTEL, Figueiredo. Marina. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 maio 1897. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	15 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte da mulher amada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALMEIDA E SILVA. Dizem que o céu é a pátria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 maio 1897. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	11 sextetos; versos heptassílabos; rimas ABBCDD (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À memória do Dr. Constante Jardim.

<b>Referência</b>	FERNANDES, Carlos D. Crença imortal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 maio 1897. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O caos do mundo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Resignada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 maio 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Resignação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ERNESTO JR., Bento. Exilados! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, maio 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos. Cada estrofe possui dois versos decassílabos e dois versos heptassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PERES JR. Maio <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 maio 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O mês de maio
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carlos Brandão

<b>Referência</b>	CARVALHO, Rodrigues de. Notas de um réquiem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 maio 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Estrofes de extensões variadas; versos octossílabos e quadrissílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os sentimentos do eu-lírico.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Junho

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Em caminho... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jun. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um caminho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Rosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jun. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D'OLIVAL, Otávio. D. Alda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jun. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em duas partes: Primeira parte: cinco quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas. Segunda parte: três octásticos e um quarteto; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D'OLIVAL, Otávio. D. Flora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jun. 1897. p.2, 6-7.col. 5525
<b>Forma</b>	O poema é dividido em seis partes. Primeira parte: dois quartetos; versos octossílabos e rimas alternadas. Segunda parte: dois quartetos; versos octossílabos e rimas alternadas. Terceira parte: dois quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas. Quarta parte: quatro quartetos; versos octossílabos e rimas alternadas. Quinta parte: quatro octetos; versos eneassílabos; rimas alternadas. Sexta parte: cinco quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um fantasma.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AVELAR FILHO. Cleópatra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jun. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Cleópatra.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LIMA, Cesário. És a esperança cara e lirial. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jun. 1897. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	As qualidades de Amélia Augusta de Carvalho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Saudação a D. Amélia Augusta de Carvalho.

<b>Referência</b>	BATISTA, Ana Nogueira. Ao amanhecer. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jun. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; cada estrofe possui três versos decassílabos e um hexassílabo; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O amanhecer.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FREIRE, Ricardo Jaimes. El poeta Celedra el gore de la vida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jun. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos de 13 sílabas métricas; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Jacinto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Jacinto Rafael Pachano.

## Julho

<b>Referência</b>	LORETTI, Jarbas. D. Graça. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 jul. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis octásticos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Doutor Ramiz Galvão.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Cortesão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 jul. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/DCE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Batista Capelli.

<b>Referência</b>	BATISTA, Ana Nogueira. Sobre as ondas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jul. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rimas alternadas e interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma nau; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MOORE, Thomas. A última rosa de verão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 jul. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma rosa; a solidão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Uma poesia de Thomas Moore”.

<b>Referência</b>	BYRON, Lord. Quando vejo esses lábios de nácar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jul. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Dez quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em “Thomas Moore e Byron”, assinado por O. J.

<b>Referência</b>	HUGO, Vítor. Túmulo e a rosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 jul. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução de O. J.

<b>Referência</b>	BYRON, Lord. Estância a Ignez. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jul. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Nove quartetos; versos decassílabos; versos sem rima.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução de O. J.

<b>Referência</b>	ROSAS, Otávio. Uma rosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jul. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA (não é possível identificar o último verso do primeiro terceto e o primeiro verso do último terceto).
<b>Tema</b>	Uma rosa; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LAMARTINE. O ramo da amendoeira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jul. 1897. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma flor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução de O. J.

## Agosto

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Honni soit qui mal y pense. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º ag. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCE/EED.
<b>Tema</b>	Resposta a uma crítica.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A A. M.

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Dhulia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1897. p.1, 1-2.col.
<b>Forma</b>	Dez sextetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher; sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Voe soli! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1897. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Solidão e abandono.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	O. J. Coração morto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	“Oh! Morto o coração, quão triste é a vida!”. Dr. A. J. Ribas
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SEGREDO. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 ag. 1897. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB//CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Naná.

<b>Referência</b>	A CANÇÃO do pescador. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 ag. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	14 sextetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As qualidades de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	“Encheu do mar azul a branca praia Melizo pescador de mil queixumes Melizo, que por Lília arde e desmaia”. Camões, <i>Écloga</i> .
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ROSAS, Otávio. Noiva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 ag. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos: rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	Uma noiva; a morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	UM anelo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 ag. 1897. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um voo; a vida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução de O. J. Obra italiana.

<b>Referência</b>	SILVA, Lafaiete. Noite e não vens! Que suportar eu possa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 ag. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PRUDHOMME, Sully. Le vase brisé. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 ag. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um vaso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Uma tradução, feita por O. J., cujo o título é “O jarro quebrado”, foi publicada na mesma edição.

<b>Referência</b>	AMARAL, Amadeu. O castelo de sonho, onde eu vivia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 ag. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/DCD/EDE.
<b>Tema</b>	Um sonho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	J., O. Os raios cintilantes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 ag. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os olhos de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A uns olhos.

<b>Referência</b>	CONFISSÃO. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 ag. 1897. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos e octossílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Naná.

<b>Referência</b>	L., A. Se queres... digo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 ag. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A beleza de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	NÃO me canso, não. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º set. 1897. p.3, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto. Versos decassílabos e eneassílabos; no primeiro terceto, há um verso octossílabo. Rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Amor; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	“O amor alimenta-se de angústias, como o Pelicano do sangue de seus filhos”.
<b>Dedicatória</b>	A Naná.

<b>Referência</b>	MELO, Plácido. D. Violeta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 set. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em duas partes. Primeira parte: cinco quartetos; versos octossílabos; rimas alternadas. Segunda parte: dois octásticos e um quarteto; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher solitária.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	O., A. A. Sonho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 set. 1897. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um sonho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Dedicado ao XX.

<b>Referência</b>	ARAÚJO, Joaquim de. Ignota Dea. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 set. 1897. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	AGRADECIMENTO. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 set. 1897. p.3, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Naná.

<b>Referência</b>	JUNIOR, Peres. Pó. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 set. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A efemeridade do ser humano.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	A <i>Gazeta de Notícias</i> anuncia o poema de Peres Junior como sendo uma tradução, sem especificar a autoria da versão original.

<b>Referência</b>	D'ALBA, Stella. Sol ignoto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 set. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete quintetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O sol.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LEONEL, Eugênio. Ave emigrante. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 set. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma musa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Reconciliação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 set. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma reconciliação.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Belmiro de Almeida.

## Outubro

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Do meu cárcere... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 out. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha amiga Neném Fernandes.

<b>Referência</b>	LORETI, Jarbas. Na rua. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 out. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Amor não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LEONEL, Eugênio. Nome feito na lide memoranda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 out. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Campos Sales.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Campos Sales

<b>Referência</b>	LAMARTINE. Epitalâmio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 out. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Sete dísticos e seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mãe e seu filho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução de O. J; “No último canto da peregrinação de Child Harold”.

<b>Referência</b>	BYRON, Lord. Adeus. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 out. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	15 quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um adeus; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “O ‘Adeus’ de Lord Byron”. O poema é uma tradução de O. J.

<b>Referência</b>	J., O. Conselho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 out. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	14 quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LORETI, Jarbas. O plenilúnio da esperança viva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 out. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	A beleza de uma pessoa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Visionárias</i> .

<b>Referência</b>	FLÁVIO, Alcides. Laudas de um diário. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 out. 1897. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	20 quartetos e três tercetos; versos octossílabos, eneassílabos, decassílabos e dodecassílabos; rimas alternadas (exceto uma estrofe, cuja rima é interpolada).
<b>Tema</b>	Confissões.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Raimundo Correia.

## Novembro

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Dies irae. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	18 tercetos; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O sacrifício de Jesus Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Apresentado como “Sequência de Dia de Finados, tradução”.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Entre o céu e a terra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 nov. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	10 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sofrimento; amor não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	“Estou cheio de ti, como os espaços Estão cheios de céu, de lado a lado”. Luiz Delfino
<b>Dedicatória</b>	Ao João Chaves

<b>Referência</b>	S.S., Vicentina. Tenho dentro de meu peito. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 nov. 1897. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos de oito, sete e seis sílabas métricas; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha querida amiga Isabel, pelo seu passamento a 21 de outubro de 1897. Oferecida a D. Felipa pela autora, sua amiga Vicentina S. S.

<b>Referência</b>	PASSOS, Edmundo. A sombra do teu lenço. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 nov. 1897. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Lembranças; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Aníbal Pereira.

<b>Referência</b>	HERDER. O filho da dor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 nov. 1897. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em quatro partes, intituladas “O filho da dor”, “A dor”, “Zeus” e “Telus”. Primeira parte: três quartetos; versos hexassílabos; rimas alternadas. Segunda parte: um quarteto; versos hexassílabos; rimas alternadas. Terceira parte: três quartetos; versos hexassílabos; rimas alternadas. Quarta parte: sete quartetos; versos hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A dor dos homens.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	A <i>Gazeta de Notícias</i> declara que o poema foi traduzido do alemão pela Sra. Sidônia Peretti.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Flora de maio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 nov. 1897. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Barreiras... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 nov. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Amor; o passado.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LORETI, Jarbas. Fatalidade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 nov. 1897. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	A vida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Estevam Rezende Junior.
<b>Observação</b>	Das <i>Visionárias</i> .

## Dezembro

<b>Referência</b>	D'ARC, Noel. Mors amor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 dez. 1897. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete sextetos; versos decassílabos; rimas AABAA (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Uma morte por amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	NO dia dois de dezembro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 dez. 1897. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Desprezo de um ente querido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Brito. O pescador de pérolas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 7 dez. 1897. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um pescador; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Filinto de Almeida
<b>Observação</b>	Das <i>Harpas eólias</i> .

<b>Referência</b>	PLÁCIDO JUNIOR. Confidencial. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 dez. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Cinco octásticos; versos heptassílabos; rimas ABBCADDC (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	“A mais pura Visão que viram estes meus pobres olhos do abandonado do amor”.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D'ALVA, Oscar. Depois de um sonho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 dez. 1897. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CDCD/EFE/GFG.
<b>Tema</b>	Uma paixão.
<b>Epígrafe</b>	“Sempre tu... sempre para mim impossível!...” – Alexandre Herculano
<b>Dedicatória</b>	À memória de um amor extinto.
<b>Observação</b>	Dos <i>Prelúdios</i> .

<b>Referência</b>	LORETI, Jarbas. Em novembro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 dez. 1897. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/BAAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sentimentos; uma tarde.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Das <i>Visionárias</i> .

1898

Janeiro

<b>Referência</b>	GUIMARÃES PASSOS. Vilancete. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1898. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Quatro heptetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	“Dizei-me, Senhora minha, Porque de mim vos queixais Quando eu não vos quero mais?”
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em uma adição comemorativa de Ano-Novo.

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Wilfredo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1898. p.2, 3-5.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em quatro partes. Primeira parte: quatro quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas. Segunda parte: cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas. Terceira parte: sete quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas. Quarta parte: cinco quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um homem; uma traição.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENEZES, Emílio de. Olhos funéreos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1898. p.2, 5-6.col.
<b>Forma</b>	Cinco sonetos sob a mesma epígrafe. Primeiro soneto: versos dodecassílabos e rima ABAB/ABAB/CDC/DCD. Segundo soneto: versos dodecassílabos e rima ABAB/ABAB/CDC/DCD. Terceiro soneto: versos dodecassílabos e rima ABAB/BABA/CDC/DCD. Quarto soneto: versos dodecassílabos e rima ABAB/BABA/CDC/DCD. Quinto soneto: versos dodecassílabos e rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Um olhar.
<b>Epígrafe</b>	“Naqueles olhos onde os astros moram, Trocando o céu que têm por céu mais belo, A sombra negra da paixão de Otelo

	Passa rugindo com um punhal na mão”. – Luiz Delfino “Aqueles olhos se engrandeceram, à força de se abrirem de espanto”. Melchior de Vogue – Catherine Sforza
<b>Dedicatória</b>	À Exma. Sra. D. R. de Barros.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Magdala. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1898. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	“ <i>Consolatrix afflictorum Refugium peccatorum Janua coeli!</i> ”.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	RABELO, Pedro. Frio... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º jan. 1898. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas e interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma noite.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LORETI, Jarbas. Diante de um retrato. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jan. 1898. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O retrato de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Alberto de Oliveira.

<b>Referência</b>	CARVALHO, Rodrigues de. Sonho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 jan. 1898. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um sonho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Cantares. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jan. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Cantares. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jan. 1898. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Trata-se da segunda parte do poema publicado em 27 de janeiro de 1898.

## Fevereiro

<b>Referência</b>	AS cinco estações. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 fev. 1898. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	13 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O jornal <i>Estações</i> .
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Brito. Serenata. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 fev. 1898. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	18 quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Samuel Nahon.

<b>Referência</b>	L. A alguém. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 fev. 1898. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma paixão; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Março

<b>Referência</b>	D'ALVIM, Guy. A la fé. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 mar. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Sete tercetos e uma estrofe de um único verso; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Amor por uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	“O meu mal pude-o sofrer; Este porque todo é vosso, Que vos não doa não posso.”  Sá de Miranda
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Fagulhas”.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Tristezas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 mar. 1898. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	A tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GONZAGA FILHO. La beauté. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 mar. 1898. p.1, 1-6.col.
<b>Forma</b>	42 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Dois jovens (Paul e Gilbert).
<b>Epígrafe</b>	“..... <i>I feel What I can never express, yet cannot all conceal</i> ”.
<b>Dedicatória</b>	À son excellence Monsieur le Général Dionísio Cerqueira.

<b>Referência</b>	MENDES, Brito. A tempestade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 mar. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma família humilde.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Abril

<b>Referência</b>	VAZ, Mário Franco. A vida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 abr. 1898. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	A vida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENDES, Brito. Plenilúnio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A lua.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Darcílio Coaracy.

<b>Referência</b>	D'OLIVAL, Otávio. D. Morena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 abr. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	O poema é dividido em duas partes. A primeira é composta de um quarteto, cujos versos são eneassílabos e rimas alternadas. A segunda parte apresenta dois octásticos e três quartetos, versos eneassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CRUZ E SOUSA. Lírio astral. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 abr. 1898. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	22 quartetos; versos heptassílabos e tetrassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O lírio astral.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VAZ, Mário Franco. Os olhos de Iná. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 abr. 1898. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos e um sexteto; versos decassílabos e trissílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O olhar de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Carências. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 abr. 1898. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	As aparências no mundo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Peres Junior.

<b>Referência</b>	COMO homenagem a este dia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 abr. 1898. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três octásticos; versos heptassílabos; rimas interpoladas (a cada quatro versos).
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Carmem, no dia do seu feliz aniversário.

## Maio

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Golgota. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 maio. 1898. p.1, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À dona Calúnia.

<b>Referência</b>	D'ALVIM, Guy. Três números de Heine (Nova primavera). <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 maio. 1898. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em três partes: todas possuem versos octossílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna "Fagulhas".

<b>Referência</b>	SOUZA, Aristides de. 13 de maio! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/CDDC/FGG/FHH.
<b>Tema</b>	Abolição da escravatura.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	N. Uma relíquia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 maio. 1898. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma luva; lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Coelho Neto.

<b>Referência</b>	COSTA, Albino. Cabralia. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 maio. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto. O primeiro versos do primeiro quarteto é dodecassílabo e os demais são decassílabos. Rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Chegada dos portugueses ao Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MANUEL. Saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 maio. 1898. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos de métrica variada; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Saudades dos entes queridos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Heitor e Armando

<b>Referência</b>	COSTA, Albino. Vasco da Gama. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 maio. 1898. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Chegada dos portugueses às Índias.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SOARES, Faustino Manuel. Devaneios de uma paixão. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 maio. 1898. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Seis estrofes de dez versos; versos de métrica variada; rimas ABBAACCDDC (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Junho

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Canção. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jun. 1898. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis sextetos; versos hexassílabos; rimas AABCCB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Resposta... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 jun. 1898. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima: ABBA/BAAB/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A uma admiradora curiosa.

<b>Referência</b>	HENRIQUE NETO. Ritornello. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jun. 1898. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Poema dividido em três partes. Primeira parte: um quarteto; versos octossílabos; rimas alternadas. Segunda parte: dois octásticos e uma estrofe de 12 versos; versos octossílabos; rimas alternadas. Terceira parte: três octásticos e um quarteto; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A morte de uma princesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Otávio D'Olival.

<b>Referência</b>	MEDEIROS, A. de. Beijos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 jun. 1898. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Um menino.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao amiguinho Edgar.

## Julho

<b>Referência</b>	DUARTE, M. Meu filho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 jul. 1898. p.3, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O sofrimento de um filho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Canção. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 jul. 1898. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Quatro quintetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Melancolia e tédio.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Fagulhas”.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Minha filha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 jul. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A virtude.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Maria José, em dia de seus anos.

## Agosto

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Órfã. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 ag. 1898. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	A orfandade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Que dor tamanha! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 set. 1898. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À felicidade que me fugiu.

<b>Referência</b>	OLIVEIRA, Inocêncio de Andrade. Dindinha, não chore mais. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 set. 1898. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D'OLIVAL, Otávio. D. Leonor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 set. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Duas estrofes; a primeira possui 12 versos e a segunda, 14 versos. Versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento de D. Leonor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Carta a um amigo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 set. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe; versos decassílabos; em ambos, esquema rímico ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Outubro

<b>Referência</b>	MENDONÇA, Lúcio de. Madrigal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º out. 1898. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Um suspiro mal passa rezando ofícios. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 out. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Seres sobrenaturais.
<b>Epígrafe</b>	<p>“<i>Le diable: ‘Vous faites bien d’être pur ; car nul homme ne peut, sans mourir, me voir tel que je suis, s’il est souillé’</i>”.</p> <p>Casarius d’Hesterbach</p>

<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Fagulhas”.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. No álbum de uma loira. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 out. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quintetos; versos decassílabos; rima ABCCB (terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. A pérola e a lágrima. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 out. 1898. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Dois sextetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas AABCCB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	A alegria e a tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	CARDOSO, Candido. Oferenda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 out. 1898. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	“Do livro inédito de minha imaginação arranquei esta página que, transladada para o vosso arquivo, creio, só será desbotada pelo sol dos anos...”.
<b>Dedicatória</b>	Ao venerando comendador Manuel Gomes Archer, no dia de seu aniversário natalício.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Soneto romântico. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 out. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento; amor.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	EM terra d’ouro e flor, terra bandida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 out. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Amor não-correspondido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Fagulhas”.

## Novembro

<b>Referência</b>	GUIMARÃES, Luiz. Mater dolorosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 nov. 1898. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	32 tercetos e um quarteto; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma mãe que perdeu seu filho.
<b>Epígrafe</b>	" <i>Il cuor di pianger tutto si distrugge</i> ".
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada "Lira final".

<b>Referência</b>	D'OLIVAL, Otávio. Un baile in maschera. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 nov. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Cinco sonetos sob a mesma epígrafe. Primeiro soneto: versos octossílabos e rima ABAB/ABAB/CCD/EED. Segundo soneto: versos octossílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED. Terceiro soneto: versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE. Quarto soneto: versos octossílabos; rima ABAB/ABAB/CDE/CDE/ Quinto soneto: versos de nove sílabas métricas; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um baile de máscaras.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Dezembro

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. A saudade vindoura espero-a, pois, agora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 dez. 1898. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna "Fagulhas".

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Lírica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 dez. 1898. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	As virtudes de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

1899

## Janeiro

<b>Referência</b>	PACHECO, Félix. Argonautas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 jan. 1899. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/BDB.
<b>Tema</b>	Dois argonautas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Fagulhas”.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Holocausto... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 jan. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	D’ALVIM, Guy. De Heine. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 jan. 1899. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “Fagulhas”.

## Fevereiro

<b>Referência</b>	VACARESCO, Helene. Ele passou... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 fev. 1899. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos octossílabos e eneassílabos; rimas alternadas e uma estrofe cuja rima é interpolada (somente o primeiro quarteto).
<b>Tema</b>	Decepção.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	A tradução do poema foi feita por Ana Nogueira Batista.

<b>Referência</b>	O BEIJO da princesa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 fev. 1899. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Seis sonetos sob a mesma epígrafe. Primeiro soneto: versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED. Segundo soneto: versos decassílabos e rima ABAB/ABAB/CCD/EED. Terceiro soneto: versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED. Quarto soneto: versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED. Há uma mancha que impossibilita a leitura dos dois últimos sonetos.
<b>Tema</b>	O amor de um guerreiro por uma princesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Raimundo Correia.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. A um dominó. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 fev. 1899. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A tristeza de um palhaço.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PACHECO, Félix. Estranha selva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 fev. 1899. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EDE.
<b>Tema</b>	Cartas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MACEDO, Emília de. Feliz aniversário. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 fev. 1899. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos, octossílabos e eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Ave Maria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 fev. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Março

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. O primeiro beijo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º mar. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe. Primeiro soneto: versos decassílabos e rima ABBA/ABBA/CCD/EED. Segundo soneto: versos decassílabos e rima ABAB/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um beijo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	No álbum da Condessa de N.

<b>Referência</b>	BRITO, Herculano. Uma boca. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 mar. 1899. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma boca.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. O beijo da imperatriz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 mar. 1899. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas e uma estrofe cuja rima é interpolada (terceiro quarteto).
<b>Tema</b>	Uma imperatriz.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MACHADO, Aureliano. Salve 19 de março! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 mar. 1899. p.5, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro sextetos; versos de métrica variada e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha irmã Amália, residente em Valença do Minho.

<b>Referência</b>	LIMA, Augusto. Saudação de Vila Rica ao presidente da República Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 mar. 1899. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Oito quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A cidade de Ouro Preto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Campos Sales.

## Abril

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Navegando no Rio Amarelo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 abr. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Saudades.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A B. Lopes.

<b>Referência</b>	LOPES, B. Presságio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 abr. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Luiz Guimarães Filho.

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Que lhe importavam lágrimas? Chorasse. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 abr. 1899. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Um livro de versos”.

<b>Referência</b>	GUIMARAENS, Alphonsus de. Bendigo, mas do teu amor sublime. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 abr. 1899. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Os sofrimentos de Maria.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Um livro de versos”.

## Maio

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. À janela de um palácio da China. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º maio. 1899. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos. As cinco primeiras estrofes possuem três versos decassílabos e um verso hexassílabo; a última estrofe é composta de decassílabos. Rimadas interpoladas e alternadas (última estrofe).
<b>Tema</b>	Uma princesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARAES FILHO, Luiz. Os canários. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 maio. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	O., A. Dessa menina angélica e formosa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 maio. 1899. p.2, 4.col.
<b>Título</b>	Dessa menina angélica e formosa
<b>Forma</b>	Soneto;versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha amiga Francisca L. Miguez (no aniversário de Cora).

## Junho

<b>Referência</b>	ANTUNES, Acácio. O rebate! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jun. 1899. p.1, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O progresso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Julho

<b>Referência</b>	V., G. Natalício. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 jul. 1899. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Sinhá flor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jul. 1899. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos. Uma mancha impossibilita a leitura integral dos tercetos.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. Suavemente, como um sonho cheio. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jul. 1899. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. O idílio do imperador. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 jul. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Quatro estrofes. A primeira possui 44 versos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas. A segunda estrofe conta com 20 estrofes; versos hexassílabos; rimas alternadas. A terceira apresenta 24 versos; versos hexassílabos e decassílabos; rimas alternadas. A quarta estrofe possui 94 versos; versos hexassílabos e decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um imperador.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	RABELO, Pedro. No jardim dos expostos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 jul. 1899. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma filha abandonada.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Henrique Holanda.

<b>Referência</b>	AZEVEDO, Correia de. Palhaço. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 jul. 1899. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um palhaço.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Publicações recebidas”.

<b>Referência</b>	ANTUNES, Acácio. Mare magnum! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jul. 1899. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BAAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	O mar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALVES, Ricardo. Método Agostinho Penido. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 jul. 1899. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	O método de ensino de Agostinho Penido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao seu autor.

<b>Referência</b>	TOTTA, Mário. Elsa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jul. 1899. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Três quintetos e três quartetos; versos eneassílabos e tetrassílabos (último verso de cada quinteto); rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	RABELO, Pedro. Versos de um velho. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 jul. 1899. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Agosto

<b>Referência</b>	ANTUNES, Acácio. Dúvida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1899. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	As ciências.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Tu, só tu... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1899. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LI-TAI-PÉ. Do plenilúnio a doce claridade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 ag. 1899. p.2, 6-8.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma imperatriz.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “Alguns poetas chineses”, assinada por Luiz Guimarães.

<b>Referência</b>	LI-TAI-PÉ. De porcelana verde e macerada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 ag. 1899. p.2, 6-8.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O vinho
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “Alguns poetas chineses”, assinada por Luiz Guimarães.

<b>Referência</b>	LI-SU-TCHON. Luar nas águas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 ag. 1899. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O luar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “Alguns poetas chineses” (segunda parte), assinada por Luiz Guimarães.

<b>Referência</b>	LI-SU-TCHON. Esposa infeliz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 ag. 1899. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos e um hexassílabo nas duas primeiras estrofes; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma esposa que espera seu marido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “Alguns poetas chineses” (segunda parte), assinada por Luiz Guimarães.

<b>Referência</b>	THU-FU. O moço imperador está sentado. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 ag. 1899. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um jovem imperador.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada “Alguns poetas chineses” (segunda parte), assinada por Luiz Guimarães.

<b>Referência</b>	DARIO, Ruben. Helda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 ag. 1899. p.3, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DILERMANDO. 15 de agosto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 ag. 1899. p.4, 2.col.
<b>Forma</b>	Acróstico (“Baptismo de Joaquim”). Versos decassílabos e rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Batismo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Joaquim.

<b>Referência</b>	FRAGUEIRO, Rafael. Oda épica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 ag. 1899. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Três estrofes (as duas primeiras contêm 11 versos e a segunda é um sexteto); versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Argentina e Brasil
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, B. 21 de agosto de 1899. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 ag. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma morta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ALVES, Ricardo. Adão e Eva. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 ag. 1899. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos heptassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Adão, Eva e o fruto proibido.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Em “Publicações recebidas”.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Ave-Maria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 ag. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três sonetos sob a mesma epígrafe. Todos possuem versos decassílabos e apresentam a sequência rímica ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	“Ave-Maria, cheia de graça, bendita sejas tu entre as mulheres, bendita a luz de tua existência – que é o nosso amor”.
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	BRITO, Herculano. Dia alegre. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 set. 1899. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BRITO, Herculano. Nuvem. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 set. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BRITO, Herculano. Um cravo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 set. 1899. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Despedida; sofrimento,
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	M. Como a tua beleza, essa beleza. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 set. 1899. p.4, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	M.

<b>Referência</b>	BRITO, Herculano. Contraste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 set. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Três quintetos; versos decassílabos e um hexassílabo em cada estrofe. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BRITO, Herculano. Irmã de caridade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 set. 1899. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EED.
<b>Tema</b>	Uma irmã de caridade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Outubro

<b>Referência</b>	MARTINS, Gaspar Coutinho Silveira. Eu não sou desses bardos ardentes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 out. 1899. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À graciosa menina Zaida.

<b>Referência</b>	ANDRADE, Teófilo de. Larmes de mère et larmes d'amour. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 out. 1899. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	O poema possui duas partes. Ambas apresentam quatro quintetos, versos dodecassílabos e rimas ABAAB (com terminações distintas).
<b>Tema</b>	Sofrimento materno.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Traduzido de Luiz Guimarães Filho.

<b>Referência</b>	LORETTI, Jarbas. Um verso de Dante! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 out. 1899. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Crueldades e misérias.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Não invejes, querida, o ouro ardente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 out. 1899. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A uma mulher pobre.

<b>Referência</b>	PASSOS, Guimarães. Quem é que se fia em sonhos? <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 out. 1899. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em quatro partes. Primeira parte: seis sextetos; versos heptassílabos; rimas AABCCB (com terminações distintas em cada estrofe) Segunda parte: seis quartetos; versos heptassílabos; rima interpolada. Terceira parte: sete quartetos; versos heptassílabos; rima interpolada. Quarta parte: seis quintetos; versos heptassílabos; rima ABAAB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Uma mulher; lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Domingos Olímpio.

<b>Referência</b>	B. A partida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 out. 1899. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos heptassílabos e octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	TARSO, Saulo de. Dorés d'alma. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 out. 1899. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Delfim Carlos.

## Novembro

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. O coração do poeta e a estrela cadente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 nov. 1899. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma estrela; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Romeu e Julieta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 nov. 1899. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	STECHETTI. Não te lastimes, não, bela infeliz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 nov. 1899. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	As infelicidades no mundo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	A tradução do poema de Stechetti foi feita por Luiz Guimarães Filho. A versão original, em italiano, foi publicada junto à tradução.

<b>Referência</b>	MÉRYSS, Rose. La charité. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 nov. 1899. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	12 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A caridade.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aux dames visitatrices de l'Œuvre de St. Vincent de Paul.

## Dezembro

<b>Referência</b>	DUVALLI, Helena. Clube da desgraça. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 dez. 1899. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Um homem (Azevedo).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Azevedo Junior.

<b>Referência</b>	MONTEIRO, César Místicas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 dez. 1899. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Versos a Inhá.

<b>Referência</b>	HOLLANDA, A. Branca. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 dez. 1899. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma mulher branca.
<b>Epígrafe</b>	“Pálida e virginal como a Beatriz do Dante”. Guerra Junqueiro
<b>Dedicatória</b>	A Luso Torres.

<b>Referência</b>	ALENCAR, Mário. O teu olhar. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 dez. 1899. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Quatro estrofes, de extensão e métrica variadas. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um olhar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	PESSOA, Frota. Versos do natal. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 31 dez. 1899. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Lembranças.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

1900

Janeiro

<b>Referência</b>	ABREU, Adriano de. Recordações. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 5 jan. 1900. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Lembranças; sofrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ABREU, Adriano de. Ano bom. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 jan. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor)
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	SILVA, Rinaldo de Lima e. Alva negra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jan. 1900. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	Trevas; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao conde Roberto de Montesquieu Fezensac.

## Fevereiro

<b>Referência</b>	T., M. I. C. Gentil, sorridente, a madrugada. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 fev. 1900. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Acróstico (Guilhermina Nogueira Neves). Versos de métrica variada. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao teu aniversário natalício – Minha inocente amiga, hoje consagro e te saúdo.

<b>Referência</b>	CUNHA HOLLANDA. Típica. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 fev. 1900. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma boca.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	COSTA GOMES. Ressurreição. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 fev. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/CCD.
<b>Tema</b>	Ressurreição de Cristo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MACEDO, Emília Joaquina de. Salve! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 fev. 1900. p.3, 7.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos. Exceto o terceiro verso da quinta estrofe (eneassílabo) e dois versos da última estrofe (octossílabos), os versos do poema são heptassílabos. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Aniversário.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. A flor da laranjeira e a saudade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 fev. 1900. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CD/CD/EFG/EFG.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Março

<b>Referência</b>	COELHO, Ramos. Agora que mais ruge a tempestade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 mar. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A Igreja Católica.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A S. S. Leão XIII
<b>Observação</b>	Transcrito do jornal <i>Brasil-Portugal</i> de 1º de janeiro de 1900.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Pálida. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 12 mar. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	S., P. Quando descaia sobre a viração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 mar. 1900. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos e eneassílabos; rima ABCB/DEFD/GHG/IJG.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	J...

<b>Referência</b>	XAVIER, Fontoura. Brinde. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 mar. 1900. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois octásticos; versos heptassílabos (exceto o sétimo verso da primeira estrofe, que é hexassílabo). Esquema rímico (nas duas estrofes): ABCADCCD.
<b>Tema</b>	Sentimento amoroso.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	XAVIER, Fontoura. Brinde. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 mar. 1900. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Dois octásticos; versos heptassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uns sapatos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MOREIRA DE VASCONCELOS. Nevroses. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 mar. 1900. p.2, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	As nevroses de Rollinat.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Abril

<b>Referência</b>	NETO, J. Pórtico. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 abr. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Visões
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	TEÓFILO, Aníbal. Olhos turcos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 abr. 1900. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	Os olhos de uma pessoa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Oração. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 abr. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Oração a uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BIFANO, Francisco. Saudade! <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 11 abr. 1900. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/CDD.
<b>Tema</b>	Saudades.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Oferecido ao meu distinto ex-professor Augusto Dias Falcão Duque Estrada.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES JUNIOR, Guilherme. Pai. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 abr. 1900. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	A perda de um filho.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GIANNI. A morte de Judas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 abr. 1900. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O enforcamento de Judas.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Tradução de F. T.

<b>Referência</b>	ABREU, Adriano de. A estrada de ferro. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 abr. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Uma estrada de ferro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	NOBRE, Antônio. Ao cair das folhas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 abr. 1900. p. 3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	A morte.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BILAC, Olavo. Les femmes du Brésil. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 abr. 1900. p. 2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EDE.
<b>Tema</b>	A Senhora Dreyfus.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À Madame Alfred Dreyfus.
<b>Observação</b>	Publicado em coluna intitulada "Mme. Dreyfus".

<b>Referência</b>	P., O. N. 22 de abril de 1500. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 22 abr. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	O descobrimento do Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. A uma mulher muda. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 abr. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos (exceto o último verso de cada terceto, que é hexassílabo); rima ABBA/ABBA/CDE/CDE/.
<b>Tema</b>	Uma mulher muda.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Maio

<b>Referência</b>	HOLANDA CUNHA. Último beijo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 1º maio. 1900. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/CDC.
<b>Tema</b>	O último beijo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Marcolino Fagundes.

<b>Referência</b>	IV centenário do descobrimento do Brasil. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 3 maio. 1900. p.6, 5-6.col.
<b>Forma</b>	Seis quartetos; versos decassílabos e um hexassílabo em cada estrofe; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O descobrimento do Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MAGALHÃES, Henrique de. Guiado por Cabral. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 4 maio. 1900. p.3, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	O descobrimento do Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Pátria. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 6 maio. 1900. p.2, 1-2.col.
<b>Forma</b>	14 quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	O descobrimento do Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. O sonho de Colombo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 9 maio. 1900. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	13 tercetos e um quarteto; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Cristóvão Colombo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BASTOS, Cassiano F. Voou aos céus esse anjo peregrino. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio. 1900. p.3, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	“A vida é um sonho febril. A esperança nas coisas da terra é uma cruel mentira dos nossos desejos, um fumo tênue que ondeia o horizonte aquém do qual está assombrada a sepultura.”  Alexandre Herculano
<b>Dedicatória</b>	Ao meu amigo Oscar C. dos Santos (Na morte de sua idolatrada irmã Angelita).

<b>Referência</b>	COSTA, Albino O cruzeiro austral. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 13 maio. 1900. p.4, 3.col.
<b>Forma</b>	Três estrofes. A primeira possui 28 estrofes, versos de métrica variada e rimas alternadas. A segunda possui nove versos, versos dodecassílabos e rimas alternadas. A última estrofe é composta de dois versos dodecassílabos.
<b>Tema</b>	As conquistas de Portugal.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Exmo. Sr. General Francisco Maria da Cunha.

<b>Referência</b>	MENDONÇA, Lúcio de. A serra dos órgãos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 maio. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Seis octásticos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma paisagem; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha mulher.

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Cabral. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 maio. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O descobrimento do Brasil.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Exmo. Sr. General Cunha.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES PASSOS. O adeus de Cabral. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 maio. 1900. p.5, 4.col.
<b>Forma</b>	11 quartetos, dois tercetos e quatro estrofes de um verso. Versos decassílabos, dois hexassílabos e um verso de duas sílabas métricas. Rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Pedro Álvares Cabral.
<b>Epígrafe</b>	“... As ordens dos reis portugueses são sagradas”. Pedro Álvares Cabral.
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MENEZES, Emílio de. Campo santo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 maio. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Teófilo Barbosa.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Últimos versos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 maio. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Três estrofes (um quinteto, um quarteto e um sexteto); versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Um momento de despedida.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Junho

<b>Referência</b>	NOBRE, Antonio. Ô virgens que passais, ao sol-poente. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 jun. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Saudades do lar.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Lágrimas de mãe. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun.. 1900. p.1, 4-5.col.
<b>Forma</b>	Quatro quintetos; versos dodecassílabos; rimas ABCCB (com terminações distintas em cada verso).
<b>Tema</b>	Sufrimento; morte de filhos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ANDRADE, Teófilo de. Paisagem de inverno. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 25 jun.. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Uma paisagem.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Luiz Guimarães Filho.

<b>Referência</b>	AZEVEDO, Artur. Salve, poeta! Que melhor surpresa. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jun.. 1900. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	As qualidades de Dom João da Câmara.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Em homenagem ao Dom João da Câmara.

<b>Referência</b>	TEIXEIRA, Orlando. Os velhos. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 27 jun.. 1900. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/BABA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	As qualidades de Dom João da Câmara.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Julho

<b>Referência</b>	DÓRIA, Escragnolle. Enterro de Julieta. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 jul. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A morte de Julieta.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Olavo Bilac.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. O lago e as estrelas. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jul. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDE/CDE.
<b>Tema</b>	O cair da noite; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	KEMP, Emílio. Calhandra. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 jul. 1900. p.2, 4.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	A voz de uma mulher.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	MÉRYSS, Rose. Bien, chantez, enfants, dansez, faites des rondes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 jul. 1900. p.1, 4-5.col.
<b>Forma</b>	Oito sextetos; versos eneassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	As crianças da “Matinée Infantine”.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Aux enfants.
<b>Observação</b>	“De la ‘Matinée Infantine’ qui a été organisée en leur honneur et celui de la France par la colonie française de Rio”.

<b>Referência</b>	HOLANDA CUNHA. Pranto d’alma. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 jul. 1900. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Tristeza.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Oliveira Gomes.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Canários exilados. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 jul. 1900. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Agosto

<b>Referência</b>	LOPEZ, Thomas. A estátua. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 20 ag. 1900. p.4, 4-5.col.
<b>Forma</b>	Quatro sonetos sob a mesma epígrafe. Versos decassílabos e sequência rímica ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Um artista e sua estátua.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ERNESTO JUNIOR, Bento. Árcades Ambo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1900. p.4, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	ERNESTO JUNIOR, Bento. Fascinação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1900. p.5, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Carlindo Lellis.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Depois do baile. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 2 ag. 1900. p.5, 2.col.
<b>Forma</b>	Dois sextetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Rosa murcha. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 ag. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Um quinteto e dois sextetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES PASSOS. No outro mundo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 ag. 1900. p.1, 3.col.
<b>Forma</b>	Dois quintetos e dois quartetos; versos decassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Eça de Queirós.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Henrique Chaves.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Coroa de saudades. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 ag. 1900. p.1, 6-7.col.
<b>Forma</b>	Três quintetos; versos dodecassílabos; rimas ABAAB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	<i>In memoriam</i> de Eça de Queirós.

<b>Referência</b>	MONTEIRO, César. Eça de Queirós. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 ag. 1900. p.2, 1.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	BICHARA, Félix. Apoteose. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 ag. 1900. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos dodecassílabos; rima ABAB/ABAB/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Ferreira de Araújo.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FOGLIANI, Giuseppe. Sulla Tomba di Ferreira de Araújo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 28 ag. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto (morte de Ferreira de Araújo),
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Incrédula. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 ag. 1900. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Setembro

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. A origem do rubi. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1900. p.1, 4-5.col.
<b>Forma</b>	Dois quintetos; versos dodecassílabos; rimas ABAAB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	O rubi.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LAMEGO, Antonio. Versos a D. Morena. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1900. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Cinco quartetos; versos decassílabos; rimas interpoladas.
<b>Tema</b>	Uma mulher morena.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Um conto. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 8 set. 1900. p.2, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/BABA/CCD/EED.
<b>Tema</b>	Desilusão.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	FOGLIANI, G. In morte di Ferreira de Araújo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 set. 1900. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ferreira de Araújo.

## Outubro

<b>Referência</b>	LUIGH, M. N. Percillo. Meio ano faz que para o Além partiste. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, out. 1900. p.2, 8.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Esteves Junior.

<b>Referência</b>	MURAT, Luiz. Uma impressão de outrora. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 14 out. 1900. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Oito octásticos e um quarteto; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Lembranças; sentimentos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. O beijo da imperatriz. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 15 out. 1900. p.1, 5.col.
<b>Forma</b>	O poema está dividido em duas partes. A primeira possui dois quartetos e a segunda, quatro quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma imperatriz.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	VASCONCELOS JUNIOR, Max de. Dor. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 out. 1900. p.2, 2.col.
<b>Forma</b>	Dois octásticos e um quarteto; versos octossílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Sufrimento (amor).
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À minha maior e mais acariciada ilusão, que por alguns meses tão sinceramente me acalentou e... fugiu.

<b>Referência</b>	FONSECA, Adelina. Criança, que baixaste à sepultura. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 29 out. 1900. p.2, 5.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Luto.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	À pranteada morte do querido amigo José Samico.

<b>Referência</b>	MAGALHÃES, Valentim. Sol de verão, astro fecundo. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 30 out. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Quatro quintetos; versos octossílabos e um verso tetrassílabo em cada estrofe; rimas AABAB (com terminações distintas em cada estrofe).
<b>Tema</b>	O sol.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	Publicado na coluna “O pão do espírito”, assinada por Araripe Junior.

## Novembro

<b>Referência</b>	ABREU, Adriano. Do livro dela. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 18 nov. 1900. p.2, 2-3.col.
<b>Forma</b>	Dois sonetos sob a mesma epígrafe. Ambos possuem versos dodecassílabos e esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Um reencontro.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Mário Guaraná.

<b>Referência</b>	GUIMARÃES FILHO, Luiz. Trevas brilhantes. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 19 nov. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Sete quartetos; versos decassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Os olhos de uma pessoa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	JUNQUEIRO, Guerra. A fome no Ceará. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 21 nov. 1900. p.2, 4-5.col.
<b>Forma</b>	11 estrofes (de extensões variadas); versos dodecassílabos e hexassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	A fome no Ceará.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

## Dezembro

<b>Referência</b>	ANDRADE, Teófilo de. Ruínas de uma alma. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 10 dez. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABBA/CCD/EDE.
<b>Tema</b>	Sufrimentos de uma alma.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	Ao Dr. Cardoso de Oliveira.

<b>Referência</b>	DUQUE-ESTRADA, Osório. Doris. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 16 dez. 1900. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Três quartetos; versos dodecassílabos; rimas alternadas.
<b>Tema</b>	Uma princesa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-
<b>Observação</b>	O poema é acompanhado da seguinte passagem: “A propósito do acidente ocorrido em Cascais e em que foi protagonista sua majestade a rainha D. Amélia, de Portugal”.

<b>Referência</b>	MACHADO, Ernesto. Interrogação. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 17 dez. 1900. p.1, 7.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/CDCD/FFG/HHG.
<b>Tema</b>	A beleza de uma pessoa.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	LOPES, Thomas. Para as estrelas... <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 23 dez. 1900. p.2, 3.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Ambientes noturnos.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

<b>Referência</b>	GAMA, Elvira. Blasfêmias. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 24 dez. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABAB/ABAB/CDC/DCD.
<b>Tema</b>	Sufrimento.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	A Luiz Guimarães Filho.

<b>Referência</b>	BRAGA, Belmiro. Nesta, em que vivo, triste soledade. <i>Gazeta de Notícias</i> . Rio de Janeiro, 26 dez. 1900. p.1, 6.col.
<b>Forma</b>	Soneto; versos decassílabos; rima ABBA/ABBA/CDC/EDE.
<b>Tema</b>	Saudades da infância.
<b>Epígrafe</b>	-
<b>Dedicatória</b>	-

**ANEXO 2 – Antologia**

*Correspondência*  
Augusto de Lima

## I

“Prisma, disse a Harmonia, dá-me as tintas  
Com que no íris etéreo a luz esgotas.”  
Responde o prisma: “Dá-me as sete notas  
Com que os humanos sentimentos pintas.”

Intervém o Perfume: “Inutilmente  
Unir-vos-eis sem mim, alma das flores;  
Das sete notas e das sete cores  
Guardo a aliança no meu seio ardente.”

## II

Há, com efeito, acordes no perfume,  
De intenso colorido harmonioso,  
Que no delíquio de supremo gozo  
As sensações universais resume.

Nossos olhos não veem; nossos ouvidos  
Não escutam; mas a alma inebriada  
Ouve cantar na abóboda azulada  
Os cintilantes astros comovidos.

Na embriaguez das flores quando assoma  
Entre sonhos a morte, há de ser grato  
A alma romper nas emoções do olfato  
E a vida evaporar em pleno aroma!

*O sonho de Berta*  
Alberto de Oliveira

## I

Voa em redor; vai e vem; sobe e desce;  
Torna a subir e torna a descer...  
RAIMUNDO CORREIA – *Versos e Versões*

Soltando o cabelo de ouro  
Ao deitar-se, ondeante e farto,  
Viu Berta lhe entrar no quarto  
Um besouro.

- Já agora, exclamara ela,  
Não me levanto, é capricho,  
Para mostrar a este bicho,  
A janela;

Nem da toalha um açoite  
Farei contra este besouro;  
E sem mais, senhor agouro,  
Boa noite! –

Despiu-se. Nevada e lisa,  
Cheio do olor de sua pele,  
Tirou mesmo diante dele  
A camisa.

Deitou-se. É um mimo de Berta  
O corpo que a vista inflama,  
Assim como está na cama,  
Descoberta.

Cerra os olhos. Entretanto,  
O besouro, tonto, inquieto,  
Zumbe da alcova no teto,  
Zumbe a um canto.

Ao pé do espelho inclinado  
Zumbe, zumbe na parede.  
E de Berta agora, vede,  
Zumbe ao lado.

E Berta as pálpebras fecha  
Em vão, quer dormir um pouco  
Não a deixa o bicharoco,  
Não a deixa!

Ai dela! por seu cabelo  
 Sente-lhes as asas... que inferno!  
 Quem a livra desse eterno  
 Pesadelo?

Ai dela! Noite sombria.  
 As tardes horas apressa:  
 A luz d'alva que apareça,  
 Venha o dia!

Sobre o leito, em que deitada  
 Está, volta-se ofegante  
 Berta insone, a cada instante,  
 De assustada.

As mãos cruzam, ensaia a prece,  
 Mas tão trêmula do seio  
 A alma vem, que a prece em meio  
 Desfalece.

Pobre Berta! enfim sucumbe,  
 Desmaia... Entretanto, às voltas,  
 O besouro, as asas soltas,  
 Zumbe, zumbe...

## II

O cavaleiro negro da desgraça!  
 J. DE MORAIS SILVA – *O Besouro*.

O que Berta no seu sonho,  
 Viu, inda hoje, se o refere,  
 Negro horror a alma sugere,  
 De medonho!

Viu nos braços, feio e rudo,  
 Tomá-la, e a que em vão se escapa  
 Um vulto, de negra capa  
 De veludo.

E ao passo que a prende e aperta  
 Nos braços, lhe ouve: - Agora  
 Eis-te enfim com quem te adora,  
 Minha Berta!

E colar-lhe ao rosto, - abjetos,  
 Viu-lhe os bigodes compridos,  
 Muito duros, parecidos  
 Com uns espetos.

Ao pé deles, que afastava,  
Com as mãos ambas, como louca,  
Um buraco feito boca  
Resmungava...

Quis gritar, quis pela santa  
Chamar, a quem sempre reza;  
Mas a voz ficou-lhe presa,  
Na garganta.

Quis fugir. Um movimento  
Ao pobre corpo cativo  
Imprimiu rápido, vivo,  
Num momento...

Acordou. Loura e modesta  
Pairava na alcova linda  
Uma réstia de luz, vinda  
De uma fresta.

E, erguendo-se, em vago anseio,  
Achou Berta, espavorida,  
Um besouro, já sem vida,  
Junto ao seio.

*Estrada deserta*

Alberto de Oliveira

Só, sem ninguém que a atravesse  
 Aquela hora, erma e tristonha,  
 Boceja a estrada, adormece...  
 A lua brilha. A estrada sonha.

Sonha que ouve um som distante,  
 Um como dorido harpejo:  
 É o terno, é o doce descante,  
 Da viola de um sertanejo:

- “Viola, em menos dedos quero arrebentar-te  
 E nos teus coes há de a minha vida,  
 Gemendo, a rastos, ir por toda a parte,  
 Qual vai gemendo a juriti ferida.”

Porém da viola à toada  
 A estrada acorda. Somente  
 Brilha a luz. E dorme a estrada,  
 Dorme e sonha novamente.

Sonha que a percorre agora  
 Um cavaleiro embuçado,  
 Bota escura, clara espora:  
 Vem uma dama ao seu lado.

E o cavaleiro diz: - “Enfim, te aperto  
 Nos braços, louco de ventura infinda!  
 Fugamos! Tudo é em derredor deserto!  
 Fugamos! Olha como a noite é linda!”

E a dama diz: - “Suponho te estar vendo  
 Inda ao sair das sombras da alameda:  
 Oh! com que susto pus meu pé tremendo  
 Na mole escada de degraus de seda!”

Mas dos corcéis a passada  
 A estrada acorda. Somente  
 Brilha a lua. E dorme a estrada,  
 Dorme, e sonha novamente.

Sonha que, entre um murmúrio  
 Soturno, uns vultos assomam;  
 Uns de um féretro sombrio  
 As áureas argolas tomam.

Outros à mão, tardo o passo,  
 Longos círios alevantam;  
 E em monótono compasso  
 Todos tristemente cantam:

- “Para as estrelas, para o eterno dia,  
Longe dos homens, longe dos enganos,  
O espírito ascende de Maria,  
Morta na flor de seus primeiros anos.

No cemitério, que ali está, cavou-se  
Estreita cova para sepultá-la;  
O seu olhar e o seu sorrir tão doce  
Vão dar dois lírios pra enfeitar-lhe a vala.

Vai morta, vai no seu caixão de pinho  
Deitada, sob as rosas da capela...  
Lampírios de ouro, archotes do caminho,  
Vinde conosco, aproximai-vos dela!”

Mas da prece a voz magoada  
A estrada acorda. Somente  
Brilha a lua. E dorme a estrada,  
Dorme, e sonha novamente.

Sonha que esta mesma prece  
Ouve; a procissão tristonha  
Aparece, reaparece...  
A lua brilha. A estrada sonha.

*Paredes nuas*

Alberto de Oliveira

Da meia noite (a lua brilha) adeja  
A alma sobre o arraial. Que triste a lua  
Horas mortas assim, quando da igreja  
Alva destaca-se a parede nua.

Alma cheia de sonhos, recordando  
Meus sonhos mortos, - pela noite fria  
Uma saudade vai me acompanhando  
E entre as sombras, ali, meus passos guia.

Que noite! Dorme a luz do luar gelado,  
Dormem as casas da deserta rua...  
E aqui, ali, de um lado, de outro lado,  
- Forma espectral – uma parede nua!

Para além a campina – a massa informe  
Das árvores compondo um véu sombrio;  
E o rio que as estrelas olha e dorme,  
E as estrelas banhando-se no rio.

Lá, cercada de ramos, o tapete  
Flóreo deixando, que visão flutua  
É uma estátua de neve? É um palacete,  
Sai dentre as folhas com a parede nua.

A alguns passos da estrada, o cemitério  
Eis surge agora... Mas que forma estranha  
Tenho ante os olhos! mas que vulto aéreo  
Este que a lua um reflexo banha!

É ela! É o todo seu, claro e perfeito!  
É o seu fantasma: é a doce imagem sua...  
- Não! É um corpo de cal que aperto ao peito,  
É um corpo frio – é uma parede nua!

*Os caniços*  
Alberto de Oliveira

Os Caniços

Sopra mais forte e leva-nos contigo,  
Vento da tarde, parte-nos ao meio  
E os caniços do brejo, vento amigo  
Leva em teu seio!

Por que existimos? por que assim vivemos,  
Assim, curvos de dor, de tanta mágoa,  
E a sombra nossa desolados vemos  
No espelho d'água?

Sopra mais forte, vento, que nos vales  
Harpa invisível tanges dolorida,  
Sopra, e leva contigo nossos males,  
Levando a vida!

O VENTO

Ouvi! para este lado se dirige,  
Do sol no Ocaso ao derradeiro raio,  
Um homem. No pesar que vos aflige,  
Interrogai-o!

O HOMEM

... E a terra, o sol, o espaço, o firmamento,  
E Deus, em longo e prolongado estudo,  
Misero verme, interroguei sedento...  
Debalde tudo!

OS CANIÇOS

Homem, de cuja boca a luz do Ocaso,  
Estranhas vozes pávidos ouvimos,  
Saberás nos dizer, homem, acaso  
Por que existimos?

O HOMEM

Debalde! E o inimigo atroz que me enlouquece,  
A negra esfinge em toda a parte avisto...  
Se alguns desses caniços me dissesse  
Por que é que existo!...

*Necrópole*

Alberto de Oliveira

Tanta ilusão, farto de tanto engano,  
Tanta esperança estrangulei nos braços  
Que destruí de todo ao sentimento  
    O império soberano!  
Jaz o meu coração no isolamento  
E acaso lembra os solitários passos  
Frios, onde o silêncio se transporta,  
    De uma cidade morta.

Vens em hora bem má, quem o não despertas!  
Bates em vão! lá dentro a escuridade  
Transeunte espectral, apenas gira  
    Pelas praças desertas...  
Uma só boca ao vento não respira.  
Nem mesmo sobre os túmulos, que tantos  
São de mortos já tantos, a saudade  
    Seus carmes vibram e os prantos!

Vens em hora bem má! tarde procuras  
Entrar! onde uma vez floridos prados,  
Jardins cheios de sol achar podias,  
    Encontras sepulturas!  
Nem uma rosa mais daqueles dias!  
Ó meu último amor, teus delicados  
Dedos não quebres, não, batendo à porta  
    De uma cidade morta!

*A camisa de Olga*  
Alberto de Oliveira

Deixa cuidadosa mão que a ensaboara  
De Olga a camisa ao sol, rendada e clara,  
Clara de modo tal que o vento em breve  
De longe vê, de longe corre e ansioso  
A beijá-la se atreve.

-“Dá-me teu cheiro, linho delicioso!  
Diz, e, dizendo fortemente a aspira –  
Deixando envolver-me inteiro  
Na cava do decote onde – que cheiro!  
Bate seu peito e virginal suspira.”  
Mas retrai-se a camisa, dobra a dobra,  
- Larga-me! fala e ao vento ousado exprobra:

- “Só, qual me vejo, dela assim vazia,  
O ímpeto brutal sofro a este vento,  
Se ela estivesse aqui neste momento  
E eu a vestisse, ele que não faria!

Coube-me a vez de reparar o quanto  
Lúbrica a Natureza a tudo empresta  
Esta força fatal que pode tanto  
E por beijos brutais se manifesta.

Coube-me a vez de vir notar e triste  
Que aquela mesma falta a respeito,  
Que é nos homens um péssimo defeito,  
Também no vento muita vez existe.”

*A Revolução – Tiradentes*

Fontoura Xavier

Não vedes, muito além, pelo dormir das eras,  
Um vulto de titã coroado de esferas,  
Um oceano que dorme às plantas dum vulcão?

Sabeis-lo, é sobre a história. Horrendo como o Douvre,  
Abrigo do trocaz e antípoda do Louvre  
O rochedo de luz chamou-se – Convenção.

Quando a revolução – o espectro de Gorgona!  
Alou-se desse abismo e apareceu à tona,  
Calcou-lhe desgrenhada o trágico sopé...

O *mar* como Saul irava-se nas harpas,  
As ondas em roldão varrem-lhe as escarpas  
E a Deusa ressurgiu no píncaro – de pé.

Sorriu: como que o sol pairava sobre o monte;  
Tingiram-se de sangue as fímbrias do horizonte,  
E o mundo ouvia, tremendo, a trompa de Galaar...

No centro do vulcão, como uma forja acesa,  
Mil bocas de clarias cantando a Marselhesa  
Sopravam nos sifões elétricos do mar.

Era horrível de ver o monstro enfurecido,  
Heroico, marcial, esplêndido e ferido,  
Bramindo de feroz, rasgando-se de dor...

Quando a vaga descia essa eminência estranha  
Formava a legião: chamava-se – *Montanha*  
*Gironda, Cordeliers*, – fantasmas do *Terror*.

E marchavam, então, tomados de furores,  
Batendo nos fuzis, rufando nos tambores,  
Desfraldando pendões, cantando o *Ça-ira*...

A grande aparição, medonha, iluminada,  
Parecia embocar a tuba imaculada  
Do arcanjo convocando ao vale Josafá.

Era em meio a tragédia: Ela só, sobre o palco,  
Como a grande inscrição de um grande catafalco,  
Rasga a pedra a cinzel e lê: *Noventa e três*...

Entre *bravos* da plebe e braçados de flores,  
Na febre do delírio, os crânios dos atores  
Juncaram-lhe a ribalta, – excêntricos *bouquets*!

Foi quando Ele surgiu. No cimo da cratera,  
Rodeada de fogo, a Deusa estremeceu  
Se visse aquele espectro em frente de Paris...

Ele tinha acordado a sanha da Leoa,  
Muito embora, de longe, ergueu-se, saudou-a,  
Que a fronte resvalou na túnica da Atriz.

Era cedo, talvez. Mas que barreira ingente  
Iria opor-se à lava, à lava incandescente  
Quando a chama aterrora a goela do vulcão?

Que braço de colosso ou peito sobre-humano  
Iria impor silêncio à boca do oceano  
Quando a visse rugir,<sup>417</sup> rugir como um leão?

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo  
Tu nunca lançarás o anátema supremo  
Como um labéu da morte à face dos heróis...

Descerra o Panteão, acende o alampadário  
E leva aquele Morto ao foco planetário  
Dessa constelação fantástica de sóis.

---

<sup>417</sup> “Rugir”, no original.

*Humus-Homo*  
Augusto de Lima

Há qualquer coisa que nos solicita  
Dentro da terra, e estreita (obscuro arcano!)  
Seu coração e o coração humano:  
- Quando um deles palpita, o outro palpita.

Urna sem par da humanidade aflita,  
Cérez nutris faz do suor insano,  
O homem que, por castigo, é soberano,  
Seu ventre famulento não evita...

A terra é do homem, o homem é da terra;  
Tudo quanto este encerra, aquela encerra;  
A mesma essência, idênticos destroços.

Ah! quando encaro a terra, pelo instinto  
Fatal de meu destino, tremo e sinto  
Dentro da carne estremecer meus ossos.

*Palemo*

Alberto de Oliveira

Diz-se dele que, após uma noite a tormenta  
 Levar-lhe a filha assim, à toa  
 Queda, nem lança o anzol se acaso o peixe o tenta,  
 Nem colhe as redes na lagoa.

Vem o sol, morre o sol: de sobre o escuro e gasto  
 Barro esbroado do alcantil  
 Cisma, embebido o olhar todo no espelho vasto  
 Da água tinta do puro anil.

O chapéu muita vez desaba-lhe o cheiroso  
 Vento, que dos juncais floridos,  
 Como um fantasma, chega em murmúrio amoroso,  
 Invisível, a seus ouvidos.

Treme-lhe então na superfície lisa  
 Onde se estampa; esse tremor  
 Só da sombra é porém – moveu-a inquieta brisa,  
 Da lagoa passando a flor.

Que, repara, à feição de uma estátua inclinada,  
 Ele, lá em cima, sobre o assento  
 Do alcantil permanece, a cabeça nevada,  
 Braços e mãos sem movimento.

Quando a nevoa é maior, pelas noites de junho,  
 Envolve-o e, acaso, se há luar,  
 Ele o vulto de um deus semelha, o rosto ao punho,  
 Absorto, em místico cismar.

Embaixo, d'água a flux, oscila o barco, ao manso  
 Vento, orvalhado pela bruma,  
 Como informe cetáceo, em moroso balanço,  
 Da maré flutuando à espuma.

Em tais horas alguém que ama vagar sozinho,  
 Errabundo, sem outro fim,  
 Conta que uma visão toda de alvor do arminho  
 Surge no barco, e pura assim.

Névoa, não, que lhe cinge a cabeça divina  
 Um laço estreito da capela,  
 E embora seja a veste uma clara neblina,  
 Move-se um anjo dentro dela.

Surge e o atento ancião olha o abismo profundo  
 De onde ela acaba de surgir,  
 Mas vago, absorto, como, esquecido de mundo,  
 No sonho, estático, um faquir.

E depois, com o luar, foi-se a visão levando  
O véu de brumas, levemente,  
Té que em meio do azul desfez-se, acompanhando  
O resplendor do céu do Oriente.

E ei-lo de novo ao sol: de sobre o escuro e gasto  
Barro esbroado do alcantil,  
Cisma, embebido o olhar todo no espelho vasto  
Da água tinta de puro anil.

*O luar*  
Alphonsus de Guimaraens

*Dos Salmos*

O luar, sonora barcarola,  
Aroma de argental caçoula  
Azul, azul, em fora rola...

Cauda de virgem lacrimosa,  
Sobre montanhas negras pouosa,  
Da luz na quietação radiosa.

Como lençóis claros de neve,  
Que o sol filtrando a luz esteve,  
É transparente, é branco, é leve.

Euritmia celestial das cores,  
Parece feito dos menores  
E mais transcendentos odores.

Por essas noites, brancas telas,  
Cheias de esperanças e estrelas,  
O luar é o sonho das donzelas.

Tem cabalísticos poderes,  
Como os olhares das mulheres:  
Melancoliza e enerva os seres.

Afunda na água o alvo cabelo,  
E brilha logo, algente e belo,  
Em cada um setestrela.

Cantos de amor, salmos de prece,  
Gemidos, tudo anda por esse  
Olhar que Deus à terra desce.

Rola, sonora barcarola,  
Aroma de argental caçoula,  
O luar, azul em fora, rola...

*Remorso*  
César Franco

O inverno à minha porta brada, brada  
Pela boca dos ventos;  
E sinto, pela noite desolada,  
Suspiros e lamentos.

É tua alma, é tua alma que suspira  
É tua alma que chora  
Atravessando as nuvens de safira,  
Espaço, espaço a fora.

É tua alma que desce, na tormenta,  
Do céu, do céu profundo;  
É tua alma, é tua alma que lamenta  
Meus passos pelo mundo.

É tua alma que passa, enchendo a noite  
De maldições e queixas;  
É tua alma que geme a cada açoite,  
Tristes, tristes endeixas.

É tua alma que vem, de esfera em esfera,  
Num coro de gemidos;  
É tua alma que em vão minha alma espera  
- No azul – entre os remidos...

*Gênesis*

Magalhães de Azeredo

Tendo criado Deus, nas príseas eras,  
Estátua perfeitíssima de argila,  
“Vinda animá-la!”, disse, a voz tranquila  
Erguendo entre a harmonia das esferas.

Veio o gênio do bem – feições austeras;  
Meigo olhar, coração que o amor asila  
Veio também Satã, que ódios estila  
Da boca torpe em gargalhadas feras.

Disse aquele: “Em tua alma Deus imprime  
As paixões do ideal que me consomem;  
Pensa, crê, sofre, espera, sê sublime!”

E Satã: “Vis instintos lá te domem,  
Réptil, no podre báratro do crime!”  
Fez-se desta arte um anjo-besta: eis o Homem!

*Olhos*

Alphonsus de Guimaraens

Outro, não eu, estranharas que admires  
A grande luz daquele olhar pungente;  
Que tem todas as cores dum arco-íris...  
Que estranho quem não ama e quem não sente.

Nem tu riras, por certo, se me ouvires  
Falar duns olhos religiosamente;  
Ísis, a deusa branca, e um fulvo Osíris  
Deram-lhes toda a profundez clemente.

Olhar de amor, luares de lua... Vivo  
A vida excelsa de um contemplativo,  
Os pés na terra, a alma pairando no ar...

Há mulheres que a gente diz ao vê-las:  
Olhos cheios de nuvens e de estrelas...  
Vive com Deus quem tem o céu no olhar.

*Os sinos*  
Julio Salusse

*De Nevrose Azul*

Nas tardes lentas e calmas  
Os sinos tangem soturnos  
Como lamentos noturnos,  
Sensibilizado as almas.

Derramam no ar notas graves  
Cheias de melancolia.  
Quando finaliza o dia  
Por entre a canção das aves.

Surja a aurora fresca e linda.  
No calmo céu do oriente,  
Que melancolicamente  
Eles tangerão ainda.

Quantas vezes acontece  
Passar o esquife de alguém,  
Solenes, como uma prece,  
Os sinos tangem também.

Aos meus nervos femininos,  
Guardo ainda essa lembrança,  
Outrora quando criança,  
Causavam prazer os sinos.

Hoje, ouvindo os sons tristonhos  
Como o luar sobre as lousas,  
Penso em funerárias cousas  
E relembro mortos sonhos.

Penso que durmo o perene,  
Tétrico sono final,  
Sob a cúpula solene  
De uma velha catedral.

Medonho rumor aos poucos  
Vai da terra ao firmamento,  
Produzido por um lento  
Badalar de sinos roucos.

E esse rumor é tão forte  
Que eu, morto, consigo ouvi-lo,  
Pois não me deixa tranquilo  
Dormir o sono da morte...

*A cabeça do corvo*  
Alphonsus de Guimaraens

(Servindo de prólogo ao livro *Salmos* que se acha  
concluído – a publicar-se)

Na mesa, quando em meio à noite lenta  
Escrevo antes que o sono me adormeça,  
Tenho o negro tinteiro que a cabeça  
De um corvo representa.

A contemplá-lo mudamente fico,  
E numa dor atroz mais me concentro;  
Abro-lhe então o grande e fino bico,  
Enfiando a pena pela goela a dentro.

E solitariamente, pouco a pouco,  
Do bojo tiro a pena rasa em tinta...  
E a minha mão, que treme toda, pinta  
Versos próprios de um louco.

E o aberto olhar vidrado da funesta  
Ave que representa o meu tinteiro  
Vai-me seguindo a mão, que corre lesta.  
Toda a tremer pelo papel inteiro.

Dizem-me todos que atirar eu devo  
Trevas em fora este agourento corvo,  
Pois dele sangra o desespero torvo  
Destes versos que escrevo.

*A caveira*  
Magalhães de Azeredo

Entre papéis e livros em desordem,  
Tenho na minha mesa uma caveira,  
Que no rir da ironia derradeira,  
Mostra dentes, que em suma, já não mordem...

Comprei-a a um judeu velho, que, em discretos  
Armários, guarda, numa loja escura,  
Coisas que pouca gente hoje procura;  
Bronzes, paines, ossadas e amuletos...

Não sei que ideias negras ela inspira  
A quem entra um instante nesta sala;  
Dizem-me que uma jovem, só de olhá-la  
Cinco noites a fio não dormira.

Figura horrenda, bem que inofensiva,  
Esse espantalho! Que lição austera  
Daria aos parvos homens, se pudera  
Tornar a sua forma primitiva!

Talvez, um gênio tumultuara, nesse  
Crânio polido e nu, branco e vazio  
- Um gênio, cujo augusto poderio  
Ideias, cultos, povos revolvesse...

Talvez, nele fulgira, em breve encanto,  
O olhar de uma mulher, que cantos d'almas  
Levou à perdição – e talvez, calmas  
Se alaram dele as orações de um santo...

Tudo a Morte apagou, e isso me basta...  
Despojo estéril! nem te resta um nome...  
Também ele foi dado à insana fome,  
Que para a mesma goela tudo arrasta.

Dir-me-ão alguns: Por que, jovem e forte,  
Pensar em coisas que só fazem medo?  
É cedo ainda! – Estalos! quando é cedo  
Demais, enfim, para pensar na Morte!

Assim – confunda embora o orgulho humano  
Tal visagem, de aspecto duro e feio –  
Guardo-a ante mim, porque em seus trações leio  
A elegia do eterno desengano.

Quando burilo estrofes prediletas,  
Criando aspirações de glória rara,  
Ela me diz, fatídica: Repara  
Onde é que findam sonhos de poetas...

*O sonho*  
Julio Salusse

*Ao doutor Auto Fortes*

Já tive um sonho romanesco:  
Sonhei que eu era Marco Antonio;  
Tinha um palácio principesco,  
Tinha uma frota no mar Jônio.

Gozei Cleópatra lasciva  
Entre os meus braços. A rainha  
Jurou que enquanto fosse viva  
Seria eternamente minha.

Sempre enlaçados, sempre juntos,  
Nós percorremos todo o Egito,  
País de esfinges e defuntos,  
Cheio de templos de granito.

Frequentes vezes, suplicante,  
Na terra de Ísis, deusa bela,  
Assim falei à régia amante  
No musical idioma dela:

- Por sobre o Nilo, que retrata  
Um céu de bronze, naveguemos;  
Vem, toma a canja de ouro e prata,  
Movida por cinquenta remos...

Longe de ti como eu padeço!  
No acampamento, à noite mudo,  
Todas as coisas aborreço,  
Detesto horrivelmente tudo.

Por isso vim. Nas minhas faces  
Jamais o pranto secaria,  
Se em minha ausência me olvidasses,  
Se eu te perdesse acaso um dia.

Antes eu perca os meus guerreiros,  
A minha frota, a Grécia, enfim,  
Onde há perfumes e loureiros,  
Fontes e deuses de marfim.

Se queres que eu, um dia ao menos,  
Sinta um satânico prazer,  
Com um dos teus sutis venenos  
Mata um escravo para eu ver.

Tomando o riton em seguida,  
Esta emoção rainha goza:  
Serve uma pérola diluída  
Num vinho espúmeo e cor de rosa.

E sobre o Nilo, que retrata  
Um céu de bronze, naveguemos,  
Dentro da canja de ouro e prata,  
Movidá por cinquenta remos...

*Canicular*

Magalhães de Azeredo

Ao meio-dia, quando a calma intensa cresta  
Os leques do coqueiro e as recortadas parras,  
E o sol a pino listra o espaço de ígneas barras  
- Exagerada luz que nos cansa e molesta –

Eu gosto de dormir, voluptuoso, a sesta,  
A monótona voz chilreante das cigarras,  
Que vibra forte além – como um som de fanfarras,  
Atroando o ar, ecoando ao longe, em plena festa.

Ouço, encantado e tonto, essa música estranha,  
Que não para, que ativa a cada instante cresce;  
Um profundo torpor os meus sentidos ganha.

E os olhos cerro; sem cuidados, me abandono  
Ao olvido sutil, que do céu quente desce...  
E dura, até que baixe a noite, o doce sono...

*Asas*

Benevenuto Pereira

Inverno. Cheios de água, em arcaria,  
quedam-se os ramos, com tristeza. As portas  
das taperas de encontro à aragem fria...  
deserta a estrada, pelo chão havia...  
asas azuis de borboletas mortas...

Névoas em torno, névoas sobre tudo  
suspensas, como um bando alvo, ideal,  
de ovelhas mansas, sonolento e mudo...  
No caminho... mais asas de veludo  
cor dos teus olhos e do céu triunfal.

Erro à toa. Procuo um seio amigo  
que a sua alma escancare como portas...  
Ninguém me fala; pesaroso sigo,  
da flor da terra fazem de jazigo  
asas azuis de borboletas mortas...

Rondo e espreito moradas. Subo e desço  
montanhas; e de novo com pesar  
volto ao caminho, pálido padeço...  
Vejo, embora sentindo o peito opresso,  
uma asa azul, formosa a rutilar.

Inverno. Cheios de água, em arcaria,  
quedam-se os ramos, com tristeza. As portas  
das taperas de encontro à aragem fria...  
deserta a estrada, só no chão havia...  
asas azuis de borboletas mortas...

*Foi uma tarde do diabo!*

B. Lopes

Foi uma tarde do diabo!  
- Ante a florista, basbaque,  
Pus na lapela do fraque  
Um tesó jasmim do Cabo;

Dei certo tic ao bigode.  
Ao cabelo, à barba raia,  
E fui dançando a bengala,  
Tomar o panteão. Pagode!...

De veia e *toilette* nova  
Chego ao termo; que travesso!  
- Eu bem um prêmio mereço,  
- Eu bem mereço uma trova...

Dedo no tímpano – *dlinde*...  
Tudo a surpresa, ao acaso;  
- Quem me vai vendo o desazo  
De minudências prescindes.

Criada ao alto... Perfeito,  
Diante de tanta elegância,  
Não só este ar de importância,  
Como o meu jasmim, no peito.

Então, maior que os califas,  
No vestíbulo procuro  
Abafar, cauto e seguro.  
Os passos nas alcatifas.

Ouçó gemidos no quarto;  
Sendo de moça a vivenda  
Supus que... boas, entenda!...  
Ou se tratava de um parto.

Entro, fazendo um exame  
Sobre a mesa de pão preto  
Dois canários – um dueto –  
Fofos, no chalé de arame.

*Un coup d'œil* ao gabinete:  
- Luz velada, doce e morna;  
O quadro do chão adorna  
Vivo painel de um tapete.

O *bric-à-brac* de luxo  
Do interior de uma artista  
Exposto à lâmpada, à vista,  
Coalha o *dunkerke* de luxo.

No padrão frio do estofo  
Do cortinado da porta  
Estrelejando em cor morta  
As artemísias do mofo.

Da memória agora cai-me  
Um gáudio para as esposas:  
Havia entre tantas coisas  
Um tomo azul do *D. Jaime*.

Mas o que a palheta doura  
É o cabelo, a fulva lhama  
Da pequena sobre a cama  
- A flor da opereta, a loura,

Livre do pente e dos grampos  
Espalhando sobre a fronha...  
- Ouro de cor mais risonha  
Que a da macega dos campos –

Gemendo – sorte do diabo! –  
Vítima enfim de um ataque...  
Murcho, da casa do fraque,  
Caiu-me o jasmim do Cabo!

*Introdução (Da Nevrose Azul)*

Julio Salusse

Um segredo divulgo  
Possui cada nevrose a sua cor... Porém,  
Faça embora o maior dos esforços, o vulgo  
Nunca será capaz de percebê-la bem.

Cumpre, para alcançar semelhante conquista;  
Entre outras aptidões,  
Ter o temperamento excepcional do artista,  
Viver menos de pão do que de sensações.

A glória, essa cruel nevrose dos rumores,  
Tem a vermelhidão das púrpuras reais;  
Possui diversas cores  
A nevrose do amor, uma das principais.

Poetas, almas azuis divinamente doidas,  
Que poetizais a flor aberta num paul,  
A nevrose do verso, a principal de todas,  
É uma nevrose azul.

*B. Lopes*

Espadim de Romeu feito em Verona,  
 Posto ao lado do cinto das áureas trenas,  
 Afivelado pelas mãos pequenas  
 De apaixonada e virginal madona.

Balcão cheio de rosas e arabescos,  
 Onde um mavioso bandolim se ouvia  
 Lá pela noite langorosa e fria...  
 Versos tremidos e madrigalescos;

Torreões de opala, alcovas de escarlata  
 Abertas para o amo e para a neve,  
 Quando exalava o Cós, fervente e leve,  
 Nas abrifauces ânforas de prata;

Diáfanas, doces castelãs, e mestas  
 Damas de honor, a espreita dos amantes,  
 Na gelosia verde dos mirantes  
 Coroadas de pálidas gestas.

Dóceis faisões de venezianos passos  
 E outras aves reais de adorno e fama  
 Pavoneando a pluma – íris e lhama –  
 Na balaustrada ebúrnea dos terraços;

Cetinosas espáduas, nucas de ouro  
 Roçagantes veludos e alta seda,  
 Incendiados pela labareda  
 Do ciumento olhar de um pajem louro;

Globos talhados em jasmim cheiroso  
 Enchendo o ninho morno dos decotes,  
 Cheios de beijos e de miosótis,  
 Num romântico eflúvio capitoso.

Modorrento luar de cactos branco  
 E camélias albrantes, esfolhadas,  
 Em cujo raio as almas namoradas  
 Iam subindo em suspiroso arranco...

Foi-se a vida dourada das varandas  
 Perfumadas a lírio e à violeta...  
 - Só, do Passado, o amor de Julieta  
 Numa vaga efusão de essências brandas.

*Sóror*  
Magalhães de Azeredo

*A Mário de Alencar*

Pelo claustro, sonoro e vasto, a freira passa  
- Lenta como quem segue os impulsos de um sonho  
Ao rosto juvenil, tão pálido e tristonho,  
Ajunta o negro véu misteriosa graça...

Os olhos, negros são – negros, negros de morte,  
Como o véu que da frente, em linhas castas, desce;  
Neles fulge, talvez, o puro arder da prece,  
Que em êxtase a enleva, imperiosa e forte.

As dobras do burel realçam-lhe a magreza  
Ascética; e de longe o seu porte suave  
Faz lembrar a elegância alígera de uma ave  
- Cisne em garça – segando a flor a correnteza...

Pelo claustro sacro e vasto, o sol espalha  
Manchas diáfanas de ouro; e brinca, e treme agora  
Na água do fundo poço, onde, incessante, a nora  
Ringe, imitando o grito estrídulo da gralha.

Pouco distante, se ergue o venerando antigo  
Cruzeiro de granito: a trepadeira agreste  
O abraça, protetora, e dá-lhe sombra, e o veste  
Solícita e fiel como um carinho amigo...

Estende-se ao redor o largo cemitério  
Monacal, que pobreza! Em rasa e humilde pedra,  
Há nomes de mulher e datas... Só. Nem medra  
Um único cipreste, ali no chão funéreo.

No polal do cruzeiro, a freira se reclina,  
E um livro de piedade, amplo e grosso, folheia;  
Os olhos negros, onde a luz da fé se ateia  
Prendem-se avidamente à palavra divina:

“Filha, teu coração tão frágil e tão terno  
Não o deixas vogar das ilusões do encalço;  
O amor dos olhos, filha, é passageiro e falso;  
Dá-te ao amor de Deus, único justo e eterno!”

Fecha o livro, e medita, e recorda-se... E, enquanto  
Aumenta a palidez no seu pálido rosto,  
Ergue os olhos ao céu, pungentes de desgosto,  
- Negros, negros de morte, a encherem-se de pranto.

Recorda-se... Por que jovem, bela, deixara  
O mundo? por que, enfim, hoje, o burel a cobre?  
Por que há de ter ali um túmulo de pobre,  
Em vez de um mausoléu altivo de Carrara?

E – santa, mas mulher – o seu passado inteiro  
Revive... Oh! que tormento, e como a sorte é dura!  
E, de si para si, a meia voz, murmura:  
“O amor dos homens, sim, é falso e passageiro...”

*Nero*  
Julio Salusse

Muito embora tivesse um peito fero  
O monstruoso imperador romano,  
Conquanto fosse pérfido e tirano,  
Contra os seus netos nunca vocifero.

Medito sempre com prazer sincero  
Nas mortes de Agripina e de Lucano;  
Sou muito mais perverso e desumano  
Muito mais sanguinário do que Nero:

Aos lírios dos jardins, às pombas mansas,  
Aos homens, às mulheres, às crianças,  
Voto um ódio satânico, profundo...

Nero, notável pela crueldade,  
Incendiou somente uma cidade;  
Eu, se pudesse, incendiava o mundo!

*Laura*

Mário Pederneiras

Laura púbere! Pálida insolente!  
 Dona da carne flava e aperitiva...  
 De olhos de olhar nostálgico e poente  
 Sentimentais como uma sempre viva!  
     Olhos que em torno olhando  
 Como que em leves gases vaporosas,  
 Vão pela terra alegres peneirando  
 O pólen de ouro de um milhão de rosas.  
 Olhos sacros e santos onde brilha  
 Em explosões de luz branca, sem ascos  
 Qualquer coisa ideal como Sevilha  
     Num domingo de Páscoa.

Carne de ouro onde há ninfas e silêncios,  
 No bucolismo de um idílio languê  
     Pelo fresco dos fenos  
     Retemperando a calidez do sangue  
 Formas sadias, úmidas, bizarras  
 Onde o desejo em sugestões grosseiras  
 Lembra o cingir de rútilas fanfarras  
 A flava luz das tardes e das eiras.

Corpo de aspecto bíblico e polposo  
 Que uma alma de pagã viceja,  
 - Sol dos campos, rural, escandaloso  
 Barulhando no centro de uma igreja.  
 Dos esponsais galantes do pecado  
 Guarda ainda a leve cor purpúrea,  
 Níveo corpo de santa fecundado  
     Pela pagã luxúria.

*Saudades*  
Julio Salusse

## I

Não mais Otávio, o intrépido guerreiro,  
O pensamento da rainha inquieta,  
Pois Cleópatra agora imóvel, quieta,  
Dorme em um leito o sono derradeiro.

Beijando as suas régias mãos primeiro,  
Depois a fronte pálida e correta,  
Charmion, a doce escrava predileta,  
Junto ao cadáver passa o dia inteiro.

Quando Otávio pisava triunfante  
O morno Egito, à frente das milícias,  
Vindas da Ambratia, golfo do mar Jônio,

Suicidou-se a rainha extravagante  
Que fora outrora as lúbricas delícias  
Do grande César e de Marco Antônio!

*Baladas românticas*

Olavo Bilac

## I

Branca...

Vi-te pequena: ias rezando  
 Para a primeira comunhão.  
 Toda de branco, murmurando,  
 Na frente o véu, rosas na mão.  
 Não ias só: grande era o bando...  
 Mas entre todas te escolhi:  
 Minha alma foi te acompanhando,  
 A primeira vez em que te vi.

Tão branca e moça! o olhar tão brando!  
 Tão inocente o coração!  
 Toda de branco, fulgurando,  
 Mulher em flor! flor em botão!  
 Inda, ao lembrá-lo, a mágoa abrando,  
 Esqueço o mal que vem de ti,  
 E, o meu rancor estrangulando,  
 Bendigo o dia em que te vi!

Rosas na mão, brancas... E, quando  
 Te vi passar, branca visão,  
 Vi com espanto, palpitando  
 Dentro de mim, esta paixão...  
 O coração pus ao teu mando...  
 E, porque escravo me rendi,  
 Ando gemendo, aos gritos ando,  
 - Porque te amei! porque te vi!

Depois fugiste... E, inda te amando,  
 Nem te odiei, nem te esqueci:  
 - Toda de branco... Ias rezando...  
 Maldito o dia em que te vi!

## II

Azul...

Lembra-te bem! Azul-celeste  
 Era essa alcova em que te amei.  
 O último beijo que me deste  
 Foi nessa alcova que o tomei!  
 É o firmamento que a reveste  
 Toda de um cálido fulgor:  
 - Um firmamento, em que puseste,  
 Como uma estrela, o teu amor.

Lembras-te? Um dia, me disseste:  
 “Tudo acabou!” E eu exclamei:  
 “Se vais partir, por que vieste?”  
 E às tuas plantas me arrastei...  
 Beije a fimbria a tua veste,  
 Gritei de espanto, uivei de dor:  
 “Quem há que te ame e te requeste  
 Com febre igual ao meu amor?”

Por todo o mal que me fizeste,  
 Por todo o pranto que chorei,  
 - Como uma casa em que entra a peste,  
 Fecha essa casa em que fui rei!  
 Que nada mais perdure e reste  
 Desse passado embriagador:  
 E cubra a sombra de um cipreste  
 A sepultura deste amor!

Desbote-a o inverno! O estio a creste!  
 Abale-a o vento com fragor!  
 - Desabe a igreja azul-celeste  
 Em que oficiava o meu amor!

### III Verde...

Como era verde este caminho!  
 Que calmo o céu! que verde o mar!  
 E, entre festões, de ninho em ninho,  
 A primavera a gorjear!...  
 Inda me exalta, como um vinho,  
 Esta fatal recordação!  
 Secou a flor, ficou o espinho...  
 Como me pesa a solidão!

Órfão de amor e de carinho!...  
 Órfão da luz do teu olhar  
 - Verde também, verde-marinho,  
 Que eu nunca mais hei de olvidar!  
 Sob a camisa, alva de linho,  
 Te palpitava o coração...  
 Ai! coração! peno e definho,  
 Longe de ti, na solidão!

Oh! tu, mais branca do que o arminho,  
 Mais pálida do que o luar!  
 - Da sepultura me avizinho,  
 Sempre que volto a este lugar...  
 “Não cantes mais! que essa canção  
 Vem me lembrar que estou sozinho,  
 No exílio desta solidão!”

No teu jardim, que desalinho!  
 Que falta faz a tua mão!  
 Como inda é verde este caminho...  
 Mas, como o afeia a solidão!

IV  
 Negra...

Possas chorar, arrependida,  
 Vendo a saudade que aqui vai!  
 Vê que inda, negro, da ferida,  
 Aos borbotões o sangue cai...  
 Que a nossa história, assim relida.  
 O nosso amor, lembrado assim,  
 Possam fazer-te, comovida,  
 Inda uma vez pensar em mim!

Minha alma pobre e desvalida,  
 Órfã de mãe, órfã de pai,  
 Na escuridão vaga perdida,  
 De queda em queda e de ai em ai!  
 E ando a buscar-te. E a minha lida  
 Não tem descanso, não tem fim:  
 Quanto mais longe andas fugida,  
 Mais te vejo eu perto de mim!

Louco, e que lúgubre a descida  
 Para a loucura que me atrai!  
 - Terríveis páginas da vida,  
 Escuras páginas, - cantai!  
 Vim, ermitão, da minha ermida,  
 Morto, do meu sepulcro vim,  
 Erguer a lápide caída  
 Sobre a esperança que houve em mim!

Revivo a mágoa já vivida  
 E velhas lágrimas... afim  
 De que chorando, arrependida,  
 Possas lembrar-te inda de mim!

*Risos Macabros*  
Magalhães de Azeredo

*A Araripe Junior.*

Pela nudez da noite lenta,  
No ermo hibernal para onde vim,  
Uma alucinação violenta,  
Súbito pesa sobre mim...

Na treva, claramente escuto  
Risos, uns risos infernais;  
A treva, pálido, perscruto –  
E os risos crescem mais e mais...

Em vão, com mal fingida calma,  
Num tom ligeiro de desdém,  
Exclamo: Aquieta-te, minha alma!  
É uma ilusão. Não há ninguém...

Os risos crescem, pouco a pouco,  
No seu frenético furor!  
Risos cruéis, risos de louco,  
Que o sangue gelam de pavor...

Uns soam longe, outros, de perto,  
Vêm-me aos ouvido casquinar;  
E tudo, em torno, está deserto;  
E a treva enluta o meu olhar.

Risos mais lúgubres que o grito  
Da mais horrível aflição,  
Risos de trago ou de precito,  
Que me cortais o coração!

Mais tristes que da ave noturna  
O adejo lúbrico e sutil;  
Mais ímpios que a canção soturna  
De uma agourenta bruxa vil;

Risos de espírito perverso,  
Risos como jamais ouvi!  
Quanto há de infame no universo,  
Em vós sinistramente ri!

Na vossa irreverência fria  
Descubro a voz de Satanás...  
Cessai, já basta de agonia!  
Cessai, por fim! Deixai-me em paz!

Que a própria morte aqui passando,  
Menos terror causar-me vem,  
Do que tais risos, casquinando  
Na treva, *onde não há ninguém.*

*Noite de inverno*  
Olavo Bilac

Sonho que estás à porta...  
Estás – abro-te os braços – quase morta de frio e de  
[ansiedade.  
De onde ouviste o meu grito, que voava,  
E sobre as asas trêmulas levavas  
As preces da saudade?

Corro à porta! Ninguém. Silêncio e treva  
Hirta, na sombra, a solidão eleva  
Os longos braços rígidos de gelo.  
E há, pelo corredor ermo e comprido,  
O suave rumor do teu vestido,  
E o perfume sutil do teu cabelo...

Ah! se agora chegasses!  
Se eu sentisse bater nas minhas faces  
A luz celeste que teus olhos banha;  
Se este quarto se enchesse de repente  
Da melodia e do clarão ardente,  
Que os passos te acompanha:

Beijos, presos no cárcere da boca,  
Sofrendo a custo toda a sede louca,  
Toda a sede infinita que os devora,  
Beijos de fogo, palpitando, cheios,  
De gritos, de gemidos e de anseios  
- Transbordariam por teu corpo afora...

Rio aceso, banhando  
Teu corpo, cada beijo, rutilando,  
Se apressaria, acachoadado e grosso...  
E, cascadeando, em vagalhões desfeito,  
Desceria às colinas do teu peito,  
Lambendo-te o pescoço.

Estrela humana, que do céu desceste,  
Despenhada do céu a luz perdeste  
Dos fulvos raios, amplos e serenos...  
E na pele, morena e perfumada,  
Guardaste apenas essa cor dourada,  
Que é a mesma cor de Sírius e de Vênus.

Sob a chuva de fogo  
Dos meus beijos, amor! terias logo  
Todo o esplendor do brilho primitivo.  
E, eternamente presa entre os meus braços,  
Bela! protegerias os meus passos,  
Astro formoso e vivo!

Mas, talvez ofendesse o meu desejo,  
E, ao teu contato gélido, o meu beijo  
Fosse cair por terra, desprezado...  
Embora! que eu ao menos te veria,  
E, tomado de espanto, ficaria  
Silencioso e imóvel ao teu lado.

Fitando o olhar ansioso  
No teu, lendo esse livro misterioso,  
Eu descortinaria a minha sorte...  
Até que ouvisse, desse olhar ao fundo,  
Soar, num dobre lúgubre e profundo,  
A hora da minha morte.

Longe embora de mim teu pensamento,  
Ouvirias talvez, surdo e violento,  
Bater meu coração em cada canto...  
Longe embora de mim a tua ideia,  
Ouvirias, como uma melopeia,  
A música abafada de meu pranto.

Dormirias, querida!  
E eu, guardando-te bela e adormecida,  
Orgulhosos e feliz com o meu tesouro,  
- Tiraria os meus versos de abandono,  
E eles embalaria o teu sono.

Mas não vens, não virás!... Silêncio e treva...  
Hirta, na sombra, a solidão eleva  
Os longos braços rígidos de gelo...  
E há, pelo corredor ermo e comprido  
O suave rumor de teu vestido  
E o perfume sutil de teu cabelo...

*Visão decadente*

B. Lopes

*Ao Dr. Ferreira de Araújo*

O alvo espectro de um lótus se levante  
Ao mago luar de minha fantasia,  
Que não me obumbra d'alma doentia  
O dorido palor do seu semblante...

Palidez de camélia, no ermo instante  
De alçar o cálix para a Noite fria;  
- Palor banhado da melancolia  
De um crepúsculo doce e agonizante,

Que é a luz desses olhos, repassados  
Da violeta quaresmal do luto,  
Do *miserere* amargo dos pesares;

Lírios da mágoa para o céu voltados,  
E cujo orvalho é tristemente enxuto  
Na toalha de linho dos altares!

*O sonho de Cleópatra*  
Ulisses Viana

*A Coelho Neto*

I

Noite. Por toda a vastidão dourada  
Do céu do Egito, a música sonora  
Dos anjos passa, e pelo espaço em fora,  
Saúda a esfera de ouro iluminada.

Treme o luar. Do vento a compassada  
Voz, adormece a natureza agora.  
Soluça uma harpa, e, junto dela chora  
Uma mulher olímpica e sagrada.

Sonha a Rainha. Trêmula suspira,  
De um lado a escrava Charmion, velando  
O leito adormecido; e enquanto a lira

Do amor, desfere um hino que se evola,  
No espaço, pura, a Via-Láctea entrando,  
A cabeleira esparsa desenrola!...

II

“- Charmion! Charmion! Fala a Rainha  
Em sonho; se esse amor imaculado  
Que me entrou n’alma, agora desprezado  
Fosse, que triste não seria a minha

Vida, que d’antes esse amor não tinha!...  
Formosa escrava, como abandonado,  
Poderia viver esse adorado  
Peito, que outrora lágrima continha?”

Fala a romana, e, atentamente a escuta  
Marco Antonio de pé, que suspiroso,  
Traz pronto o olhar para a amorosa luta.

Corre a beijá-la. Mordem-no os desejos...  
Ela desperta... E a síncope do gozo,  
Solta da boca um turbilhão de beijos!

*Paisagem polar*  
Magalhães de Azeredo

Sob um céu baixo e fosco, em plaino infindo, a neve  
Veste, como um sendal de imaculado linho,  
A entorpecida terra, onde o *lichou*, marinho,  
Amarelento nasce, e murcha, e morre em breve.

Nenhuma habitação; nem sombra humana. Deve  
Viver longe, o esquimó, em seu obscuro ninho;  
Raro aqui passam mesmo a ribelina, o arminho,  
O urso branco, a raposa azul, a rena leve.

Nesta ínvia solidão, neste horizonte estreito,  
Nos frios ais do vento, em tudo há em mim tom  
[Mortuário  
Que os olhos amedronta, e paralisa o peito.

Parece agonizar, aos açoites do inverno,  
A natureza, envolta em lúgubre sudário,  
Neste antro sepulcral do seu silêncio eterno...

*Dido*

Henrique Vogeler

Sutis, ressoam de ouro as guisas sonorasas  
Em súplicas de amor. Cisma Dido, a rainha,  
No flácido coxim de púrpuras e rosas,  
Desnudo o colo em flor, ebúrneo, onde se aninha

Chuveiro de rúbias em urnas de jacinto.  
Entreabre o lábio rubro e doce de cereja,  
Há cítaras na voz dos salmos de Corinto  
Em ritmos de ouro e luz, que em pérolas roreja,

Enéas faz entoar a música dos beijos!...  
Há um frêmito de gozo, uma volúpia quente  
No farfalhar da carne e no ondular das comas.

Dido, ao beijo que ferve em áscuas de desejos,  
Lúbrica, deixa em flor, numa opulência ardente  
Saltarem do corpete as tentadoras pomas.

Só  
Cunha Mendes

*Ao Dr. Daniel de Queiroz*

Por essas noites más de intermináveis horas,  
Vendo por toda a parte um deserto infinito,  
Sem rumor de florestas e sem vozes de rio,  
Sem ruídos festivos de púrpuras auroras...

Eu, em balde a esperar as ilusões canoras,  
Que me vinham filtrar um poderoso amávio;  
Aflitivamente só – e em torno o murmúrio,  
Esse intérmino mar de vibrações sonoras; -

Eu, cansado da vida e distante da morte,  
Abrigado em meu vasto e horroroso abandono,  
A cada hora, assistindo ao meu funéreo enterro...

Sem prazer, sem amor, sem saudade e sem morte,  
- Eu sofro as sensações dum velho rei sem trono,  
Arrastando a sua dor nas trevas do desterro. –

*Cleópatra*  
Magalhães de Azeredo

*A Carlos Dias*

Nubla a sombra da tarde o céu de esmalte puro,  
Que a púrpura do poente, em franjas largas, tinge;  
E o moribundo sol verdes palmeiras cinge,  
Do palácio real dourando o vasto muro.

Cisma a rainha. No seu olhar, furtivo e obscuro,  
Revela a ignota dor que os seios lhe constringe;  
Talvez, no riso mau de uma próxima esfinge,  
Vai decifrando atenta o enigma do futuro...

Os ósculos de Antonio em seus lábios presente;  
E, entre excessos de amor, avulta-lhe na mente  
Do sonhado triunfo imperial as cenas...

Mas vê logo, ao flutuar do pavilhão romano,  
Um leito de prazer banhado em sangue humano,  
E por memória, enfim, dois túmulos apenas...

*Alphonsus de Guimaraens*

Dona Luiza é pálida. Parece  
Nascida à sombra de um convento pobre...  
Tranquilo e triste olhar onde anoitece  
Como no céu piedoso que nos cobre.

Nem sei ao menos se ela me conhece...  
(Ah! sol poente, som longínquo, dobre  
A um morto coração, extinta prece  
E mágoa dos ocasos cor de cobre...

Meus exílios de amor! pressago e vago  
Sonho de luas brancas em que vejo  
O alvo cisne que vai beirando de um lago...)

São como dois crepúsculos de estio  
Os seus olhos; a idéia do seu beijo  
É quente, e faz-me tiritar de frio...

*Ao luar*

Francisca Júlia da Silva

No longo espasmo do silêncio, alegre e franca,  
A alma dos ventos, ao luar, cochicha e fala,  
A sombra corre e tu, Lua formosa e branca,  
Derramas pelo chão claras manchas de opala.

Eras morta de amor! Ah! quem te dera tê-las  
Cessaria, de novo, o teu soluço aflito!  
Eras em que, trêmula, a sós, sob as Estrelas,  
Tu passavas com ele através do infinito...

Mas uma noite, o espaço todo ornado em festa,  
Teu esposo partiu, enfim... (Quanto desgosto!)  
E dessa desventura extrema ainda te resta  
A grande palidez que te ilumina o rosto.

Partiu... Talvez que volte aos lares... Mas, enquanto,  
Ele não volta, em vão esperas nessa trilha,  
Ficas pálida e triste, e choras; o teu pranto  
Desce a Terra, e, ao descer, torna-se luz e brilha.

Chora, infeliz. O pranto as mágoas atenua.  
Sempre fiel, nunca te canses de chorar.  
Se não chorasses, não teríamos, ó Lua,  
A poesia sem fim das noites de luar.

*Vita nuova*  
Olavo Bilac

Se ao mesmo gozo antigo me convidas,  
Com esses mesmos olhos abrasados,  
- Não me fales dos beijos dissipados,  
Não me fales das lágrimas perdidas!

Mata a recordação das horas idas,  
Das horas que vivemos apartados!  
Cabem num coração com mil pecados,  
E há numa vida humana cem mil vidas...

Amo-te! A febre que supunhas morta  
Revive. Esquece o meu passado, louca!  
Que importa a vida que passou? Que importa,

Se inda te amo, depois de amores tantos,  
E inda tenho nos olhos e na boca,  
Novas fontes de beijos e de prantos?

*Pecador*  
Olavo Bilac

Este é o altivo pecador sereno,  
Que os gemidos afoga na garganta,  
E, calcamente, o copo de veneno  
Aos lábios frios sem tremer levanta.

Tonto, no escuro pantanal terreno  
Rolou. E, ao cabo de torpeza tanta,  
Nem assim, miserável e pequeno,  
Com tão grandes remorsos se quebranta.

Fecha a vergonha e as lágrimas consigo...  
E, o coração mordendo, penitente,  
E, o coração rasgando, castigado,

Aceita a enormidade do castigo  
Com a mesma face, com que, antigamente,  
Aceitava a delícia do pecado.

*No cemitério de Piza*  
Rodrigues de Carvalho

Sobre os túmulos de mármore gelado  
Verte a manhã o pranto das neblinas,  
Qual se no céu, nas horas matutinas,  
Chorasse, eterno, um nume debruçado.

Se a noite desce, o vento rociado  
Desfaz-se em ais de fúnebres surdinas...  
Ao ciclo feral das casuarinas  
Conta o silêncio as lendas do passado.

Na solidão daquele cemitério  
Cada estátua nos fala de um mistério  
E cada flor rebenta de um escombro...

Busco o sólio dos reis – destroços frios –  
Tenho a meus pés sarcófagos vazios,  
E o pó, somente o pó, me causa assombro.

*Magna dor*  
Elvira Gama

Porque num rosto há traços doloridos,  
Porque nas faces se desliza o pranto,  
Punge ali uma dor, dizem; no entanto,  
Pranto e tristeza podem ser mentidos!

Quantas vezes no meio dos ruídos  
De festivo sarau, só, num recanto,  
Chora em silêncio um coração... No entanto,  
Ninguém o vê, nem ouve-lhe os gemidos!

Sofrer!... Não é a dor que se descobre,  
Não é a dor que expande-se em lamentos,  
A que mais dói e faz-nos padecer!

A que, sangrando, as lágrimas encobre,  
A que muda lacera-se em tormentos,  
Esta, sim, é que é dor! Isto é sofrer!

*Poemas da carne*  
Autor desconhecido

Fosse minh'alma como a túnica inconsútil  
De Cristo: sem rasgões de trágicas feridas,  
Sem remendos fatais de chagas doloridas,  
Para as quais o remédio é sempre falso e inútil...

Fosse casta e radiosa... ah! seria mais útil  
Esta vida, a pior das vidas mal vividas...  
Alentada de dor e horrivelmente dúctil  
Em desdobrar-se eterna as máguas insofridas...

Fosse assim, suave luz de minh'alma sombria,  
E a existência, a expirar de tanto horror seria  
A floresta aromal dos sonhos e dos beijos!

E nunca eu sentiria o pobre verso exangue,  
Tão exangue que vai morrendo sem desejos  
De celebrar a Carne e celebrar o Sangue!

*Dueto de amor (Em um solar medievo)*  
Alphonsus de Guimaraens

Olhos rezando ave-marias,  
Cílios que são rendas de altar...

“São duas órbitas vazias  
Os olhos que tu vens olhar”.

Lábios vermelhos e dolentes,  
Com tantos beijos para dar...

“A minha boca só tem dentes  
Para os teus lábios oscular”.

Colo de jaspe, em linhas belas,  
Erguido brancamente no ar...

“No peito meu só há costelas  
Que bem te poderão magoar...”

Rosto banhado em cor de freira,  
E palidez que não tem par...

“A minha face é uma caveira,  
Que tu não deves lisonjear.”

Cabelos em onda, basto e preto,  
Nuvem que está longe do luar...

“É o manto do meu esqueleto  
Passa-lhe a mão que há de tombar...”

Quero seguir-te o esguio porte,  
Com toda a luz do meu olhar...

“Pois se bem vês que sou a Morte,  
Ai! morre, pois, para eu te amar!”

*Words, words...*  
Guimarães Passos

Nos teus olhos, meu bem, há tanta coisa!  
O sol de Lima em teu olhar fulgura,  
Porém, teu coração de neve pura,  
Vulcão dos Andes, parado, repousa.

Debalde anseio... Quando mais procura  
Minh'alma a luz, se nos teus olhos pousa,  
(Desgraçada, perdida, mariposa!)  
Ei-la das chamas, trêmula, segura.

E eu, cego, eu louco, se blasfemo e clamo,  
Ardem teus olhos e teu peito esfria...  
Vê, coração de neve, que me inflamo!

Olhos, por que com tanto ardor brilhais?  
E, como a salamandra, vês, Maria?  
Vou me abrasando e te adorando mais.

*Hodie*

Alphonsus de Guimaraens

Eras a sombra do poente  
Em calmarias bem calmas;  
E no ermo agreste, silente  
Palmeira cheia de palmas...

Eras a canção de outrora  
Por entre nuvens de prece;  
Palidez que ao longe cora,  
E beijo que aos lábios desce...

Eras a harmonia esparsa  
Em violas e violoncelos;  
E como um voo de garça  
Em solitários castelos...

Eras tudo, tudo quanto  
De suave esperança existe;  
Manto dos pobres e manto  
Com que as chagas me cobriste...

Eras o cordeiro, a Pomba,  
A crença que o amor renova;  
És agora a cruz que tomba  
À beira da tua cova...

*Crença imortal*  
Carlos D. Fernandes

Mundo das vilanias transitórias  
E dos faustos pomposos, que aniquila  
A morte inexorável e tranquila  
Em suas negras, trágicas vitórias!

Mundo de lodo e pó, mundo de argila,  
Debalde a sedução das tuas glórias,  
Para ofuscar as eternas memórias  
Dos sonhadores imortais, cintila!

Para extinguir esses predestinados,  
Os teus poderes vão ser baldados  
E eternamente viverás em guerra!  
E nunca mais, inconsciente mundo,  
Hás de voltar ao chão negro e profundo,  
Enquanto houver um deles sobre a terra!

*Voe soli*  
Olavo Bilac

Esse, que um deus cruel arremessou a vida,  
Marcando-o com o sinal da sua maldição,  
Esse desabrochou como a erva má, – nascida  
Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida  
Sem constância no amor, – dentro do coração  
Sente, crespa, crescer a seiva retorcida  
Dos pensamentos maus, filhos da Solidão.

Longos dias sem sol! noites de eterno luto!  
- Alma cega, perdida à toa no caminho...  
Roto casco de nau, desprezado no mar...

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto!  
E, homem, há de morrer como viveu, – sozinho,  
Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!

*Magdala*  
B. Lopes

*Consolatrix afflictorum*  
*Refugium peccatorum,*  
*Janua coeli!*

Quando eu no horto das lágrimas caído  
Houver, no espasmo da final tortura,  
Como um pisado goivo de amargura  
Lívida a fronte e o coração ferido.

Recolhe-me piedosa em seu vestido,  
Cobrindo aflita a minha chaga impura,  
Oh! sacrossanto lírio da ternura,  
No meu caminho lôbrego nascido!

Amenizem-me os transe da agonia  
Teus olhos roxos – harpa untuosa e débil  
Soluçando uma triste melodia;

Unja-me a Hora uma oração, e borde-a  
Um luar de angústia, oh! dolorosa, oh! flébil!,  
Oh! sempre Amada de misericórdia!

*Lírio astral*  
Cruz e Sousa

Lírio astral, ó lírio branco,  
Ó lírio astral,  
No meu derradeiro arranco  
Sê cordial!

Perfuma de graça leve  
O meu final  
Com o doce perfume breve,  
Ó lírio astral!

Dá-me esse óleo sacrossanto,  
Toda a caudal  
Do óleo casto do teu pranto,  
Ó lírio astral!

Traz-me o alívio dos alvíos,  
Ó virginal,  
Ó lírio dos lírios níveos,  
Ó lírio astral!

Dentre as sonatas da lua  
Celestial,  
Lírio, vem lírio, flutua,  
Ó lírio astral.

Dos raios das noites de ouro,  
Do Roseiral,  
Do constelado tesouro,  
Ó lírio astral!

Desprende o fino perfume  
Eterea  
E vem do celeste lume,  
Ó lírio astral!

Da maviosa suavidade  
Do céu floral  
Traz a meiga claridade,  
Ó lírio astral!

Que bendita e sempre pura  
E divinal  
Seja-me a tua frescura,  
Ó lírio astral!

Que tudo que me é avaro  
De luz vital,  
Nessa hora se torne claro,  
Ó lírio astral!

Que portas de astros, rasgadas  
 Num céu lírial  
 Eu veja desassombradas,  
 Ó lírio astral!

Que eu possa, tranquilo, vê-las,  
 Limpo do mal,  
 Essas mil portas de estrelas,  
 Ó lírio astral!

E penetrar nelas, calmo,  
 Na paz mortal,  
 Como um dadívico salmo  
 Ò Lírio astral!

Vento velho que soluça  
 Meu sonho ideal,  
 No infinito se debruça,  
 Ó Lírio astral!

Por isso, lá, no Momento,  
 Na hora letal,  
 Perfuma esse velho vento  
 Ó Lírio astral!

Traz a graça do infinito  
 Graça imortal,  
 Ao velho sonho proscrito,  
 Ó Lírio astral!

Adoça-me o derradeiro  
 Sono foral,  
 Ò lírio do astral Cruzeiro,  
 Ó Lírio astral!

Sê, ó Lírio, o doce Lírio  
 De luz boreal,  
 Na morte o meu claro círio,  
 Ó Lírio astral!

Perfuma, Lírio, perfuma,  
 Na hora glacial,  
 Meu sonho de Sol, de Bruma,  
 Ó Lírio astral!

Que eu suba na tua essência  
 Sacramental  
 Para a excelsa Transcendência,  
 Ó Lírio astral!

E lá, nas Messes divinas,  
 Paire, eternal,  
 Nas esferas Cristalinas,  
 Ò Lírio astral!

*Canção*

Alphonsus de Guimaraens

Manhãs hílares, manhãs  
Cheias de alegrias vãs  
E de vãos contentamentos,  
Estou coberto de cãs...  
São os últimos momentos.

Estou bem pobre, bem pobre!  
Da alva ao poente cor de cobre  
Por mares do além, viajo...  
E este manto que me cobre  
É o meu derradeiro andrajo.

Doce alma, como te vais  
Gemendo de frágua em frágua...  
Noites de inverno glaciais,  
Noites que não findam mais,  
Abrigai a minha mágoa!

Eu só conheço o caminho  
Que desce para a saudade.  
Tédio atroz, meu bom vizinho,  
Tendo dó deste velhinho,  
Tão velho na flor da idade...

*Soneto*  
Alphonsus de Guimaraens

*“Le diable:  
‘Vous faites bien d’être pur ;  
car nul homme ne peut, sans  
mourir, me voir tel que je  
suis, s’il est souillé’”.*

Casarius d’Hesterbach

Um suspiro mau passa rezando ofícios  
Na minha Alma, que está toda cercada de eças,  
E patriarcas senis vêm mostrar-me silícias,  
Falam no Purgatório, e vão fugindo às pressas.

Feiticeiras que vendem virtudes e vícios.  
Fadas que têm nas mãos as ignotas promessas  
Dizem que hei de sofrer sobre-humanos suplícios;  
Satanases também dizem coisas como essas.

Espectros que têm voz, sombras que têm tristeza  
Perseguem-me: e acompanho os apagados traços  
De semblantes que amei fora da natureza.

Vós haveis de ao som de padre-nossos,  
Frutos da carne infiel, seios, pernas e braços,  
E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos!

*Soneto*

Alphonsus de Guimaraens

A saudade vindoura espero-a, pois, agora  
Que acho o presente em rosas brancas desfolhado:  
Mais uns anos, dois, três, e hoje será outrora,  
E todo este fulgor é a sombra do passado.

Chorarei. E não mais encontrarei a aurora  
Que se ergueu ante mim como um sonho dourado.  
Foi este o dia, em tal minuto, era em tal hora...  
E surpreendo-me só, sem ninguém ao meu lado.

Depois, de novo alguma ilusão erradia  
Vem buscar-me no grande ermo em que estou: floresce  
De novo o lírio azul na floresta sombria.

Um cisne, alçando o colo suave, o doce porte  
Virginal exaltado ao Céu, canta uma prece...  
Pobre alma! o sonho foi-se, e afinal surge a morte.

*Alphonsus de Guimaraens*

Que lhe importavam lágrimas? Chorassem  
Desde o nascer do sol até o sol posto;  
Tivesse prantos quando a lua nasce,  
Quando, entre nuvens, ela esconde o rosto.

Junto ao seu berço, a contemplar-lhe a face,  
De Mãe Divina no sublime posto,  
Temendo que uma estrela o despertasse,  
Gosto teria no maior desgosto.

Por ele toda mágoa sofreria...  
Ah! corresse-lhe em fonte ardente, o pranto  
Na paz da noite e nos clarões do dia.

Sofrer por Ele... Sim. Tudo por esse  
A quem beijava os olhos, mas contanto  
Que ele, o seu filho amado, não sofresse!

*Alphonsus de Guimaraens*

Bendigo, mas do teu amor sublime,  
Que ao pungente fulgor das Sete Espadas  
Vem lembrar o inolvidável crime,  
Através das esferas consteladas...

Fé, Esperança, Caridade, ungi-me  
Oh! benção da maior das Bem-Amadas!  
Que eu me eleve a esse Amor que nos redime,  
Ao clarão das virtudes consagradas...

Como a estrela de Ephrata na sombria  
Degolação dos Santos Inocentes,  
Olhos, chorai as Dores de Maria.

E se dado vos for chorai-as, tanto  
Que em lágrimas cegueis, mudas e crentes,  
Bendita seja a noite desse pranto!

*Trevas brilhantes*  
Luiz Guimarães Filho

TIBI, MUSA

Misteriosa impressão se vos contemplo  
Olhos do meu amor!... sinto-me forte...  
Sinto a bendita luz que vem de um templo,  
Ei-a vertigem fantástica da morte...

Tudo em torno de mim desaparece  
Tal o mistério que vos ilumina...  
Sois um negro veneno que adormece  
E um transparente inferno que fulmina...

Adoro a cor egrégia desse olhar,  
Inextinguível de visões escuras,  
Porque me lembra as noites sobre o mar  
E os espíritos bons das sepulturas...

Às vezes julgo-os calmos e risonhos...  
Mas quando os amo, num prazer sem termo,  
Um temporal de torturados sonhos  
Brame nas trevas desse olhar enfermo!

Sois profundos, honestos, diamantinos,  
(Oh, Deus! livrai-os de ficarem velhos!)  
Olhos do meu amor!... e sois divinos,  
Divinos como os Santos Evangelhos!

Tendes um brilho que eu suporto a custo  
Olhos do meu amor!... tremo de ver-vos...  
Pois sinto um gozo físico e robusto  
Queimar-me os ossos e abalar-me os nervos...

Mas confessai-me, negras divindades,  
A quem pagastes o mortal tributo  
Quem vos morreu?... quem vos deixou saudades  
Para viverdes nesse eterno luto?

*Aparição*  
Cruz e Sousa

Por uma estrada de astros e perfumes  
A Santa Virgem veio ter comigo:  
Doiravam-lhe o cabelo claros lumes  
Do sacrossanto resplendor antigo.

Dos olhos divinais no doce abrigo  
Não tinha laivos de paixões e ciúmes,  
Domadora do Mal e do perigo,  
Da Montanha da Fé galgara os cumes.

Vestida na alva excelsa dos Profetas,  
Falou na ideal resignação de Ascetas,  
Que a febre dos desejos aquebranta.

No entanto os olhos d'Ela vacilavam,  
Pelo mistério, pela dor flutuavam,  
Vagos e tristes, apesar de Santa!

*Morta!*  
Pedro Malazarte

(Ao meu bom companheiro, Eduardo Rodrigues de Souza)

Sonhos, aspirações, prazer, ventura,  
Ternas espr'anças de um amor paterno,  
A morte tudo esmaga, o muro eterno  
Que o morto guarda em triste sepultura.

Ser pai! ... ser pai! E ver a filha amada,  
A luz do nosso olhar, nossa alegria,  
Ferida pela morte, imóvel, fria,  
Descer à treva sepulcral do nada.

Não é sofrer, que o sofrimento finda,  
É mais, é muito mais que angústia horrenda.  
E mil torturas numa só, tremenda!  
É na vida morrer, vivendo ainda!

Tanto, tanto prazer, tão doce encanto,  
Venturas tantas, tanto amor outrora,  
Tudo, tudo perdeste!... Amigo, chora!  
Ah! dê-te o eterno o bálsamo do pranto!

*Uma saudade a Benjamin Constant Botelho de Magalhães*  
Agostinho José Soares Brasil

Um presente saudoso e sem futuro,  
Aqui ficou na terra entre os humanos!...  
O Brasil, a História e os Soberanos,  
Jamais olvidarão Varão tão puro!

Que o Brasil chorará, eu asseguro,  
Ao Varão que lhe deu a liberdade:  
E a História, com toda a equidade,  
Dirá Ele quem foi! Dirá, eu juro!

E Benjamin Constant, pros Soberanos,  
Será uma lembrança!... uma fé pública  
De quanto ao Povo deve-se a bondade!

De quanto há que temer os vis tiranos,  
Ministros que se esquecem que a República,  
É a santa lei que traz a igualdade!

*Apoteose*  
Rozendo Moniz

*Do Jornal do Brasil*

Ao passamento de D. Pedro II

Ao passamento de D. Pedro II

Ei-lo do jugo aspérrimo  
Da vida libertado  
O triunfante espírito  
Do ínclito exilado,  
Deposto exemplaríssimo  
De um trono ele cresceu  
De majestade intrínseca  
- nos transe que venceu.

Asas ganhou magníficas  
Do próprio sofrimento.  
Que redivivo Sócrates  
No injusto banimento!  
Brasão de um povo e vítima  
De ingratidão fatal,  
Subiu – despindo a púrpura –  
No apreço universal.

De almo incentivo ao pósteros  
Sirva tão vera glória,  
Sobrevivendo a séculos  
No panteão da história.  
Filho da terra pródiga  
Em dons preciosos mil,  
Resuma tal protótipo  
Grandezas do Brasil.

Sem aparatos bélicos  
De pompa sanguinária;  
Sem consumir exércitos  
Na usurpação precária;  
Sem arvorar-se em árbitro  
De prosperas nações,  
Povos tornando autômatos  
De insídias e opressões;

Do norte ao sul da América,  
Do Novo ao Velho Mundo,  
- vivo luzeiro cívico –  
Brilhou Pedro Segundo.  
Rei de alma democrática,  
Modesto benfeitor,  
Equiparou-se a Washington  
Na honra e no labor.

Rei prematuro – obstáculo  
Às sanhas da anarquia –  
À liberdade amplíssima  
Deu firme garantia.  
Que afã! que senso onímido  
No longo, árduo reinar!  
Que guarda entre o bem público  
E o bem particular!

Ora aclamado ídolo,  
Ora sofrendo agravos,  
Quer de plebeus, quer de áulicos,  
Da vil cobiça escravos;  
Mas sempre a haurir, tão ávido,  
- sedento de saber –  
Num livro o pronto antídoto  
Aos tédios do poder.

Que pequeninos críticos  
Do príncipe atilado!  
Para uns – astuto déspota;  
Para outros – vão letrado.  
Enredos da política,  
Eivada de ambição,  
Ele os frustrava, súbito,  
Na queda ou na ascensão.

Pudesse eu ter a impávida  
Genial perspicuidade,  
E a concisão de Tácito  
No culto da verdade!  
Mas inda é cedo... Esquiva-te,  
Musa, a desejos tais:  
Passa em silêncio páginas  
Dos fastos nacionais.

Ah! Quanta vez no estrépito  
Das plagas europeias,  
Era transposto o Atlântico  
Num turbilhão de ideias,  
E da saudade alígera  
Cativo o Imperador,  
À Guanabara esplêndida,  
Volvia em santo ardor!

Não lhe valeram títulos  
De probidade ilesa,  
Nem os seus grandes préstimos  
Da pátria na defesa.  
Enfermo e já decrépito,  
Expulso como um réu,  
Forçado a entrar no túmulo,  
Longe do pátrio céu;

Ninguém lhe ouviu, no exílio,  
Imprecações de *Lear*,  
Pedindo a Deus catástrofes,  
Quais ideou Shakespeare.  
Que homem ao rei magnânimo!  
Teve oblação cabal  
Da França, digna intérprete  
Do apreço universal.

Que herói moderno ou prístino  
Soube cair mais forte?  
Foi-lhe o infortúnio – auréola  
A coroar-lhe a morte.  
Pátria, que a luz do Gólgota  
Não podes encobrir,  
Ante o refinado prostra-te,  
Rendendo-te ao porvir.

Em funda mágoa absorve-te,  
Chora teu filho, chora,  
Enquanto aos pés do Altíssimo  
Ele o perdão implora.  
Nessa influência póstuma,  
Cheia de amor e paz,  
Salvem-te, ó Pátria, estímulos  
De que tão pobre estás.

*Lágrimas*

Carmem Andrett

Rosa branca que abristes, à luz do dia,  
Vivendo uma só hora de alegria  
    Com sorrisos de amor  
Linda sucena, que vivestes rindo  
Junto ao riacho, o vento te impelindo  
    Caístes em chãos de dor.

Que resta? ... Uma só folha acaso viste  
Nesse jardim do mundo?... onde é que existe  
    Mortal dizes, que é minha!...  
Mentira! Oh! sim mentira! ... a tempestade  
Da morte pavorosa – sem piedade  
    Tudo levou daninha!

Félix, Félix, o filho querido  
De seus pais amante, a maior ventura,  
    De seus avós a alegria,  
Era!... era, meu Deus, e a morte irada,  
Com sopro arrebatou-o ao triste nada,  
    Aquele campa fria.

*À minha idolatrada filha*

Adélia Fonseca

Des' que deixaste para sempre a terra,  
Um mar de angústias o meu peito alaga:  
E forma esta dor, que assim me esmaga,  
De quantas dores o martírio encerra!

A saudade o punhal bem fundo enterra  
Na minh'alma, onde abriu enorme chaga!  
Cada filhinho teu me beija e afaga  
E nem assim o meu pesar desterra.

Em nada encontrar posso lenitivo;  
Que ante meus olhos tenho, a cada instante  
De tua infausta morte o quadro vivo!

Contemplo-te, ó angélico semblante;  
Mas não te vendo o olhar meigo, expressivo,  
Sou da amargura o cálice ambulante.

*Soneto circular*

Machado de Assis

A bela dama ruiva e descansada,  
De olhos longos, macios e perdidos  
C'um dos dedos calçados e compridos  
Marca a recente página fechada.

Cuidei que, assim pensando, assim calada  
Da fina tela aos floridos tecidos,  
Totalmente calados os sentidos,  
Nada diria, totalmente nada.

Mas, eis da tela se despega e anda,  
E diz-me: - Horácio, Heitor, Cipião, Miranda,  
C. Pinto, X. Silveira, F. Araújo,

Mandaram-me aqui para viver contigo.”  
Ó bela dama, a ordens tais não fujo,  
Que bons amigos são! Fica comigo.

*Tiradentes*  
Vital do Espírito Santo

Avesso ao servilismo, assassinado,  
Tiradentes falece! Em luta, a gente  
assiste ao crime audaz, muda e tremente,  
sem levantar, sequer, a voz num brado!

O corpo exangue, pálido e humilhado,  
de grossas vigas cai. O herói, pendente,  
de cordas mil, morrera penitente,  
vendo ao lado Jesus crucificado!

A corte exulta ao ver cumprida em breve  
a lúgubre sentença. O sol escreve  
desse dia imortal, uma epopeia!

Hoje, a história, em fulgor, registra o feito  
do mártir-sobranceiro, e, satisfeito,  
lembra-lhe o Povo a grandiosa ideia!

*Homenagem ao imortal democrata Floriano Peixoto*  
*Cognominado pela história O MARECHAL DE FERRO*  
Higino Rodrigues

Adeus. Leal soldado, que partiste  
Para as regiões ignotas do Insondável.  
Ceifado pela estúpida, implacável  
Foíce da morte, a qual ninguém resiste!

O Espírito não morre; o Teu existe,  
Fosse embora teu corpo à insaciável  
Terra servir de pasto confortável,  
Deixa que a Terra o seu quinhão conquiste!

E agora que Tu vais, como num sonho,  
Rompendo o escuro véu desse medonho  
País do Incógnito, glorioso, aflante...

Vê que o Brasil exânime soluça  
E sobre a tua cova se debruça  
Pra reerguer-se intrépido, arrogante!

*Campos Sales*  
Eugênio Leonel

Nome feito na lide memoranda  
Da tribuna, da pena e do comício,  
Do presente ele foi como um início,  
No passado agitando a propaganda.

Não conhece perigos, nem lhe abranda  
A altivez arrogante o sacrifício;  
Entre arroubos de gênio tribunício,  
Fere a luta campal e temeranda.

Eis burilado e de lauréis coberto  
Esse que o peito traz de longe aberto  
Às esperanças do Brasil em peso.

Agora saiba enaltecer o posto  
Esse talento que lhe doura o rosto  
E fora na alma popular aceso.

### ANEXO 3 – “Os decadentes em Portugal”

Como aves emigrantes, de voo cosmopolita, as ideias que partem de Paris, percorrem delongamente o globo, fazendo estações e deixando ninhadas, aqui, além, na infinidade dos trajetos recurvos. Ideias, como vivemos alados, nascem e morrem nos mesmos locais, quando procedentes de outros países, além da França; porque a França é o centro universal na Intellectualidade e do Espírito. Assim, chegou agora para Portugal a incubação da escola decadente nas pessoas brilhantes de dois vigorosos rapazes, mestres da prosa e do verso, João Barreira, nas *GOUACHES*, e Alberto de Oliveira, nas *POESIAS – Bíblia dos sonhos e Pores-do-sol*. Outros também representam, com honra, luminosamente, o Decadismo, como Eugênio de Castro, Julio Brandão, D. João de Castro e Antonio Nobre. Mas, em síntese, os dois primeiros bastam para representar preclaramente o nobilíssimo movimento, e deles somente me ocuparei aqui.

João Barreira oferece admirável exemplar dos mais fulgentes tesouros trabalhados pela Escola, num furor enorme e incoercível de esforço, que faz aumentar, de ano para ano, em centenas de volumes, a biblioteca, já avultadíssima, do Simbolismo. A soma de ideias acumulada na refulgente obra de João Barreira, uma transladação do que o decadismo possui de mais vivo e requintado, é absolutamente esmagante à primeira leitura e às primeiras impressões. Vê-se bem quanto é verdadeira a comparação que os decadentes fazem das suas produções, com as profundas complicações da música de Wagner, indicando a necessidade de muitas audições desta música e de muitas leituras das páginas simbólicas para cabal e perfeita e cabal compreensão. Quero crer que uns e outros, wagnerianos e nefelibatas, marcham na boa doutrina, porquanto a boa ciência nos demonstra que o progresso faz-se no sentido do simples para o complicado, de elementar para o complexo. Assim, a marcha decadista, que vem servir do órgão de complicações de uma sociedade mais adiantada indefinidamente, se fortalece sobre esta base monumental e deixa de ser um capricho ou fantasia de literatos, para ser o arauto ou a válvula da situação presente da humanidade avançada e culta.

Tudo foi posto em jogo, em França, pelo velho partido do conservadorismo, para aniquilar a escola nascente, sob a enchente diluvial, os sarcasmos do descrédito. Mas a mocidade, que é renascente como a primavera explodiu fulgurantemente de amontoamento dos gelos, renovando o milagre de abril, atulhando montes e campinas de florescências novas e raras sob o céu festivo. E como os fatos têm a força da existência e as violências da imposição, as resistências fraquearam, as oposições tiveram as lassidões do desânimo e,

atenuados ou acirrados, vencedores ou ainda agressivos, os decadentes já fundam colônias ao longe, como a celebre e fortíssima Carhage, o sonho do império do mundo.

Vencerá o decadismo na totalidade das suas ideias, ou entrará na literatura universal atenuadamente? Acredito que Wagner terá, durante alguns anos, desde já e com futuro próximo, a batuta genial, como ao simbolismo caberá aureolar as frentes sonhadoras que nasceram para a arte, de era avante.

Não decorrerão muitos anos, que as atuais leituras realistas, presentemente de difícil técnica, virão a ser contadas como cousas chilras, de simplicidade elementar, em virtude de necessidades mentais superiores, para as quais far-se-ão indispensáveis produções equivalentes, como alimentos restaurativos.

Virão, como vêm atenuadamente, por enquanto, na adoção, desde já, de modos de ser e de pontos de vista na arte hodierna, à maneira de iniciação, e se os órgãos da escola falam já a linguagem definitiva de Stéphane Mallarmé, o simbolista obscuríssimo, quase ignoto, é porque lhes pesa a responsabilidade de propagandistas, que precisam forçar a nota, zabumbar o reclame, arrastando a atenção para aqueles modos de ser estranhos e novos. Em tais casos, protestos em adesões servem de igual modo à causa.

Tão precipitadas passam hoje as paisagens sociais e psíquicas, como nas velocidades de um expresso, que muita coragem precisa ter o crítico para conservatorialmente pretender traçar limites ao desenvolvimento mental da humanidade... O inverossímil de hoje é a realidade de amanhã. Mas, enquanto não vem o tempo do belo reinado universal e da tiara cosmopolita, ou nobres, os avanços, os autores decadentes recolhem-se na hombridade de uma alta aristocracia intelectual, declarando escreverem só para a *elite*, e só verem a *elite* nos seus pensamentos. Que o vulgo e o burguesismo se espapem na lama e nos maus cheiros, o decadismo irá, de túnica alvíssima, de linho puro, como um antigo essênio, celebrar os mistérios do pensamento nos sacrários estelares do inacessível e do oculto. A multidão irá até eles, porque eles não irão até a multidão.

João Barreira – o chefe da escola, em Portugal, pelo seu grande talento – tem um conto simbolista que magnificamente exprime esta modalidade de ser desses aristocráticos sacerdotes da arte.

São dois músicos, violinista um, e o outro violoncelista, tocando coisas estranhas, fantasticamente, em uma praça, e que acabam de ser apedrejados ferozmente pela multidão, suspiciosa dessas coisas inauditas. Mas porque não hei de transcrever aqui esse flamante e delicioso pequeno conto, lançando uma ideia tão perfeita do gênio da Arte Decadente e que constitui a principal e mais perceptível página das GOUACHES, esse livro tão raro e tão fino,

tão cheio de *Spleen* e *Ideal*, que não se sabe bem se desabrochou nas lindas veigas florentes de Portugal, se sob os tetos das águas furtadas parisienses, tão limpo, tão bem descabado ficou nos planos da escola.

## PERFIS AMIGOS

“Numa praça medieval que tinha ficado encravada entre a demolição civilizadora de uma cidade augusta, levantava-se um pelourinho lendário que tinha sido forca. Nos degraus sentavam-se dois homens de fisionomia incompreensível como a dos que vivem na ignorância da pátria, chicoteados pelo existente, alimentados por uma revolta vã, ou por uma nostalgia sem termo.

Um era esguio, com um velho hábito de monge em que se via a miséria de um empréstimo ou de um roubo. Tinha um nariz aquilino e forte, de onde irradiavam em arcos violentos as sobranceiras de azeviche. A barba era caprina e preta. A face, mergulhada no fundo do capuz, tinha a palidez cansada de quem viveu uma existência, no açoitamento constante de uma fatalidade assassina. Trazia uns chapins sem cor, enlameados pelos grandes caminhos. Tocava rabeça.

“O outro vestia uma blusa de seda preta, tinha as mãos feminis, aristocraticamente finas, e uma cara rapada, inquietante de lividez impassível. Os olhos, à força de fitarem, parecia reconhecerem-lhe e olharem para dentro; a boca, reta como um corte de faca, desenhava o sarcasmo revoltado que traduz as impaciências de um século. Toda a sua figura imóvel era de uma inércia de mármore. Tocava violoncelo.

“Alguma coisa de aureolante como a vaga expressão da sua alma, irradiava deles, acusando um destino comum, e os que unira na vida com os sólidos laços de uma simpatia severa. A sua amizade era silenciosa e triste, conversavam olhando-se e havia poemas de íntimo reconhecimento naqueles diálogos ternos.

“Quando paravam, a multidão curiosa juntava-se para os ouvir, e eles tocavam então a estranha música da sua vida, que tinham aprendido por um luar de presságio, numas terras do norte.

“Era uma sinfonia acre, gritada e murmurada, dando a sensação de um novelo de serpentes que se despedaçam, irritadas em gritos de chacal e morrendo em estremecimentos de revolta vencida, tão dolorosa e tão lamentosa, como se fosse tocada no coração pela passagem babara de um arco incandescido.

“Os músicos hipnotizavam-se, emudecidos, naquela espiritualizante concentração de uma dor antiga. Sentia-se a alegria amarga de quem lança um ácido numa chaga aberta, o

movimento nevrótico de um carrasco de si mesmo que se sente nadar na quintessência do gozo, ao fazer viver, para a contemplar, a sua arrastada existência, coberta de chagas, corroída de remorsos, constelada de tédios seculares. Não era um evolir de sons, era um crestar de carnes num braseiro, um crepitar de um Molloeh de onde subia um coro rouco de blasfêmias, de risadas, de beijos.

“A areada do homem esguio era curta, incisiva, irada; sentia-se nele o desejo violento de apunhalar rapidamente, em cortes simples e rápidos, cortar milhares de existências incômodas e vis, com a precipitação de uma vingança apressada.

“A do homem do violoncelo tinha a lentidão fria de um inquisidor. Era nobre, lenta, de uma correção medida e larga, em que se sentia o prazer diabólico de retalhar uma alma com método e com arte. Era impecável como o verso de um parnasiano. E a sua figura tomava uma expressão serena edificada em que a boca precisava mais nitidamente o sarcasmo, e em que o olhar se tornava mais intenso da análise cruel.

“Anoitecia, no entanto. O céu tomava uma cor violácea e arrepiada, em que passavam melancolias e folhas secas. Um crepúsculo cendrado ia afogando as linhas, descendo como uma carícia da sombra, esbatendo a nitidez das figuras, dando o aspecto de uma indefinível tristeza, a silhouete difusa das duas enigmáticas criaturas.

“Quando a música findou, num despedaçado arranco intraduzível, um murmúrio de surda desconfiança, como esses movimentos incompreensíveis da alma popular, agitou, num rancor elétrico, a massa dos ouvintes.

“Aqueles notas arremessadas como um rouquejar de heresias, chocou-lhes a simpleza rude e a hipocrisia correta, com a altivez raivosa de uma profanação ou de um desafio. Sentiram-se varados e mistificados: aqueles boêmios da arte eram, sem dúvida, uns diabólicos emissários do país no Mal. Expulsá-los era um dever a cumprir para com a Ordem, e todos, quer os simples, quer os grosseiros podiam começar essa obra de justiça.

“Então, explodindo de uma boca anônima, um clamor de ameaças foi crescendo e rolando, umas vozes mais audazes gritaram: *fora! fora!* e uma pedra silvou indo bater no calcanhar do rabequista. E, sem olharem, num silêncio de resignação secular, os dois músicos tristes partiram.

“Assim, errantes na vida, incompreendidos e rebelados, tendo no gesto e na alma o desdém dos que vivem sós no meio das multidões, arrastaram as suas sombras por uma avenida larga e nova, dolorosamente grotescos, iluminados cruamente pela irônica iniscação de gás.

E apressa-me em colocar, após os esplendores deste canto, a ideação poética decadente de Alberto de Oliveira, para o complemento documental deste meu escrito, escolhendo dentre as complicações do metro e da ideia, o espécime mais apreensível e claro, comi fiz com a prosa de João Barreira:

### BÍBLIA DO SONHO

Os meus versos não vão, num religioso hino,  
Render preito à beleza e ao perfil da Mulher:  
Não me enerva nenhum doce olhar feminino,  
Nenhuma face humana impressiona o meu ser.

Muito acima da Terra, e do seu vasto ruído,  
Uma outra luz busquei, para inspirar meu poema;  
E essa luz é um Sonho extasiado e sentido,  
Da formosura astral, e alma clara e suprema.

É a esse grande Ideal, que a minha Musa reza:  
Com a alma desse Sonho é que a minha Alma fala:  
E além do Sonho, de uma histórica nobreza,

O que na asa do Verso que o meu Poemeto embais,  
É o Sol, azuis-de-céu, coisas da Natureza,  
E as tardes, a morrer, de lilás e de opala...

Esses são os padrões do decadismo. A sua genialidade toda pode ser apercebida em tais modelos. Mas será oportunidade inquirir dos que possuem sentimento artístico e por acaso o processo realista foi, nalguma coisa, neste verso e nesta prosa menosprezado? Há sem dúvida, em todos esses trabalhos, a frase rebuscada; há, sem dúvida, a ânsia do novo na profusão de todas essas imagens; porém o que tem sido até aqui o realismo senão a escola das descobertas na observação, senão a dermeada do convencionalismo, senão a conquista do desconhecido e do inédito pela investigação natural? Pouco importa que um método de dirija ao objetivismo, outra é a subjetividade, se o aparelho, o sistema de apreensão dos fatos, são idênticos e idêntico o seu modo de apresentação.

O Simbolismo inclina-se mais para o Subjetivismo, por uma necessidade de delicados e de alevantamento evolutivo, mais isso em coisa alguma invalida o processo, o método, o sistema e aparelho, porque tudo são Fatos, Realidades, quer sejam subjetivos, quer objetivos.

Os que pensam ser o Decadismo uma estranha novidade inaudita e sem precedentes, ignoram ou olvidam a filiação histórica que liga os acontecimentos entre si, de qualquer ordem ou natureza que sejam; olvidam ou ignoram todas as relações de sequência no mundo social e biológico. Nem um só adiantamento pode efetuar-se sem que seja precedido por

outros que lhe preparem a existência. Sobre os resíduos das escolas que fenecem, levantam-se, como vegetalizações gigantes, outras escolas. Nenhum progresso fica dissipado, perdido para a humanidade, porquanto no mundo psíquico e no mundo material, nada se cria, nada se perde: todas as coisas transmudam-se.

Essas explorações decadistas no Universo Subjetivo não conseguirão, porém, acabar com as descobertas ainda iniciantes da Objetividade, e o Realismo, que a representa esta última, permanecerá, demais em mais complicado ao lado do Simbolismo explorador do Psiquismo, e ficarão ambos como dois ramos, dois braços poderosos da mesma Arte, constringindo em seu amplexo atlântico o mundo universal das Coisas.

Nada contraria o paralelismo das duas forças artísticas descobridoras, por atingirem zonas diversas, posto sirvam ambas para o conhecimento cabal de toda a região. O que as irmana é o instrumento comum, aplicado à obtenção dos princípios, dos fatos e das ideias. A mesma seiva vigorosa de vitalidade percorre a tumultua no organismo poderoso e belíssimo das duas escolas.

Não se contrariam, completam-se. Não se nulificam, ampliam-se. Não se aniquilam, vivem para o Amor.

A arte procedente da observação é imortal como a Natureza.<sup>418</sup>

---

<sup>418</sup> VARZEA, Virgílio. Os decadentes em Portugal. Rio de Janeiro, 10 mar. 1893. p.1-2. 7.col.

#### ANEXO 4 – HOMENS E LIVROS – “O missal”

Agora o *Missal*, do Sr. Cruz e Souza. Este livro apareceu, anunciado com muitos meses de antecedência por elogios pomposos; a imprensa em geral não se fazia avara de encômios... encômios de noticiário, que todo mundo sabe do que dependem, e como se arranjam; e em uns tantos grupos da rua do Ouvidor, à sombra dos chapéus desabados, entre as dobras flutuantes das grandes gravatas rubras, chegava-se a dizer em todos os tons: - Um primor! a última palavra na perfeição do estilo!...

O Bom Senso, porém, personagem tanto e tantas vezes caluniado, que não deve ser confundido com o seu degenerado parente, o Senso Comum... o Bom Senso, que não é, como pensam muitos, esse tipo obeso e rotundo, *parvenu* e atoleimado que abre a boca em arco para declarar solenemente coisas banais, dando-lhe certo jeito de sentenças profundas, sobre assuntos que não entende, mas sim o organismo possante e equilibrado, que, de mãos dadas com o Gênio (licença, Sr. Cruz e Souza, para este sistema de maiúsculas!), criou o Dom Quixote, o Tristram Shandy, as fábulas de La Fontaine e as comédias de Molière... o Bom Senso ria-se, ria-se, com um riso inesgotável... Tanto se ria, tanto, que, ao encontrá-lo um dia por acaso, não me pude conter, que me não risse também. O riso é contagioso, bem o sabe o Sr. Cruz e Souza:

- Bom Senso, por que te ris?

- Ora! eu sei lá...Tu verás, tu verás...falta pouco... Ah! ah! ah! deixa-me rir...

Por esse tempo, saiu dos prelos o *Missal*. Para alguns senhores da *coterie* nova, foi isso um acontecimento literário, acolhido com interjeições, qual mais explosiva de entusiasmo vermelho. Não estranhe o leitor a adjetivação que estou empregando, pois é preciso narrar o fato com o *estilo da casa*.

Pessoas houve, não pertencentes, é claro, á Igrejinha onde é pontífice o Sr. Cruz e Souza, que abanaram a cabeça, com um ceticismo zombeteiro e desdenhoso; conheciam do que se tratava, tinham acompanhado no jornal *Novidades* os brilhantes, gloriosíssimos, triunfos do autor...e, dando-se por informados de sobra, não compraram nem levaram o livro. Entretanto, o Bom Senso ria-se cada vez mais; ria-se, quando via, no bond, algum imberbe e esperançoso jovem com o *Missal* aberto nas mãos, arregalar os olhos e distender os lábios, num espasmo de beatitude inefável; ria-se, quando, ao passar pelo Londres ou pelo Castelões, ouvia o concerto das gravatas rubras e dos chapéus desabados clamando, suspirando: - Belo! soberbo! adorável! inexcédível! – ria-se, ainda, quando, em contraste com essas jaculatórias

lisonjeiras, a imprensa tardava em pronunciar-se acerca da obra... em desparzizar sobre o *Missal* as palmas da liturgia, ou embalsamá-lo com o sacro incenso dos turíbulos de prata...

Eu, que, por vergonha minha, não acompanhara nas colunas do *Novidades* os brilhantes, os gloriosíssimos triunfos do Sr. Cruz e Souza, sentia-me ansioso – justa e louvável ansiedade – por gozar o encanto daquelas páginas, marco miliário no caminho das letras brasileiras... última palavra na perfeição do estilo!

Abri o volume, comecei a lê-lo... e bradei, desapontado: - Ah! Bom Senso! agora vejo por que te rias!

Tal foi a primeira impressão; e virá mal a propósito consigná-la aqui? Convenho em que isto ainda não é propriamente a crítica da obra; mas é um *episódio* que lhe pertence, e que, para dizer tudo, a define e resume de modo completo.

Determinemos, porém, com toda a clareza, a índole do *Missal*, classifiquemo-lo artisticamente, para melhor o julgarmos. E aqui é que se nos depara a primeira dificuldade.

Que é o *Missal*? Uma coleção de novelas, de contos rápidos? Não. Não se encontra em um só daqueles esboços a nota objetiva necessária a composições de tal ordem, que se fundam na observação de pequenos fatos da vida real (às vezes de grandes e complexos fatos, reduzidos a proporções mínimas), embora tal observação seja mais ou menos combinada com a sensibilidade subjetiva do escritor. Não há mesmo no *Missal* um enredo qualquer, nem fracamente desenvolvido, o estudo de um caráter individual, a análise de uma paixão, nada, enfim, nesse gênero.

Replicar-me-ão: nem *esse* foi o intuito do autor... De acordo; e eu o reconheço de boa mente. Procuo apenas traçar os limites da obra; e como se estabelecem as divisas de um terreno, senão averiguando onde acaba ele, e onde começa o terreno mais próximo? Ninguém ignora que se vendem com o título o subtítulo de *Contos*, livros que não trazem um só conto. Dos contos, porém, já não se fala. Quadros descritivos? Também não é só isso o *Missal*, nem é isso principalmente, bem que se acham nele a cada passo debuxos mal delineados, trechos de paisagem vagos e fugitivos. Mas são tão obscuros esses traços, tão mesclados de coisas inteiramente estranhas à descrição, que se podem reparar com justeza meros pretextos a divagações contínuas, a sonhos nebulosos, e confusos – verdadeiras fugas de um pensamento sem freio e sem rumo, que se refletem na linguagem, revestindo-a obstruso e incongruente aspecto...

O único meio, pois, de qualificar o *Missal*, é filiá-lo nessa espécie de escritos denominados literariamente – fantasias. Mas *Fantasia*? É um escolho perigoso esse, em que os naufrágios são frequentes e inevitáveis, quando a razão não está ao leme do batel. Com o

manto da fantasia se encobrem desvários inúmeros, tudo se admite, tudo se absolve com a usual desculpa: - Oh! aquela imaginação ardente tem voos de condor, a quem lhe pode aparar as asas?

Mas, senhores meus, digei-me como se chama o estado mórbido, em que a imaginação ofusca a aniquila o sentimento? Loucura, senhores meus, loucura! E, certo, não é ela uma disposição favorável para o labor artístico.

No *Missal*, vemos, porventura, essa boa proporção das faculdades mentais que mantêm entre elas um equilíbrio relativo, ainda que quando uma predomina fortemente das outras, como acontece com a imaginação nos poetas, com o raciocínio nos homens de ciência?

Parece que o autor se apoderou daqueles versos de Horácio, que deviam ser postos como epígrafe na primeira página:

Pictoribus alque poetis  
Quidlibet audandi semperfuit acqua potesias”

Esqueceu, todavia, a advertência do romano nessa mesma Epístola aos Pisões:

“Humani capeli convincem pictor equinam  
Jungere si velit, et varias inducere plumas,  
Undique collatis mulier formosa superne,  
Spectatum admissi, risum icneatis, amici?”

É o que vulgarmente se apelida – monstro horaciano. O *Missal* é um monstro horaciano da literatura brasileira.

Em vista da missão crítica que me impus, não tenho o direito de empalidecer e titubear ante a fera catadura do monstro.

E, por isso, resolutamente prossigo na minha tarefa. Examine os processos literários do Sr. Cruz e Souza; reduzem-se a bem pouca coisa; ele coloca-se em face de uma imagem elementar qualquer – uma mulher, um animal, uma cena da natureza, uma *sugestão* -; eis o único vínculo, vínculo tênue e frágil, que o prende à realidade – como um cordelzinho delgado prende às mãos de uma criança o papagaio de papel, que, a todos os impulsos do vento, executa aos ares cabriolas acrobáticas.

Uma vez achada essa imagem elementar, esse *pretexto*, o Sr. Cruz e Souza solta as velas ao seu espírito, e deixa-o discorrer pelas regiões mais desencontradas, mais disparatadas diria eu, até que, fatigado e exausto, ele torne a si, pedindo um pouco de descanso. Aí está por que formigam no *Missal* frases incompreensíveis, longos períodos sem lógica e sem nexos,

páginas e páginas sem sentido algum, que deixam aturdido o leitor, como se o oprimisse um pesadelo assombrosamente grotesco. Assim, essa obra é produto de um cérebro doentio – e não digo de um cérebro oco, vulgar. É um espécime patológico em arte.

Vê-se que o senhor Cruz e Souza timbra em ostentar emoções raras, quiméricas, cambiantes, caprichosas, timbra em não ter nada de comum com o resto da humanidade. O absurdo de tal pretensão (que não é natural, mas fictícia e fingida) transforma o seu estilo num jogo funambulesco de palavras e construções esquisitas, que provoca positivamente o riso. Ora, em uma coleção de *fantasias*, que pouca matéria dão a uma crítica propriamente de ideias, a forma é tudo, o estilo impõe-se como qualidade predominante.

Vamos, portanto, ao estilo. À primeira vista, o leitor ingênuo e inexperto que manusear o *Missal*, exclamará admirado, trêmulo de espanto: - Que riqueza extraordinária de vocábulos! Que abundância inexaurível de tropos! que profusão “nababesca” de figuras!... Deixemo-lo consigo e com uma boca aberta, esse pobre leitor... cujo aplauso, aliás, o Sr. Cruz e Souza deve desdenhar, pois, como artista de lei, foge ao contato do profano vulgo.

A aparente opulência do seu estilo provém exclusivamente da desordem enorme que nele ressoa. Apanhar a esmo, aqui e ali, termos extravagantes, epítetos novos, bonitos, sonoros, e <sup>419</sup> uns aos outros, agrupá-los, aglomerá-los, sem discernimento e sem escolha, *cahin-caha*, na enérgica expressão francesa... é isso fazer estilo, com senso de escritor e dignidade de artista?

É o método do Sr. Cruz e Souza, que fez da metáfora e da alegoria, e de todas as combinações retóricas que logrou descabido, recursos habituais da sua fraseologia. Entendeu que, para ser homem de letras em toda força da expressão, cumpria-lhe “falar por figuras”, e não designar um único objeto pelo seu nome próprio.

Pobre de concepção e de pensamento, busca disfarçar essa enorme falta com períodos bombásticos, com palavras cabalísticas, maravilhosas para o povo, como tudo o que ele não compreende, e com a famosa invenção nefelibata de letras maiúsculas, que dão às palavras mais comuns um ar de mistério, uma altivez majestosa de ídolos. “Uma derradeira Apostrofe é soberana Chatice – Ilíadas de Amor, Bacanaís do Sonho – Uma cabeça macilenta, dolorosa – Misteriosas pra mim como a Via-Láctea, a cujas estrelas, que representam cada uma uma ilusão e um Sonho...

Eu não condeno as maiúsculas, não chego a tanto; mas abusar delas assim!

---

<sup>419</sup> Foi impossível identificar o vocábulo seguinte a “e”.

No *Missal*, o simbolismo tem simplesmente o ofício de enroupar com deslumbrantes brocados e joias gloriosas a carência absoluta de ideias. À força de sutileza, de torcer, de polir a linguagem, o Sr. Cruz e Souza desfigurou-a de modo que a tornou inacredivelmente pesada e soporífera; entendo bem a gênese do seu estilo; o ponto de partida é aquela excentricidade artificial de emoções a que me referi atrás; o autor conclui que, sendo estas, a meu ver, novíssimas, inéditas de tudo, a linguagem usual não era molde adequado a recebê-las; que lhe incumbia criar outra, tão nova e inéditas como elas. Foi, porém, um pouco mais longe do que devia.

Influiu também no autor, se não me engano, o intento de resolver o problema da *prosa rítmica*, explorada por Fenélon no *Telêmaco*, por Chateaubriand nos *Mártires*, por Alencar no *Iracema*. No *Missal*, a tentativa, se a houve, falhou de tudo o ponto; com muito mais felicidade, e com método incomparavelmente mais simples, fez Coelho Neto nas *Rapsódias*, o seu casais nesse sentido.

A derrota do Sr. Cruz e Souza é evidente.

Não será melhor citar um pouco? Aprecie o leitor:

“Concede, sei, que os manipanços não possuam, grotescamente, chatos e rombos, com grimaces e gestos ignóbeis imperar sobre mim; e que nem mesmo os papas, que têm à cabeça as veneráveis orelhas e os chavelhos da infalibilidade, para aqui não venham, com solene aspecto abençoador, babar sobre estas páginas os clássicos *latius pultrerutentes*,<sup>420</sup> as regras fósseis, os princípios batráquios, as leis de crítico megalhério” (Pag. 6)

“Um ombro aveludado e trescalante a frescuras aromáticas, que pelo meu ombro roce<sup>421</sup> num encontro fortuito, produz-me um estado de tal volúpia, dá-me tão longa, larga volúpia, que me vejo por entre incensos, lastivamente paramentado como o sacerdote que ergue o cálix acima da cabeça, ao alto do Altar Mor dos templos dourados, sentindo que uma aluvião de almas crentes o adorava de joelhos.” (Pag. 53).

Ouviram, fixaram bem no ouvido esse aluvião de palavras e de frases lucidentes, semelhante ao rodar de muitos carros de uma ponte de madeira? Mediram a amplidão desses períodos, que não podem ser lidos em voz alta, sem que se tenha de tomar o fôlego duas ou três vezes e que a própria vista custa a percorrer de um extremo a outro?

Note-se que não escolhi os exemplos; tomei os primeiros que o *Missal* me ofereceu, folheado ao acaso. E é tudo assim, mais ou menos; basta citar pouco para avaliar nitidamente o *Missal*, que, nesse sentido, é um livro *característico*.

<sup>420</sup> No jornal, a expressão não aparece grafada em itálico.

<sup>421</sup> Foi impossível identificar o vocábulo seguinte.

Querem mais uma prova? Atentemos na adjetivação, cujo brilhantismo é, creio eu, um dos títulos de que mais se ufana a escola *nova*.

“*Crescida, desenvolta* (por *desenvolvida*, ah! gramática, ah! dicionário!) aos poucos no meio *culto*, entre as relações de simpatia *inteligente e harmônica*, sob um sol *saudável* de cuidados, de apuro de tratos (*sic*) e de maneiras, que tornou mais *leve e penetrante*, iluminando (*sic*) o se cérebro *simples*, de ignorância *ingênua*, a Núbia abriu em flor de carícia, alvorou com a *doce* meiguice dos tipos *galantes e preclaros* de mulher, e recebeu também, em linhas de conjunto (?), do mesmo meio onde desabrochou, essa suavidade e graça *núbil*, que é todo o encanto *vaporoso, aéreo*, do ser feminino.

“No seu rosto oval, de uma penugem *sedosa* de fruto *sazonado*, há, por vezes, certa expressão de melancolia, de cisma *dolorosa*, que punge e contrista; o *tênu*e, já quase apagado raio *errante* de uma lembrança *vaga*.” (Pág. 103).

“Os sacerdotes, festivamente *paramentados* com suas casulas *custosas, relampejantes, bordadas* a flores de ouro, em *alto* relevo; de estolas *rutilantes pendidas* no braço ou com as sobrepelizes *alvas e rendadas* destacando fortemente na batina preta, curvam-se *genuflexos* diante do Altar-Mor, erguendo-se após com medidas *graves e medidas*, enquanto os adólitos, ao fundo, em linha e *reverentes*, fazem balançar, cadenciada e ritmadamente, turíbulos *lavorados* (?), de onde se exalam *espiralados* incensos...” (Pág. 131).

Esta é que vem a ser a grande novidade? o que todo o escritor faz na sua infância, na aula de retórica, quando cuida que o valor do estilo está nos arrebiques complicados e excessivos, e não na nobre e robusta simplicidade dos mestres? É natural, é razoável fazer do adjetivo o nervo e o músculo da frase, dando ao substantivo, que representa a ideia essencial, lugar secundário?

Os que se dedicam a estudos literários, e não se contentando com ler as obras primas, ousam, para informar-se de tudo, penetrar nas águas-furtadas e nos porões da arte, devem conhecer muitas e surpreendentes aberrações de estilo. Desde o conceitismo, o cultismo, o gongorismo, o arcadismo das idades clássicas, até as pieguices do ultra-romantismo, a gritaria trágica dos dramalhões, a nebulosidade dos poetas sibilinos, a carranca sombria dos satânicos, a pornografia ignóbil do baixo realismo e o requinte amaneirado e tortuoso dos nefelibatas, quanto documento curioso a estudar! Pois bem; eu ousa afirmar que o estilo do Sr. Cruz e Souza, no *Missal*, é uma destemperada amálgama de todos aqueles ingredientes e que, portanto, nem a *originalidade* que ele tanto proclama, que ele tanto apregoa, tem razão de ser.

Só sei definir o que penso de um estilo tal, com esta expressão que é estrangeira, mas frisante: estilo *rastaquère*... Ignoro os antecedentes literários do Sr. Cruz e Souza, e não posso

julgar por eles; apenas acrescentarei que, se toda obra de arte deve ser tomada como efeito e produto de um momento social, o *Missal* é verdadeiramente o santo e a senha da situação em que nos achamos no Brasil, sem norte, sem ideias, sem convicções, sem crenças políticas – em uma completa dissolução mental e moral que, por honra nossa, esperamos seja transitória.

Decadentes! eles não sabem a verdade que dizem, quando se denominam tais. Decadentes são, como os literatos da última fase do baixo-império bizantino, como os discípulos de Gôngora e de Marin, no século XVII; decadentes, isto é, artistas sem faculdades inventivas, sem método e sem programa, aparecendo em um período de interregno, e não se sentindo com forças de fundar uma religião nova, querem aproveitar a herança e os despojos das religiões extintas.

Não me admira que o Sr. Cruz e Souza consiga formar, não uma escola, mas um grupinho de aderentes e imitadores, tanto mais que a sua *maneira* estética é bem fácil de imitar. Estranho, sim, que jornais sérios e criteriosos, nesta terra onde ainda vivem Machado de Assis, José Veríssimo, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Coelho Neto e tantos outros, lisonjeiem, sem discussão e sem crítica, o autor do *Missal*, chamando-lhe ilustre prosador, grande cultor das letras. E não falo assim. (sic) em consciência o asseguro, por um sentimento mau, de que não sou capaz; mas unicamente por amor e respeito à justiça, que manda sô dê a cada um o que lhe compete.

Não; o Sr. Cruz e Souza seria um artista de mérito, se o seu poder de concepção e execução correspondesse à exuberância da sua fantasia e do culto bem intencionado, porém mal dirigido, que ele mostra pelo Belo. No *Missal* não se encontram páginas, mas encontram-se frases que revelam sensibilidade fina, melancolia suave, intuição distinta da arte, e paixão sincera pela natureza. São esses os trechos que comovem a quem lê a obra desprevenidamente, o fazem lastimar que, de ordinário, quase sempre as qualidades boas de seu espírito se achem aduladas e destruídas pela preocupação de produzir efeito, pelo hábito péssimo de torcer e retorcer a linguagem, imprimindo-lhe um cunho de artificialidade insuportável.

Dessa maneira, o *Missal*, longe de ser uma obra de arte comunicativa, segundo o autor desejava – cuido eu – saiu-lhe uma obra fria, sem naturalidade e sem vida, apta somente a deslumbrar os parvos.

Não tome o Sr. Cruz e Souza estes reparos por esforços impotentes de um crítico de velha escola contra o vigor da escola nova que lhe vem disputar a primazia. Não diga: tudo o que é *novo* triunfa... Tudo o que é novo triunfa, quando tem a sua base na oportunidade de tempo, na razão universal, ou nos sentimentos da humanidade. A literatura bastarda e

equivoca de que o autor de *Missal* é representante, e talvez *chefe*, não tem base alguma; não passa de extravagância irrisória e mórbida, que, levada um pouco mais adiante, pode entrar no domínio do que Lombroso chama – literatura de manicômio.

Sabe o que eu faria, se fosse o Sr. Cruz e Souza? Durante dois anos, pelo menos, não publicava nada; guardava o que escrevesse para julgar o meu trabalho como se julga o vinho: depois de velho.

O Sr. Cruz e Souza rirá da minha pretensão e chamar-me-á, quem sabe? imbecil – atirando-me ao rosto aquela objurgatória:

“E faz (faze, devia ser), igualmente, Sultão dos espaços, que os argumentos duros, broncos, tortos, não sejam arremessados á larga contra o meu cérebro com incisivas pedradas fortes.” (Pág. 6. Oração ao Sol).

Pois olhe; o conselho era bom.

Infelizmente vem tarde, Sr. Cruz e Souza; já não está em sua mão segui-lo.<sup>422</sup>

---

<sup>422</sup> AZEREDO, Magalhães de. O Missal. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 set. 1893. p.1-2. 1.col.